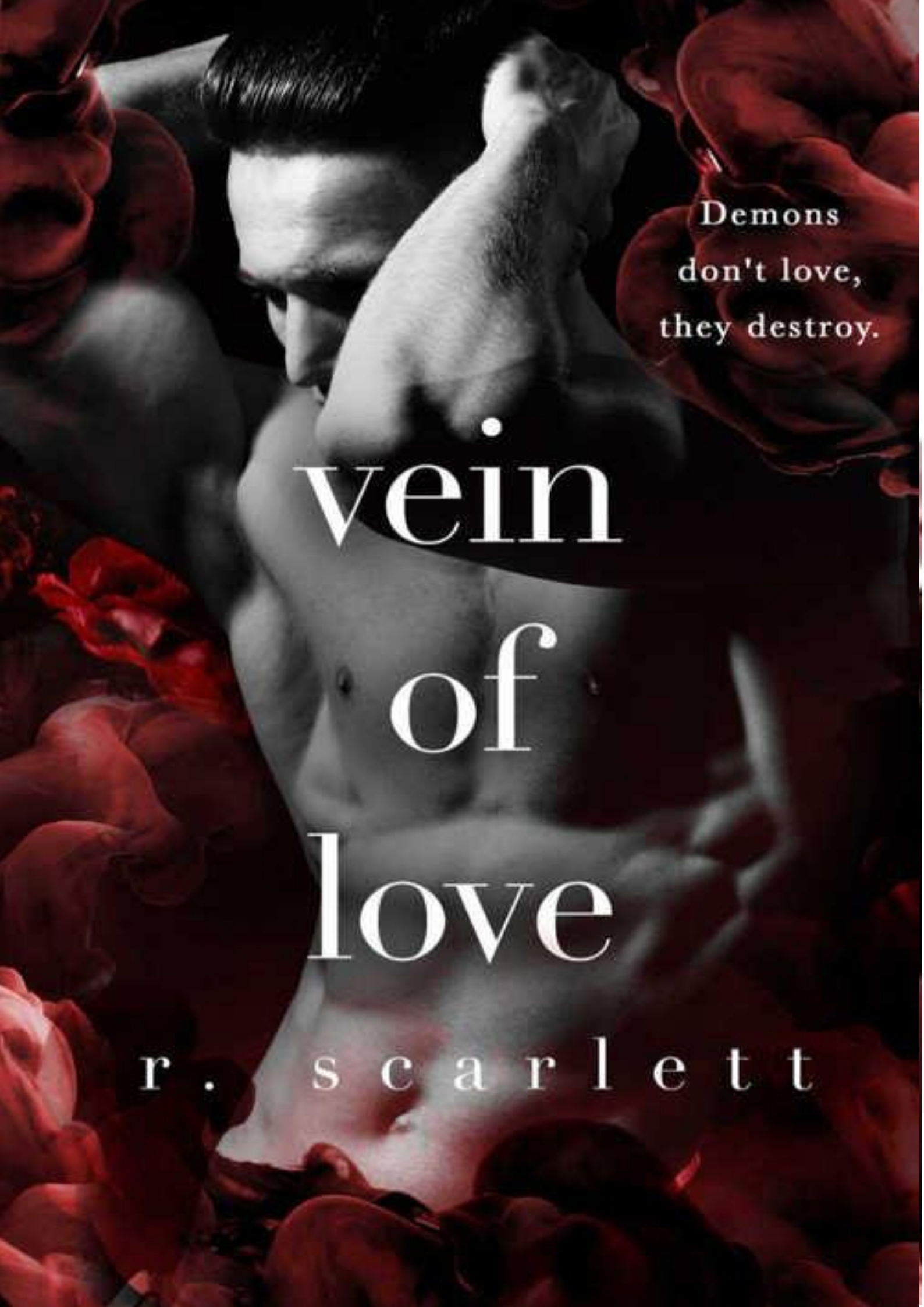


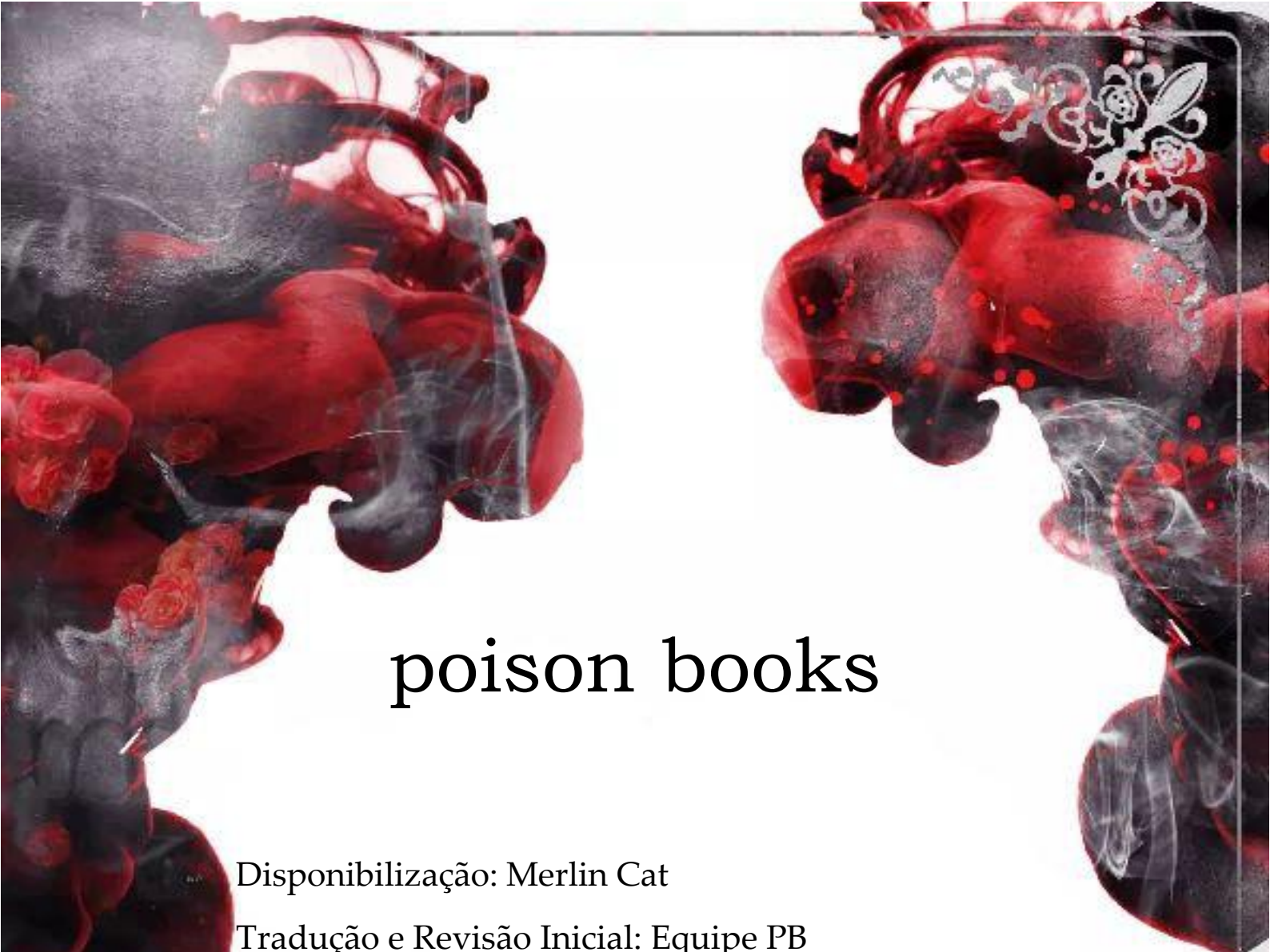


Demons
don't love,
they destroy.

•
vein
of
love

r . s c a r l e t t





poison books

Disponibilização: Merlin Cat

Tradução e Revisão Inicial: Equipe PB

Revisão final: Simoni

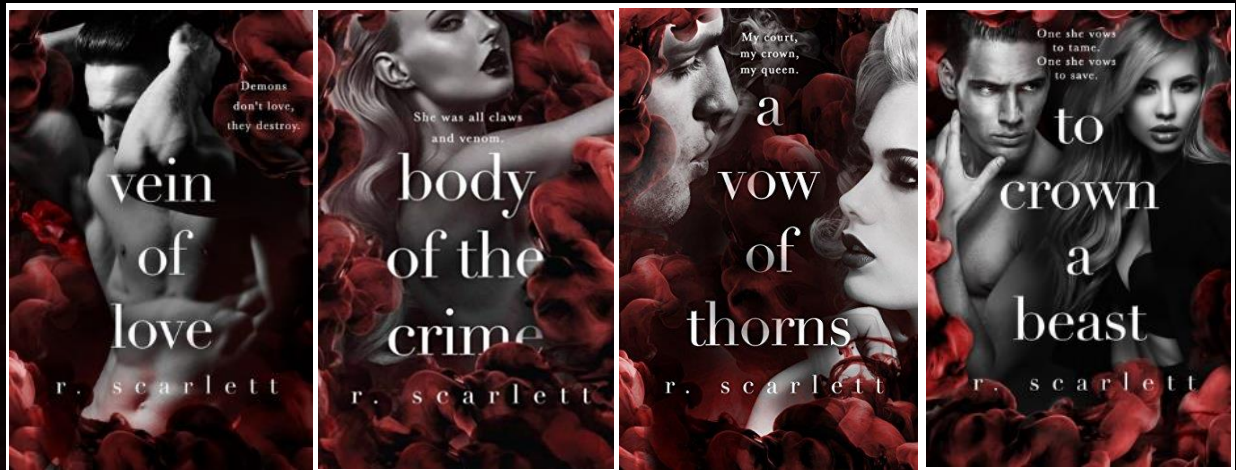
Leitura final: Hecate, Lagertha

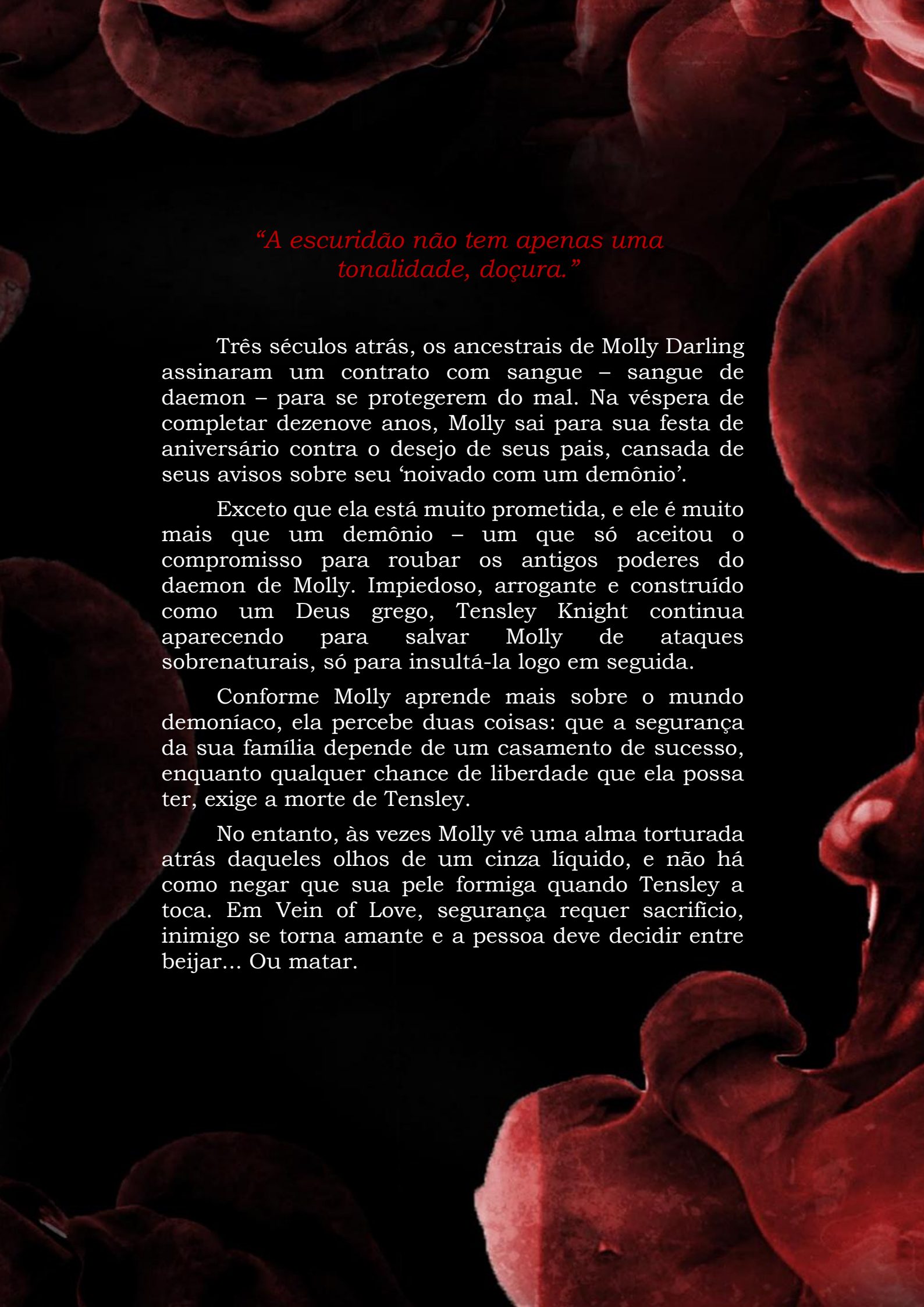
Formatação: Circe



Blackest Gold

R. Scarlett





“A escuridão não tem apenas uma tonalidade, doçura.”

Três séculos atrás, os ancestrais de Molly Darling assinaram um contrato com sangue – sangue de daemon – para se protegerem do mal. Na véspera de completar dezenove anos, Molly sai para sua festa de aniversário contra o desejo de seus pais, cansada de seus avisos sobre seu ‘noivado com um demônio’.

Exceto que ela está muito prometida, e ele é muito mais que um demônio – um que só aceitou o compromisso para roubar os antigos poderes do daemon de Molly. Impiedoso, arrogante e construído como um Deus grego, Tensley Knight continua aparecendo para salvar Molly de ataques sobrenaturais, só para insultá-la logo em seguida.

Conforme Molly aprende mais sobre o mundo demoníaco, ela percebe duas coisas: que a segurança da sua família depende de um casamento de sucesso, enquanto qualquer chance de liberdade que ela possa ter, exige a morte de Tensley.

No entanto, às vezes Molly vê uma alma torturada atrás daqueles olhos de um cinza líquido, e não há como negar que sua pele formiga quando Tensley a toca. Em *Vein of Love*, segurança requer sacrifício, inimigo se torna amante e a pessoa deve decidir entre beijar... Ou matar.

DAEMON

Para cada e toda pessoa que você encantar com sua essência
É uma delicada, sombria, monstruosa dança
E eu sinto o puxão,
O teor, o toque, a tensão.
Eu sinto o desejo de ser seu
E que você seja minha
Para sentir seu corpo em meus braços
As curvas de um corpo tão adorável
Seu sorriso fervilhando em meu ombro
Mechas douradas de seu cabelo escorregando pelos meus dedos
Como um fluxo celestial de água
Muito parecido com o sangue escorrendo da veia
É demais
Ou possivelmente não o suficiente
Criaturas como você
E eu
São incandescentes com nossas diferenças
Muitas vezes depois nada

— BT —

vein of love
R. Scarlett

PLAYLIST

Beautiful Crime por Tamer

Damn Your Eyes por Alex Clare

Waiting Game por Banks

Burning Desire por Lana Del Rey

I Know I'm A Wolf por Young Heretics

Bloodsport por Raleigh Ritchie

Young God por Halsey

One Way Or The Other por Until The Ribbon Breaks

Dangerous Woman por Ariana Grande

Salt and Vinegar por Hooverphonic

Holy Water por Laurel

Heavy In Your Arms por Florence and the Machine

War of Hearts por Ruelle

vein of love
R. Scarlett

CAPÍTULO 01

Fazer dezenove supostamente deveria significar a liberdade definitiva, mas conforme Molly continuamente olhava por cima do ombro através da Madison Avenue, ela se sentia tudo menos livre. O nó no seu estômago apertou ainda mais com o pensamento das três sombras retornando.

Para ela.

— Deixe de entrar em pânico — ela resmungou. Ajustou seus óculos de sol, ignorando os olhares julgadores de outros nova-iorquinos vestidos de preto empurrando ao passar. Eles não deveriam estar incomodados com o porquê de Molly estar usando seu Ray-Ban à noite — na verdade, eles deveriam agradecer-lhe. Quando ela se aproximou do edifício de Stella, olhou sobre seu ombro nu repetidamente, a batida nervosa em seu estômago se recusando a diminuir.

Molly procurou por seu telefone e ligou para September.

— Então aquelas pessoas finalmente apareceram? — A voz de September estava abafada e Molly só poderia suspeitar que era culpa de um saco de batatinhas chips.

— Eu fugi. Eu literalmente saltei pela janela e corri — Molly disse, sem fôlego quando tropeçou em seus oscilantes saltos na irregular e manchada de chiclete calçada de Nova York.

— Sério?

— Eu não posso desperdiçar todos os aniversários esperando que uma sombra figurativa apareça e o quê, *me leve*? Isso é ridículo. — Molly bufou, a explosão liberando um pouco de tensão do seu corpo.

September encheu a boca de batatinhas e mastigou sem qualquer problema. — Então você está voltando para o apartamento?

— Bem, eu pensei em ir à festa de aniversário que Stella está dando para mim. Eu não vou ficar por muito tempo. Tenho que trabalhar no museu amanhã. — Molly olhou para longe das sombras rastejando parede acima e esperou que sua voz se mantivesse calma.

September resmungou no telefone com a menção a Stella. — Bem, divirta-se com *isso*. Ela vai convidar todo o Upper East Side. Uma reunião do Ensino Médio.

O estômago de Molly se revirou ainda mais conforme ela se lembrava de seus antigos colegas de classe. — Não, eu lhe disse para convidar poucas pessoas.

September bufou.

— Você pode vir também, se quiser. Vai ser como nos velhos tempos. — Molly disse. Algo que poderia ser um passo ecoou atrás dela, e ela checkou sobre seu ombro.

— Você quer dizer Stella ameaçando me estrangular enquanto eu fantasiava sobre formas de arrancar seus pequenos e perfeitos olhos? É, soa tentador.

— Okay, bem Tina vai estar lá.

— Ela colava de todas as minhas provas de espanhol, e ficava puta se eu respondesse algo errado! Só porque eu sou mexicana não significa que nasci sabendo espanhol.

— Okay, então isso é um não.

— Da última vez que chequei, colar de um trabalho escolar de outra pessoa não é exatamente a mais forte base para

uma amizade duradoura. E você fala *muito* melhor espanhol do que eu, de qualquer maneira, ela devia ter colado de você. Doida das línguas.

— Eu vou aceitar isso como um elogio ao invés de um insulto. — Molly sorriu. — Eu vou levar milk-shakes do McDonald's quando chegar em casa, okay?

— Oh querida, *agora* você está falando a minha língua. Permita-me namorar você?

Molly riu. — Vou desligar agora. — Os ombros de Molly relaxaram e um profundo suspiro saiu de seus lábios. September sempre tornou as coisas melhores, mais leves.

Hoje à noite vai ser diferente. Você consegue fazer isso.

Ela iria conquistar o coração dele.

Sua determinação morreu quando ela entrou no glamoroso hall de entrada de Stella. Música balançava o chão e sacudi seus dentes quando ela parou na entrada. Um grupo de rapazes estava dançando em uma mesa com cervejas na mão, e num canto escuro logo na entrada, um casal semivestido estava tateando um ao outro de forma que ela estava muito certa que contava como exposição indecente. Quando um esguicho de champanhe ensopou seus Louboutins, Molly encolheu.

Conforme Molly empurrou através da entrada cheia de gente, pessoas balançavam ao som da última música de Lana Del Rey e o ar fedia a perfume Hermès e maconha cara. Os pais de Stella estavam sempre fora da cidade, e ela teria seus tapetes orientais limpos profissionalmente de qualquer respingo de Cristal e vômito antes que eles voltassem. Pessoas estavam usando vasos antigos como copos, um casal estava se agarrando perigosamente perto de uma estátua de mármore, e cada pedacinho da curadora interior de Molly queria gritar.

Respirações profundas.

Ela viu sua anfitriã no meio da sala de estar: Stella Vanderbilt. Cabelo vermelho escuro emolduravam suas angulosas feições felinas, e ela estava de pé no meio do caos com um sorriso exultante, prosperando com isso. Todos giravam em torno dela como planetas circulando o Sol, estavam todos sob sua mercê, e ela os mantinha aquecidos e felizes. Mas com uma mudança de humor, Stella iria queimá-los numa pilha de cinzas sob seus pés bem feitos.

Próxima a Stella estava Tina Fitzgerald, a 'boa menina' perto de seus pais, mas uma enorme namoradeira com um voraz apetite sexual em todos os outros lugares que ela fosse.

— Molly! — Tina gritou através da música alta. Molly timidamente acenou através da multidão de corpos e se juntou às garotas no centro. Tina se atirou em Molly, dando risadinhas e respingando seu vinho.

— Eu disse *poucas* pessoas. — Molly olhou para as duas garotas.

Stella mordeu seu lábio inferior, que estava perpetuamente curvado num sorriso afetado. — Isso é *tão* melhor do que assistir um dos seus estúpidos filmes franceses *avant — garde*¹. Admita.

Molly franziu a testa e limpou as mãos suadas nas suas coxas, imediatamente se perguntando por que ela veio. Ela queria ter uma noite para relaxar, para esquecer a pilha de contas no seu apartamento de merda, sobre seu estágio que precisava pagar essas contas e sobre as sombras. Por uma vez, aproveitar um aniversário.

Molly escaneou a multidão pelo motivo dela ter escapado do jantar de seus pais.

¹ Avant—garde: significa, literalmente, a guarda avançada ou a parte frontal de um exército. Seu uso metafórico data de inícios do século XX, se referindo a setores de maior pioneirismo, consciência ou combatividade dentro de um determinado movimento social, político, científico ou artístico. Nas artes, a vanguarda produz a ruptura de modelos preestabelecidos, defendendo formas antitradicionais de arte e o novo nas fronteiras do experimentalismo.

(<https://pt.wikipedia.org/wiki/Vanguarda>)

Stella ergueu seu copo, seus olhos castanhos afiados. — Então onde está a vadia?

— O nome dela é September, e não a chame assim, — Molly repreendeu, rangendo os dentes.

— Relaxe, — Stella sussurrou com um sorriso bêbado. Molly carranqueou pela típica tática de calá-la. Todo mundo estava sempre lhe dizendo para *relaxar*, completamente ignorante das consequências se ela realmente relaxasse. — Você precisa de algo para beber.

Molly balançou sua cabeça. — Eu prefiro ir para o meu estágio *sem* uma ressaca, obrigada.

— Você precisa se soltar, — Stella disse a ela, e seus olhos estreitaram para os óculos escuros de Molly. — E tirar essa maldita coisa fora! As pessoas não dão a mínima sobre seus olhos.

Molly desviou as mãos de Stella. — Eu preciso deles.

Tina a abraçou por trás, quase derrubando Molly. — Vamos lá, Mol, relaxe um pouco. Perca aquele enfadonho laço². Sexo é tão divertido. Ótimo para aliviar estresse, também, o que você *precisa*.

Molly só queria que o chão se abrisse e a engolissem inteira. Ela se livrou dos braços da garota bêbada e assistiu quando Tina tropeçou em cima de alguns rapazes do time de lacrosse. De alguma forma a língua dela acabou em uma de suas bocas, e ela logo esqueceu tudo sobre Stella e Molly.

— Ela só está bêbada, Mol, não preste atenção nela — Stella disse, apertando o ombro de Molly. — Você é tão sensível. Você sabe, garotos não gostam de meninas assim. Eles querem diversão, não esforço.

Então eu sou um “esforço” para namorar? — *Merci pour le conseil*³, — Molly murmurou acidamente.

² No original: V—Card. Refere-se à virgindade da personagem.

³ Obrigada pelo conselho. Tradução livre do francês.

Stella ergueu uma sobrancelha. — Huh?

— Eu disse “obrigada pelo conselho”. — Molly forçou um sorriso, realmente foi o que ela disse, apenas com uma enorme dose de sarcasmo adicionada.

— Okay, você é inteligente, não precisa ostentar isso. Apenas beba, — Stella disse com um similar sorriso falso, empurrando uma taça de champanhe nas mãos de Molly de uma bandeja que passava.

— Humm, obrigada...

— Quando é que você vai conseguir um novo anel de compromisso? — Stella chorou subitamente, arrebatando a mão de Molly para olhar fixamente para a joia de ouro descolorida. Desde o dia em que tinha sido colocado em seu dedo indicador treze anos atrás, nem Molly nem sua família foram capazes de removê-lo, tentando de tudo, desde manteiga à uma ferramenta Dremel⁴. Conforme seu dedo cresceu, o anel pareceu magicamente redimensionar, nunca cortando a circulação, nunca a machucando. Através dos anos, a confusão de Molly sobre a bugiganga se desvaneceu para complacência.

— Feliz aniversário, Molly — uma voz ecoou por detrás de Stella, interrompendo a arrogante herdeira.

A adrenalina de Molly atingiu o topo quando o locutor avançou, ele era alto e forte com ombros largos e alegres olhos verdes. — O— oi Michael.

Michael, o cara que desviou do seu caminho para sentar com ela no almoço no seu primeiro dia no nono ano e a manteve na zona da amizade desde então. Eles estavam constantemente trocando mensagens desde a formatura, e sua presença física estava deixando Molly tonta.

Ganhe seu coração.

⁴ É um tipo de ferramenta com motor que se pode encaixar diferentes pontas, desde pequenas lixas à pequenas serras.

— Então, como foi seu primeiro ano em Columbia? — Ele perguntou, dobrando um braço debaixo do peito enquanto o outro segurava sua bebida.

— Eu... Foi bom. — Ela se encolheu com a gagueira familiar. *Continue respirando profundamente, Molly. Tente não ser uma idiota total pelo menos uma vez.*

— Ela teve caras implorando por sua atenção. — Stella disse, se metendo entre eles. Molly achou ter visto o sorriso de Michael hesitar por um segundo, mas não tinha certeza. — Trabalhando em um museu. E ela é a melhor da turma. Um cara seria um idiota completo por ignorá-la, concorda?

— Sim. Definitivamente. — disse Michael suavemente. Os olhos de Molly se arregalaram ao ver sua expressão sombria. Era arrependimento em sua voz? Ela respirou fundo, abriu os lábios...

— Ei. — Uma menina com cabelo descolorido apareceu de repente, colando seu corpo ao de Michael em uma reivindicação aberta de propriedade. Um rubor queimou todo o caminho até a raiz do cabelo de Molly enquanto ela fechava sua boca. — Onde você esteve? Eu estive te procurando por toda parte, — ela gemeu, sua voz nasalada dando nos nervos tensos de Molly.

Michael sorriu para a pequena garota atlética.

— Desculpe, Bonnie! Estava falando com minhas... — Ele olhou para Molly e engoliu em seco. — Amigas.

— Não me lembro de convidá-la, Bonnie — disse Stella com desprezo pouco velado.

— Eu a convidei — disse Michael enquanto Bonnie o encarava, completamente inconsciente do olhar de morte de Stella em sua direção.

Molly limpou a garganta.

Bonnie olhou para trás, estreitando os olhos quando viu os óculos de sol de Molly.

— Oh, eu estava... Interrompendo alguma coisa?

— Hã? Oh, não, nada. Vocês se lembram de Bonnie do ensino médio, certo? Todos nós tivemos aulas de ginástica juntos,

— disse Michael, fazendo um esforço para manter algum espaço entre o corpo de Bonnie e o dele.

Molly simplesmente assentiu. Ela não tinha ideia de quem era Bonnie.

— Oh, eu me lembro de você! — Bonnie disse, apontando para o rosto de Molly. — Você é a garota que quebrou o braço de Jefferson na aula de ginástica! Aquilo foi louco!

As mãos de Molly ficaram úmidas, ela parecia incapaz de escapar da lembrança, não importava o quanto ela tentasse. O horrível ruído de ossos quebrando quando sua mão roçou o braço dele. Seu grito horrorizado, enquanto ele se curvava no chão, agarrando seu membro quebrado.

Rumores a seguiram até o ensino médio, e por uma boa razão. Na sexta série, ela arrancou a porta da sala de aula com uma mão, seus pais culpavam isso a construção defeituosa. Ela não entendia o que estava acontecendo com ela, a força viria nos momentos mais aleatórios e ela nunca tinha conseguido controlá-la.

Michael mudou o tópico rapidamente, consciente do embaraço de Molly em torno disso.

— Bonnie acabou em Notre Dame, também. Vivemos no mesmo dormitório, na verdade.

Bonnie tocou no peito dele.

— Ele sempre me acompanha de noite após a aula. Não é doce?

Eles não esperaram pela resposta de Molly antes de se envolverem em uma conversa cheia de risos, algo sobre “Professor Seios Pontudos⁵” e outras piadas internas. Molly olhou para Stella, cujas sobrancelhas feitas em salão diziam: — *Flerte! Mostre a ele que você está interessada.*

⁵ Tradução literal de PointyTits. De acordo com pesquisa, realmente é isso o que significa e difere de Perky Breasts.

— Você fica bem em seu equipamento de futebol. — disse Molly. — Faz você parecer realmente... Hum... Musculoso.

Stella bufou tão alto que teve que limpar seu nariz minúsculo.

— Uh, obrigado Molly.

Um toque de cor apareceu nas bochechas morenas de Michael. Ao lado dele, Bonnie sorriu docemente.

— Você fica mesmo, Michael. — acrescentou Bonnie, dirigindo sua atenção de volta para ela.

— Quer pegar outra bebida e falar sobre minhas jogadas favoritas no último jogo? Você *matou* os Cardinals, foi tão sexy.

E foi isso, Molly estava acabada. Ela procurou na sua mente por qualquer coisa que soubesse sobre futebol, além do fato de que Tom Brady era gostoso — e nada. Ela passava tempo demais nos livros.

Michael não conseguia tirar os olhos de Bonnie nesse ponto.

— Eu vou falar com você mais tarde, ok Molly? — Ele disse, como que em transe, atravessando o mar de corpos em busca de um sofá vazio com Bonnie trancada em suas mãos.

— Wooow. Isso foi brutal. Divertido, mas brutal. Me faz precisar de outra bebida. — Stella disse, suavemente, tocando Molly brevemente no antebraço. — Você pode querer fazer o mesmo.

Stella desapareceu na multidão também, empurrando descaradamente as infelizes meninas que estavam de pé entre ela e o bar abastecido dos Vanderbilts. Molly olhou para sua taça, observando o líquido borbulhante. Cada estalo era mais um pouco de sua força quebrando, ela estava cansada de ser a Srta. Perfeita, a Srta. Obediente, a Srta. Capacho, a Srta. Esquecível. *Foda-se*. Ela tomou em um gole, a sensação de queimação se espalhou pela garganta, aumentando sua humilhação.

Não demorou muito para que seu estômago vazio absorvesse o álcool espumante, e Molly se viu balançando com a música. Ela pegou outro drinque, este disfarçado de Martini, embora parecesse ser vodka pura com a azeitona atuando simplesmente como um enfeite. Desceu com um pouco mais de dificuldade, mas ela administrou. Tanto para ir ao estágio sem ressaca.

Molly pegou outro, este com uma mistura cor-de-rosa de uma bandeja dourada, mas antes que pudesse beber, o vidro delicado quebrou em seus dedos. Ela congelou enquanto o álcool escorria para o chão, vários fragmentos caindo no tapete abaixo. *Ow!* Uma trilha de sangue correu pelo interior da palma de Molly, onde a pele tinha sido cortada.

De novo não.

Seu peito se apertou e ela se lançou através das pessoas, a cabeça inclinada, jogando o copo quebrado no lixo antes de tropeçar nas escadas para o banheiro adjacente de um quarto aberto.

Ela mordeu seu lábio trêmulo enquanto lavava a mão ensanguentada e a examinava para tirar o vidro. *O que há de errado comigo?*

Talvez Stella tivesse razão. Seria um esforço namorá-la, porque ela era uma aberração.

Limpando as lágrimas, irritada, Molly se levantou e voltou para o grande quarto. Era espaçoso, emoldurado com coroas e decorado com retratos antigos de paisagens europeias.

Um grande espelho oval de bronze pendia sobre a lareira, e quando ela olhou para si mesma, franziu a testa. Ela se aproximou, os saltos de seus sapatos encharcados de álcool estalando contra o chão de tábuas de carvalho. Quando estava a poucos centímetros do espelho, Molly empurrou os óculos de sol para cima e inalou. Seus olhos eram um branco ofuscante e brilhante, com veias vermelhas feias atravessando-os. Cegantemente azuis e salpicados com manchas brancas, diferentes, mas “aceitáveis”. Ou eram, até que brilhassem violentamente quando Molly sentia emoções extremas, fazendo com que aqueles que a rodeavam ficassem sem

fôlego com a visão deles. Inferno, mesmo *ela* mal conseguia lidar com o brilho no espelho quando acontecia.

— Eu não posso mais fazer isso. — ela sussurrou, as lágrimas caindo. Ela cerrou os olhos, chorando enquanto a sensação dolorosa e gelada atrás das pálpebras aumentava para um plano insuportável, como se fossem picadores de gelo em seu cérebro.

Alguém sibilou e Molly girou, os óculos de sol caindo no chão. Uma figura encoberta permaneceu na entrada, imóvel.

Seu coração bateu contra sua caixa torácica e ela não ousou fazer um som.

Outro assobio ecoou, mais alto do que o primeiro e Molly caiu contra a lareira. Os assobios se multiplicaram, a cercando como uma capa opressiva, fazendo com que cada célula do corpo de Molly tremesse, gritasse, *Corra!*

Um grito animal explodiu da figura, enviando Molly para o chão enquanto apertava as orelhas contra o ruído ensurdecedor. O espelho acima quebrou, cacos do vidro caindo em seus cabelos e ombros. Ela não podia falar, não podia se mover. Quando o grito parou, Molly levantou a cabeça rapidamente.

Por favor, não seja real.

O capuz escondendo o rosto da figura reunido em torno de seu pescoço alongado e anormalmente curvo, se unia a uma monstruosa boca de dentes afiados. Os olhos escuros fitaram Molly, o movimento enrijecendo-a. O silvo começou de novo e Molly seguiu o som para cima conforme a mulher se aproximava, havia algo na cabeça dela, e estava se contorcendo. Com escamas - *Oh deus*. Eram cobras, e *eram o cabelo da mulher*.

Molly rastejou o mais afastado que pôde, o coração martelando, a voz doendo para gritar. O vidro quebrado cavou em sua pele, mas ela ignorou a dor.

As mãos douradas do monstro brilharam na iluminação fraca enquanto se agitava freneticamente.

—Daemon — ela rosnou.

As cobras se enrolaram entre si e sobre a sobrancelha da mulher. Enquanto Molly ficava de pé com as pernas bambas, a boca com dentes afiados da atacante emitiu um grunhido. Ela ergueu uma mão e varreu cada uma das cadeiras do caminho, as enviando uma a uma contra paredes, pinturas inestimáveis e bustos de aristocratas famosos.

— Por favor. — implorou Molly, a neblina do álcool fazendo com que ela se sentisse impotente. — *Pare.*

A mulher enviou outra cadeira para a parede, e Molly agarrou um dos atizadores de ferro mais perto dela.

— Afaste-se, — advertiu Molly, seu braço tremendo do peso do atizador. A mulher ainda avançava, olhos cheios de sangue e selvagens, mas congelou no momento em que os olhos de Molly se alinharam com os dela. Seu rosto duro e afiado parecia ser feito de pedra, enquanto o resto de seu corpo estava coberto com uma capa preta. Assim que os olhos de Molly deixaram os dela, a mulher se moveu de novo. Molly balançou o atizador freneticamente quando a mulher se aproximou. — Não. Não se aproxime mais... — Molly bateu no braço da mulher com força suficiente, ela gritou dolorosamente alto e Molly estremeceu.

Grande erro.

A mulher pulou, balançando a mão para atingir a bochecha de Molly. Molly caiu forte, soltando o atizador. Quando a mulher sentou nas suas costas e prendeu ambos os pulsos para cima, Molly gritou.

—Me. Deixe. Ir. — Os gritos abafados de Molly eram inúteis, seus pulmões esmagados sob o peso da mulher. Um odor ácido penetrou as narinas de Molly e ela sentiu a mulher se inclinar para baixo, abaixando a boca para o lado direito do seu pescoço exposto.

Não!

Molly arqueou suas costas em uma tentativa final, apenas para encontrar as cobras balançando muito perto de seu rosto, estalando os maxilares.

Um rugido ensurdecedor encheu a sala. A mulher e suas cobras sibilaram, e o peso desapareceu das costas de Molly. Molly olhou para cima, bem a tempo de ver a mulher se dirigindo como um borrão em direção à porta, apenas para ser pega pela silhueta de um homem. Ela prendeu a respiração, assustada ao vê-lo.

O homem segurou a garganta da mulher e, dentro de um segundo, um alto estalar ressoou, seguido de um baque.

Molly olhou fixamente, imóvel.

Ele quebrou seu pescoço.

Ela engoliu o soluço.

O coração de Molly pulsou enquanto observava a mulher cair diante de seus olhos, as cobras sem vida e se transformando em cinzas.

A figura masculina estava acima da mulher morta, chutando os répteis mortos.

— Maldita górgona⁶, — ele murmurou em um tom baixo e sombrio, mais irritado do que qualquer coisa.

Ela estava drogada. Era a única explicação aqui que fazia qualquer sentido. Rohypnol... Talvez Special K? Seja qual fosse, explicava tudo isso. Nada de cobras, nenhum pescoço quebrado. Ela estava apenas alucinando, ou talvez sonhando? Talvez ela tivesse adormecido no banheiro com todo o sangue, e nunca de fato chegou ao espelho.

Ela sorriu. De alguma forma, essa era uma opção muito melhor.

⁶ A Górgona também vestia um cinto de serpentes entrelaçadas. Na mitologia grega tardia, diziam-se que existiam três Górgonas: as três filhas de Fórcis e Ceto. Seus nomes eram Medusa (Μέδουσα, "a impetuosa"), Esteno (Σθεννώ, "a que oprime") e Euríale (Εὐρύαλη, "a que está ao largo").

— Ela está morta? — Perguntou uma voz feminina.

Vários conjuntos de passos pesados encheram os ouvidos de Molly enquanto olhava as duas figuras se aproximando, examinando a sala. A menina era jovem, muito jovem para estar com o tipo de homem que estava ao lado dela. Molly não correu o risco de olhar para eles por muito tempo.

— O que lhe *parece*? — Ele respondeu a grosso modo. Molly levantou lentamente o braço e recuperou os óculos de sol, os colocando.

— Eu não estava falando sobre a górgona feia, — disse a mulher. — Eu estava falando sobre a menina.

Um silêncio arrepiante encheu a sala e Molly procurou uma arma, zerando em um pedaço de metal brilhante nas proximidades. O homem deu um passo em direção a ela, mas parou quando Molly pegou o atizador de fogo descartado.

— Não se atreva! — Ela disse de seu lugar no chão de carvalho, tossindo violentamente enquanto seus pulmões se enchiam de oxigênio mais uma vez.

— Você vai me matar com isso? — Ele riu languidamente, como se não quisesse desperdiçar muita respiração nisso. Ela semicerrou os olhos, o quarto sombreado escondendo seus traços. — Vá em frente, se levante. Respire.

Molly se levantou o mais rápido que pôde, manchas dançando na frente dos olhos. O atizador vacilou quando ela lutou contra ondas de tonturas.

A mulher cruzou os braços, um sorriso divertido que esticava os lábios finos.

— Ela acha que pode chutar sua maldita bunda.

Ele deu mais um passo confiante, se movendo um passo à frente, *curtindo*.

— Uma princesa de Manhattan? Lutar comigo? Tsk, tsk.

Ele cruzou o espaço em dois passos, segurando o atizador e a cercando com o outro braço. Ela ofegou, seus olhos

arregalados pegando seus lábios carnudos e sorriso preguiçoso. Ele colocou a extremidade afiada do atizador em seu abdômen, que era construído e definido sob sua roupa.

— Prove-me que estou errado, de qualquer forma, ciccia⁷.

⁷ Meu bem/Meu amor em italiano.

CAPÍTULO 02

Ciccia — O que? Isso é um xingamento?

Molly o estudou debaixo de seus cílios, pesando as opções. Ela poderia esfaqueá-lo, perfurá-lo através de seu terno feito sob medida. Ela tinha o atizador, afinal.

— Solte-o ou eu poderia acidentalmente escorregar e quebrar esse seu pulso delicado. — Seu sinal de advertência enviou calafrios terríveis pela espinha e ela olhou para a mão dele ainda sobre a dela.

Santa merda. Ela agarrou o atizador mais apertado.

— Tensley. — A mulher repreendeu. Agora que ela estava a poucos metros de distância, ela podia distinguir os traços da menina - longos e aborrecidos cabelo repicados, que gritavam que ela não era do mundo de Upper East Side de Molly, e graças a Deus por isso. Uma garota da mesma idade que ela, mas com uma atitude envelhecida, a pele suja e rígida em torno de seus ossos delicados. Mas era tudo exceto delicada.

Quando Molly olhou para o homem, Tensley, o medo mergulhou em seu peito e a fez congelar. Se ele fosse...

Molly recuou em pânico, esperando que eles a deixassem passar.

— Eu preciso ir.

Tensley agarrou seu braço, que ela puxou.

— *Não*. Nós vamos te levar para casa.

As sobancelhas de Molly levantaram quase até a sua linha do cabelo.

— Não, não. Não! — Ela não conseguiu parar de tremer. — Você é louco? Você acabou de matar alguém bem na minha frente e quer me levar para *casa*? *Oh Deus*. — Molly engasgou, se curvando quando uma onda de pânico paralisante a dominou.

A mulher olhou para o perfil de Tensley e balançou a cabeça.

— Ótimo trabalho, gênio. Agora ela está prestes a desmaiar.

— Eu estou perdendo o juízo. — Molly gemeu entre suspiros superficiais.
— Estou alucinando.

— O que eu deveria dizer? Ela está sendo seguida e precisamos levá-la a algum lugar seguro.

A mente de Molly correu com os acontecimentos dos últimos minutos, como seu mundo tinha virado, mergulhado e despencado em tempo recorde.

— Como você sabia sobre isso? O monstro com as cobras...

— Era uma górgona. — explicou a mulher, sua jaqueta militar rasgada e botas de combate pretas pareciam especialmente ameaçadoras sob a iluminação fraca, quase escura. — E tinha suas próprias ordens sobre você.

— Que ordens?

— Não agora, Lex. — Tensley falou. — Eu preciso tirá-la daqui. *Agora*.

Molly o ouviu suspirar e viu suas botas pisarem em direção a ela.

— Vamos, nós temos que sair antes que você tenha um maldito colapso.

Oh infernos não! Molly balançou o atizador no estômago dele com força e ele gemeu.

Quando ela levantou o atizador novamente, sua mão disparou e ele o puxou dolorosamente de suas mãos, o jogando para trás dele. Molly estremeceu quando ele se endireitou e observou seu estômago, onde uma pequena mancha de sangue escoou por sua camisa. Quando seus olhos encontraram o olhar apavorado dela, ele observou.

— Você me fez sangrar, ciccia.

Molly deu um grande passo para trás, mas sabia que estava encurralada.

— É hora de ir. *Agora*.

Quando ele avançou, ela o empurrou, suas palmas pousando em seu peito firme por um segundo. Suas mãos formigavam com seu poder, desde os braços até a ponta dos dedos. Por uma vez, sua rara habilidade era útil. Ele voou pelo ar como uma boneca, caindo direto sobre Lex; ambos ficando em uma pilha de músculos e couro.

Oh Deus, funcionou! Merda!

Molly passou por eles, empurrando a multidão rumo à escada de incêndio. Ela desceu vários lances e entrou no vestibulo, parando uma vez que estava na rua deserta de Manhattan. Ela estava definitivamente alucinando; sua bebida tinha sido absolutamente adulterada.

— *September* — ela murmurou, procurando no bolso do casaco pelo telefone. Ela esfregou os olhos enquanto tropeçava, deslizando um dedo pela tela do telefone. O salto de seu sapato aterrissou em uma grade no caminho e ela tropeçou, seus óculos de sol deslizando.

Uma mão forte envolvendo sua cintura a puxou para cima novamente, deixando um rastro aquecido ao longo do seu estômago. Uma nebulosidade a dominou. *O que?*

Ela sacudiu o abraço, olhou por cima do ombro. Era *ele*, Tensley. Sua construção musculosa se elevava sobre ela, a proximidade esmagando seus sentidos e acendendo uma centelha dentro de sua barriga. Ela empurrou seus óculos pelo nariz, percebendo como realmente não se *importava* com a

maneira como ela parecia encaixar contra o peito firme dele. Ela balançou a cabeça, tentando escapar da névoa. Ela viu quando ele quebrou sem remorso o pescoço da mulher, pelo amor de Deus, sem mencionar o fato de que ele era um *completo estranho* e um psicopata.

— Vou gritar se você não me deixar ir agora mesmo, — disse Molly, tentando empurrá-lo para longe. Seu domínio só aumentou, e ela podia ver Lex os observando da calçada.

Molly tentou novamente, cavando o cotovelo debaixo da sua caixa torácica. *Força aleatória estúpida. Trabalhe agora, ok?*

— Me deixe ir!

Ele colocou uma mão sobre sua boca e ela sentiu seu sabor salgado.

— Cale a boca! Você está sendo seguida e estamos tentando *ajudá-la!*

Molly grunhiu contra a palma da mão, mexendo o rosto.

Lex suspirou atrás dele.

— Nós somos a menor de suas preocupações, — ela falou. — Eu sou Lex, a propósito. Você não precisa se assustar, ok? Nós vamos mantê-la segura.

— Não. — Tensley sibilou para sua companheira. — Apenas continue andando. — Sua mão cutucou as costas pequenas de Molly.

Molly ficou firme, encarando-o em desafio. *Caralho*. Seus olhos brilharam sobre o ombro dele até o beco mais próximo. Talvez ela pudesse correr.

Ele avançou novamente, e ela queria desesperadamente golpeá-lo, empurrá-lo, mas seus poderes se recusaram a funcionar. Ela arrastou os pés no chão, saltos contra o asfalto em uma triste tentativa de permanecer ancorada. Ele apenas puxou com força, soltando sua boca para usar ambas as mãos.

— Deixe-me ir! — Ela repetiu, cara franzida, buscando freneticamente por alguém que ainda pudesse estar ali naquela hora tardia.

— Ataque! Ele está me atacando! Assalto! *Assalto!*

Tensley ficou tenso nessa hora, seus olhos de obsidiana fatiando-a ao meio como se ela fosse ver seu aviso.

Todo o sangue saiu do rosto de Molly e ela jurou que seu coração se abalou enquanto o observava.

— Tensley! Não use isso nela! Jesus Cristo! — Lex repreendeu.

Molly olhou para Lex. *Talvez ela seja mais compreensiva...*

Molly enfrentou completamente Lex, ampliando os olhos.

— Por favor, não permita que ele me machuque, eu tenho dinheiro, posso lhe pagar.

— Eu não vou machucá-la a menos que você continue falando! Estou tentando levá-la para *casa!* — O homem resmungou, forçando Molly a caminhar novamente. — Trezentos fodidos anos de proteção e para quê? Uma desagradável loira burra. Jesus maldito Cristo está certo.

— Está tudo bem aqui? — Todos os três se viraram para enfrentar um homem mais velho, em um terno de negócios sob medida, parado na esquina, olhando a cena. Seu rosto escureceu quando ele notou as roupas desgrenhadas de Molly e o aperto de Tensley em torno de sua cintura.

Antes que Molly pudesse responder, Tensley caminhou ao redor dela e direto para o empresário, Lex ocupando o seu lugar.

— Está tudo bem, dê o fora, — ele disse em um tom calmo e uniforme.

Molly observou enquanto o rosto do homem mudava; ele ficou tenso, evitando os olhos antes de correr de repente para a noite. Ela *sentiu* a presença novamente, um aviso, uma ameaça que a alertou para se afastar. *O que diabos aconteceu?*

Molly olhou para Tensley enquanto ele voltava para o lado dela, agarrando-a mais uma vez.

— O que você acabou de fazer com ele?

— Dei-lhe um aviso que seu corpo entendeu. — Um sorriso de lobo apareceu em seus lábios. — Quer tentar fugir novamente?

Seu coração bateu violentamente em seu peito. Ela soltou o pulso do seu domínio e o empurrou com força.

Ele não se moveu. Ele nem sequer oscilou. Ela o empurrou novamente e o ombro dele ergueu. Ele soltou uma risada baixa. O embaraço e um medo assustador afundaram em seus ossos.

— Parece que seus poderes são imprevisíveis, — ele resmungou, pegando seus pulsos novamente. — Me pergunto o porquê.

Ela olhou para ele com consternação.

— Você sabe sobre meus poderes?

— Eu sei muito sobre você.

— O quê? Como? — Ela olhou para ele e ele simplesmente olhou para longe, como se não fosse importante.

— Vamos, nós a levaremos para casa. Nós não vamos machucá-la, eu prometo. — Lex sussurrou, tocando o ombro de Molly.

Tensley sibilou, provavelmente algumas poucas maldições em voz baixa, balançando a cabeça.

— Eu tenho melhores coisas para fazer do que cuidar de um bebê.

Molly olhou para a parte de trás da sua cabeça, cabelos escuros e ondulantes brilhando.

Quando se aproximaram das pessoas que caminhavam pela Madison Avenue, Tensley soltou o aperto em seu ombro apenas para segurá-la firmemente contra seu lado. Ela queria gritar por ajuda, mas o casal que passava parecia tão doce, tão feliz... Ela não queria que eles ficassem sob o fogo de seus dois captores.

Quando Molly viu a casa de painéis brancos de seus pais, sua garganta secou com uma renovada esperança, mas também terror pela segurança da família.

— Eu vou para casa, — disse Lex, e Tensley concordou com um aceno de cabeça.

— Espere! — Gritou Molly, fazendo com que Lex parasse no meio da curva. — Você não pode me deixar sozinha com ele.

Os traços duros de Lex suavizaram um pouco, mas ela ainda era uma visão temível quando se aproximou, sujeira salpicada pela pele, olhos tão ferozes quanto o sol ofuscante.

— Ele não vai te machucar, — ela sussurrou. — Você está em boas mãos com ele.

Ela se virou e correu, sua única fonte de conforto indo embora, passando entre as latas de lixo de ferro forjado e as árvores floridas na beira da calçada.

Tensley levou Molly pelos degraus e a inclinou contra a parede, prendendo-a entre os braços.

— Chave?

Molly olhou para ele.

— Não, *não*.

— Tudo bem, façamos do seu jeito. — Ele agarrou seu antebraço e a afastou do caminho, levantando a perna para abrir a porta com tanta força que se partiu em duas, pedaços se espalhando na entrada. Tensley ajustou seu colarinho com um gesto rápido e entrou como se fosse dono do lugar.

A boca de Molly se abriu.

— Como... — *Ele é mesmo humano?*

Sua mãe ainda estava sentada no sofá da sala de estar, outro copo de merlot na mão. O estômago de Molly se torceu com a visão. *Já está bêbada?* Fiona olhou para Tensley, os olhos baixos e caídos.

— Você, você veio...

Tensley cutucou uma estátua em miniatura de Apollo na mesa de café, seu rosto sem emoção.

— Lugar legal.

Molly franziu o cenho.

— Nós o chamamos, — disse sua mãe, como se o homem estranho, a três passos de distância, não escutasse.

— Por quê?

— Molly? — Seu pai apareceu no alto da escada e parou, examinando a cena abaixo. Seus olhos ficaram gelados quando viram o recém-chegado. — Você é Tensley Knight?

O coração de Molly subiu ao topo de sua garganta.

— Em carne e osso. — Tensley caminhou em direção à escada. — E você é Derrek Darling.

O rosto de Derrek ficou vermelho.

— Saia!

Tensley riu sem humor, e Molly não conseguiu esconder seu tremor.

— Onde está a hospitalidade?

O pai de Molly enrolou as mangas e marchou pela escada.

— Eu disse a sua família anos atrás: não há nenhum acordo conosco.

Tensley olhou duro.

— Deixe-me atualizar sua pequena memória humana. É um contrato feito com o sangue de seus antepassados; você não tem uma chance de escolha aqui. Minha família protegeu a sua por mais de trezentos anos em troca de um dia produzir um daemon que possuísse o olhar. E o que temos aqui? — Seus olhos se aproximaram da

figura rígida de Molly, sua voz segurando uma vantagem desconcertante. — Um daemon com os olhos abençoados, de sua linhagem. Especificamente, *sua* filha daemon, que *me* foi prometida.

Molly olhou para Tensley - os olhos cinzentos, os cabelos escuros... O menino que tinha visto naquela *noite*. Era ele. Ele tinha vindo com as outras sombras. À lembrança dele segurando sua mão quando criança, ela juntou as mãos com força.

As pernas de Molly tremiam.

— Eu sou humana.

Tensley se virou rapidamente, a escuridão vibrante em seus olhos sugando o ar de seus pulmões.

— Se não fosse o gene adormecido na linhagem do seu pai, ele também teria a força, os sinais visíveis de um daemon - que *você possui*.

Molly estremeceu dolorosamente agora, se recusando a acreditar no que temia por anos.

— Eu sou... Eu sou humana.

— Você conhece o contrato, você leu. Você sabe o que você é...

— Fora! Agora! — Derrek continuou pelos degraus, Fiona seguindo com o vinho agarrado ao peito.

— Eu sou humana! — Molly gritou, jogando os braços para baixo.

Tensley observou seu peito tremer violentamente e depois se virou para o pai.

— Você não mostrou o contrato?

O pai de Molly empalideceu e torceu as mãos.

— Ela não precisava saber.

— O que eu não sei? O que está acontecendo? — Molly olhou para frente e para trás entre eles, coração batendo. — Conte-me!

Tensley mostrou os dentes e se aproximou de seu pai, todo o rosto ficando vermelho.

— Em 1685, os Darlings tiveram uma filha, uma com olhos brilhantes, abençoados e habilidades não naturais. Para proteger a família do assassinato em massa por caçadores de bruxas, eles fizeram um pacto com demônios por sua proteção, e a garota talentosa seria o pagamento. No entanto, ela foi queimada em uma fogueira antes que pudessem recolhê-la, mas os Darlings já estavam sob o contrato de sangue, eles ainda deviam uma garota com dons à minha família.

Molly olhou para os frios olhos de pedra de Tensley e jurou que ela viu uma pitada de emoção - de pena.

— Isso é verdade, pai?

Seu pai engoliu em seco.

— Molly, achamos melhor não te contar.

Os lábios de Molly tremiam e seus olhos queimavam.

— Você mentiu para mim?

— Nós lhe dissemos tudo o que você precisava saber, — disse a mãe.

Molly passou as mãos pelos seus cabelos confusos e sibilou. Isso não era novo, nada além. Ela amava seus pais, mas sua necessidade de controlar o que ela fazia, o que sabia, a sufocava, e agora, quando ela finalmente se mudou e começou sua própria vida, seria entregue ao homem que invadiu sua sala de estar.

— Eu não sou humana. Eu... Eu sou... — Molly engasgou e se virou para encarar Tensley, usando uma expressão de pedra. — Eu sou um daemon...?

— Sim, — disse Tensley, baixo e suave, como se ela fosse quebrar se ele falasse alto demais.

— Você precisa sair. Agora! — Seu pai apontou o dedo para a porta, olhando para Tensley.

Tensley franziu o cenho.

— *Humano ingrato.*

— Papai, não! — Gritou Molly.

— Onde é o quarto? — Tensley perguntou, se virando para olhar para Molly. — Ah, acho que devo ser mais específico. Onde é o seu quarto, Srta. Darling? Gostaria de falar com você em *particular*.

O corpo de Molly ficou tenso.

— Por quê?

Tensley encolheu os ombros.

— Um assunto privado.

Um assunto privado? No quarto? Ele não queria dizer...?

— Fique longe da minha filha! — Seu pai levantou um dedo trêmulo.

— Ou o quê? Você vai me matar com suas mãos nuas e humanas? Tente por favor. Seria divertido pelo menos.

Derrek investiu contra Tensley e eles colidiram. Tensley o agarrou pelos ombros, o prendendo rapidamente contra a parede. Ele lutou para escapar, ofegante.

Tensley sorriu e curvou lentamente o braço de Derrek para trás até que ele gritou e o membro parecia pronto para quebrar. *Oh Deus! Não!*

— Não! — Molly correu e segurou o braço de Tensley. — Por favor, não! Vou levá-lo para o andar de cima, apenas os deixe em paz! — Tensley olhou para Molly, com o rosto vazio, mas os olhos aquecidos e questionadores.

Ele deu um aceno rápido, liberando seu pai.

— Mostre o caminho.

Derrek gemeu, caindo aliviado.

— Papai. — Molly chorou quando Fiona correu, ambas agachadas sobre o homem de rosto branco enquanto ele balançava o ombro, verificando seu movimento.

Derrek ergueu os olhos, com gotas de suor na testa.

Molly respirou fundo e puxou a jaqueta de Tensley, preocupada com outra briga.

— Vamos.

— Molly! — A voz de sua mãe quebrou atrás deles, mas Molly não parou de se mexer. *Preciso de um plano. Eu preciso de um plano!* Seu coração batia tão alto que jurou que podia ouvi-lo.

Silenciosamente, guiou o caminho pela grande escada e atravessou o corredor até seu antigo quarto, fechando a porta atrás deles.

Uma vez dentro, Tensley parecia estudar o edredom branco e a decoração do quarto. Ela o estudou, o terno liso nas costas dele, esticado em seus ombros largos, os cabelos grossos e de aparência suave. Suas calças eram folgadas, apenas justas o suficiente para realçar sua bunda. O maldito terno o abraçou perfeitamente em todos os lugares certos. *Não ouse achá-lo atraente, Molly. Ele é um psicopata, e você não acha psicopatas atraentes!*

Seu dedo deslizou através dos lençóis brancos e as pontas dos travesseiros. Ele se sentou na cama e se deitou, colocando os sapatos no cobertor branco e enviando sua necessidade de manter tudo arrumado para as alturas.

— Qual o seu nome? — Ele esfregou seus travesseiros.

— É Molly.

Um canto de sua boca se curvou.

— E você sabe o que sou?

— Não exatamente. — Ela agarrou a cômoda atrás dela, esperando que ele não tivesse visto a maneira como suas mãos tremiam, seus joelhos oscilavam. Se ele lhe contasse o que era, não havia volta. Não vivendo em uma realidade falsa.

Ele estendeu os braços para trás da cabeça.

— Eu sou um incubo. Um demônio.

— Um *demônio*? — Uma risada borbulhou na parte de trás da garganta, mas, se ela a soltasse, acabaria soluçando ou gritando, porque sabia no fundo do seu coração que ele estava falando a verdade. — E eu pertenco a sua família?

Ele assentiu.

Seu primeiro instinto foi correr. Seu segundo foi empurrá-lo pela janela.

— Você é minha noiva. — Ele corrigiu, enrolando as mangas para revelar seus bíceps musculosos. — Você ainda não sabe disso, mas seus olhos possuem um poder raro. Como minha esposa, seu poder se tornará meu também.

— *Sua esposa?* — Uma onda de náusea a atingiu rápido. *Isso não está acontecendo comigo.*

Tensley sentou e em um movimento rápido estava na frente dela. Ela esmurrou o peito dele e isso fez tanta diferença quanto bater em uma parede de tijolos.

— Isso é tudo o que daemon tem para oferecer? Pequenos punhos fracos? — Ele zombou, mexendo debaixo do seu queixo como se ela fosse criança.

— Eu não posso... Não posso controlá-lo! As rajadas de poder simplesmente acontecem. — Ela se contorceu contra ele, sem fôlego.

— Oh, você pode controlá-lo. Você só precisa da ferramenta certa, — ele disse sombriamente, tão perto que sua respiração quente atingiu sua testa. — Tire-os.

Ela o empurrou repetidamente.

— Eu não vou tirar nada!

Ele pegou seus óculos de sol e os removeu sem aviso prévio. Quando ela ergueu o braço para esconder seus olhos, ele agarrou seu pulso e o abaixou com uma gentileza medida. Por um momento ele parecia extremamente vulnerável e Molly não podia desviar o olhar. O homem terrível se foi e ela podia vê-lo e isso a aterrorizava. Em pânico, ela se afastou de seu braço e se moveu

para perto da porta. Sua respiração pesada se acalmou depois de um tempo, e ele se virou para encará-la.

— Eu vou trazer meus pertences para sua casa amanhã, — ele declarou.

Os olhos de Molly se arregalaram.

— Seus pertences? — *Você está brincando comigo!*

— Eu sou o chefe da casa, — ele respondeu friamente, olhando para o quarto dela.

Seu estômago se torceu em nós apertados.

— Você não vai ficar aqui. Eu nem sequer vivo aqui.

— Então, onde você mora?

Oh porcaria.

— Uh...

Ele parecia irritado.

— Você fica aqui, é mais seguro. — Ele começou a revirar a primeira gaveta da cômoda, segurando um par de calcinhas brancas com uma expressão divertida. — Talvez comprar alguma lingerie nova?

— Com licença, o que você está fazendo? Não! — Ela arrancou a calcinha dele e a apertou contra o peito. *Ele me ameaça um segundo e espia na minha gaveta de roupas íntimas no próximo? Qual é o problema dele?*

— Íncubos, recebem poder, energia e força através do contato físico. Nós nos fortaleceremos, — disse ele segurando outra de suas roupas íntimas de algodão. — Então você é uma garota de calcinha da vovó.

Sua mão coçou para estapeá-lo.

— O que está acontecendo agora...

— Ninguém gosta de calcinha da vovó. — ele disse, levantando ambas as sobrancelhas. — Isso é *tudo* o que estou dizendo.

— Eu não vou discutir minha escolha de calcinha com você! — Ela arrancou a segunda peça de suas mãos.

Ele riu sombriamente.

— Mesmo sendo *coração frio*, eu ainda não cheguei ao ponto de preferir *estas*.

— Eu realmente não me importo com o que você prefere! — Ela meteu todas as calcinhas na gaveta e fechou com estrondo, recuando com as pernas bambas. *Ele é uma dor na bunda!*

Seus olhos baixaram até seus joelhos, um lampejo de preocupação genuína correndo em suas íris cintilantes.

— Você está sangrando.

Ela olhou para os joelhos cortados e estremeceu. Eles pareciam muito rasgados.

— Na verdade, não percebi. É do vidro, — ela murmurou enquanto ele tocava o pequeno corte na rótula. — Au! — Ela franziu o nariz e se concentrou em sua respiração. Ele agarrou seu pulso; ela puxou de volta. — Não me toque.

Ele franziu o cenho e estreitou os olhos para ela. Aquela maldita névoa voltou. Os ombros de Molly relaxaram, e quando ele voltou a tocar seu pulso, ela não protestou.

Ela *queria* que ele a tocasse.

O que diabos há de errado comigo?

Ele a guiou em direção à cama sem protestar. Ela se sentou na beira, sem palavras enquanto as pontas dos dedos dele pairavam sobre suas pernas machucadas.

Ele sugou dois dedos na boca e Molly enrugou o nariz. *Uh, ew!*

— O que você... — ela questionou enquanto ele pressionava sua grande mão sobre a panturrilha dela e uma sensação de calor esmagadora a engoliu. Ela apertou o edredom e segurou um suspiro, se concentrando em sua respiração e

tentando ignorar como sua mão atirou um formigamento agradável e calmante pela sua coluna vertebral. Molly olhou para uma pele limpa e fresca um segundo depois, espantada. *Santo... O que está acontecendo? Ainda estou alucinando?* — Como você fez isso?

Ele olhou através de seus grossos cílios para ela.

— Eu curo com meu corpo. Os demônios podem produzir uma grande quantidade de produtos bioquímicos para curar a nós mesmos e aos outros pelo contato. Funciona ainda melhor com a saliva. — *Por isso ele sugou os dedos?*

Os dedos dele subiram suavemente pelo joelho, pela coxa e ela empalideceu. Ela chutou o pé na sua virilha e ele gemeu, sua mão recuando para o próprio copo.

— Você é repugnante! — Ela o cortou.

— Eu não estava tentando entrar em sua calcinha de vovó, *acredite*, — ele respondeu, se levantando cautelosamente.

— Saia! — Disse Molly, fazendo seu melhor para ignorar o desdobramento de calor sensual se espalhando pelos lugares que suas mãos haviam tocado.

Ele se virou para a porta.

— Não faça isso mais difícil do que precisa ser. — Assim que ele abriu a porta, a encarou com um olhar duro e afiado. — E se você *pensar* em se esconder de mim, seu pai não terá nenhum membro para quebrar. Isso é uma promessa.

Toda a raiva e a adrenalina que passavam por suas veias se transformaram em medo, puro terror pela segurança da sua família. Seus pais não eram perfeitos, certamente não, mas ela os amava. Ela não podia suportar o pensamento de sua lesão, ou pior...

Quando a porta se fechou, ela esperou alguns minutos para se certificar de que ele havia partido, ela se encolheu no chão, mergulhando em todos os detalhes da noite.

Molly arrancou os lençóis de sua cama depois que ele partiu, os jogando em uma pilha no chão. Tudo o que ele tocou, ela queria distância. Finalmente, ela colapsou no colchão, apertando um travesseiro nu no peito.

— Isso não aconteceu, — ela murmurou, ignorando as batidas fervorosas de seus pais na porta. No fundo, no seu coração, ela sabia que era verdade.

Tensley Knight, seu noivo demoníaco, *existia*. E ele certamente chegou.

vein of love
R. Scarlett

CAPÍTULO 03

Quando a porta do escritório de Tensley se abriu, ele não esperava ver seu pai, e certamente não em uma hora tão adiantada. O homem mais velho arrumou seu terno azul marinho e desabotoou o casaco, expondo uma camisa branca impecável por baixo. Um ponto carmesim de sangue brilhou embaixo da sua mandíbula, e ele limpou com indiferença.

Com quem ele acabou desta vez?

Os olhos inquietantes do Sr. Knight se concentraram na bagunça de papéis espalhados pela grande mesa de carvalho de Tensley.

— Eu não esperava te ver esta manhã, — disse Tensley enquanto se recostava na cadeira de couro. Ele precisava de café o mais rápido possível. Ou algum uísque. *Foda-se, definitivamente uísque.*

Seu pai observou o olhar cansado de seu filho.

— Duque Abaddon está aqui. Ele quer encontrar mais familiares⁸, de preferência loiras, para estar sob seu controle. Ele também quer belladonna para o prazer, em forma líquida e em pó.

Tensley ergueu uma sobrancelha.

— Mais alguma coisa? — Ele nunca trabalhou tão próximo dos clientes como Duque Abaddon antes; Ele

⁸ Um demônio supostamente atendendo e obedecendo a uma bruxa, muitas vezes dito para assumir a forma de um animal.

costumava lidar com os demônios inferiores, os lembrando de não fazer asneira a menos que quisessem um chute no traseiro. Ele odiava chutar traseiros.

O olhar de seu pai endureceu.

— Ele pediu para vê-lo também. Ele gosta da sua... Digamos... Atitude foda-se tudo.

Tensley resistiu ao desejo de gemer em voz alta. Ele sabia como não irritar seu pai, mas sempre ficava inquieto recebendo ordens de outra pessoa. Ao contrário do resto de seus irmãos, o Sr. Knight criou Tensley para assumir o cargo de servir os Príncipes, e severamente o disciplinou enquanto crescia. Tanto quanto Tensley odiava o homem, ele ainda queria ganhar sua aprovação. Ele queria ser o que os outros não podiam, para mostrar ao pai, à sua família, a todo maldito *submundo* que ele não era como seu irmão, Beau.

— Uma vez que você e a daemon estiverem publicamente juntos, o Príncipe do Jardim Suspenso da Babilônia nos temerá. Você não quer isso novamente? Ele se curvará a sua vontade ao longo do tempo. — Sr. Knight zombou, examinando um pedaço invisível de fiapo em seu terno.

— Eles *já* deveriam nos temer, — murmurou Tensley, remexendo nos papéis para encontrar seu arquivo sobre Abaddon, um dos demônios de maior posição existente. Tensley era o herdeiro de Scorpios, o negócio da família. Afinal, eles vinham fazendo o trabalho sujo dos príncipes por gerações, policiando todos os demônios inferiores em seu território de Nova York com um punho de ferro. Eles eram a lei; desde que os beneficiasse e às classes superiores.

Sua família dependia dele para reviver seu nome após o escândalo de Beau, e a daemon faria exatamente isso. Ele *realmente* esperava que ela se tornasse menos irritante, no entanto.

— Mande-o entrar, — disse Tensley quando localizou o arquivo, corrigindo um pouco sua postura quando o grande demônio ruivo entrou em seu escritório.

O cabelo vermelho flamejante de Abaddon parecia quase cômico, considerando seu status.

— Bem, seus bastardos, conseguiram algumas familiares para me vender?

— Abaddon deu um sorriso torto para Tensley e ele retesou involuntariamente.

Seu pai assentiu.

— Sim, Abaddon. Cinco loiras, certo? Elas foram disponibilizadas para nós na noite passada.

Familiares eram os mais baixos dos baixos, fracos, sem sentido, facilmente manipulados. Humanos.

— Bom, bom. — Abaddon relaxou e sentou na cadeira em frente à Tensley, os joelhos espalhados em um show de masculinidade. Uma cicatriz branca desagradável cortava a bochecha esquerda até o canto do olho. Rumores fervilharam que havia sido um castigo de Fallen, o Alto Príncipe da Babilônia.

— Preciso de um novo mercado. Ninguém mais parece satisfazer meus desejos; Ninguém sabe como lidar com *isso*. — Abaddon fez um gesto para a sua virilha.

Tensley apertou sua caneta e anotou os detalhes no contrato de Abaddon. O mundo demoníaco estava bastante familiarizado com os gostos de Abaddon; Ele gostava da dor - ou mais especificamente, que seu parceiro a experimentasse. Tensley apertou os dentes contra o pensamento nojento.

— Um castrador pode. — Tensley sorriu, fingindo estar completamente entediado com a conversa.

O silêncio encheu a sala. Então uma risada ruidosa e rude retumbou no peito de Abaddon.

— Eu o amo. — Ele deu a Tensley um sorriso de aprovação, e Tensley o devolveu.

— E você disse que precisava de mais belladonna, — disse seu pai, orientando a conversa para o caminho certo.

Abaddon se recostou mais para trás, fazendo com que a cadeira gritasse em protesto.

— A belladona é o melhor para ficar excitado. Eu desejo isso. Isso também relaxa as mulheres.

O Sr. Knight fez sinal com a cabeça para Tensley enquanto ele anotava isso no documento. Uma vez que ele assinou suas iniciais, ele passou para o pai, que o colocou no seu bolso.

— Eu vou tratar disso hoje. Você deve esperar o envio amanhã, — disse seu pai, apontando para que Abaddon se levantasse.

— Eu também, uh... — Abaddon acariciou sua mandíbula. — ... Preciso de alguém para cobrir a morte de uma criada. Ela era uma cadela de raça baixa, mas não quero ninguém fuçando.

O pai de Tensley não se moveu nesse momento. Ele simplesmente manteve o olhar em Abaddon.

— Será providenciado.

Abaddon sorriu e se levantou, dando uma palmada no ombro do Sr. Knight.

— Eu sempre posso contar com vocês bastardos.

O silêncio desceu sobre Tensley e o Sr. Knight por um momento depois que o demônio de alto escalão saiu.

— Não me surpreende, — disse finalmente Tensley. — Sua *décima quinta* esposa misteriosamente morreu há apenas cinco meses? Eu não acredito. — Houve rumores sobre Abaddon matando suas esposas se não pudessem lhe dar um herdeiro. O demônio vinha se casado com mulheres simplesmente para matá-las há muitos anos, e Tensley odiava admitir quão vil ele achava isso tudo.

O Sr. Knight ergueu uma sobrancelha cinzenta, confuso.

— Se você acredita ou não, não importa. Ele é um *cliente* e é leal. Nós ficamos fora dos seus negócios, e o que ele faz com suas concubinas ou esposas ou com quem ele solicita não é da nossa conta. Entendido? — Tensley desviou o olhar, furioso, mas o pai continuou. — Então? Você a marcou?

Tensley riu.

— Não, pai. Ainda tenho que *dormir com* ela.

— Bem, mexa-se. Não queremos que outros demônios a roubem, *especialmente* quando ela é um daemon com olhos abençoados. Marque-a. Faça isso esta noite, Tensley. Estou falando sério!

Tensley hesitou entre mentir ou dizer a verdade. Com os olhos pesados o observando, Tensley respondeu sem rodeios.

— Ela não está pronta para isso.

O maxilar do Sr. Knight enrojeceu.

— Não importa se ela ainda não está *pronta*, Tensley. É sobre proteção e reivindicá-la antes que algum outro demônio sinta seu cheiro. Aquele maldito anel de bruxas é inútil agora! Sua morte enfraqueceu todos os itens que lhe davam poder, você sabe disso. Se você não marcá-la em breve, outra pessoa o fará. Você quer arruinar trezentos anos de espera porque ela *ainda não está pronta*?

Tensley cerrou os dentes e olhou a bagunça de papéis. Ele não se incomodou em mencionar a seu pai como uma górgona tinha estado atrás de Molly Darling.

Ele viu assim que a conheceu que ela não estava pronta - nem para a intimidade, nem para o mundo demoníaco... Nada disso.

Então ele partiu naquela noite, se odiando por ter lançado os feromônios para que ela o desejasse e decidiu se lançar no trabalho. Ele não tinha dormido, empurrando seus limites. Tudo o que ele podia pensar, no entanto, era nas pernas dela enroladas em torno de sua cabeça. Ele lhe daria algo para gemer então.

As mulheres nunca o rejeitaram, e muito menos o chutaram nas bolas ou o esfaquearam seu abdômen com um atizador de fogo, depois que ele usava seu encantamento sobre elas. Pensar que ela fosse uma garotinha fraca antes de balançar o atizador, foi o erro dele. A daemon o intrigou, o encantou e ele se odiava por isso. Ele tinha que lembrar a si mesmo que ela era o inimigo, a sedução da sereia que poderia destruí-lo como a humana que destruiu seu irmão.

Ele não queria nada com ela, mas não podia negar sua imensa atração. Estava *realmente* o irritando. Ele precisava de um plano B e seu pai acabara de lhe dar a ideia. O anel. Isso lhe compraria tempo.

— Eu vou cuidar disso, — respondeu Tensley, enrolando as mangas de sua camisa para revelar a tatuagem do escorpião no antebraço esquerdo. Era famosa e por uma boa razão, se alguém fosse desleal a Scorprios e fosse pego, o líder do grupo ativava o veneno letal da tatuagem na corrente sanguínea.

— Basta lembrar de Be...

— Eu disse que vou *cuidar disso*. — Tensley sibilou, incapaz de se conter mais, mesmo com seu pai.

— Lembre-se do que aquela prostituta fez com seu irmão, — disse seu pai, se aproximando. Um calafrio deslizou pela espinha de Tensley. — Esse escândalo nos seguiu tempo suficiente.

— Eu não sou um fraco como ele, pai. Não vou deixar que ela me controle.

O Sr. Knight ficou na frente da mesa de Tensley, lhe dando um último olhar longo e sombrio que dizia mais do que as palavras jamais poderiam.

Uma vez que ele bateu a porta maciça, Tensley apoiou sua cabeça entre as mãos, respirando fundo.

Sem pressão.

Assim que ele se levantou para pegar um uísque, a porta do escritório se abriu e uma mulher de cabelos escuros entrou. Suas características não eram suaves e despreocupadas; elas eram

duras e ferozes, e ele jurou que ter ouvido um grunhido deixar sua boca apertada.

— Quem é ela?

Ele suspirou pesadamente. Ele não tinha certeza de como lidar com ela, ele não queria, mas não conseguia descobrir como evitá-la. Ele não queria envolvê-la e não tinha tempo para lidar com mais complicações.

— *Evelyn*, eu lhe disse ontem à noite: não posso dizer. Meu pai quer manter segredo até novas ordens.

— Besteira! — Evelyn segurou a parte de trás da cadeira de couro vazia e se inclinou para frente, lhe dando o seu olhar fulminante. — Ela é uma superior? Diga-me quem ela é e por que diabos você terminou comigo! — O couro se rasgou sob suas unhas vermelhas, mas não se intimidou.

— Eu já lhe disse. — Tensley falou com os dentes cerrados. — Eu. Não. Posso. Dizer. Nada!

— Então seu pai apenas decidiu a um mês que você precisava de um casamento arranjado? — Seu rosto se tornou mais vermelho, quase tão vermelho quanto às unhas. — E você decidiu uma semana atrás soltar a maldita bomba de que se casaria? Os nossos cinco anos juntos significaram *algo* para você?

O peso que ele estava evitando, o peso da *culpa*, esmagou o ar de seus pulmões.

— Você sabe como me sinto sobre você, — ele disse, genuinamente atormentado. — E por sua segurança, não posso te contar mais nada sobre isso.

Evelyn ergueu os olhos de suas mãos trêmulas, os olhos castanhos molhados e brilhantes com lágrimas. O peito dele doía. *Não chore, porra. Ela nunca chorava!* Tensley se levantou e foi até ela, segurando suas bochechas macias nas mãos. Ela lutou, finalmente cedendo com um gemido.

— Tensley... — ela sussurrou, enviando a dor em seu peito a novas alturas.

— Shh. Eu tenho um plano. Vou descobrir algo.

Suas mãos baixaram de seu rosto para o pescoço, depois sobre os ombros e desceram, traçando suas curvas até se instalarem em seus quadris largos.

— Eu já falhei com você? — Seus lábios se curvaram em um sorriso arrogante, aquele que ele sabia que ela mais amava.

Sua expressão crua e dolorida ficou gelada, e Evelyn voltou a sua ferocidade normal.

— Apenas saia dessa bagunça.

Com isso, ela afastou suas mãos e saiu da sala como um soldado depois de uma batalha - se tinha ganhado ou perdido em sua mente, Tensley não poderia dizer.

Quando ela estava fora de vista, ele esfregou a mandíbula. Ele iria encontrar uma maneira deles ficarem juntos.

Ele só precisava fazer o plano funcionar, e então poderia continuar com sua vida como se Molly Darling não existisse.

CAPÍTULO 04

Molly quase se convenceu na manhã seguinte que Tensley não voltaria.

Ele não existe.

Ela penteou os cabelos encaracolados fora de seu rosto com a escova amarela de sempre, escovando de forma viciosa até que ouviu um ruído e se impediu de quebrar a escova ao meio.

Calma. Devagar.

Escova estúpida.

Emoções estúpidas.

Ela vestiu uma blusa azul-bebê e a combinou com uma saia preta plissada para o trabalho, completando a roupa com seus grandes óculos de sol. Ela observou sua coleção enorme de sapatos vintage de anos anteriores que acabou deixando na casa de seus pais em vez de levar para o apartamento, e escolheu um par que sabia que não a desapontaria naquele dia.

Está tudo bem.

— O que ele fez?

Molly girou, aterrorizada, mas era apenas o pai dela na porta, bolsas escuras sob seus olhos azuis geralmente felizes. Quando ela olhou para ele, as palavras de Tensley cantaram em sua cabeça.

Ele destruiria sua vida, começando com as pessoas que lhe eram próximas.

Ela relaxou seus traços e sacudiu a cabeça.

— Ele não fez nada, pai. Nós conversamos.

A última coisa que queria era que seu pai entrasse em outro confronto com Tensley, caso o demônio realmente quisesse dizer o que havia dito sobre a remoção dos membros de seu pai.

— Olha, eu preciso ir para o museu.

Evitando o contato visual, ela passou por ele e desceu.

— Ele disse alguma coisa? — Fiona falou da cozinha.

— Ele disse que é meu noivo.

— *Noivo*? O contrato nunca disse nada sobre isso. — Derrek apertou as mãos em punhos.

Sua mãe torceu as mãos suaves, agora bloqueando a saída de Molly pela porta da frente.

— Deve haver uma saída. Não podemos fazer algo?

— Eu não sei...

Molly tinha ouvido a história muitas vezes, mas, à medida que envelhecia e as sombras nunca retornaram, ela se enganou ao acreditar que não era verdade. Claro, foi contado a ela pedaços que seus pais achavam que deveria saber, sem as partes que achavam que ela não deveria saber.

— Vamos descobrir algo, — disse Fiona, com os olhos arregalados e sem foco. Então, suas feições se torceram em um sorriso forçado.

— Que tal você não ir ao museu hoje e termos um dia de spa?

Molly suspirou.

— Você sabe que não posso faltar ao trabalho. Eu me esforcei muito para entrar.

— Nós poderíamos facilmente encontrar um novo estágio. Algo bem conhecido e de sucesso. — acrescentou o pai.

— Eu consegui sozinha. Eu não quero mais ter que depender de você e da mãe, — disse Molly, uma sensação de frio agitando atrás de seus olhos. Ela respirou fundo; ela precisava ficar sã e manter um senso de normalidade. — Eu preciso ir.

Molly passou por ela e entrou na Madison Avenue, se certificando de que seus óculos de sol estivessem firme em seu rosto.

A rua estava cheia e ruidosa, e o estômago de Molly resmungou por rosquinhas de chocolate pegajosas enquanto olhava para a vitrine de uma padaria. Ela se absteve diligentemente, em vez disso pegou os cafés e chás diários para seus colegas de trabalho, e um bagel integral com cream cheese. Se ela quisesse entrar na linha de trabalho que ela sonhara, precisava começar de baixo, mesmo que isso significasse pegar cafés e lavagem a seco para subir. Junto com essas coisas, ela começou a pesquisar, e isso suprimiu seus desejos.

Quando chegou ao Museu das Musas, ela distribuiu os cafés e os chás para cada gerente, assistente do gerente e assistente do assistente do gerente, e estava sentada em sua pequena mesa de pastas coloridas organizadas quando alguém falou.

— Senhorita Crawford?

Molly saltou em seu assento ao nome de solteira da mãe. Foi a *melhor maneira* de conseguir seu estágio, sem a ajuda de seus pais. Ela se virou para ver sua chefe, a Sra. Everett bem perto.

— Sim?

— Você tem um momento?

O coração de Molly acelerou. *Oh merda, serei demitida. Eu estraguei tudo?* Ela assentiu, seguindo a figura alta da Sra. Everett

pelo elegante corredor branco, concentrada na batida de seus saltos. Quando entraram em um escritório grande com vista para o Central Park, respirou fundo e sentou na frente dos outros curadores do museu aguardando, Sr. Cho e Sra. Albinson.

— Seus óculos de sol, Srta. Crawford? — Questionou a Sra. Albinson. Molly tocou sob seus óculos, seu coração palpitando. *O que diabos está acontecendo?*

— Ela é muito sensível à luz. Ela foi autorizada a usá-los. — respondeu a Sra. Everett.

— Srta. Crawford, este é o seu segundo verão trabalhando conosco. — Molly acenou com a cabeça para o tom calmo e pausado da Sra. Albinson, sua testa larga enrugada. — E você vai voltar para Columbia no outono?

— Sim. — Molly grunhiu. — Estudar Artes e Humanidades, de preferência Estudos Museológicos.

— Entendo. Você teve a nota mais alta da sua turma, você dirigiu o Programa escolar de intercâmbio internacional em Columbia, e você fala fluentemente francês, inglês e espanhol; bela lista de conquistas para alguém da sua idade, — murmurou Albinson, lendo o currículo dela.

Molly tocava a bainha da saia.

— Eu amo línguas, então queria me concentrar nisso.

A Sra. Albinson se recostou na cadeira e ajustou os óculos negros.

— E no que você tem trabalhado recentemente?

— Eu tenho pesquisado uma exposição focada nos tribunais Deccan da Índia durante o século XVI com o Sr. White. A própria arte desse período de tempo é; — respirou fundo, vendo isso em sua mente — de outro mundo; É lirismo poético em pinturas, se você quiser.

Molly piscou algumas vezes por trás de seus óculos e pegou sorrisos fracos em seus rostos.

O Sr. Cho colocou a caneta sobre a mesa e cruzou os dedos na frente dele.

— Você certamente parece ter uma paixão por trabalhar aqui. O que estamos propondo é que você trabalhe aqui no próximo ano letivo como estagiária *remunerada*. Só assumimos alguns durante o ano, e escolhemos aqueles que sentimos que valem a pena. — Ele fez uma pausa. — Mas para nós escolhermos você como um dos nossos poucos estagiários remunerados, devemos saber se você pode lidar com isso. O trabalho exemplar nos próximos meses irá lhe garantir a posição.

Molly se sentou com a boca aberta, os olhando por mais tempo do que o necessário. *Isso não pode estar acontecendo.*

— Nós sabemos que este museu não é tão conhecido em comparação a outros na cidade e não temos seu tipo de financiamento, mas estamos interessados em você se tornar parte de nossa equipe de estágios. O que você diz? — Perguntou a Sra. Everett.

— Sim, *sim*, é claro! — Molly juntou as mãos e sorriu amplamente para eles. — Muito obrigada.

Molly saltou alegremente para fora da sala. Se ela conseguisse o estágio remunerado, não precisaria se preocupar em voltar para a casa dos seus pais ou em buscar um emprego de tempo parcial de baixa remuneração. Ela correu de volta para sua mesa para devorar a papelada e, enquanto pegava uma caneta, seu coração começou a desacelerar, o anel a lembrou da escuridão que se aproximava, o anel estúpido que ela não podia remover. Ela precisava de um plano; ela precisava de uma estratégia de fuga.

Quando terminou a pesquisa, viu que era três e dez. *Merda!* Ela vasculhou sua bolsa pelo telefone e viu que várias mensagens de September e várias chamadas perdidas preenchiam a tela. As últimas:

September 3:01 PM

Oi, estou aqui.

vein of love
R. Scarlett

September 3:05 PM

Estou com fome e não recebi meu McDonald's ontem à noite. Mentiras.

September

3:09 PM

Sério, onde diabos você está?

September

3:11 PM

Molly querida, preciso ir aí e chutar seu traseiro?

Molly reuniu suas coisas e se despediu dos seguranças. Ela correu para o sol e suspirou com o calor, longe do gelado ar condicionado.

September caminhava pelos degraus, equilibrando um lápis na parte de trás da mão. Molly se aproximou dela cuidadosamente, abraçando seus livros ao peito.

— Ei, September, desculpe, estou atrasada e pela noite passada também. Fiquei cansada e fiquei na casa dos meus pais.

— Meu estômago perdoa você. — September espanou seu jeans rasgado e desgastado que estava usando. Seu cabelo castanho escuro estava trançado, com fios aleatórios tingidos de vibrantes azuis, amarelos e rosa. — Então? Por que você está sorrindo?

Molly riu. *Não consigo me conter!*

— Bem, acabaram de me oferecer uma chance de um estágio remunerado durante o ano escolar...

— De jeito nenhum! — September bateu palmas. Elas se abraçaram e um pouco do cabelo de September entrou na boca de Molly.

— Entãããã... — September se afastou, balançando em seus pés. — Como *foi a* noite passada? Você não está enganando ninguém com essa besteira “fiquei na casa dos meus pais”. Você tem idade suficiente para ir à casa de um cara. Não vou julgá-la, mas você tem *que* me contar.

Molly mastigou o interior de sua boca.

— Posso comer o equivalente ao meu peso corporal em produtos assados primeiro?

— Ohhh, não. Desembuche. — September cruzou os braços.

— Não é nada, — insistiu Molly, tentando um sorriso fraco.

Isso lhe valeu uma sobrancelha levantada.

— Mol, você pode me dizer.

Molly arrastou seus Kate Spades pretos contra o concreto.

— Você sabe alguma coisa sobre... Uhm... Demônios?

— Se contarmos certa ruiva que fez sua festa de aniversário na noite passada, então sim. Eu sei alguma merda sobre eles. — brincou.

Isso é estúpido: ela não vai acreditar em mim.

— Esqueça. — Molly suspirou, descendo os degraus.

September correu atrás dela e bloqueou seu caminho.

— Eu estava brincando. Bem, parcialmente. — Ela fez uma pausa. — Mas, na verdade, assisti *O Exorcista* se isso ajudar. Eu, no entanto, não consigo imitar um caranguejo descendo as escadas. Ninguém é tão habilidoso.

Molly forçou um pequeno sorriso.

— Estou sob muita pressão. O estágio, meus pais, a escola, sendo uma adulta, Ten... — Molly parou. Ela não podia contar a September sobre *ele*. E se fosse perigoso? Ela queria

voltar para o momento em que riram sobre a ideia de as sombras voltarem, voltar para quando não parecia real.

— Mol, se é a Stella e Tina, elas são umas cadelas, — disse September. — Você quer que eu faça alguma coisa? Porque os meus punhos adorariam encontrar seus dois rostos de plástico.

Molly estreitou os olhos.

— *September.*

September sorriu.

— O que posso dizer? Ser áspera está no meu sangue. Nascida no Brooklyn.

— Ei, garotas. — Ambas se viraram para ver Stella e Tina se aproximando.

Os ombros de Molly enrijeceram. Ela não sabia por que as duas estavam na frente do museu, já que elas aparentemente faziam questão de nunca ir a um museu em suas vidas.

— O que vocês estão fazendo aqui? — Molly olhou para as duas garotas.

Stella ergueu uma sobrancelha e olhou para Tina.

— A reunião dos Médicos Sem Fronteiras é no Plaza às quatro.

— Não, é só amanhã, — insistiu Molly, puxando sua agenda enquanto as herdeiras trocaram olhares céticos. Deslizando pelas páginas preenchidas a caneta, o dedo de Molly parou nas letras em negrito.

Droga.

Não era de o seu feitio esquecer os compromissos, mas com a chegada de Tensley, sua mente esteve ocupada.

— Você está muito ocupada no museu para nos acompanhar? — Tina cruzou os braços magros. — Nós entenderíamos, sua mãe pode ter um ataque, mas não importa para nós.

— Não, não, eu só... — Molly fez uma pausa. — Eu não dormi bem a noite passada, e esqueci isso.

Stella lhe deu um olhar longo e avaliador.

— Então, onde diabos você *foi*, querida? Depois de sair da minha sala, quero dizer. Eu planejei aquela festa *apenas* para você, e você nos abandonou. Queria que se soltasse por uma noite. — Molly podia ouvir a dor na voz de Stella.

— Eu tive que sair para ver meus pais. — disse Molly, olhando para September para obter apoio.

— Você tem dezenove anos agora. Eles que se danem. — Tina bufou. Seu sotaque de Nova York era mais forte do que o delas, o que só a fazia parecer mais exótica. — Muitos gatos ricos apareceram por lá depois que você saiu, também. Michael perguntou para onde você foi.

September olhou Molly com os olhos arregalados.

— Michael estava lá?

— Sim, ele voltou ontem à noite. Ele esperou por você Molly. — Stella interveio, todos os vestígios de sua dor anterior foram substituídos por arrogância. — Ele só veio porque você me prometeu que iria, e então você desaparece? Obrigada.

A paciência de Molly estava minguando.

— Eu *precisava* ir.

— Podemos ir comer? Estou literalmente morrendo de fome aqui! Você vem? — Disse Tina, as interrompendo. Ela sempre foi habilidosa em dissipar a tensão, embora estivesse inconsciente desse fato.

O estômago de Molly resmungou e ela olhou para September, sorrindo fracamente.

September revirou os olhos.

— Bem. Eu serei a mendiga roubando sanduíches. Será como nos bons e velhos tempos em Dalton High, exceto que

somos mulheres maduras e experientes agora, *quase* todas nós, pelo menos. Certo Stella? — September sorriu amplamente enquanto Stella bufava.

September e Molly seguiram atrás das outras até a Quinta Avenida, ouvindo-as discutir a política de seu mundo Upper East Side.

— Ela o deixou, e então dormiu com ele uma semana depois. — Stella disse, contando a história do último erro de Helen St. Jude.

— Bem, eu ouvi que ela dormiu com ele e depois com seu primo e depois largou os dois, — argumentou Tina, gesticulando para frente e para trás.

— Vocês duas estão descrevendo uma à outra? — Disse September se espremendo entre elas, empurrando as mãos nos bolsos do jeans que mal se mantinham em seus quadris.

— Você não tem algum carro velho para consertar? — Stella sibilou. September era obcecada por veículos antigos; seu pai era um mecânico e ela gastou uma boa quantidade de seu tempo livre durante os anos escolares o ajudando.

September zombou.

— Agora, senhoras, meus assuntos são bastante diferentes dos seus vulgares.

— Eles não vão deixá-la entrar no hotel vestida assim, — murmurou Stella sobre o ombro para Molly, os olhos arregalados para enfatizar sua desaprovação.

— Ela está bem, — argumentou Molly, caminhando em direção ao meio-fio. Ela queria se jogar na frente do trânsito; September e Stella brigavam assim desde que eram crianças.

Ela olhou para o final da rua para vê-lo, de pé na beira de uma fonte, com as mãos nos bolsos. Ela ofegou, chamando a atenção de seu pequeno grupo. Seu corpo congelou, um frio profundo percorrendo seus ossos. O impulso de se jogar na frente do trânsito aumentou.

Um sorriso se formou no canto de seus lábios cheios, e o coração de Molly parou. Molly tinha a sensação de que esse noivo demoníaco não iria a lugar algum.

Não sem ela.

vein of love
R. Scarlett

CAPÍTULO 05

Todo o sangue correu para a cabeça de Molly.

— Por que ele está aqui? — Ela murmurou para si mesma.

— Você o conhece, Mol? — Perguntou September, apertando os olhos para ter uma visão melhor. Quando Tensley simplesmente ficou no lugar e levantou a mão para acenar, Tina gritou.

— Quem é esse, Molly? — Tina puxou o braço de Molly. — Ele é seu brinquedo secreto? Vocês estão fodendo?

— Você não é britânica, então pare com o maldito 'fodendo'! — Stella repreendeu, balançando a cabeça.

Molly respirou profundamente para se recompor.

— Ele é um amigo que está hospedado com minha família.

— E você não nos contou? — Tina estava no limite da histeria.

— Apresente-me a ele! — Stella ordenou, cutucando o lado de Molly. — Posso mostrar-lhe a cidade.

— Você quer dizer seu quarto. — September bufou. Stella a encarou.

A ideia de ele passar algum tempo com uma delas fez com que o peito de Molly contraísse dolorosamente. Ele arrancaria seus pescoços.

— Eu tenho que ir, — ela murmurou.

— É melhor você ter uma boa transa por nos deixar! Detalhes! — Tina gritou.

Molly ignorou os olhares flagrantes de estranhos que ouviram a proclamação de Tina e se aproximou de Tensley com passos cautelosos.

— *Vá embora*, — ela sibilou. Mesmo completamente vestido, ela podia ver seus músculos enrijecendo dentro de suas roupas. Isso foi um aviso; não mexa comigo.

Tensley falou, meio sorrindo.

— Olá, *querida*. Eu deveria te dar uma boa transa agora?

Oooh, você é um idiota. Ela desejava muito ter carregado seu bastão de beisebol com ela para o trabalho hoje. Oh, com quanta eficácia ele teria partido seus belos dentes brancos.

Tensley se aproximou mais, sua respiração quente no rosto dela causando uma estranha contração de desejo do umbigo para baixo. *O que foi isso?* Suas mãos dispararam para cima com o contato, pressionando firmemente contra seu peito e o empurrando para longe.

— Me deixe em paz. — Molly rosnou, saboreando o quão surpreso ele pareceu. Ele achou que ela não faria uma cena em plena luz do dia? Ele estava errado.

Mais pessoas olharam ao redor deles, e as sobrancelhas de September subiram até o ponto em que ela parecia sentir dor.

Tensley agarrou sua mão, levando seus pequenos dedos para seus lábios em um beijo. Um calor abrasador a atravessou, e ela prendeu a respiração. O corpo inteiro de Molly pulsou com constrangimento e raiva... E uma sensação que ela se recusou a reconhecer. Sua mente ficou nebulosa e ela tentou afastá-la.

Atração.

— Não me tente, — disse ele contra sua pele.

Molly puxou a mão para trás e se esquivou de um grupo de empresários.

— Eu não quero que você roube minha *energia* ou o que seja.

Tensley zombou.

— Estamos nos ajudando mutuamente, não foi o que eu te disse? Você também está se beneficiando dos meus poderes. Você pode absorver minha força.

Sua mão pegou seu pulso de novo e o engoliu facilmente.

— Posso? — Ela odiou o quão ansiosa soou e mordeu seu lábio inferior. Ela não lhe deu uma chance de responder.

Quando Molly olhou para trás, suas amigas ainda estavam observando, então acenou para tentar aliviar a óbvia preocupação de September.

— Nunca mais faça isso, — advertiu ela entre dentes uma vez que estavam fora da vista.

— Fazer o que? Beijar sua mão como um cavalheiro? Sem problema. — Ele riu. — Você deveria estar lisonjeada por *me* ter.

Bastardo arrogante.

— Eu estou qualquer coisa menos lisonjeada, — ela cuspiu, parando abruptamente na calçada.

Ele sorriu ameaçadoramente, e ela podia jurar que detectou uma pitada de aborrecimento.

— Você não entende. — Ele inclinou a cabeça e se aproximou. — Mas, como você não entende *quem* eu sou, deixarei passar desta vez.

— *Pico*, — ela murmurou em voz baixa.

Ele levantou o queixo, olhando-a com os olhos gelados.

— Você sabe que eu sou italiano, certo? E que italiano é muito próximo do espanhol? — Ele abriu os dentes como o

verdadeiro demônio de seus pesadelos. — Você acabou de me chamar de pau em espanhol, *si*?

Ah Merda. Ela se lembrou e ergueu uma sobrancelha.

— Certo, tudo bem. Eu começarei a insultá-lo em francês, então.

— Vá em frente, não siga as minhas ordens. Veja o que acontece com sua família, — ele sibilou.

Molly o olhou, ardendo de ódio. Por que ela não podia apenas feri-lo com seus olhos abençoados, hein? Tirar os óculos de sol e transformá-lo em pó por ameaçar a família dela?

Ele levantou a manga do terno para verificar o relógio antes de agarrar seu braço novamente.

— Estamos atrasados.

— Atrasados? Para quê?

Ele a puxou junto com ele, apertando o pulso dela.

— Uma reunião que espero a manterá escondida por mais tempo.

Ela piscou. *Escondida?*

— Reunião com quem?

— Pessoas que podem nos ajudar, — afirmou vagamente.

— Muito esclarecedor. — Ela puxou a mão para trás. — Eu não vou a lugar nenhum com você...

Ele a puxou com ele. *Ugh!*

— Você quer outra górgona perseguindo você como na noite passada?

— Não.

— Então, se mexa!

— Então, me solte!

Tensley fez o que ela pediu e Molly envolveu seus braços ao seu redor. Ela imaginou ele ameaçando seus pais, batendo

neles e se encolheu. Ela não pôde aguentar e começou a andar ao lado dele em um silêncio lívido. Ela tinha que protegê-los. Quando Tensley se dirigiu para um condomínio de tijolos brancos, protegido por um grande portão, Molly inalou. Ele, ou quem possuía isso, tinha dinheiro — muito dinheiro e poder. Era enorme e elegante, videiras verdes escuras descendo em cascatas sobre a pedra, cuidadosamente aparadas.

— Espere, — gritou Molly quando Tensley avançou.

Tensley fez uma pausa antes de entrar na bela casa e olhou por cima do ombro para ela.

— O quê?

Ela balançou a cabeça e recuou.

— Eu não vou entrar aí com você. Por tudo o que sei, você poderia ter uma sala de tortura lá dentro!

A cabeça de Tensley se ergueu para o céu enquanto passava suas mãos pelo rosto, gemendo.

— Você deve estar brincando comigo... — Sua cabeça baixou, os olhos afiados. — É do seu melhor interesse entrar antes que eu carregue você.

Os braços de Molly se fecharam em torno de sua cintura. Mesmo quando o medo apertou sua garganta, ela temeu o que estava além dessas portas douradas.

— Eu não entro ali de jeito nenhum.

— Por amor de mer... — Tensley sugou bruscamente, se calando. Ele apontou para a mão dela. — O que você sabe sobre isso?

Molly franziu a testa.

— Uh, bem, eu o tenho desde que sua família nos visitou quando eu tinha seis anos, e não consigo removê-lo — *de maneira nenhuma*.

— Nossa reunião de ontem à noite não foi porque eu de repente senti o desejo de ter um animal de estimação, — disse ele, apontando para ela.

— Eu não sou um animal de estimação, seu vira-lata!

— Eu tive que intervir para parar a górgona que a encontrou, porque esse anel falhou em mantê-la escondida, que é o que ele tem feito desde a noite em que o colocamos no seu dedo.

Molly franziu a testa.

— Me manter escondida?

— De demônios.

Bem, merda. Ela olhou para o anel descolorido.

— Você tem duas opções: me acompanha até as pessoas que podem ativar novamente a proteção, ou fica aqui e corre o risco de ter seus órgãos rasgados pelo primeiro demônio que a descobrir. De qualquer forma, não me importo. Faça como quiser.

Sem outra palavra, ele se virou e marchou até os degraus brancos.

O peito de Molly apertou com a lembrança dos dentes da górgona raspando sua garganta e a ideia de se livrar de Tensley caso o anel voltasse a funcionar fez seus pés se moverem atrás dele.

Molly chegou à porta assim que ele abriu agarrou seu pulso, a puxando para perto.

— Fique perto quando entrarmos. Não diga uma palavra, não olhe para cima, entendeu?

— Estou em perigo?

Ela odiava como sua voz insinuava suas emoções escondidas, seu medo, e que ela estava à beira das lágrimas.

Ela não conseguiu reunir a coragem de olhar para os olhos dele, mas viu sua mandíbula relaxar e o pomo de Adão

mexer nervosamente. Ele colocou uma mão suave em seu ombro.

— Apenas me escute e deixe-me falar, ok? Você estará segura ao meu lado.

Molly assentiu com a cabeça; todos os traços de brincadeira sumiram de sua voz, e ela levou isso a sério.

Uma vez que entraram, uma enxurrada de rostos e atividades num corredor decorado com art deco, sussurrou sobre a garota estranha com Tensley.

— Quem são essas pessoas? — Perguntou Molly, tentando acompanhar os passos de Tensley e observar os homens que estavam em cada porta, impassíveis como estátuas.

— Empregados.

— Do que? De quem?

Ele bufou e passou a ignorá-la, continuando por outro corredor até um conjunto de portas francesas de madeira polida. Ele as abriu, sem se preocupar em segurá-las para ela antes de entrar.

Tensley murmurou em voz baixa, logo que entraram no escritório escuro e imaculado decorado em tons de preto, cinza e azul escuro. Molly parou na entrada, sem saber se deveria segui-lo. *Quero dizer, ele não bateu a porta na minha cara. Isso já é alguma coisa.* Ela se aproximou mais. Ela olhou para as estantes embutidas cheias de livros de capa dura grossa. Ela doía para correr o dedo ao longo de suas lombadas e ver quais livros ele tinha. Ela se aproximou das cadeiras e viu Tensley virar papéis e arquivá-los.

Eu me sento? Fico de pé?

— Onde estão eles? — Ele sibilou em voz baixa.

Molly ficou rígida.

— Uh...

Alguém riu atrás dela, e ela girou para ver a mesma garota da noite anterior.

— É bom ver vocês dois também, — disse Lex, balançando a cabeça. Tensley lhe lançou um olhar em resposta.

— Eles estão esperando há uma hora.

Tensley sentou-se a grande mesa de carvalho presumivelmente dele e arrumou seus papéis.

— Bem, *alguém* não estava onde deveria estar.

Molly ficou nervosa.

— Eu estava trabalhando. Não estou autorizada a fazer isso agora?

Seus olhos brilharam brevemente para ela, e depois de um longo olhar, ele se virou para Lex.

— Mande-os entrar.

Lex sorriu para Molly e desapareceu atrás das portas.

— Sente-se.

A ordem simples e rápida surpreendeu Molly. Ela queria muito desafiá-lo, mas estar dentro de suas paredes significava que ele teria a vantagem em uma briga. Ela sentou e olhou os itens em sua mesa, evitando seu olhar.

Quando ela olhou para cima, ele a estava estudando atentamente, lábios entreabertos, e ela se pegou os imaginando entre seus dentes

Uma batida soou na porta. Ela sacudiu o pensamento. *Graças a Deus.*

— Entre, — disse Tensley bruscamente.

Lex entrou com outros dois homens, um mais velho com uma barba de grisalha desgrenhada que escondia suas feições e outro com cabelos castanhos desbotados e nariz curvado.

Que eles possam nos ajudar com o anel... Por favor, por favor, me ajude!

Lex fechou a porta atrás dela, deixando os quatro olhando um para o outro.

— Nomes. — Tensley se levantou, abotoando a frente do casaco de seu terno.

— Albert, — disse o mais velho com uma voz rouca dos anos de fumo.

— Jackson, senhor, — disse o outro, seus olhos fixos em Molly.

— Vocês conseguem consertar isso? — Perguntou Tensley.

Molly olhou de um para o outro, tentando descobrir por conta própria. Todos os olhos se concentraram nela e ela se acalmou.

Tensley rodeou a escrivaninha e ergueu Molly pelo ombro, segurando sua mão esquerda para eles.

— Conserte. Agora.

Molly tentou encolher os ombros de seu domínio.

— Calma!

Os dois homens olharam para Tensley, assustados com a sua veemência, antes que o foco de Albert se movesse para o dedo indicador de Molly. Ele deslizou o polegar sobre o anel descolorido.

— O que... O que você vai fazer? — Molly tentou remover sua mão, mas Tensley a segurou firmemente com punho de ferro.

Albert fechou os olhos e começou a cantar, repetidamente, seus dois dedos pressionados contra o anel. Suas palavras se tornaram cada vez mais rápidas e logo ele ficou sem fôlego.

Os traços de Albert caíram e ele observou Tensley cautelosamente.

— Não funcionou. O feitiço usado antes é muito complexo, e... A essência dela é muito forte para ser escondida.

Essência? Afinal, o que isso quer dizer?

O aperto de Tensley aumentou.

— Você. Você faz isso agora. — Tensley ordenou a Jackson, segurando a mão de Molly em sua direção.

Molly sibilou baixinho.

— Sério, pare de me tratar assim, apenas os deixe consertar o anel.

— Não. — Jackson sorriu zombeteiramente para ele. Toda a sala ficou em silêncio nas palavras de Jackson.

Tensley ficou rígido ao lado dela. *Ah Merda.*

— Não?

— Vamos fazer um acordo. Você me dá uma centena de níxes e não vou discutir o seu novo brinquedo com outros Superiores, — disse Jackson, encostado na porta fechada examinando suas unhas.

— *Jackson*, — advertiu Albert.

Jackson acenou.

— Se ela fosse humana, o feitiço de camuflagem seria fácil. A magia negra está criptografada e, como os nossos cantos não funcionaram para ocultá-la, acho que ela não é humana. Você pode aceitar o acordo, me dar o dinheiro, ou vou fazer meu próprio acordo com outro Superior que tenho certeza ficaria muito intrigado.

Tensley largou o pulso de Molly e se ergueu totalmente.

— Diga-me, sua desculpa patética de mago, você está *me* ameaçando?

Molly se encolheu em seu tom, no limite de perder seu temperamento. Isso não seria bom.

Jackson tentou evitar que sua fachada calma quebrasse, mas uma pitada de raiva brilhou em seus olhos.

— A família Knight não é o que costumava ser. Você é fraco, e se não o ajudarmos, o que vai fazer conosco, hein? Você é mole, assim como seu irmão. — Disse Jackson, sua bravura inabalável enquanto Albert assistia com horror. Molly

sentiu como se estivesse pisando em vidro enquanto observava os dois homens se confrontando.

A figura de Tensley ficou turva, fazendo com que Molly ficasse tonta e a próxima coisa que viu foi, a garganta de Jackson apertada em seu punho branco. *Oh Deus!*

Tensley se aproximou.

— Eu não gosto de magos - inferno, eu os odeio. Mas eu poderia ter arrancado seu coração batendo algum tempo atrás. Eu não preciso de você; eu posso sobreviver sem você. Não me desrespeite. Não confunda astúcia com *suavidade*, porque vou arrancar seus intestinos e empurrá-los pela sua garganta sem pensar. Estamos entendidos?

Molly apertou o peito, afastando-se. *Não faça isso, Tensley. Não faça isso.*

Jackson sibilava, os dedos dos pés raspavam no chão. Quando Tensley soltou o colarinho, uma parte do pânico saiu do peito de Molly. Jackson pousou pesadamente no chão, ajustou sua roupa e cuspiu diretamente nos sapatos polidos de Tensley.

Não!

— Você é um bastardo demoníaco patético e fraco, — sibilou Jackson, empurrando Tensley.

Era como tentar empurrar um trem de carga, e Molly observou enquanto o maxilar de Tensley se fechava e suas narinas se abriam.

Ah não.

Tensley agarrou Jackson pelo pescoço e bateu a outra mão no peito do bruxo. Um som úmido e doentio ecoou no escritório, e Tensley lançou Jackson um momento depois, deixando cair outra coisa no chão. O corpo bateu no chão e algo caiu no chão ao lado dos sapatos de Molly.

Molly olhou para a forma vermelha e úmida, por alguns instantes incapaz de processar o que era.

Um coração.

Seus olhos viajaram dos sapatos polidos de Tensley para o corpo sem vida, um buraco sangrento no peito.

Ele arrancou seu coração.

Molly cambaleou, lutando contra a náusea e colidindo com Albert. O outro feitiço a estabilizou, pegando sua mão úmida na sua. Ele empurrou um pedaço de papel amassado na palma da sua mão.

— Afaste-se dela, — disse Tensley, olhando para Albert enquanto ele recuava. Tensley se aproximou de sua mesa, abriu a gaveta e usou um lenço branco para limpar a mão. Ela observou as manchas vermelhas no tecido branco puro e tentou respirar pelo nariz, sem ousar abrir a boca. Depois de um silêncio arrepiante, ele falou novamente, a voz tensa.

— Então não podemos escondê-la. O anel não pode ser consertado.

— Não por mim ou ele. — Albert apontou o corpo sem vida de Jackson e empalideceu. — Não, quando ela é tão forte.

O coração de Molly doía da perda da capacidade de escapar de Tensley e do mundo dele.

— Saia então.

A voz de Tensley era sem emoção, pausada e, quando Albert não se moveu, claramente em estado de choque, ele continuou com mais firmeza. *Ele é um bastardo cruel.*

— Se você quiser manter sua cabeça intacta, recomendo que você siga nosso contrato e *saia*.

Enquanto Albert atravessava as portas e as fechava, Molly de modo trêmulo escorregou o papel que ele lhe entregou no bolso da saia. Ela não conseguia entender como ele estava tão calmo, tão firme e tão *bem* depois de matar um homem. *Como ele pode fazer isso? Ele era filho de alguém!* Ela ficou no meio do escritório, evitando olhar o *coração humano* no tapete próximo.

— Você o matou. — Saiu como um gemido, e ela se perguntou se poderia realmente vomitar.

O peito de Tensley tremeu quando suas palmas, antes sangrentas, descansavam contra a cadeira de couro mais próxima dele. — Não chegue mais perto.

— Ele era filho de alguém! Ele tinha uma vida, era um ser vivo, que merecia uma vida e você tirou isso dele.

A cabeça de Tensley se moveu ligeiramente como se tivesse sido afetado por suas palavras, e ele esticou o corpo.

— E agora, ele é um corpo... — Molly mordeu o lábio para parar de chorar, mas o calor inundou seus olhos e rolou por suas bochechas. — Você o matou, seu monstro! Sua besta doente...

— Ele iria machucá-la! Foda-se! — Sua mão bateu na cadeira, a derrubando. — Não funcionou!

Molly franziu a testa, recuando para sua figura tremendo.

— O que não funcionou?

Ele girou, seu rosto contorcido de raiva.

— Esse maldito anel! Tem te protegido desde que você tinha seis anos, escondendo-a de outros demônios. O feiticeiro que fez o anel está morto, tal como esse *anel*. Foi assim que a górgona a encontrou; É assim que os outros poderão encontrá-la!

Molly levantou as mãos como faria com uma besta raivosa, toda a sensação de horror se dissipando. Ela precisava sobreviver a isso, e ele estava claramente se perdendo.

— Tensley... Acalme-se...

— Você sabe o que isso significa? Significa que eu não posso escondê-la, os demônios começarão a notá-la e farão qualquer coisa para te pegar! — Ele avançou, levantando o dedo no ar. — Você não entende isso, então me deixe explicar. Estou

na sua casa por causa *disso*, porque você nem entende suas habilidades ou como usá-las, e eu sim. Eu não escolhi viver na sua fodida casa Brady Bunch. Eu faço isso por *você*!

Ele se moveu muito perto para seu conforto enquanto gritava, suas veias como cordas em seu pescoço. Seus olhos se transformaram de cinza para uma escuridão desumana.

— Tensley! Pare! — Molly gritou, tropeçando para trás, examinando a sala por uma arma, por uma fuga, qualquer coisa!

Ele rosnou monstruosamente, dobrando o tronco quando fechou os olhos e cavou os dedos nas coxas, como se estivesse se batendo.

As portas se abriram, silenciando ambos. Um homem alto estava na entrada, examinando Tensley e Molly.

— Acalme-se. Mantenha seu lado demoníaco sob controle, — disse o recém-chegado, correndo para um Tensley enraivecido.

— Os malditos magos provocaram, Illya. — Tensley sibilou. Ela viu o brilho de suor em sua testa, como se ele estivesse fisicamente se segurando. Illya olhou para o feiticeiro morto e franziu a testa.

Os olhos de Illya encontraram os úmidos de Molly, e ele se aproximou cautelosamente. Seus ombros levantados, ainda no limite. *Posso confiar nele? Ou ele também vai quebrar meu pescoço?*

Seu cabelo amarelo estava escovado para um lado com um pico de viúva⁹ distinto, e seus brilhantes olhos azuis pareciam genuínos.

— Eu sou Illya. Não tenha medo; Nós não vamos machucá-la. — Ele usava roupas simples: uma camiseta

⁹ O pico de uma viúva é um ponto em forma de V na linha do cabelo no centro da testa. O crescimento do cabelo na testa é suprimido em um par bilateral de campos periorbitais. Sem o pico de uma viúva, esses campos se juntam no meio da testa para dar uma linha fina que atravessa diretamente.

jeans e calças verdes escuras, não como Tensley em seu terno. — Você deve ser a noiva de Tensley?

— Apenas *Molly*.

— E você é um daemon?

Molly recusou.

— Não! Quero dizer... Eu acho que...

Isso chamou a atenção de Tensley.

— Você é um daemon.

Ela passou suas mãos trêmulas através de seus cachos emaranhados.

— Pare de me chamar assim! Eu não sou, ok? Eu sou apenas Molly, e não quero nada disso! Nada disso!

— Você é um daemon, — disse Tensley, aparentemente recuperado de sua turbulência interior. — Seus olhos são o que os demônios se referem como *abençoados*. Os gregos chamavam de demônios da Raça de Ouro, guardiões dos seres humanos, para protegê-los contra o nosso tipo.

Ela torceu as mãos, muito teimosa para ouvi-lo.

— Isso é... Isso é loucura. — *Ele está louco.*

Tensley riu uma vez, enxugou as mãos grandes nas calças e limpou a garganta.

— Isso faz todo o sentido. Seus olhos param os avanços dos demônios. Você é poderosa; só não sabe disso ainda.

— Apenas pare. — Ela se afastou dele, acenando. Ela precisava de ar, ar fresco.

— Se tivermos um filho, ele herdará os dois genes. Você sabe o que isso poderia significar? Um demônio que poderia parar os outros com um olhar e com sua força, essa criança seria mais poderosa do que qualquer um de nós.

Molly congelou, observando os sapatos manchados de sangue de Tensley. *Não, não, eu ouvi isso errado. Ele não falou em um bebê...* Sua voz distante e abafada vibrou na cabeça, mas ela não estava ouvindo. Ela se sentiu muito quente e o calor atingiu seu rosto, logo descendo por sua garganta a sufocando. Enquanto ela girava, viu o corpo e tropeçou de volta.

— Um bebê? Você disse... Um bebê, oh Deus, isso não está acontecendo... Nunca! Pare de falar, cale-se!

Ela sugou ar através de seus lábios em pequenas inspirações, pontos brancos dançando em sua visão.

A sala ficou em silêncio e ela não se incomodou em olhar, escolhendo se concentrar em suas mãos trêmulas.

— Leve-a para casa, — disse Tensley de algum lugar à sua esquerda; ela não conseguia mais se concentrar.

Illya pegou suavemente seu cotovelo, e Molly não conseguiu lutar contra ele. Quando eles passaram por uma planta num vaso, ela se afastou, olhando a estante de livros dançando, e então se concentrou no grande vaso, andando desajeitada, tonta.

— Desculpe, estou enjoada...

Molly vomitou, pedindo desculpas entre cada vômito.

Illya esfregou suas costas até que terminasse.

— Não se preocupe; Tensley cuidará disso. É o que ele merece.

Os joelhos de Molly se curvaram e Illya envolveu um braço ao redor de seus ombros, guiando-a através de algum tipo de porta dos fundos com muito menos pessoas. Eles pararam no quintal, e o aroma perfumado das gardênias acalmou o estômago de Molly.

— Ele o matou, — ela disse devagar, esfregando as têmporas.

— Eles provocaram seu lado demoníaco. Por favor, pare por um momento. Você não parece bem.

Illya levou Molly para um banco de ferro forjado perto de uma pequena fonte com um anjo alado levitando sobre a água. *Irônico.*

Molly se sentou pesadamente.

— Seu lado demoníaco?

Illya assentiu, colocando uma palma gelada na sua testa suada. Ela recuou.

— Nós fomos amaldiçoados com dois lados alguns se entregam mais ao lado demoníaco.

— *Lado demoníaco*, — ela repetiu, balançando a cabeça. Illya tinha um sotaque fraco e discreto, mas de onde, ela não sabia.

— Uau. Acabei de ver alguém morrer. Tipo... Morto. No chão. Coração arrancado. E *ele* fez isso. — Molly olhou para Illya, os músculos do estômago sofrendo com a violência de seu vômito. — Ele é um monstro. — Ela balançou vigorosamente a cabeça. — Eu não vou... eu não vou casar com ele. Não farei nada com ele!

Illya balançou a cabeça.

— Ele não é um monstro, você apenas o pegou em um momento ruim.

Um momento ruim? Haveria um bom momento? Talvez ele só matasse pessoas nas terças.

— Eu preciso... Eu preciso ir. — Ela se afastou do controle dele, passando por violetas florescendo e rododendros¹⁰ fúcsia em direção ao portão. *Tanta beleza... Para mascarar a morte.* Os passos suaves de Illya a seguiram, e Molly olhou para trás quando se sentia firme o suficiente.

— Illya, por favor. Não me siga. Estou bem.

¹⁰ Tipo de flor. É da mesma família das Azaleas.

Suas sobrancelhas levantaram, mas depois de um segundo, ele parou de se mover. Enquanto se afastava, ela verificou para vê-lo parado onde o deixara e suspirou de forma desigual. Ela acelerou se afastando da mansão, batendo contra vários ombros e murmurando desculpas distraídas.

Molly enfiou a mão no bolso da saia por seu celular, mas parou quando sentiu o papel amassado. Ela o pegou, o desdobrou lendo a escrita rabiscada.

Um lado: *Shoot the freak*¹¹.

O outro lado: *Athena*.

Molly enrugou a testa, balançando o papel para frente e para trás, se esforçando para juntar as peças. Não encaixava, não fazia sentido, e ela alisou o papel para endireitá-lo – como se isso ajudasse.

Shoot the freak?

O que isso significa?

¹¹ Tradução livre: Atire na aberração, Atire no louco. Para melhor compreensão do enredo, esta passagem deve permanecer sem tradução.

CAPÍTULO 06

Quando Molly entrou em seu pequeno apartamento, correu para o armário que usava como quarto e empurrou algumas peças de roupa e artigos de higiene em uma bolsa. Ela não podia ficar lá, não quando Tensley andava ao redor quebrando o pescoço das pessoas. Se ela fosse rápida o suficiente, September não a encontraria e nem faria perguntas.

Ela pegou alguns papéis soltos de sua pesquisa para o museu e para a casa de seus pais. Quando terminou de fazer as malas, Molly parou, olhando o pequeno quarto com seus tijolos vermelhos expostos e piso guinchando.

Ela só estava lá há alguns meses, mas era um lugar onde ela se sentia segura, sozinha.

E agora havia acabado.

A cortina — também conhecida como a porta de seu quarto — mexeu suavemente, e ela se virou para ver September vestida com a camisa listrada de Danny e os braços cruzados. Merda.

— Quem era aquele cara, Mol?

— Ele, uh, era um amigo, — murmurou Molly, voltando a fazer a mala.

September franziu a testa.

— Ele beijou sua mão.

Seu estômago caiu.

— Uh, sim, ele é estrangeiro. Eu acho. — *Você não tem ideia de como é estrangeiro.*

— Então o que está acontecendo?

— O que você quer dizer? Você não deveria ir trabalhar agora? — Molly fez mais uma rápida varredura do quarto, baixando os olhos.

— Oh, não, não mude de assunto. Por onde eu começo? O fato de você ter me evitado ou que você nem pareceu se importar que Michael, sua paixão ao longo da vida, estivesse naquela festa, porque agora você aparentemente tem um namorado estrangeiro?

— Ele *não* é meu namorado. — Molly respondeu um pouco rápido demais.

September enrugou a testa, parecendo surpresa.

— OK...

Molly deixou seu peso cair sobre o colchão barato e o peso em seu peito aumentou.

— September, eu... — Ela respirou, estudando as mãos: magras e delicadas, um único dedo ainda carregando o peso de seu aprisionamento. — Aconteceu. — Respirando fundo o ar úmido e pegajoso do apartamento, ela tentou se acalmar, a sensação de seus olhos brilhantes, lembrando *por que* ele a queria.

September sentou ao lado dela e esfregou suas costas.

— O que aconteceu?

— Tudo sobre o que brincamos, tudo que parecia loucura. — Molly soprou uma respiração áspera. — Eles voltaram.

September sacudiu a cabeça.

— Quem voltou?

— As sombras, as pessoas de treze anos atrás. Eles voltaram, September. Por mim. — Depois de uma pausa,

September se levantou e caminhou pelo espaço vazio que o armário de Molly ofereceu.

— Eu sei que é uma loucura, e você não vai acreditar em mim.

— Eu acredito em você, — interrompeu September, passando os dedos através de seu cabelo espesso. — Seus olhos incandescentes pra caralho, isso não é forçado. — Ela hesitou. — Então, o cara no museu...?

— Um demônio. — sussurrou Molly.

September olhou para Molly.

— Ele é um *demônio*? Como assim demônio? Tipo demônios, *demônios*? Satanás, demônios? Ele se transforma em uma coisa vermelha assustadora? — Então uma série de palavras espanholas saíram de sua boca enquanto ela apertava os punhos.

O estômago de Molly se torceu.

— Não! Quero dizer... Eu acho que não. Eu não sei! Pare de dizer coisas assim.

A ideia de que Tensley era algo ainda mais fisicamente desumano a deixava assustada.

Os olhos de September imploraram a Molly.

— Por que diabos você não me disse antes? No museu?

— Eu não queria que você se envolvesse. Eu estava com medo. — Molly esfregou seu ombro — Medo dele. Eu queria protegê-la. — Ela colocou a cabeça em suas mãos. — Ele diz que eu sou sua noiva.

— O que? Você está falando sério? — Quando Molly simplesmente olhou para September com os olhos vermelhos e inchados, a mandíbula de September

endureceu e ela cerrou os dentes. — Joder¹²! Oh, ele vai ouvir umas boas verdades de mim.

O coração de Molly parou. Ela pensou em Tensley arrancando o coração de Jackson por desrespeitá-lo, e depois na boca sem filtro de September. Molly não podia deixar que ela se machucasse. Ela teria que manter September o mais longe possível.

— Eu preciso ir, — disse Molly, jogando a bolsa sobre o ombro não ferido. September a seguiu.

— Aonde você vai?

A garganta de Molly ficou seca e apertada.

— Não é seguro você estar ao meu redor, September. Eu te amo muito, e não posso envolvê-la nos problemas da minha família. Por favor, não me faça ter que me preocupar com você também. Não posso arriscar que ele a machuque.

— Apenas fique aqui. Vamos descobrir algo.

— Meus pais têm um plano, — ela mentiu.

— Molly...

Molly explodiu.

— Ele ameaçou minha família! Ele ameaçou arrancar os membros do meu pai um por um se eu não fizer o que ele diz. E — e eu simplesmente o vi arrancar o coração de um homem por cuspir em seus sapatos. Eu não posso, não posso arriscar que ele machuque você também, ok?

September ficou parada em silêncio, os olhos arregalados.

— Ele fez o *quê*?

¹² A palavra original para foder em espanhol. Há também outros usos de foda em espanhol, incluindo chingar, follar, coger e carajo.

— Apenas fique longe de mim, ok? Até que eu possa resolver isso.

Quando Molly virou, com a mão na porta do maldito apartamento que ela aprendeu a amar, September falou.

— Molly, você é minha irmã. Não vou abandonar você.

— Você deveria, — disse Molly, com a voz tão cruel quanto podia. — Você deveria, porra.

Molly mordeu o interior de sua boca evitando chorar enquanto corria pelas escadas. Ela precisava se concentrar, precisava manter os que a rodeavam o mais seguro possível, e isso significava sacrifício.

Assim que a porta da frente da casa de seus pais fechou, Molly ouviu sua discussão acalorada e suas emoções já alteradas ficaram ainda piores. Quando entrou na sala de estar, todo o ar escapou de seus pulmões.

O traje geralmente impecável de seu pai estava rasgado, o lábio inferior inchado e sangrando. Ele fungou, esfregando a parte de trás de sua mão debaixo de seu nariz torto para limpar o sangue enquanto se dirigia para o sofá.

— O que aconteceu? — Molly não conseguiu esconder o tremor em sua voz quebrada. Seu pai não merecia isso, nada disso, e seu coração apertou com o conhecimento de que ela causou isso. Suas mãos doíam para alcançá-lo e abraçá-lo, mas ela congelou com medo de esmagá-lo com o peso de suas emoções o que significava que sua força estava incontrolável.

— Quem fez isto?

Ele caiu no sofá, abaixou os olhos e apoiou seu rosto machucado nas palmas das mãos.

— Eu tentei negociar com eles. Eu lhes disse para me levar em vez de você; Eu carrego o gene. *Minha* família é a maldita causadora de tudo isso.

— Derrek, por que você fez isso sem falar comigo? — Fiona tentou pegar sua mão, mas ele a afastou. — O que eles disseram?

— Eles disseram que não era bom o suficiente. Disseram que o daemon é o único que pode satisfazer o contrato. Aparentemente, os daemons estão quase extintos; Molly é a única conhecida que restou. Eles nunca vão desistir.

Eu sou a única que restou? De alguma forma, mesmo ao longo dos anos de ser uma pária, ela sentiu a solidão engolfa-la. Derrek lambeu o lábio ensanguentado e olhou tristemente para Molly.

— Por favor, vá lá para cima, querida, preciso de algum tempo para pensar.

Seu coração cedeu e ela se virou para sair, parando na cozinha para pegar uma enorme faca de açougueiro do bloco no balcão. Ela agarrou a faca e marchou para o andar de cima, mas parou.

Você quer machucar minha família? Tudo bem. Então vou te machucar.

Molly marchou para o quarto de hóspedes, curiosa se ele tinha mexido em suas coisas.

Ela bateu duas vezes na porta e quando não ouviu nada, olhou para dentro examinando o elegante quarto azul Royal. Seus olhos trancaram automaticamente na mala no chão.

Ela a abriu, mas estava cheia de livros. Livros velhos. Ela sentou sobre os calcanhares e os vasculhou. Muitos eram sonetos antigos e obras de Shakespeare. No topo da pilha estava um volume de capa dura, usado e desgastado por anos de uso. O símbolo de um escorpião, pronto para atacar, estava impresso na capa marrom avermelhada. Escrito acima escorpião estava o título: *O Rosier*.

Folheando as páginas grossas, ela não conseguia parar de ler. O livro afirmava que os demônios eram sem coração — isso não a chocou. Eles eram anjos e caíram quando os humanos os seduziram. Continuou dizendo que o parceiro do demônio, geralmente outro demônio, tinha que ser um companheiro forte para dar um ao outro poder. Se o companheiro de um demônio fosse poderoso, esse demônio também seria.

SEIS LEIS DA BABILÔNIA

I) Você não deve expressar puro afeto ou adoração sob pena de produzir um coração cheio.

II) Se alguém produzir um coração cheio, o Príncipe Herdeiro tomará as medidas apropriadas para remover a referida ameaça.

III) Você não deve interagir igualmente com um demônio que não seja da sua classe.

IV) IV) Você apoiará os Jardins Suspensos da Babilônia.

V) Você deve vigiar qualquer atividade suspeita e interferência entre outros demônios e a população humana.

VI) Qualquer ameaça ou oposição aos Jardins Suspensos da Babilônia será destruída através de julgamento e execução escolhidos pelo Príncipe Herdeiro.

— *Os demônios que têm relações com os seres humanos devem ser advertidos de que se fizerem amor continuamente com o humano, correrão o risco de desenvolver um coração cheio.*

Molly fez uma pausa, rolando o lábio inferior entre os dentes.

— Então ele *pode* desenvolver um coração? — Ela virou para a próxima página.

— *Se isso ocorrer, o Príncipe Herdeiro Fallen irá destruir o coração e, assim, o demônio renascerá...*

Por que o crescimento de um coração importa tanto? Por que o amor é tão terrível para eles? Não faz sentido.

Seus olhos se concentraram na imagem ao lado do texto: o esboço de um homem terrível com uma juba de cabelo desordenada, músculos ondulados e garras, arrancando o coração de outro homem.

Querido senhor...

A porta bateu e ela estremeceu, empurrando o livro de volta na mala. Ela se esgueirou para fora do quarto; a faca

apertada na mão e olhou para o corrimão enquanto tentava se mover silenciosamente pelas escadas.

Tensley estava na frente de seu pai na sala de estar com uma careta no rosto. Seus olhos viraram para Molly, mas Derrek ainda não sabia de sua presença.

— Obrigado, — disse seu pai.

O quê?

O rosto de Tensley não se alterou, irradiando irritação.

— Não seja tão idiota na próxima vez por pensar que meu pai negociaria com você.

Depois de um longo silêncio, seu pai levantou um copo para Tensley.

— Eu gostaria de colocar tudo para trás e começar de novo... Como família?

Molly recuou e intensificou seu aperto na faca.

Seu pai sentou na cadeira de couro, se recostando para se fazer confortável. Tensley agarrou a bebida e tomou um gole, olhando para Molly através do fundo do copo. Ele se juntou a Derrek no sofá.

— Você sabe, é engraçado, — disse Tensley, seu dedo batendo constantemente no copo. — Os demônios têm excelentes sentidos, somos mais rápidos, e nossos reflexos estão definitivamente acima dos seus. — Ele fez uma pausa, tomando outro gole enquanto Molly engolia a ansiedade em sua garganta. Ele suspirou e lambeu os lábios. — O olfato é uma característica conhecida nossa, nós podemos cheirar se alguém envenena a nossa comida... Ou no seu caso, o álcool.

Tensley esmagou o copo com a mão nua, o jogando pela sala. Ele ficou de pé, o queixo erguido enquanto se aproximava de seu pai. Molly deu um passo à frente, e os olhos de Tensley cortaram os dela.

— Veneno, *seu* tipo de veneno não funciona com demônios, — disse Tensley. Molly não conseguiu desviar o olhar do sangue escorrendo da mão lacerada de Tensley. — Pare de tentar intervir, velho.

— Ela é minha filha! — Derrek saltou, segurando o antebraço de Tensley. — Ela não merece isso! Você está apenas usando-a para o benefício de sua família!

Molly se moveu para o final da escada, se preparando para atacar. Ela esperava que sua força pudesse realmente surgir quando *precisava*, desta vez.

— Fique longe do meu *caminho* — disse Tensley, empurrando Derrek de lado e saindo pelo caminho de onde veio.

Os ombros de Molly relaxaram e ela pressionou uma mão trêmula em sua testa.

— Derrek? O que aconteceu? Funcionou? — Os passos de Fiona soaram na escada.

— Papai, — disse Molly suavemente, o alertando para a sua presença. Ele inclinou a cabeça e passou as mãos pelos cabelos finos.

— Eu o quero fora daqui! Ele é perigoso! Eu sou seu pai e eu não posso protegê-la!

— Papai, você tem que parar. Você vai se matar!

— Eu vou atrás dele. Darei-lhes qualquer coisa. Eu não vou deixar ele te machucar! — Ele se dirigiu para a porta da frente e Molly correu atrás dele, agarrando seu braço.

— Ow! — Ele gritou, e Molly saltou para trás, tremendo.

— Molly! — O grito de sua mãe encheu a casa. — Controle-se.

Uma marca de mão vermelha brilhante apareceu em sua pele. *Oh Deus! O que há de errado comigo?*

— Papai, — disse ela, tremendo.

— Querida, por favor. — Seus olhos brilhavam com lágrimas, contusões colorindo suas bochechas.

— Desculpe, papai; Não queria... — Molly grunhiu. — Apenas fique longe dele e me deixe lidar com isso.

A careta de seu pai transformou-se em pânico.

— Molly...

— Ele não pode me machucar, não como a vocês dois. Ele... — Foi então que tudo se encaixou *tão* dolorosamente lento que sua respiração engatou. — Vocês são armas. Vocês são armas que ele usa contra mim e não posso deixá-lo fazer isso. Não mais. Só, *por favor*, não interfiram. Vocês têm que sair. — Ela lutou contra a queimadura crescendo atrás de seus olhos e olhou para ambos. — Se vocês me amam, vocês vão sair desta casa agora, vão para os Hamptons até *eu* conseguir controlar isto. Eu posso lidar com ele, ele não vai me machucar. — Ela acentuou sua expressão e esperava que eles não ouvissem a hesitação em sua voz. Ela não estava completamente certa de que ele não iria machucá-la...

Seu pai enrugou a testa, dor espelhada em seus traços.

— Molly, que tipo de pais seríamos se a deixássemos aqui sozinha com ele?

Molly sorriu suavemente.

— Por favor, confie em mim. Eu posso lidar com ele.

Fiona quebrou em um soluço e apertou seu peito.

Molly passou por sua mãe na escada, ignorando seus olhos fazendo buracos em suas costas. Quando chegou ao último andar, ela arrancou *O Rosier* da mala de Tensley e entrou no quarto dela. Ela agarrou a faca e se inclinou contra a cabeceira da cama, esperando, esperando que ele voltasse.

Seu telefone tocou, e quando viu o rosto de Michael iluminando a tela, seu coração doeu. *De maneira alguma posso vê-lo ou ele também será uma arma.*

— Olá? — Sua voz era suave.

— Molly? Você está bem?

Ela fechou os olhos e apertou a faca.

— Sim, apenas cansada.

— Oh, tudo bem. Bem, eu estava pensando se, uh, você está livre. Sabe, desde que conversamos sobre sair durante o ano... — Ele estava falando rapidamente; parecendo nervoso.

Ele... Ele está me convidando para sair?

— Ah.

— Não é um encontro, quero dizer, poderia ser... Se você quiser que seja.
— Ele ri suavemente para si mesmo. — Tenho bilhetes para os Yankees, primeira fila. Como você ama os Yankees tanto quanto eu achei que seria a melhor pessoa para convidar. Podemos jantar depois... Ou não?

Ele está me convidando? Para ver os Yankees? Por que ele tem que fazer isso agora? Quando tudo isso está acontecendo? Por que não há um mês? Ou uma semana, mesmo.

— Molly?

Mas ela não podia. Não quando isso comprometeria Michael.

Ela piscou as lágrimas.

— Michael, eu, eu estou vendo alguém.

— Oh, uh, sim, isso é legal, — ele disse, seu som parecendo forçado. — Acho que esperei demais para fazer um movimento, hein? — Ela cobriu sua boca para que ele não ouvisse seu soluço. — Ok, bem, vejo você mais tarde então?

Ela assentiu, então percebeu que ele não podia ver.

— Sim, sim. Mais tarde.

Quando eles desligaram, ela chorou abertamente, apertando as mãos em torno da faca.

Tensley acabou de lhe tirar tudo — September, Michael, seus pais, sua liberdade. Ela não o deixaria levar mais nada. Só sobre seu cadáver.

— Eu vou destruí-lo. — Seu corpo tremia. — E todos à sua volta.

vein of love
R. Scarlett

CAPÍTULO 07

A garota segurou o olhar de Tensley através do ar abafado e grosso, e ele sabia que a tinha. Ela lambeu o batom escuro e roxo, endireitando a postura rapidamente, enquanto seus feromônios oportunos assumiram seus sentidos, inflamando seu desejo sexual. Quando ela se aproximou dele, ele notou suas pupilas dilatadas, uma enorme indicação de que seu poder estava funcionando. Inclinou o queixo para cima e simplesmente sorriu. Isso foi tudo que bastou.

A ruiva era impiedosamente selvagem enquanto tateava seu peito, mas Tensley não podia argumentar. Ele precisava de contato físico, mesmo alguém pendurado no braço, acariciando seu peito, mordiscando o lóbulo da orelha era factível por um período de tempo. A culpa de estar com outra pessoa além de Evelyn o atingiu, no entanto. A desvantagem de ser um incubus: a constante necessidade de intimidade pela sua saúde. O lado bom? Ele não tinha problemas para atrair pretendentes. Ele simplesmente fechava os olhos, inclinava o queixo e enviava feromônios de atração sexual, e elas balançavam os quadris para ele, atordoadas pelo seu olhar aquecido. Ele lançava os feromônios, elas escolhiam abordá-lo e ele as encantava com suas palavras suaves e polidas.

Quando ele fez o mesmo com Molly, ela lutou contra a atração, mas ele pegou momentos em que ela observava suas habilidades e se sentia atraída por ele.

Ele moveu a ruiva para um canto lotado do clube e se colocou na frente dela enquanto ela continuava beijando seu

pescoço. Ele se concentrou na parede de tijolos industrial, sentindo sua energia fortalecer um pouco. Não era o mesmo que sexo ou como se ele realmente participasse do ato, mas ele não conseguia fazer isso. Os olhos escuros de Evelyn brilharam em sua cabeça, e suas mãos se fecharam contra a parede. Se ele não conseguisse pelo menos um pouco de força, sua saúde diminuiria, e com seu papel, ele não poderia arriscar ficar fraco.

Dedos agarraram sua mandíbula, e seus lábios rachados roçaram os dele. Ele empurrou sua mão, recuando.

— Qual é o seu nome, bonitão? — Ela continuou, sua maquiagem densa fazendo com que ela parecesse um palhaço sob a iluminação estroboscópica do clube.

Ele agarrou sua garganta e empurrou suas costas contra a parede. Aproximando-se, ele descobriu os dentes.

— Sem beijar na boca, entendeu?

Ela piscou várias vezes antes de assentir. Sua mão se espalhou pela sua garganta até a clavícula e demorou, sentindo seu coração batendo de modo selvagem. A menina o queria. Seriamente.

— Bom. — Ele jogou a cabeça dela para trás e beliscou sua mandíbula, indo até a orelha. Quando ela tentou tocar seu rosto, ele olhou e retirou as mãos novamente.

Ele não podia fazer isso. Ele não podia ser o maldito predador pela qual sua espécie foi conhecida por séculos. Ele acumulou energia suficiente esta noite; não iria desperdiçar seu tempo evitando a casa Darling.

— Venha para casa comigo, — a ruiva falou, agarrando seu bíceps. Ela estava arrepiada com o toque dele, com sua sedução de incubus.

Ele olhou para a mão, bem cuidada com as unhas longas e vermelhas.

— Eu não sou seu tipo.

Ela balançou a cabeça ao ritmo acelerado da música, depois oscilou e se equilibrou contra ele, rindo alto.

— Você é exatamente o que estou procurando, querido.

Ele zombou, farto, então transformou seus feromônios de sedutores para pura agressão. Ela deu um passo instável para trás.

— Eu *não* sou seu tipo, — ele repetiu, puxando as lapelas de seu terno. Ele acariciou o bolso do peito para sentir se a lâmina afiada estava lá, um hábito nervoso, e se dirigiu pela porta dos fundos, exalando quando a brisa da noite de verão atingia sua carne quente.

Assim que seus ombros relaxaram, seu telefone zumbiu e toda a tensão voltou.

— O quê? — Ele respondeu em um tom rude.

— Mau momento? — Disse Lex, também rudemente para ele.

— Estou ocupado. — Colocando o telefone entre o ombro e a bochecha, ele enfiou a mão no bolso e puxou o isqueiro e um cigarro misturado com belladonna. Ele precisava de nicotina. *Agora.*

— Espero que você tenha se desculpado com ela, — disse Lex de qualquer maneira, e ele revirou os olhos para o seu obstinado desejo de resolver os problemas de todos. — Ela estava vomitando no corredor. Você realmente tinha que matar o cara?

Nojento. Agora ele teria que substituir aquela planta.

— Ele estava fora de linha. Ele ameaçou expô-la, e então zombou de Scorpios e da minha família. Ele queria uma centena de nyxes, por que diabos ele precisa de tanto dinheiro? — Tensley desceu por um beco escuro, a fumaça ondulando atrás dele em um fluxo pesado.

Lex zumbiu. — Bem, você a aterrorizou.

— *Bom.*

— Você não quer dizer isso, — disse ela.

Ele parou de andar, fechando os olhos e registrando a suavidade em sua voz. Ele lembrou a si mesmo de que Lex tinha apenas dezoito anos, e que passara dois terços de sua vida vivendo com medo e respirou fundo, avançando.

— É muito mais fácil se ela me visse como todos os outros em nosso mundo: um bastardo frio e sem coração, — ele disse, uma dor em seu peito.

Ela riu sem humor.

— Você quer dizer o bastardo sem coração que me salvou quando poderia apenas ter ido embora?

— Você me pegou em um bom dia.

Ela riu, o som familiar acalmando seus nervos.

Ele esfregou a parte de trás de seu pescoço suado.

— Onde você está?

— Acalme-se, *pai*. Estou no meu apartamento pintando minhas unhas. Ah, e eu comi a memória mais estranha e deliciosa de todos os tempos. Ele estava no metrô, e eu simplesmente me inclinei um pouco e toquei sua mão e oh meu deus, tão bom. Primeiro azedo, e então tão doce. — Ela suspirou sonhadora, como se ainda pudesse saboreá-la.

— Comedores de alma... — Tensley resmungou.

— É agora que devo ter pena de você? Não é como se incubi estivessem no topo da cadeia alimentar ou qualquer coisa. Eu não me importaria de ser um incubus. Todos os momentos sexys e poder, — disse ela, resmungando.

— Confie em mim, não é tudo ótimo, não quando você não quer casual. Não quero ser um maldito predador.

— Oh meu Deus, por favor, não me diga que você ainda tem uma coisa com Evelyn. Ainda não *acabou*?

— Não, ainda não *acabou*. Ainda estamos juntos, apenas dando um tempo por enquanto. Eu descobrirei uma maneira de manter a daemon segura e ainda estar com ela.

Lex estava em silêncio.

— Eu sei que você não gosta dela...

— Ela me odeia porque acha que estou interessada em você. Vejo você como meu maldito irmão. Ela precisa se tranquilizar. — Lex insistiu.

— Ela não odeia você.

— Tanto faz. Estou saindo para uma festa e depois vou ficar à paisana por um tempo, então, se você não tiver notícias minhas por algumas semanas, não entre em pânico, ok?

Ele entraria em pânico de qualquer maneira.

— Certo.

— Desculpe-se com Molly, — advertiu ela. Ele revirou os olhos em seu tom mandão.

— Lex?

— Sim?

Ele engoliu em seco.

— Mantenha-se segura.

— Sempre.

Ele empurrou o telefone para dentro do bolso depois de desligarem, examinando a movimentada avenida à frente.

Ele não queria a pressão, ele não queria fazer nada com o daemon - mas, se não o *fizesse*, estaria arriscando a recompensa de toda a família.

Tensley respirou bruscamente, esticando os dedos quando a nicotina percorreu a corrente sanguínea, lhe dando aquela sensação forte de leveza. Se ao menos isso pudesse

queimar suas emoções, queimar tudo para que ele não se importasse mais.

Ele jogou o cigarro no chão, o golpeou com a ponta do sapato e imaginou que era *ela*.

vein of love
R. Scarlett

CAPÍTULO 08

A luz ambiente do corredor atingiu os olhos de Molly, e ela abriu um deles.

Merda, eu adormeci. Merda, merda, merda!

O resto do quarto estava escuro, e ela viu uma figura à porta, emoldurada pela luz do corredor.

Seu coração parou, então reiniciou até o ponto de destruir sua caixa torácica.

Tensley.

Ele atravessou a escuridão, e ela não pôde deixar de notar enquanto ele tirava sua camisa dos ombros, os músculos definidos de seu torso agarrando e flexionando com cada movimento. *Oh Deus. Linhas escuras tatuadas nas suas laterais. Ela queria... Pare Molly! Sem psicopatas, lembra?*

Com uma respiração superficial, ela se recompôs. Ela estava preparada, lutando contra o sono, a faca apertada em sua mão trêmula — e agora, depois de alguns minutos de cochilo, ela estava vulnerável. Tentando passar despercebida, ela deslizou a mão pelos lençóis de seda, procurando a lâmina.

— Espero que você não ronque, — ele disse com um sussurro rouco, se dirigindo para cama. Ele se inclinou sobre ela

no mesmo momento que ela finalmente agarrou a ponta afiada da faca, e pode sentir o seu suor, pungente e masculino.

Ela torceu a faca na palma da mão e falou com tanta calma quanto possível.

— Não, eu não ronco. E você?

Por uma vez, a escuridão era sua amiga; ele não conseguiria ver suas bochechas vermelhas, suas feições de pedra. Em qualquer caso, ele acabaria rindo.

O que ele fez de qualquer maneira.

— Eu pareço alguém que ronca?

Ela roeu o interior de sua bochecha.

— Talvez.

Ele se ergueu na sua altura total e imponente.

— *Talvez?* — Ele olhou para o outro lado da cama os livros espalhados no edredom. *Oops.* — Você pegou meus livros?

— Uh...

— *Não* toque minhas coisas. Se quiser alguma coisa, peça.

Com uma maldição rude, ele jogou os livros de volta na mala.

Seu aperto na lâmina aumentou.

— Eu queria respostas, — ela sussurrou.

Ele a observou atentamente, as mãos começando a tremer tentando manter sua raiva na baía, ela adivinhou.

— Diga ao seu pai que se ele sair da linha novamente, não vou parar a lâmina na sua garganta. O que diabos ele estava pensando? Se eu não tivesse falado com meu pai, ele o teria decapitado. E o maldito veneno? Se ele puxar essa merda novamente, ele está acabado. Fui claro?

Molly se encolheu. Ele admitiu salvar a vida de seu pai e, ao mesmo tempo, o ameaçou mais uma vez.

— Por quê?

Ele procurou através de sua mala, a testa enrugada de fúria.

— Por que *o quê*?

— Por que você o salvou?

— Porque achei que você não ficaria satisfeita se eu trouxesse a cabeça do seu pai.

Ela engoliu um gemido.

— Mas... Aquele homem que você matou, ele mereceu?

— Você preferiria que ele contasse o meu *pequeno segredo*?

Ela resistiu ao desejo de seu corpo tremer e se dirigiu até a borda da cama.

— Apenas deixe minha família em paz. Não os envolva nisso, está bem? Isso é tudo o que eu lhe peço.

Ele fez uma pausa e olhou para ela através de seus cílios, um olhar que mostrou aprovação. Molly escondeu suas mãos trêmulas.

— *Tudo bem?*

Tensley franziu o cenho.

— Você está negociando a vida de sua família?

— Sim, — disse ela, sem fôlego.

Seus olhos se estreitaram.

— Bem. Você se preocupa com sua família? Então você precisa seguir estas regras.

O que agora? — Oh?

— Um: não diga às pessoas quem eu sou. Para sua espécie de raça inferior, sou seu noivo. Se eles descobrirem, vou ter que quebrar seus ossos até que concordem a ficar quietos, ou acabar com eles. — Seu peito apertou. Ele ergueu o

dedo, o agitando firmemente. — Dois: se eu disser a você para fazer alguma coisa, seja ficar longe de minhas malditas coisas, ouvir minhas ordens, ou qualquer outra coisa que eu possa pensar, você fará isso sem uma maldita palavra. — Ele avançou, os olhos afiados e o tom amargo. — Três: nada romântico ou doce nunca acontecerá entre nós. Nenhum abraço, nenhuma declaração doce absurda. — A respiração de Molly falhou nos seus pulmões quando ela se arrastou para mais longe dele na cama. — E, finalmente, eu não beijo nos lábios. — Ele se inclinou, um sorriso curvando a boca suave. — Mas eu *beijo* em qualquer outro lugar.

Molly bateu na cabeceira da cama. *O que diabos há de errado com ele?*

— Ow! Jesus... — Ela esfregou o galo já se formando na base do seu crânio com a mão livre.

— Cuidado. Não se machuque por minha causa, *gattina*. — Os olhos dele brilhavam, vitoriosos.

O corpo dela enrijeceu a voz dele, e se ela estivesse sangrando apertando a faca sob seu travesseiro, não sentia isso.

— *Gattina?*

O sorriso dele se aprofundou... Sombrio e sexual.

— Gatinha em italiano... Pequena, delicada, inconsequente.

Ele está me provocando. Ela se afastou dele e ficou de pé no outro lado da cama, desequilibrada.

Ele deu uma olhada plana, com os olhos levando um momento para registrar a faca de açougueiro apertada em seu punho branco.

— Você quer lutar comigo? — Ele gemeu profundamente em sua garganta. — Querida, você não quer lutar contra mim.

Seja corajosa. Suas mãos não receberam a mensagem, continuando a tremer incontrolavelmente. Ela se convenceu de que era sua raiva.

— Eu aposto que você nem sabe como usar uma dessas, — ele disse, gesticulando tranquilamente na direção da faca. — Primeiro, você tem que movê-la, bem, primeiro você tem que ter *músculos* para movê-la rápido o suficiente, o que, do meu exame anterior ao seu corpo, você não tem. Mesmo. Segundo...

— Eu posso movê-la! — Ela gritou, movendo a lâmina para cima e para baixo. Ele estava sob sua pele, e sua expressão satisfeita lhe dizia que ele sabia disso.

Ele acenou com zombaria.

— Bravo. Bem, fico feliz por resolvermos esse dilema. Agora vamos resolver outro.

Ele deu um grande passo e ela entrou em pânico.

— Não se aproxime. — Ela apontou a faca para ele, e ele diminuiu a velocidade. — Eu juro que farei isto.

Seus olhos cintilaram pela sua postura trêmula, e ele sufocou uma risada quando seu polegar rastreou o lábio inferior. Ele tinha uma boca para falar idiotices, e abusava dela terrivelmente.

— Você está tremendo, *ciccia*.

Ela examinou seu estômago tonificado, a trilha escura da felicidade que levava à cintura de suas calças, que estava perigosamente baixa, revelando o V afiado de seu osso pélvico. Um pouco mais baixo — *Pare com isso*. Quando seus olhos se alinharam com os dele novamente, um humor sombrio impregnava suas íris cinzentas.

— Eu vou esfaquear você. Eu não tenho medo de você.

— Eu diria que você não tem nada a temer. — Ele inclinou a cabeça para o lado. — Mas isso seria uma mentira. — Ele estava na frente dela em um borrão e ela oscilou para trás, tropeçando em sua cômoda e enviando os quadros cheios de fotos estranhas da escola secundária no chão. Deus, ele é

rápido! Agora eles estavam pé ante pé, ela com seus pés descalços e ele em seus Gucci.

— Vamos, princesa. Ataque-me, *ciccia*.

Seus olhos se arregalaram em seu olhar ardente. *Pare de me chamar de coisas em italiano, estúpido.*

— Alguma coisa? Talvez uma pequena mordida, não?

Sua risada baixa retumbou em seu peito

— Tudo conversa, certo? Você não pode machucar nada. Você é tão fraca? Você ainda tem uma espinha dorsal? Ou isso também é feito de gelatina?

Ela não poderia esfaqueá-lo, mas poderia fazê-lo recuar.

Ela pressionou a ponta da faca em sua própria garganta com força suficiente para que furasse sua pele, e teve que suprimir um grito de dor.

Sua expressão divertida desapareceu.

— Recue ou eu vou em frente, — disse ela.

Uma mão grande e forte agarrou seu pulso.

— Largue! — Seus olhos cavaram no dele, o desafiando. Quando Molly não obedeceu, Tensley a empurrou contra a cômoda, afastando os dedos da base da faca com facilidade praticada. *Jesus Cristo!* Ela bateu alto no chão de madeira.

Seu coração afundou - sem armas, sem nada para protegê-la.

— Você não vai me machucar porque tem uma consciência, — disse ele. — Um coração delicado e fraco. E eu tenho... Bem, já que você pesquisou minhas coisas, por que você não me diz?

Ela engoliu em seco, tentando analisar suas características sombrias. A raiva e o aborrecimento atados em sua voz. *Atice a besta, Molly. Bom plano.*

Ela pensou em seus livros.

— Você não tem coração.

— E você sabe o que isso significa? — Ele baixou a boca para a orelha dela, respiração quente atingindo sua carne gelada. — Isso significa que eu não me importo com um fio de cabelo na sua pequena cabeça inocente.

Ele se endireitou, ainda a aprisionando com sua figura sólida. Ela não podia olhar para ele. Ela não podia olhar para o monstro prestes a devorá-la.

— Se eu pudesse cheirar medo, diria que você está fedendo, — ele disse, tom baixo e presunçoso. — E eu odeio lutar contra um adversário indigno.

Não, não! Seja forte! A sensação fresca se agitou atrás de seus olhos, e ela sabia que seu poder estava chutando.

Ela olhou para ele, seus olhos nus e brilhantes paralisando seus movimentos.

— Eu sou valiosa para você. Você não vai me machucar, porque *precisa de mim*, — disse ela com firmeza.

Suas características endurecidas suavizaram em um olhar impressionado. Ela respirou superficialmente e em uma fração de segundo, o empurrou para trás. Ele tropeçou, se equilibrando antes de cair.

Tensley avançou novamente, mas não fez contato visual.

— Não, — disse Molly tão severamente quanto possível. — *Não.*

Ele cruzou os braços e ergueu uma sobrancelha.

— Qual o problema com você? Nunca foi tocada por um homem antes?

Seu corpo inteiro flamejou.

— Eu. Eu... Um. — Ela esfregou o pescoço onde ele a tocou.

O rosto de Tensley se torceu estranhamente enquanto a estudava; Ele parecia genuinamente surpreso.

— Você *não* foi tocada por um homem antes.

Ela engoliu o nódulo grande e desconfortável em sua garganta, aflita além da medida. *Isso não é da sua maldita conta.*

Ele fechou e abriu os punhos, recuando, incapaz de parar de encará-la. Ela esperou por sua zombaria, sua diversão com ela, mas isso nunca veio. Em vez disso, ele virou e jogou um livro na mala.

— Simplesmente não me ameace em se machucar outra vez, capiche? — Sua voz ficou fria, perigosa, e ele levantou a cabeça, olhos frios e escuros a perfurando.

— Mais regras? — Ela disse, agradecida pelo espaço entre eles — Bem. Minha regra: não apareça muito por aqui. Faça-me esquecer de que você existe.

— Tudo bem por mim — ele concordou, pegando sua mochila. Quando ele se virou, jogou-a sobre o ombro e parou. Ele jogou *O Rosier* de volta para a cama. — Aqui. Eu trouxe isso para você. Eduque-se antes de tentar me atacar de novo.

Molly ficou nervosa.

— Você não vai ficar aqui.

— Quarto de hóspedes. Eu prefiro não dormir com alguém que tentou me esfaquear. — Ele sorriu com suavidade para ela — E *querida*, será seu desejo de morte livrar-se de mim. Lembre-se disso.

CAPÍTULO 09

Molly não dormiu nos dois dias seguintes. Seus pais tinham ido para a cabana nos Hamptons depois que Molly lhes implorou novamente. Eles pediram que ela lhes mandasse mensagem em qualquer chance que tivesse, mas ela estava falhando com isso.

Ela foi ao museu como um zumbi cuja única fonte de vida era a pesquisa, e não viu nenhum sinal de Tensley. Para onde ele havia ido, ela realmente não se importava, desde que não voltasse. Certa manhã, ela realmente se esqueceu dele, passando cinco minutos felizes andando por aí, até tropeçar em sua bota de combate gigante, preta, que estava no meio do vestíbulo. Seu peito se apertou na lembrança indesejável da presença do noivo, e ela teve a nítida sensação de que ele a deixara lá de propósito.

Os olhos de Molly se esforçaram para ler mais uma página de *O Rosier*. Ela manteve um ritmo: duas páginas de história e cultura demoníacas, duas páginas de pesquisas sobre a arte da Índia do século XVI para o seu estágio. Ler ambos mexeu com sua mente, e ela logo encontrou suas mãos virando página após a página de *O Rosier*.

Por que o amor importa tanto para eles? Por que eram eliminados se desenvolvessem um coração cheio? O livro não ajudou; era obviamente para alguém do mundo de Tensley com conhecimento básico.

Ela precisava de mais informações, mais conhecimento para usar contra ele. Ela precisava saber como jogar em seu mundo e encontrar uma maneira de destruir o bastardo.

Seu estômago resmungou.

Talvez comida lhe traga conhecimento.

Depois de um bom minuto pesando os prós e contras de se aventurar fora de seu quarto, ela cedeu, pegando *O Rosier* e descendo as escadas da casa silenciosa.

Curiosamente, ela nem tinha visto Tensley dormindo lá, então se perguntou se ele estava hospedado em algum outro lugar.

Entrando na cozinha, ela congelou.

Tensley estava sentado à pequena bancada do café da manhã, inclinado, os cotovelos apoiados nas coxas, às mãos penduradas entre os joelhos, enquanto discutia acaloradamente com Illya, que ouvia quieto. Ambos se voltaram, assustados pela súbita chegada de Molly.

Ótimo. Agora meu dia está arruinado.

— Uh, desculpe. Não pensei que tivesse alguém em casa, — murmurou, dando um passo para trás.

— Esta é a sua casa. — Illya riu, olhando para o livro na sua mão. — Você está lendo *O Rosier*?

Ela assentiu.

— É um pouco esmagador; Não entendo a maior parte.

— Bem, você pode nos perguntar sobre isso. Nós adorariíamos ajudar, — ele ofereceu.

Molly abriu a boca, hesitando. Ela espiou a figura tensa de Tensley. Agora era sua chance. Seja a loira burra. Engane-os para conseguir algo que possa usar contra ele.

— Por que os demônios não têm coração?

Illya piscou e olhou para Tensley.

Tensley suspirou, nem um pouco preocupado.

— Vou me atrasar.

Para quê?

— Eu só quero entender você, — disse Molly suavemente, certificando-se de que sua voz saísse agradável e doce.

Tensley a observou de perto, a mandíbula apertada até desviar o olhar.

— Os demônios não têm o que *sua espécie* chama de coração, como já discutimos.

Depois de alguns segundos, Molly achou que Tensley havia terminado de falar. Ela franziu a testa. Talvez ela devesse ter batido seus cílios, maldição.

Illya limpou a garganta.

— Quando nascemos, temos metade de um. Se um demônio desenvolver um coração inteiro, Fallen, o Príncipe Herdeiro da Babilônia, irá destruí-lo, e esse demônio renascerá sem moral ou valores. Eles serão piores do que antes.

Molly franziu o cenho.

— Mas por que ele faz isso? — Ela observou enquanto Tensley pegava uma maçã vermelha cor de rubi e mordeu violentamente um pedaço.

Illya se aproximou, se inclinando contra o balcão.

— Provavelmente decorre do fato de Fallen ter se apaixonado por uma menina humana e arrancou seu próprio coração. Ele foi banido dos deuses por interferir com meros mortais. Assim, ele começou sua própria raça. Ainda é um assunto sensível para ele.

Tensley engoliu a comida e se virou para encará-la.

— Ele também estabeleceu uma regra de que, se um demônio tiver um relacionamento com um ser humano e gerar um filho fora do casamento, o nascituro e a mãe seriam mortos.

Seu coração afundou.

— Os demônios nunca ouviram falar de controle de natalidade ou preservativos antes? Isso é bárbaro.

Tensley riu, mas não tinha humor.

— Confie em mim. Você não precisa se preocupar com isso. Estamos amaldiçoados.

Molly voltou a olhar para ele.

— Repita isso?

— Há séculos, o conselho dos deuses, agora desaparecido, temia que os demônios se reproduzissem sem parar com os humanos e se tornassem imparáveis, então planejaram esterilizá-los evitando que se reproduzissem com humanos. A única maneira de conceber é através do afeto, que, se o demônio não permanecer dentro de seus limites, cria um coração, condenando assim o demônio de qualquer maneira. Por isso que simplesmente não transamos com humanos – não só porque *nos* coloca em perigo, mas porque é basicamente impossível sem carinho.

— O sexo entre os demônios não tem problema; não há emoções, nem apego entre os dois. É com o único propósito de ganhar poder ou trocá-lo, — disse Illya.

Molly observou a expressão mascarada de Tensley. O que Tensley desejava? Poder?

— Fallen também tem uma regra de que um homem demônio deve estar casado até seu vigésimo quinto aniversário ou será morto. É uma antiga tradição para obrigar o demônio masculino a se reproduzir no casamento. Mais uma vez, o bastardo se agarrou a tradições, e as pessoas estão muito apavoradas para lutar contra ele. Então nosso casamento acontecerá no dia 15 de agosto – não neste verão, mas no próximo, — afirmou Tensley calmamente.

— E se eu não me casar com você? — perguntou Molly amargamente.

A porta da frente bateu, interrompendo o que certamente teria sido uma resposta venenosa de Tensley. Passos soaram contra o chão de cerâmica do vestibulo, e quando a porta da cozinha se abriu, o peito de Molly caiu enquanto o ar saiu de sua boca aberta.

September deslizou para a cozinha, seus olhos se alargando a vista dos dois demônios. Ela parou.

— September, — ela sibilou em aviso. — O que você está fazendo aqui? Eu disse para você ficar longe!

— Ei... — Illya começou a sorrir, mas September apenas franziu o cenho. Seu caloroso sorriso desapareceu em uma confusão total.

— Quem diabos é você? — Cuspiu September para Illya.

Ele abriu a boca e piscou, olhando a veia pulsando em sua testa.

— Eu sou Illya, o amigo de Tensley.

— O *amigo* de Tensley? — Rosnou September. — Essa *não* é a resposta certa, amigo.

— Deus, fale baixo, — murmurou Tensley, empurrando os dedos através de seus cabelos escuros e suaves. Molly cravou as unhas nas mãos, observando os dois.

— Ela tem dezenove anos, idiota, e não está interessada em se casar com um psicótico demoníaco, — disparou September.

O olhar de Tensley virou para Molly.

— Já quebrou uma regra? Eu disse para você não contar a ninguém o que eu era.

Molly se encolheu. *Isso não é bom...*

September avançou, levantando o punho fechado os nós da mão brancos.

— Você realmente precisa sair, ou então... *Estúpido.*

Molly alargou os olhos.

— September!

Tensley levantou-se, chegando perto de September.

— Você está me ameaçando?

— Você vê outros estúpidos na sala?

Ele riu, baixando os olhos escuros.

— Não é inteligente me ameaçar. E como você chegou até aqui?

— Eu tenho uma chave sobressalente. — September empurrou seu ombro, e um sorriso estranho e enigmático surgiu nos lábios de Tensley, como se ele estivesse se segurando. Molly recuou os ombros. — Na verdade, veja só, ela não estará mais vivendo com você, — anunciou September com alegria. — Ela está voltando para o *nosso* apartamento.

Molly queria se enrolar em uma bola.

— *September*.

Seus olhos estreitaram com as palavras de sua amiga, e ele se virou para olhar para Molly.

— É mesmo?

A cabeça de Molly doeu quando o quarto começou a girar. Tudo o que ela via era Tensley tirando o coração de um completo desconhecido.

— Sim, é, — grunhiu September. — Então a deixe em paz.

Seus ombros se endureceram, e isso foi suficiente para Molly saber que ele estava no limite da paciência.

Molly ficou na frente de September, mas Illya se moveu mais rápido.

— Não.

Os ombros de Tensley relaxaram, e ele sorriu.

— Você não vale a pena o meu tempo, estúpida, — ele provocou.

September brilhava, rangendo os dentes. Então ela atacou, pulando para frente e agarrando seus ombros

musculosos. *Ah não.* Um rugido aterrorizante deixou seus lábios franzidos e, em segundos, Tensley estava no controle, desviando os golpes de September e a enviando para o chão.

— Não! Por favor! Pare! — Molly agarrou a parte de trás de sua camisa e puxou. — Tensley! — E ele tropeçou para trás, virando-se para encará-la. *Bem, pelo menos os meus poderes funcionaram.*

Assim que seus olhos deixaram Molly, ela se virou para September caída no chão e a ajudou a se sentar.

Tensley olhou para elas com o nariz enrugado.

— Você não entende o que há lá fora, não é? Quantos demônios estão atrás de você, com *sede* de você. Eu sou a única coisa que os mantém à distância.

Molly ergueu o queixo e engoliu. *Ele está falando sério?*

— Ele está certo, — falou Illya, quebrando o concurso de olhares. — Eles esperaram por outro daemon durante séculos. Eles ficarão enraivecidos quando ouvirem que você esteve escondida bem debaixo dos seus narizes.

— Canalha, — cuspiu September. Mesmo depois de lutar com um demônio, ela ainda tinha bolas para resmungar.

— Você não quer foder comigo. Eu arr...

Molly olhou com frieza, seu coração batendo enquanto encarava o monstro.

— Não ouse falar com ela assim.

Todas as cabeças giraram em sua direção.

Tensley examinou seu cenho franzido.

— Assim *como*?

Ela lutou para controlar seu tom.

— Como um idiota! Por que você não pode ser como ele? Como Illya? — Molly apontou para o demônio loiro, que estava procurando alguma lesão em September.

— Eu não posso ser como *ele*. — Tensley cuspiu.

— Você não pode ser legal? — Ela não entendia. Ela não entendia como dois demônios tinham personalidades tão diferentes.

— Só mude de assunto. — As veias no pescoço de Tensley latejaram. Hm, ela atingiu um ponto fraco. Talvez seja a ótica dela. Esse seria o seu bilhete para destruí-lo.

— Tensley. — Illya estreitou os olhos.

Tensley voltou a olhar e depois saiu. A porta da frente bateu um momento depois.

Illya estendeu a mão para September, com os olhos suaves.

— Desculpe-o. Ele apenas se estressou.

— Eu duvido disso, — disse September, rejeitando as mãos de Illya e levantando sozinha.

Molly olhou com admiração para ele. Como ele poderia ser um demônio? Ele era tão gentil.

— Eu vou te dar um tempo sozinha, — disse ele depois de alguns momentos de silêncio estranho, sorrindo e saindo.

September gemeu quando estavam sozinhas, encostadas no balcão da cozinha.

— Eu odeio aquele bastardo.

Molly ajustou seus óculos escuros e fitou.

— Eu disse para você ficar longe! Ele quase te machucou!

— Estou tentando *ajudar*! Você não pode fazer isso, Molly.

Molly bateu os dedos contra o mármore.

— O que você sugere que eu faça?

— Você não pode lidar com isso sozinha. Não estamos no ensino médio; não estamos lidando com garotos de doze anos de idade. Você precisa lutar contra isso.

— Eu fiz! Eu *lutei*, e não adiantou de nada!

September balançou as mãos.

— Está bem, está bem. Portanto, a polícia, obviamente, não pode ajudar com os *demônios*. Você sabe de alguma outra coisa? Quem pode nos ajudar?

— Não! — Molly pensou em Albert. — Espere... — Ela tirou o pedaço de papel do bolso; Ela o guardou desde que se encontrou com Albert três dias antes, mas não sabia por quê. — Este bruxo me deu algo, mas não tenho ideia do que isso significa.

— Mostre-me.

Quando Molly observou September olhar o papel, se perguntou se ela poderia sair do estado, apenas se afastar muito e mudar seu nome. Mas, e a família dela? Ele os atacaria. *Iria massacrá-los*.

— Merda, Molly.

— O que?

— Eu sabia que isso parecia familiar, — sussurrou September apertando os olhos entre o telefone e o papel. Ela virou a tela para Molly. — É um bar em Coney Island. Talvez o cara estivesse tentando ajudá-la? Talvez esse bar seja a resposta.

O coração de Molly se acalmou.

— Talvez. Talvez eles possam ajudar.

Ela não ia fugir, e não desistiria de lutar. Não, a batalha contra Tensley Knight acabara de começar.

CAPÍTULO 10

Molly congelou quando viu o prédio em ruínas na frente delas. Estava escuro lá dentro, e algumas pessoas estavam alinhadas, esperando para entrar às dez horas da noite. O lugar definitivamente não era próspero como os bares de Manhattan, mas para Coney Island era muito bom. Molly tinha lido sobre o bar toda a viagem, esperando que a pesquisa pudesse fazê-la se sentir menos nervosa sobre o lugar.

— Vamos, Mol. — September falou do outro lado da rua, correndo para agarrar o braço de Molly. Música alta e pesada ecoava da estrutura, e ela apertou os olhos.

— Shoot the Freak¹³, — murmurou Molly, lendo o sinal desbotado.

— Parece agradável, hein? — Molly lançou lhe um olhar — Vamos entrar.

— Lembre-se, se as coisas azedarem...

— Nós partimos, eu sei. Você me disse isso nas últimas três horas.

Elas caminharam até a porta, mas um cara do tamanho de duas September as bloqueou.

— Identificação, — ele exigiu, mão estendida.

¹³ Atire o anormal

As duas trocaram olhares e September sorriu. Ela pegou sua mão, sacudiu e soltou. Quando ele olhou para o dinheiro na palma da mão, imediatamente o devolveu.

— Ei! — September tentou empurrá-lo de volta para o punho fechado.

— Desapareçam, — ele falou.

Assim que September bufou e se virou, Molly pensou sobre a nota.

— Athena? — Ela sussurrou.

— Eu disse para sair! Ou eu vou chamar a polícia! — O porteiro gritou.

— Athena? — Ela repetiu, mais alto.

O rosto do homem relaxou.

— Continue. — Ele se afastou e abriu a porta para elas.

O bar estava lotado e nebuloso com fumaça. Molly jurou que podia provar uísque no ar, e teve que se esforçar para sufocar a tosse.

— Agora, o que? — Perguntou September, escaneando o ambiente.

— Eu não sei. — Molly olhou ao redor, localizou o barman e marchou com September a reboque. — Desculpe, — ela disse ao barman quando chamou sua atenção. — Estamos procurando alguém que nos ajude com... Com uma situação.

— Procurando por Cree? — Ele disse, os dentes brilhando em azul na iluminação bizarra do clube - não o favorecendo em nada.

— Uh, bem, se ele sabe como se livrar de demônios...

— September tentou rir e Molly girou, os olhos arregalados.

O barman parou de limpar o balcão e se inclinou para frente.

— Como você chegou aqui?

Ambas as meninas ficaram rígidas.

— Uh... Alguém me encaminhou, — disse Molly enquanto torcia as mãos.

O homem simplesmente olhou para trás, mexendo sua boca como se estivesse pensando em ajudá-las ou não.

— Você encontrará Cree sentado lá.

— Bem, ele foi amigável, — murmurou September enquanto se afastavam. — Eu podia sentir a hospitalidade simplesmente *escorrendo* dele.

Então ela parou e as duas olharam para um homem de cabelos castanhos que lia papéis dispersos. Ele não parecia muito mais velho do que elas, mas tinha a postura forte e rígida de um homem que tinha visto e feito coisas que a maioria não tinha.

— Olá, você é Cree?

— Sim. — Seus olhos firmes tremulam e suas sobrancelhas franzem.

— Posso ajudar? — Ele abriu uma noz na mesa e meteu na boca.

Molly foi abrir a boca, mas a visão de outra pessoa a deteve.

Albert, ainda escondido por sua barba selvagem, estava de pé na sala, tomando uma cerveja.

— Ei? — Ela se virou para ver o homem que estava tentando falar com ela, seus olhos estavam preocupados.

— Você veio. — Ao som da voz de Albert, Molly se virou para vê-lo se aproximando dela, espantado. — Eu não achei que você teria coragem.

— Você conhece essas meninas, Al? — Perguntou o homem, seus olhos focando em Molly.

Albert acenou com a cabeça para ela.

— Ela é aquela que Knight estava tentando esconder.

Eles conhecem a família dele?

— Sinto muito por Jackson, — disse Molly.

O maxilar de Albert relaxou e baixou a cabeça.

— Ele foi imprudente. Ele estava cansado de seguir as ordens dos homens que pagavam seu salário e queria sair fora. Eu queria que ele tivesse me dito o que estava planejando; eu teria falado com ele, talvez lhe tivesse dito que saísse da cidade e ficasse quieto. — Seus punhos apertaram e Molly jurou que ter visto o brilho de lágrimas em seus olhos escuros antes que ele inclinasse a cabeça novamente.

Molly mordeu o lábio, sem saber como agir depois que o silêncio caiu entre eles.

Cree se sentou para trás, cruzando os braços grossos enquanto seus olhos deslizavam lentamente pelo corpo de Molly.

— Não se preocupe Al, vou garantir que esses malditos bastardos paguem caro. — Ele olhou de novo, franzindo as sobrancelhas sobre os olhos castanhos. — E sua razão de aparecer no meu bar seria...?

— Você, você lida com... — Os olhos de Molly viraram para a cruz em volta de seu pescoço grosso, meio escondido por sua camiseta lisa e cinza. — Demônios? Como os Knights? Você pode detê-los, certo?

Ele fez uma pausa, beliscando a ponte do nariz com dois dedos.

— Qual o problema exatamente?

Molly respirou fundo e se sentou.

— Estou noiva dele.

As sobrancelhas de Cree levantaram, a primeira exibição de emoção dele.

— Noiva de quem?

Ela assentiu numericamente.

— De Tensley Knight e eu quero acabar com isso. Quero encerrar o contrato.

Toda sua atenção era dela agora, puramente, unicamente dela.

— Tensley Knight?

— Sim. *Meu noivo*.

— O idiota. — September murmurou.

Cree analisou as características endurecidas de Molly.

— Sente-se. — Elas fizeram isso, Cree observando Molly com cuidado. — Ouvi muito sobre sua família; eles praticamente dirigem a cidade de Nova York. Eles são a lei. Há quanto tempo vocês dois...?

— Eu tinha seis anos quando eles apareceram. — Molly teve medo de dizer demais; ela queria dar o mínimo de informação possível antes de determinar se poderia confiar neles.

Cree a observou, batendo seu dedo lentamente contra a mesa de carvalho.

— E por que eles fizeram isso?

Molly congelou, tentando descobrir o que dizer. Ela olhou para Albert que inclinou a cabeça questionando seu silêncio.

O súbito gemido de Cree a provocou com seus pensamentos.

— *Mierda!* Não tenho tempo para a incerteza, criança. Você tem três opções: confiar em seu *noivo*, confiar em mim, ou sair e descobrir seu próprio plano. Eu não estou a mantendo aqui, não estou obrigando você a me dizer nada, mas preciso saber no que estou metendo a mim e meus homens antes que possa concordar com qualquer coisa. É sua escolha, sua decisão. Fale ou saia.

Molly franziu o cenho; era como se ele pudesse ler seus pensamentos.

— Por que eu deveria confiar em você?

— Eu posso ser bruto, áspero, mas sou honesto. Isso não vai ser bonito. Você terá que fazer coisas que não vai gostar, mas tudo se resume a: o que você fará para manter aqueles que você ama seguros? — Ele levantou o queixo. — Você tem uma família, certo? Pessoas que você quer proteger?

— Ele os usará como armas, — ela disse, uma falha em seu tom. — Eu sei, ele já faz.

Ele se inclinou para frente e bateu o dedo no peito.

— Eu não estou fazendo joguinhos. Estou lhe dizendo diretamente o que vai acontecer, quando isso acontecerá. Tenho caçado demônios desde os dezesseis anos. Eu sei o que estou fazendo. Estamos do mesmo lado aqui. Temos o mesmo objetivo final. Queremos que ele saia de sua vida.

Molly olhou para September, que encolheu os ombros. *Nenhuma ajuda lá.*

Que escolha ela tinha? Ela não sabia nada sobre demônios ou quebrar um contrato com um; ela nem conseguia controlar suas próprias forças, e Tensley estava arruinando sua vida. Ela não podia fazer isso por conta própria. Ela precisava de alguém com mais conhecimento, mais experiência antes de enfrentá-lo. Ela estava desesperada, e faria qualquer coisa para se livrar do contrato e de Tensley.

September bateu no ombro dela.

— Molly?

O peito de Molly se contraiu, e ela soltou um suspiro pesado.

— Meus antepassados fizeram um acordo trezentos anos atrás com sua família.

Cree ficou em silêncio, uma mão bronzeada apoiando seu queixo desalinhado. Seus profundos olhos castanhos se estreitaram.

— Por quê?

Ela fez uma pausa novamente, respirou fundo e disse:

— Minha família possui... Olhos raros.

Ele estendeu a outra mão contra a mesa de madeira.

— Olhos raros?

Molly lentamente pegou seus óculos de sol, hesitando antes de removê-los. Ela piscou, tentando apenas dar-lhe vislumbres do raro brilho.

Sua boca se abriu.

— Você é um daemon.

Albert amaldiçoou.

— Isso explica por que ele estava tão desesperado para escondê-la. *Merda.*

Ela não se incomodou em lhes dizer que seus poderes mal funcionavam. Em qualquer caso, queria que acreditassem que era capaz de se defender a qualquer momento.

Cree se sentou, observando-a atentamente. Ela se perguntou o que estava passando por sua cabeça; ele definitivamente parecia estar ruminando algo, planejando, talvez.

— Pouco se sabe sobre os daemons. Eu sei que sua força se relaciona diretamente com seus olhos, olhos que imobilizam demônios até você desviar o olhar. Frequentemente, eles são associados a semideuses. Todos esses mitos de Hércules, Aquiles acredita-se serem daemons. Contudo, eu sei muito sobre sua história, a maioria deles foi assassinado no nascimento, pois suas comunidades acreditavam que eram bruxas, ou eles tiraram suas próprias vidas devido à pressão de serem condenados ao ostracismo. A morte era sua maldição e bênção.

O estômago de Molly despencou, e ela voltou a colocar os óculos de sol.

— Neste momento, minha única preocupação é me livrar dele.

Ele assentiu uma vez.

— Eu treinarei você para se proteger e encontrar uma maneira de quebrar o contrato. Há um bruxo que conheço chamado Lance, que é talentoso em contratos. Ele pode nos ajudar.

Molly olhou fixamente para ele; seu aspecto áspero, bolsas escuras sob seus olhos cansados, as cicatrizes marcando sua pele.

— Então, isso é, tipo um trabalho de família? Como você entrou no negócio?

— Não. Minha família não tem nada a ver com a Ordem de Orion, — disse ele, seus ombros ficando tensos na

conversa. — Nós caçamos demônios para proteger outros, para impedir que eles prejudiquem os humanos.

Molly franziu as sobrancelhas.

— Então, por que você faz isso? Caçar demônios?

— Minha irmã foi assassinada por um demônio há cerca de nove anos, — ele disse com naturalidade. — Desde então, tenho garantido que esses selvagens paguem.

Seu peito apertou com sua voz fria. *Bom, genial.*

— Eu sinto muito.

Cree bateu o dedo com impaciência, olhando para ela. Como se estivesse tentando lê-la. Ele levantou, ambas as meninas fizeram o mesmo enquanto Albert se afastava.

— Você mora em Manhattan, certo?

— Como você sabia? — Perguntou Molly, surpresa.

Seus olhos baixaram, a olhando desde as pontas de seus sapatos Kate Spade vermelho cereja até o topo de seu cabelo loiro, uma sobrancelha levantada.

— Você se veste como um deles. Eu vou buscá-la na parada na Nona Avenida, perto do Cemitério de Greenwood. Três e meia em ponto, amanhã. Se você se atrasar, bem, terá seu traseiro chutado por um dos outros. — Ele sorriu para ela.

Porcaria!

Molly enrugou a testa. — Eu não posso. Informe-me no museu que ficaria até mais tarde para compensar o atraso esta semana.

Cree balançou a cabeça.

— Essa é a sua decisão.

Molly mordeu o lábio e fechou os olhos. *Droga.*

— Vou ligar dizendo que estou doente.

— Então, há mais de vocês? — Sondou September

Cree pareceu ponderar se devia responder.

— Sim.

— Bem, obrigada por toda a informação. — Molly brincou.

— Onde devo encontrá-lo? — Perguntou September cruzando os braços.

Ele a encarou e riu.

— *Você não irá.* Só ela é permitida, é uma elite, ordem privada e não deixamos ninguém se aproximar de nós. Apenas vá para casa e descanse. Aqui está o meu número. — Ele escreveu rápido em uma folha de papel e a rasgou, entregando a ela.

Molly franziu a testa para os números bagunçados.

— O que eu faço até lá?

Cree refletiu sobre a questão.

— Descubra o que ele precisa e o que ele quer, e faça-o pensar que pode confiar em você.

Molly abraçou sua cintura; estava tudo confuso, assim como sua mente.

— Ok — disse September, afastando Molly de Cree e da mesa cheia de papel.

Ela correu para a luz da rua atrás de September.

— Então, você tem alguma ideia do que Tensley precisa?

— Perguntou September enquanto caminhavam pelas ruas vazias, procurando seu ponto de ônibus. — Além da decência humana básica, de qualquer maneira.

— Afeto, — ela murmurou com os dentes cerrados. — Ele definitivamente não recebe afeto por parte de ninguém.

Ela teria que ser doce com o demônio, para convencê-lo a confiar nela, e a última coisa que queria era ser carinhosa com Tensley Knight.

CAPÍTULO 11

Tensley desviou novamente e soltou um suspiro irritado. *Droga.*

Illya arregaçou as mangas e se posicionou, sorrindo.

— Vamos, Tensley.

Tensley jogou a parte superior do corpo para frente e a luta começou novamente, os sons de carne atingindo carne sólida enchendo a sala.

— Whoa! — Illya saltou quando Tensley balançou um braço, quase acertando sua orelha. — Cara, você precisa relaxar.

Tensley rosnou, torcendo para virar Illya por cima do ombro, e bateu o demônio loiro sobre o tapete.

Tensley recuou, ofegante, antes de estender a mão para Illya.

— Desculpa.

Uma vez que Illya se levantou, Tensley se afastou, pegando seu copo de água.

Illya tossiu, ainda sem fôlego do ataque de Tensley.

— Você está bem, cara? Você parece um pouco... Tenso hoje.

— Estou bem. — Tensley tomou um grande gole de água. Passando os dedos pelos cabelos molhados, ele tomou outro gole.

Illya olhou para ele.

— Como está Molly?

O corpo inteiro de Tensley ficou tenso, e ele pensou em quebrar o copo no punho.

— Ótima pra caralho. — Ele bateu o copo na mesa. — Ela não me deixa chegar a três metros dela como diabos eu deveria protegê-la?

— Tenho certeza de que sua atitude amarga e o fato de você ter matado aquele bruxo na frente dela não ajudaram exatamente no seu caso. — Illya se aproximou e colocou uma mão sobre a mesa.

— Bem, ela não é como as mulheres da nossa sociedade. Os outros sabiam quem você era. Conheciam seus antecedentes, sua família e seu status. Ela não é uma de nós. Ela é praticamente humana, e você sabe que tem que ser gentil com ela. Eu acho que; — disse Illya, sacudindo a camisa. — Ela tem medo de você.

Tensley lembrou quando ela perguntou por que ele não podia ser como Illya. Ele odiou o quanto esse comentário o atingiu. Quando criança, ele *tentou* ser como Illya. Essa porra tinha resultado em uma repreensão de seus pais por mostrar qualquer tipo de fraqueza. Embora fossem ambos demônios, estavam em situações completamente diferentes. Tensley tirou a camisa sobre a cabeça encharcada e a atirou para o lado.

Os dois começaram a caminhar pela cobertura de Tensley saindo para o luxuoso alpendre, rodeado por uma infinidade de flores e plantas aromáticas.

— Se eu não marcá-la, os outros descobrirão que ela existe, — disse Tensley. — No momento em que eu retirar aquele anel encantado para substituir pelo de noivado, a invisibilidade desaparecerá completamente. *Todos* a encontrarão. Não que esteja protegendo-a muito bem agora, de qualquer forma. Mas se eu não lhe der o anel de nossa família em breve, meu pai saberá que ainda não fiz nada por ela.

Illya suspirou, seus cabelos loiros úmidos caíram sobre sua testa enquanto se debruçavam contra o corrimão de ferro, contemplando a paisagem de Manhattan — os carros barulhentos, brilhantes curvas de aço e pontos de folhagem que ofereciam tons de verde entre o concreto.

— Você só tem que fazê-la confiar em você.

— Quer que eu finja? — Tensley ergueu uma sobrancelha.

— Ou você pode realmente ser um homem decente e construir algo, — disse Illya.

— Eu a seduzi, ou tentei, — ele murmurou, esfregando a testa com força. — Cooperar.

Illya franziu a testa.

— Você não...

— Então usei meus feromônios para que ela se sentisse atraída por mim, nenhum dano real, — ele cuspiu, olhando para o Central Park à distância. — Pelo menos ela é atraente.

— Ela definitivamente é. Mas talvez, se você levá-la para jantar, descobrir o que ela gosta, fazê-la gostar de você sem enviar feromônios para *influenciá-la*, teria mais sorte?

Tensley rosnou.

— Um encontro, — ele resmungou, esfregando as têmporas.

— Eu poderia até levar aquela amiga dela em um encontro, também, — disse Illya, estudando uma cicatriz na mão esquerda.

Os olhos de Tensley se estreitaram para o seu 'amigo'. *Eu serei amaldiçoado.*

— Você quer dizer a desbocada? — Illya sorriu timidamente, e Tensley levantou a mão com frustração. — Você deve estar brincando comigo! Ela é uma cadela. Você viu o que ela fez. Tentou me apanhar pelo pescoço! — *Obrigado por sua lealdade.*

— Ela estava protegendo a amiga de você, — disse Illya. — E não, eu não estava pensando nela dessa maneira. Estava apenas tentando ajudá-lo.

Tensley ficou em silêncio enquanto pensava em levar sua noiva em um encontro. Ele não queria, se conseguisse protegê-la mais cedo, era melhor do que usar suas táticas novamente e ter de volta sua vida normal.

— Tudo bem. Encontre-me no restaurante italiano que ambos gostamos, na Madison Avenue perto daquela porcaria de sushi. Voltarei para a casa da daemon para tomar banho lá. Dê uma folga aos rapazes da vigia.

— Quantos você colocou vigiando a casa?

— Três durante o dia, quatro à noite. Soldados de Scorpions foram designados para cuidar da casa. — Tensley trataria pessoalmente deles se não mantivessem a boca fechada.

Tensley saiu pouco depois. Correndo sem camisa pelas ruas da cidade de Nova York, ele voltou para a terrível moradia.

Os Darlings moravam no Upper East Side de Manhattan. Eles eram abastados, não tanto quanto sua família, mas ainda acima da média. A rua era alinhada com casas de classe alta, sendo a sua a única construída em tijolos brancos. Ainda parecia igual à primeira vez que a tinha visto, catorze anos antes.

O vestíbulo era agradável - se você gostasse de projetos florais e uma cor de roxo vômito. Deus, o Sr. Darling estava chicoteado. Definitivamente tinha sido decorado por uma mulher, e provavelmente uma bêbada. Ele havia notado nos últimos dias que seus pais não estavam em casa e sacudiu a cabeça pela falta de lealdade. Sua família vivia por isso, sobrevivia por isso.

Tensley subiu a elegante escada e atravessou o corredor. A luz passava por baixo da porta do quarto de Molly e ele franziu a testa. Ele abriu a porta, mas não encontrou ninguém. Seus olhos se dirigiram para a porta fechada do banheiro e ele ouviu a água correr. *Tomando banho? A*

pele macia voltou à sua mente, as poucas sardas que pontilham a clavícula, o cabelo loiro ondulado molhado e escorregando por suas costas.

Ouviu um leve soluço e olhou para a porta fechada.

Ela está chorando?

Uma dor latejou profundamente no seu núcleo e ele revirou os ombros. Ele sabia que seu choro, dizia repeito a ele. Ele daria qualquer coisa para ser Illya nesse momento.

Lentamente, ele caminhou pelo quarto, examinando seus itens. Ele caiu na cama, mas o travesseiro não era macio. Ele enfiou a mão embaixo e puxou a faca com a qual ela o ameaçou. Ele sorriu e sentiu a ponta afiada com o polegar.

A porta do banheiro abriu, e Tensley olhou para cima, surpreso ao ver tanta pele suave exposta. Uma toalha branca abraçava as generosas curvas de Molly e sua pele brilhava, molhada e suave. Seu rosto ficou vermelho; até o nariz ficou rosado.

— O que você está fazendo? — Os olhos nus de Molly se arregalaram quando viu a faca em suas mãos.

Tensley empurrou a faca sob o travesseiro e o afofou por garantia.

— Você pode querer se apressar; vamos sair esta noite.

A boca de Molly se abriu, então ela a fechou quando suas sobrancelhas se levantaram.

— Nós vamos?

— September e Illya também irão.

— Oh, Deus. — Ela esfregou sua testa larga com uma mão delicada. Seus longos e pálidos cachos já estavam caindo em torno de seu rosto em forma de coração, e seus lábios eram cheios e vermelhos. Tensley desviou o olhar instantaneamente ao perceber que estava olhando demais. Olhar para o corpo dela, tudo bem, mas memorizar suas características não.

Muito íntimo.

Demasiado pessoal.

— Eu preciso tomar banho. — Ele se levantou e caminhou até o banheiro.

Não demorou muito para ele se refrescar com um banho, um pouco de colônia, e uma roupa discreta de calças pretas e uma camisa social. Quando ele entrou novamente no quarto, Molly estava sentada em sua cama, seu casaco amarrado firmemente em torno de sua cintura, enfatizando a forma da ampulheta e torcendo as mãos no colo.

— Conspirando contra mim? — Ele disse. Molly se encolheu, seus raros olhos daemon esbugalhados. Ele hesitou, seu corpo desacelerando ao vê-la sem os óculos escuros. Ele se sentou ao lado da pequena coisa indefesa, e ela recuou. *Deus, ela realmente está aterrorizada comigo.*

O telefone tocou, e antes que ela pudesse alcançá-lo, o agarrou por trás deles.

— Ei! — Ela gritou, perturbada.

September 5:42 PM

Você vai ter que me impedir de estrangulá-lo.

Tensley riu e olhou sobre o telefone. O rosto normalmente limpo de Molly ficou sem sangue.

— O que é isto?

— Ela realmente não gosta de você, — ela murmurou.

Ele largou o telefone chão.

— Por que você é amiga dela?

Os olhos de Molly pegaram os dele, e ele jurou que estavam brilhando. Então seus cílios baixaram, deitando em suas bochechas enquanto ela recuperava seu rubor.

vein of love
R. Scarlett

— September foi a única que me aceitou quando éramos crianças. Ela é minha melhor amiga. Quando todos faziam piadas sobre mim, ela disse-lhes que parassem. Ela gostou de mim por *mim*.

— Então, por que você é amiga daquela garota Stella?

Ela se acalmou e franziu o cenho para ele.

— Como você conhece a Stella?

Ele apertou o lábio.

— Eu fiz minha pesquisa.

Sua boca torceu pesarosamente, mas continuou.

— Meus pais acharam que estavam me protegendo, nos obrigando a sermos amigas. Eles achavam que Stella me protegeria.

Uma coisa que eu entendia. Seus pais o forçaram a ser amigo de tantos demônios que ele não gostava — Illya era o único que ele realmente podia chamar de amigo. Em sua sociedade, se misturar com seres humanos era desprezível, e as famílias incubi de classificação semelhante deveriam socializar.

— Ninguém queria brincar comigo na pré-escola. Todas as crianças tinham medo de mim; eles jogavam bolas de neve em mim. Pedras. Palitos. Nomeie e eles jogavam, — disse Molly com uma risada falsa.

Ele podia ouvir a dor lá, no entanto, e um sentimento incrivelmente estranho caiu sobre ele. Ele se sentiu *mal*.

— September viu tudo isso; ela me viu. — Seus olhos brilharam novamente, e havia uma dureza em seu olhar. Ele também não achou tão imobilizador quanto antes. *A partir da exposição, da pequena quantidade de intimidade que trocaram.* Uma vez que ele a marcasse, seria imune com a fusão de suas energias.

Seus dedos pegaram sua gravata, e ele congelou, assustado por sua ação corajosa enquanto ela apertava o tecido ao redor de seu pescoço.

— Se alguma coisa acontecesse com ela, não sei o que eu faria.

Então você quer brincar de “quem está no comando”, querida?

Seus lábios se curvaram e ele tocou ambas as mãos.

— Isso é uma ameaça, Sra. Darling? — Ele mostraria a ela quem estava no comando; Ele a jogaria na cama e a devoraria, com prazer, é claro. As pontas de seus dedos correram o oco de seu pulso. — Porque eu espero que pessoas que ameaçam, as cumpram.

Suas mãos recuaram.

— Eu *pareço* uma ameaça?

Ele meio que sorriu. Ela não tinha ideia de quanta ameaça realmente representava para ele. Como, se ele a deixasse entrar, ela poderia controlá-lo, assim como aquela sedutora espanhola havia controlado seu irmão.

— Por que você é amigo de Illya? — Perguntou Molly de repente.

Ele olhou por alguns segundos, memorizando suas características.

— Simplesmente aconteceu.

Ela estreitou os olhos.

— *Como*, no entanto? Ele parece... Diferente de você.

— Boca grande é definitivamente o seu oposto.

— Obrigada por se abrir, — ela murmurou, duramente.

Ele endureceu, sentindo a tensão incomum crescendo entre eles novamente e se arrependendo.

— Eu tenho algo para lhe dar, — ele disse, enfiando a mão no bolso.

Molly se retorceu, observando cuidadosamente enquanto ele mostrava uma caixa de veludo preto.

Ela franziu suas sobrancelhas bem feitas e enrugou o nariz.

— O que é isso?

Ele riu, a abriu e então entregou-lhe.

— Um anel? — Ela gentilmente pegou e piscou.

—O anel de noivado da minha família. Achei que fazia sentido dar a você agora, — disse ele, tentando soar tão sem emoção quanto possível.

Uma pequena parte dele esperava um “Obrigada, Tensley”, ou um sorriso genuíno de aprovação, mas ele reparou que nenhum surgiu quando ela simplesmente olhava para ele. Um diamante preto grande e elegante, guarnecido em ouro, estava sentado na palma da mão. Estava em sua família há mais de setecentos anos, um símbolo de Scorpios. O anel da família simbolizava que ela pertencia a sua família, a ele. Se algum demônio tivesse um problema ou desejasse Molly, teriam que apelar aos Príncipes e Fallen.

Tensley olhou para o anel ainda em seu dedo fino, e quando ele tocou sua mão, ela se encolheu.

Com cuidado, ele o removeu, deslizando sobre sua pele macia e o colocando no bolso.

— Você conseguiu tirar... — Ela observou seu dedo nu.

— Qualquer um da minha família pode removê-lo. Além disso, não vale de nada agora, se nenhum bruxo pode encantá-lo novamente. — Ele suspirou e segurou o anel de noivado. — Coloque-o.

— Eu tenho uma escolha? — Tanto quanto sua voz sem vida o assustou, era mais o tremor que congelava seus membros.

Não. Mas eu também não.

Suas mãos tremiam quando deslizou o novo anel.

Ele não sabia por que se sentia ferido. *Irritado*. Ele esperava mais dela. Ele esperava que ela gritasse e agradecesse. Era uma honra usar o anel de Scorpios, e ela nem sequer mostrou uma pitada de felicidade. Ele imaginou

alguém com quem ele se *importava* usando o anel. Evelyn, talvez. Doeu, e esse sentimento só o deixou furioso.

Evelyn; a mulher que estava evitando suas ligações.

— Se apresse. Nós não temos a noite toda. Levante-se. — Tensley agarrou o cotovelo de Molly e a levantou, marchando pela sala.

Eles ficaram calados enquanto saiam, nenhum deles se tocando. Ele colocou as mãos firmemente nos bolsos e olhou para frente, a ignorando. Ele não entendeu por que estava com raiva. Ele simplesmente estava.

Ela colocou os malditos óculos de sol novamente. Ele rangeu os dentes e a fez parar.

— Você não precisa usar isso o tempo todo.

Ela puxou o braço fora de seu domínio.

— Eu me sinto mais confortável com eles.

— Uma noite. — Ele levantou um dedo para dar ênfase.

— Por favor, não. — Sua voz era suave, mas não menos impactante. Ele não precisava ver seus olhos para medir seu estado mental, seu tom era oscilante e tenso.

— Uma noite. Só isso.

Lentamente, sua mão alcançou os óculos e os tirou. Ela os colocou no casaco e se virou.

Ele lutou contra si mesmo, mas depois se lembrou de seu plano de jogo — *faça confiar*. Sem usar sua sedução para conquistá-la, sem usar seus feromônios, só ele e ela.

Tensley agarrou seu bíceps suavemente e a girou.

— Você não deve esconder sua fraqueza. Você mostra e finge que não é nada. Então, um dia, esquecerá que *havia* uma fraqueza.

Ela respirou secamente.

— Você tem uma fraqueza?

— Todo mundo tem, querida.

— Eu acho que você mentiu para mim, — ela murmurou.

A testa de Tensley enrugou.

— Hein?

— Você está fingindo ser um lobo.

— E?

Seus olhos finalmente perfuraram os dele, tão firme e suave que o ar se esvaiu de seus pulmões.

— Mas você não vai me morder. — Ela se ergueu nas pontas dos pés e pressionou um beijo leve como uma pluma contra sua mandíbula desalinhada, e o toque de poder pulsou suavemente por suas veias.

Ela não fazia ideia.

Eu sou o lobo. E vou morder porra.

Forte.

Ele se viu inclinando-se ao seu toque, mas, quando ela se afastou de seu corpo, sorriu conscientemente.

Não confie nela. Não. Confie. Nela.

Ele estava começando a perder a confiança em suas habilidades para fazer isso.

CAPÍTULO 12

Tensley flexionou seus dedos. Seus nervos tinham sido afetados pela megera loira na frente dele, e uma vez que viu o restaurante italiano, Vincent's, à frente, ele recompôs suas emoções. Em frente ao Vincent's tinha uma seção de assentos na parte de fora, repleta de cadeiras de ferro preto e toalhas brancas jogadas sobre as pequenas mesas. As velas cintilavam em cada mesa intimamente.

O maitre vestido de preto, trocou olhares nervosos com Tensley e Molly na entrada.

— Senhor Knight, bem vindo! É maravilhoso que você e seu belo encontro se juntem a nós esta noite.

Tensley puxou a mão de Molly para descansar em seu antebraço, ela não resistiu, e o calor da palma da mão dela disparou com força pelo seu bíceps. O maître ansiosamente mostrou-lhes sua mesa. A equipe sabia quem ele era, e que, se o fizessem esperar, estariam com problemas.

Claro, eles estavam sentados em uma cabine isolada com uma dúzia de rosas vermelhas no centro.

Antes que Molly se sentasse, ela tirou o casaco trespassado e ele gemeu quando viu seu vestido. O cetim preto abraçou suas curvas, se alargando no meio da coxa, e o decote em formato de coração mergulhou perigosamente baixo,

expondo os seios macios; ela era uma ameaça ambulante para cada fodida célula sua.

Ele dolorosamente limpou a garganta, implorando por compostura, e sentou-se com raiva, os dedos batendo na sua coxa. Ele se ajustou sob suas calças.

Mantenha a distância, daemon. Você é perigosa para mim.

Tudo o que ele tinha a fazer era lembrar o rosto vicioso e o pesado punho de seu irmão há anos atrás, todos causados por aquela sedutora humana, e ele juntou qualquer suavidade, qualquer gentileza nele e substituiu por um desprendimento gelado.

O garçom não teve nenhum escrúpulo sobre foder Molly com os olhos cada vez que ele veio, mas ela era inconsciente ou fingia ser. Tensley estalou o pescoço com irritação. *O idiota deve ser novo.* Seus dedos cravaram em sua palma.

Molly olhou por cima do ombro para a rua.

— Eu me pergunto onde September e Illya estão...

Ele *quase* esqueceu de que eles viriam.

Sentaram-se um ao lado do outro, e Tensley a observava: a cabeça inclinada, concentrada na vela no centro da mesa. Ela estava enfeitiçada pelo brilho cintilante da chama, e ele estava enfeitiçado por ela. O cheiro de cera queimando e o barulho de prataria e risos transformaram seus dons elevados em sobrecarga sensorial.

Diga algo, maldição.

— Illya e eu não somos nada parecidos. — Sua voz rouca sangrou pelo que ele imaginava ser a tranquilidade pacífica dela, sem sobrecarga sensorial. Ele se recostou enquanto olhava para cima.

Suas sobranceiras erguidas.

— O que?

Ele franziu o cenho, cruzando as mãos e as descruzando de imediato novamente.

— Porque sua família é baixa na hierarquia, ao contrário da linhagem Knight. Nossa família vem do Duque Sallos, governando mais de trinta legiões de demônios. Illya pode viver como você, sem ser vigiado. Eu, eu tenho muitos olhos em mim o tempo todo.

Seu corpo ficou rígido.

— Por quê? O que o torna diferente?

— Illya nasceu da união de um demônio de baixa classe e um de alta classe. Sua mãe acreditava *adorar* seu pai e traiu sua família e sua linhagem para se casar com ele. Seu pai, no entanto, era um servo de baixa classe, desesperado por poder e dinheiro. Ele não foi reconhecido no Tribunal da Babilônia, e quando não há reconhecimento, os demônios são punidos com o sobrenome Black. Ela se casou com esse nome. Ele a encantou, seduziu seu caráter submisso, e antes mesmo que Illya nascesse, ele os deixou. — Cada palavra gotejou com amargura, e ele encarou a chama lentamente devorando o candelabro, gotas de cera rolando sua espinha. — Illya nasceu como nada. No tribunal, ele não tem um nome. Somente Black, exilado, esquecido Black. — Ele transferiu seu olhar para ela.

O nariz de Molly enrugou adoravelmente.

— Por que eles fariam algo assim?

— Porque o foco do meu mundo está na hierarquia e poder, e quão puro seu sangue é. Meu pai contou essa história como um conto de advertência para nós quando crianças. — Ele soprou uma respiração dura, a chama desaparecendo por um segundo. — E se alguma coisa acontecesse com Illya... — Apenas o pensamento de alguém prejudicando Illya incendiou seu sangue, muito mais quente do que a vela.

A mão de Molly deslizou sobre a mesa e tocou a ponta dos seus dedos.

— Eu sei. — Sua mão acalmou, e ele não conseguiu desviar o olhar dos olhos grandes e brilhantes, um tremor fraco em seu lábio inferior grosso e carmesim... Como se ela o entendesse.

— Senhor Knight.

Tensley puxou a mão, instintivamente puxando uma faca com ela debaixo da mesa. Foi instintivo porque ele conhecia aquela voz — era a voz de um assassino. Ele se virou para encarar a besta de cabelos vermelhos.

— Duque Abaddon.

Abaddon exibiu os dentes.

— Vejo que ambos descobrimos esse delicioso restaurante. — Seus olhos brilhantes se transferiram para a cabeça curvada de Molly. *Merda. Os olhos dela.* — E parece que você também tem um encontro delicioso. — O duque estendeu a mão para cumprimentá-la, mas ela não se moveu. Com a rejeição, sua mão caiu, e ele falou com Tensley humildemente, mas seus olhos não a deixaram. — Eu não sabia que você se importava com *humanos*.

A mão de Tensley apertou a faca debaixo da mesa.

— Eu não me importo.

O foco de Abaddon estava inteiramente sobre Molly, e quanto mais ele olhava, mais seu comportamento mudava de curiosidade para suspeita, como se sentisse o que ela era, como se ele estivesse tentando identificar sua essência rara em sua mente.

Tensley se inclinou para trás, sacudiu a taça de vinho fazendo-a tilintar e limpou a garganta.

— Com licença.

Abaddon assentiu distraidamente.

— Claro. Aproveite o seu jantar. — Ele lançou um último olhar a Molly e se virou para voltar a sentar em algum lugar do restaurante.

Tensley afrouxou seu aperto na faca, mas ficou tenso quando outra voz, muito mais *irritante*, gritou.

— Desculpe, estamos atrasados! O Sr. Eu-Sei-Meu-Caminho-Pelo-Metrô nos deixou um pouco perdidos. — September gritou pelo caminho.

O cabelo de September estava em um coque estranho e bagunçado com fitas saindo dele, e Tensley viu Illya sorrindo por trás da garota. Eles continuaram trocando sorrisos genuínos entre si, e Tensley teve a sensação distinta de que tudo isso tinha sido configurado por Illya para que ele pudesse se conectar com September. Illya sentou ao lado dele, e September abraçou Molly antes de remover o casaco. Uma vez que ela sentou, lançou um olhar duro a Tensley.

Ele observou a maneira que Molly fez seu pedido: com uma voz suave, de modo que o garçom - *maldito seja ele* - teve que se inclinar mais perto; como se ela falasse com as mãos, como se estivesse fazendo o queijo de cabra, molho de tomate, cogumelos e pizza de pimentão verde; como seu rosto realmente se iluminou pela primeira vez desde que ele se reuniu com ela; a pura alegria que ela mostrava quando se tratava de discutir seu prato favorito.

Nota para si mesmo sobre seu tipo favorito de pizza.

Enquanto a noite continuava, a conversa desapareceu. Um novo violinista que não tinha ideia de quem Tensley era veio à mesa deles, mas ele bateu dinheiro em sua mão para deixá-los sozinho. Ele não queria que ela tivesse a ideia errada: isso era puramente civil, para provar que até uma besta poderia ser civilizada.

Ele podia sentir os olhos nele. Ele se virou, esperando pegar Molly o observando, mas era apenas September, e ela não estava feliz. Suas narinas dilataram de forma pouco atraente, e Tensley se perguntou o que Illya havia visto nela.

O demônio de cabelos claros afrouxou o colarinho, suando baldes.

— Então... — Illya bateu o dedo.

— Seu sotaque, o que é exatamente? — Molly se inclinou para frente, apoiando o queixo com uma mão.

Illya limpou o lado da boca com o guardanapo antes de responder.

— É russo. Vivi lá até os nove anos. Minha mãe e eu nos mudamos para cá juntos.

— Onde está seu pai? — Perguntou September através de uma boca cheia de almôndegas. Tensley apertou o punho.

— September, — sussurrou Molly, seus olhos transmitiam uma mensagem não dita.

Os ombros de Illya ficaram tensos, mas seu rosto ainda mantinha aquele sorriso cordial.

— Ele nunca foi meu pai. Era apenas minha mãe e eu.

September abruptamente parou de mastigar, olhando o perfil de Illya enquanto ele continuava cortando seu bife.

— Minha mãe também me deixou e a meu pai. Ela está morando em algum lugar da costa oeste. Ela gostava muito da vida de solteira para *se estabelecer*, — acrescentou September. Illya olhou pensativo para ela. — Nós não precisamos desses tipos de pessoas. — September levantou sua taça de vinho tinto e se virou para enfrentar Illya. — Um brinde a nós.

Sem um momento de pausa, a grande mão de Illya envolveu sua própria taça, e ele bateu na dela.

— A nós. — Illya murmurou enquanto levava a taça aos lábios.

September bebeu em um só gole sem cerimônia, seu rosto franzindo depois.

— Argh. Eu realmente não gosto de vinho, mas é álcool, então, dane-se.

Illya olhou para o copo de September enquanto bebericava seu vinho da garrafa que Tensley escolheu.

— Você sente saudades? — A suave cadenciada de Molly surpreendeu Tensley, e ele se virou para encará-la. Ela estava concentrada na expressão confusa de Illya. — Da Rússia?

Illya refletiu sobre a questão, molhando os lábios e abaixando a bebida.

— Não; eu fiz minha própria família aqui na América. O bastardo arrogante em frente a você é suficiente o bastante. — Illya inclinou a cabeça em direção a Tensley, e eles trocaram sorrisos fraternos.

Molly os estudou, depois passou por Tensley. Quando ela sorriu, as covinhas apareceram, e sua boca ficou seca. Ele não estava acostumado com a sua aparência delicada.

Muito doce. Não como os olhares que Evelyn lhe dava.

Mais doce e mais mortal; viciante.

Foda-me.

— Devemos ir dançar, — sugeriu September, se animando, provavelmente da bebida.

Illya assentiu. Tensley gemeu, se remexendo enquanto descansava sua bochecha na mão espalmada.

Molly olhou para ele.

— Talvez não esta noite.

— Oh, vamos, vai ser divertido, — disse September. Ela pegou a mão de Molly e levantou, correndo para longe. — Você paga a conta, certo Tensley? — Ela gritou por cima do ombro enquanto passavam pelo portão do pátio.

— Sim. Com certeza, — resmungou Tensley, ignorando os protestos de Illya. As meninas andavam a frente deles, rindo de algo estúpido, Tensley tinha certeza. Ele ficou hipnotizado pela forma como os quadris de Molly balançavam, a forma como suas pernas tonificadas pareciam nos saltos nude, mas não foi até que ela olhou brevemente por cima do ombro, mordendo aquele maldito lábio vermelho sangue, aqueles olhos de corça tremulando para encontrar o olhar luxurioso dele, que ele soube que ela queria jogar.

Ele também.

vein of love
R. Scarlett

CAPÍTULO 13

Corpos suados enchiam o clube escuro e Molly mexeu nos cabelos enquanto olhava a pista de dança lotada. As pessoas estavam se esfregando em todos os lugares, e quanto mais ela caminhava, mais pegajosa a pista se tornava. Eles não tiveram problemas para entrar uma vez que Tensley falou com o segurança, mas Molly realmente não via o apelo do lugar agora que estava dentro.

A vibração da música bateu no ritmo de seus batimentos cardíacos, e ela observou enquanto September abriu caminho entre a multidão com Illya, a deixando sozinha ao lado de Tensley.

O demônio estava calado, e ela podia apenas distinguir a boca apertada e os planos rígidos das maçãs do seu rosto na escuridão.

Ele de repente, sibilou de dor, agarrando o antebraço sob a camisa.

— Você está bem? — Perguntou Molly, estendendo uma mão tentadora.

Ele desviou de seu toque.

— Eu preciso fazer uma ligação.

Com isso ele partiu, atravessando a multidão intoxicada. Molly suspirou e se dirigiu para o bar, pedindo ao bartender mais próximo por um copo de água. Ela verificou seu telefone por qualquer mensagem de seus pais, mas não viu

nenhuma, curvando os ombros. Quando ela se virou com a bebida para contemplar o caos, viu Cree sob um holofote no canto.

O corpo inteiro de Molly congelou ao vê-lo. *O que ele está fazendo aqui?*

Ele fez um gesto para ela, e ela se moveu ao redor da barreira de corpos suados.

— O que está acontecendo? — Ela disse uma vez que o alcançou.

Ele agarrou seu braço e a empurrou para o banheiro.

— Entre.

— Hum, este é o banheiro feminino, ei! O que você está fazendo? — Ele enfiou ambos no reservado mais próximo, ignorando os gritos de várias mulheres bravas esperando na fila. — Como você sabia que eu estava aqui?

— Nós a seguimos, — ele disse, como se fosse uma admissão totalmente normal.

— O que?

— Você e os outros três. Como precaução.

— Você me seguiu?

— Aqui. — Ele lhe entregou uma pequena garrafa e ela a pegou, apertando os olhos no líquido dourado lá dentro. — É um veneno especial que afeta demônios, chamado velo dourado; Os gregos o usavam para envenená-los. Eles o nomearam em homenagem ao conto da busca de Jasão pelo velo dourado, para que ele se tornasse o rei legítimo. É inodoro para eles. Derruba-os por cerca de dezoito horas; às vezes até os mata.

Ela apertou a garrafa com a menção de matar.

— E por que eu preciso disso?

— Você vai usar isso em Tensley.

Ela engoliu em seco. Ela olhou para o punhal que ele puxou do bolso de trás e olhou para ele.

— Vou esfaqueá-lo? — *Eu sou uma fodida estudante de história, não uma assassina treinada!*

— A lâmina está contaminada com uma erva que penetra na pele do demônio e piora ao longo de horas, dias, até matá-los. Para não mencionar que os enlouquece com alucinações, febre, vômitos e nenhum controle sobre os movimentos intestinais. Muitas vezes eles cometem suicídio apenas para acabar com a dor.

Molly lembrou o olhar compartilhado entre Illya e Tensley no jantar; tinha sido amoroso, genuíno.

— Não, eu não quero matá-lo, — disse ela apressada. — Apenas terminar com o contrato.

Ele franziu a testa.

— A única maneira de se livrar dele é o matando. Ele é um demônio; mesmo que possamos levá-lo a cancelar o acordo por enquanto, ele irá atrás de você novamente. Os demônios não toleram fraquezas ou erros, e ele cometeria ambos não realizando essas coisas.

Ela olhou para o punhal. Curvado, quase como se curvando em si mesmo.

— Sim, — disse ela. — Ele provavelmente viria atrás de mim.

— Ela pegou a adaga com a mão vazia, e ele acariciou seu ombro.

Ele gesticulou com o polegar para a porta.

— Há mais demônios aqui, cerca de sete. — Seu coração parou. *Illya*. — Os outros vão lidar com eles. Apenas se concentre em Tensley, e eu vou acabar com ele se você não estiver preparada para isso.

As sobrancelhas de Molly se ergueram.

— Outros?

— Alguns caçadores vieram comigo, por segurança.

Ela analisou suas características firmes e quando não conseguiu lê-lo completamente, ela suspirou.

— Por que você está me ajudando? O que você ganhará com isso?

Cree levantou o queixo e pela primeira vez desde que o conheceu, ele pareceu suave.

— Eu nunca decepcionei alguém que precisasse de ajuda, especialmente contra aqueles bastardos. Você não merece o que ele está lhe impondo.

O alívio a inundou, mas uma pequena pedra de culpa também arranhou seu peito.

— Eu vou te dar um sinal quando tiver feito isso, ok? Não me apresse.

— Tudo bem. Agora, esconda isso. — Ele pegou o punhal e o empurrou para a bolsa pequena, esmagando alguns absorventes e seu batom. Ela apertou a pequena garrafa em sua mão e os dois se olharam. — Não tenha medo, ok? Nós estaremos por perto. — Ele saiu do reservado e Molly o fechou, parada ali no pequeno quadrado enquanto conversas femininas da área da pia ecoavam no ar.

Ela pensou em tudo o que Tensley tinha dito e feito a ela.

Ele não tem coração. Isso será fácil.

Molly entrou na pista de dança; ela queria avisar September para tirar Illya de lá. Ele não merecia o que Cree e os caçadores tinham planejado.

— Você desapareceu, — disse uma voz sedosa atrás dela. Ela girou, o ar carregado de suor pegou sua garganta.

Tensley.

— Eu tive que ir ao banheiro. — Ela mexeu com a bolsa que caiu no chão, alguns absorventes internos caindo. Antes que ela pudesse registrar o que havia acontecido, Tensley se inclinou e os juntou em um movimento rápido.

— Aqui, — disse ele, os entregando.

Se o punhal tivesse caído, ela estaria ferrada. Seus olhos estavam suaves e escuros e *não*. Não. *Ele pode estar na forma de um homem, mas não é um homem. Ele é um monstro, um demônio, uma besta.*

— Você quer beber alguma coisa? Vamos pegar algo para beber, — ela insistiu, pegando seu braço.

Ele arrastou os pés no início, mas finalmente a seguiu com uma carranca franzindo suas sobrancelhas escuras. Quando chegaram ao bar, ela se apoiou no balcão e tentou controlar a adrenalina viajando por seus membros, os tornando instáveis.

Ela enxugou a testa com a parte de trás da mão.

— Está quente aqui; você não acha que está quente aqui?

Ele estreitou os olhos.

O suor se juntou entre seus seios e ela passou a ponta dos dedos pela umidade.

Que nojo.

— Aqui. — Seus olhos se dirigiram para Tensley segurando um guardanapo, seus lábios estavam apertados. Sua mão pressionou o guardanapo acima da curva de seus seios e ele acariciou, absorvendo o suor.

— O que vai ser? — Perguntou o homem atrás do balcão.

Molly se afastou, a mão de Tensley caindo de sua pele. Seus lábios se separaram, mas nada saiu.

— Um rum e Coca Diet, e me dê seu melhor uísque, puro, — disse Tensley enquanto amassava o guardanapo na mão. Seu olhar segurou um fogo feroz, o ar se recusou a esfriar entre eles.

Ela espalmou a bochecha, desejando que o rubor desaparecesse. Ela não deveria ter deixado que ele a tocasse assim. *Droga*. Ela deveria envenená-lo.

Sua testa enrugou mais.

— Você está se sentindo bem?

— Sim, muito calor.

As bebidas chegaram, e ela olhou para a dele, escura e o aroma de carvalho no copo transparente. Ela apertou a dela e tomou um grande gole. Queimou, mas entorpeceu seus nervos em pânico.

— Calma, — ele advertiu, seus dois dedos circulando seu pulso. Uma faísca inundou-a e ela observou seus longos dedos. *São apenas dois dedos. Imagine toda a sua mão, cale-se!* A pequena garrafa de veneno ainda estava apertada em seu outro punho.

— Posso experimentar um pouco do seu? — Perguntou, incapaz de fazer contato visual. Se fizesse, jogaria com sua mente. Sem dizer uma palavra, ele entregou.

Tensley a observou atentamente, então Molly saltou na próxima música que surgiu.

— Ooh, eu adoro o DJ Hale! — Ela arrulhou, fazendo um círculo completo para longe dele, abriu a tampa e virou a minúscula garrafa de veneno em seu copo enquanto girava.

Uma gota deslizou pelo lado e sobre a pele dela enquanto fingia balançar com a música e, por um momento, ela se perguntou se chiaria. Seu suspiro foi audível, e Tensley pegou seu ombro.

— Você tem certeza de que está bem?

— Um, sim, desculpe, acabei de derramar um pouco. Aqui. — Molly entregou o copo de volta com uma mão torta.

— Então você trabalha em um museu?

Ela olhou para ele e depois para a bebida intocada. Ela ajeitou sua bolsa.

— Como estagiária.

Ele assentiu.

— E você gosta disso?

— Eu amo isso. — Ela sorriu. — Na verdade, eles estão me deixando ajudar a projetar uma exibição inteira com um dos curadores. Não é uma exibição muito grande, mas ainda é *surpreendente*. — Depois de um momento de silêncio, sua vertigem desapareceu e ela olhou para ele. Seus olhos não deixaram os dela.

Foco Molly!

— Por que você está me olhando assim? — Perguntou Molly, seus olhos flutuando da testa larga de Tensley e olhos cinzentos como uma borboleta debatendo onde deveria pousar.

— Seus olhos. Eles são simplesmente... Eles são incríveis.

A crueza da voz de Tensley fez com que algo se agitasse dentro de Molly, algo que ela estava fazendo todo o possível para manter enterrado durante a maior parte dos treze anos, quando ele entrou em sua vida como uma sombra, um menino com um rosto assombrado e aqueles olhos cinzentos gigantescos.

Mas o Tensley, que surgiu há uma semana, *não* era o Tensley, que lembrava. Não. Longe disso. Mas esse tom, essa sua expressão, tão autêntica e *vulnerável*...

Ninguém jamais disse que seus olhos eram incríveis.

Ele levantou o copo do bar, a condensação deixando um anel escuro na madeira. Sua respiração era alta em seus ouvidos, e uma voz gritou dentro de seu cérebro.

Ela não era como ele. Ela não era má.

Ela não era cruel.

Ele levou a bebida aos lábios, mas ela bateu no seu pulso, derramando tudo na sua camisa e calça.

— Merda. — Ele largou o copo e asperamente esfregou suas roupas encharcadas.

Ela pegou um guardanapo e o esfregou do peito até a pélvis.

vein of love
R. Scarlett

— Desculpe, desculpe, sinto muito.

Por tudo.

— Não, — ele ordenou, afastando a mão com irritação.

Molly olhou por cima do balcão a distância, onde Cree os observava. *Eu aceno agora?* Ela se lembrou do que Cree havia dito: que seus olhos imobilizariam demônios. Se pudesse fazer isso com Tensley...

Ela agarrou a mão de Tensley de novo, e a raiva se espalhou como fogo sobre suas feições.

— Você não fala inglês, *daemon*? Você está fod...

Seus olhos se alinharam com os dele, enquanto ela desejava que a sensação fria se espalhasse, e ele ficou rígido, encarando seus olhos. Ela continuou a respirar, observando suas mãos ficarem flácidas aos seus lados.

Funciona...

Merda, isso funciona!

Ela o puxou novamente e colocou a palma na sua cintura.

Seu rosto se suavizou.

— Dança comigo, — disse ela suavemente.

Seus dedos se moveram sobre o tecido de cetim de seu vestido, mas a eletricidade de seu toque fez parecer que nenhuma roupa os separava. Ela esperou que ele fizesse um comentário irônico, uma insinuação sexual, mas sua boca ainda estava aberta e seus olhos permaneceram ansiosos. *Obrigada, poderes.* Virando, ela liderou o caminho, sentindo vários pares de olhos decaçadores de demônios observando-a.

Uma vez que eles estavam presos na multidão densa e sufocante, ela pressionou toda sua estrutura contra o seu corpo forte e envolveu os braços firmemente em volta do pescoço dele. Os olhos dela percorreram além dele, procurando por Cree ou qualquer outro caçador se aproximando. Medo enchia seu peito. Como ela poderia dizer

quem era um caçador ou não? Ela precisava avisar Illya e September, mantendo Tensley seguro ao mesmo tempo. Se ela contasse a Tensley sobre os caçadores, ele reagiria mal, poderes ou não. *Muito* mal.

Tensley endureceu, sentindo o perigo, mas se pressionou mais e fez algo que sabia que se arrependeria. Ela só conseguia pensar em uma maneira de convencê-lo de ficar grudado nela, no entanto, e um desejo mais profundo, carnal, cimentou seus movimentos.

Ela queria prová-lo.

Seus lábios roçaram o pescoço dele, e ele congelou. Suas mãos cravaram ao longo de seus lados, puxando-a contra ele. Uma onda de calor se agrupou entre eles.

— Por que a mudança repentina? — Sua voz rouca e sem fôlego a assustou. Ela gemeu uma resposta, seus seios empurrando contra ele.

Ele colocou a perna entre suas coxas, e ela ofegou levemente ao sentir sua excitação. Seus músculos tensos, as pontas de seus dedos cavando em seus quadris, ela podia sentir sua energia crescendo. As luzes piscavam constantemente, rápidas e brilhantes, e seus corpos se entrelaçavam.

Ela examinou a multidão.

Cree estava caminhando, olhando para ela. Sua boca se moveu, e ele bateu no ombro de outro sujeito. Ele entregou ao outro homem algo fino e brilhante. Uma arma.

Não, não, ela não podia matar Tensley.

— Vamos encontrar os outros e sair daqui. — gritou na orelha de Tensley sobre o baixo estrondoso. Quando ele virou, os lábios roçaram o lóbulo da sua orelha. Com o coração acelerado, ela escapou de seu toque e atravessou a multidão.

— Eles estão lá, — ele disse a ela, inclinando-se então seus próprios lábios escovaram sua orelha e sopraram seus cabelos. Ela engoliu um gemido.

September estava rindo, e Illya mostrava um sorriso simples, incapaz de tirar os olhos dela enquanto ela balançava com a música. Suas mãos posicionadas em seus lados — não muito baixas e não muito altas.

Respeitoso.

September os notou primeiro.

— Hey... — Molly a agarrou pela mão e a arrastou com Illya em direção à saída, puxando Tensley também.

— Eu não me sinto bem! — Explicou Molly, e os três saíram pela noite sem mais perguntas.

— Ele está aqui. — Molly sibilou para September, desajeitadamente colocando os óculos de sol de volta, uma vez que colocou uma distância decente entre elas e os demônios. — Cree queria matá-lo. Ele queria que eu fizesse isto *naquele momento*. — Ela continuou observando os vários becos para garantir que Cree não estivesse seguindo-a e seus amigos.

September sorriu.

— Uh, óbvio!

— Eu queria me livrar dele... Eu não queria sangue de alguém em minhas mãos, ou suas mãos, ou *nas mãos de ninguém*. Chega de derramamento de sangue!

September deu de ombros.

— O sangue terá que estar nas mãos de alguém. Ele é um caçador... O que você esperava? Reuniões de paz?

— Ele me deu uma adaga.

— Ele fez o quê?

— Ugh. — Molly bufou, balançando a cabeça. — Como é que ele me achou?

— Perseguindo passo a passo?

— O sarcasmo não é bem vindo agora. — Molly cruzou os braços. — Ele também mataria Illya se eu não o tirasse de lá.

Isso chamou a atenção de September. Ela manteve a voz baixa, olhando para Tensley e Illya enquanto conversavam.

— Cree vai resolver isso. Ele o impedirá; eu sei disso, espero que sem mais ameaças a caras inocentes como Illya, no entanto.

— Eu sei. — Molly assentiu. — Cree é extremista. Não consigo lidar com mais pessoas extremas, incluindo um noivo demoníaco. — Ela empurrou seus malditos hormônios para o lado, renovando seu foco em sair do contrato. O desejo que se instalava no fundo do seu estomago a assustou.

Ele não tem coração. Só lembre-se disto.

Sem coração.

vein of love
R. Scarlett

CAPÍTULO 14

Tensley estudou a cena à sua frente. Os sussurros suaves foram ampliados por sua audição aprimorada, mas ele não conseguiu entender todas as palavras. Algo sobre “insano”. September envolveu seus braços anormalmente longos e finos em torno de Molly, abraçando a loira sedutora.

— Ela é bonita, — observou Illya.

Tensley deu uma gargalhada.

— Boca Grande?

Illya riu e bateu nas costas de Tensley. Com força. Um baque oco ecoou.

— Sim, ela é, mas não é a ela que me refiro. Eu quis dizer *Molly*. Meio sexy, na verdade.

Tensley observou sua silhueta, estabilizando a respiração e inclinando a cabeça. Seus beijos ainda agarrados pele dele. Suas mãos já se sentiam extremamente poderosas enquanto as esticava, eletrificado por aqueles pequenos atos de intimidade. *Deus, eles não estavam brincando sobre o quão poderosos daemons eram.*

— Ela beijou meu pescoço.

Illya abriu os olhos.

— Sério?

Ele assentiu.

— Ela estava agindo estranha.

Mas Deus, isso o excitou. Então ela se foi, atravessando a multidão de humanos excitados, a luxúria ainda evidente em sua cueca — a frustração, também. Conduzindo a um dos dois caminhos para demônios: violência ou sexo.

September finalmente soltou Molly e caminhou em direção a eles.

— Boa noite, Tensley. — September riu e, do nada, abraçou-o como um velho amigo. Ele recuou, então ela se inclinou para mais perto. — Se você fizer alguma coisa com *ela*, eu pessoalmente vou perseguir sua família, assassiná-los e depois enterrá-los em uma câmara hermética do modo que se eles voltarem à vida, não terão chance de sobreviver uma segunda vez. Eu falo sério.

Ele fechou as mãos em punhos apertados.

Ele queria estalar seu pescoço por um comentário como esse, mas Tensley sabia que faria mais mal do que bem, com dois olhos especiais assistindo a alguns metros de distância. Além disso, eles estavam em público.

— Eu tomaria cuidado, September. Molly não iria querer que sua melhor amiga sofresse um acidente horrível, certo? — Ele respirou pesadamente, aumentando seu controle sobre os antebraços de September. — A única amiga que a aceitou. A única amiga que ela tem. — September estremeceu e se afastou, e ele riu. — Boa noite, Boca Grande.

Illya lhe deu um olhar decepcionado antes de correr atrás de September na noite.

Uma vez que as silhuetas de seus amigos desapareceram, Tensley andou até Molly. Um vinco adorável formado entre suas sobrancelhas.

— Você abraçou September? — Perguntou ela.

Ele lhe deu um sorriso simples, procurando a mesma sedutora que ele testemunhou — não, *experimentou* — alguns momentos atrás.

— Chegamos a um entendimento.

Sob seus olhos atentos, ela cruzou suas mãos delicadas abaixo de seu peito impressionante de uma maneira infantil.

— Hmm. Ok, bem, vou para casa agora.

A sedutora se foi há muito tempo.

Ele tentou encantá-la no bar, agindo como se estivesse interessado em conhecê-la. Parecia ter funcionado, até que ela saiu abruptamente. Os dois andavam em silêncio agora. As ruas estavam vazias e uma tempestade estava se formando, o ar pesado e rançoso com o cheiro do lixo diário e comida chinesa.

O clique de seus saltos parou.

Um sussurro feroz escapou dela, um que carregava a distância que colocara entre eles e o agarrou pela garganta.

— Não há como eu me livrar de você, não é?

A raiva ferveu em suas veias.

— Você não *me acariciou* lá? Eu estava alucinando tudo isso?

— Sim, mas era apenas... O álcool. — Ela mastigou o lábio inferior e depois o fitou. — Por que você não pode simplesmente ir embora?

Por que ela está brincando comigo de quente e fria? Ele balançou sua cabeça. Ele continuou a caminhar, irritado com suas palhaçadas. Ele não usou nenhum de seus feromônios para controlá-la, e pareceu que eles realmente estavam se dando bem por alguns momentos prazerosos no clube.

— Tensley.

Ele resmungou em resposta.

— Me responda!

Ele girou e um estremecimento passou por seu corpo imenso e agitado.

— Desista. — Ele foi se afastar, mas parou, avançando sobre ela como um animal selvagem. — Na verdade, desista de tudo. Eventualmente vamos foder um ao outro.

O corpo de Molly ficou rígido e ele notou o tremor no lábio inferior.

Merda.

O silêncio que resultou depois de tal declaração pesava como ferro entre eles, expandindo e mudando para um nível desconfortável.

— Olhe, eu... — Tensley começou, se preparando para retirar sua declaração grosseira, mas Molly foi muito rápida para ele.

Ela avançou e esbofeteou sua bochecha, fazendo sua cabeça virar para a esquerda. Tensley tropeçou para trás, incomodado com a picada se espalhando pelo seu rosto.

A força dela.

Golpes assim de um humano não faria nada, mas de um daemon? Com certeza machucam.

Porra.

Ele tocou sua pele com hesitação, mais de choque do que dor.

Sou um idiota. Eu mereci isso.

Ele sabia que havia cruzado uma linha. Ele não queria machucá-la, mas quanto mais ela o confundia, jogava, mais seu lado demoníaco queria estrangulá-la.

— Você está bem agora?

Os olhos dela aguçaram. Ela estava tremendo, seja por raiva ou medo; ele não sabia.

— Você é um idiota.

Tensley latiu uma risada.

— A maioria das meninas cava o idiota¹⁴.

— Você acha que a maioria das meninas é hormonal e desesperada por seu próprio vampiro brilhante, hein?

Ele suprimiu um sorriso. *Menina espirituosa.*

— Duvidoso, considerando que *você* foi aquela que se atirou sobre mim. Você não conseguia manter as mãos afastadas. Ou sua língua. — Ele fez uma pausa, franzindo as sobrancelhas. — Espere, você me comparou com um vampiro brilhante? Porque não chego nem perto de uma dessas malditas coisas.

— Sim, eu estava, e não, não sou “hormonal” para esse tipo de cara, — disse ela. Seus olhos cintilaram sobre sua figura, não impressionados.

Ele não conseguiu evitar que o desapontamento se expandisse em seu peito.

— Então você deve estar cega.

— Quem me dera. — Ela desviou o olhar.

Seus olhos se estreitaram e ele franziu o cenho. *Ela realmente não está atraída por mim?*

— Agora você está apenas sendo *cruel*.

— Agora estou sendo *honesto*.

Ela estava com suas mãos em cima de mim. Ela me enganou feito um idiota.

Com uma fúria recém-formada, ele deu um perigoso passo em frente, seus feromônios faíscando como um fogo desenfreado aceso pela gasolina.

— Se nós estamos sendo *honestos*, então, você é uma pirralha esnobe que não tem ideia de com quem está lidando. Então, se você quiser ficar em bons termos comigo pensaria melhor na próxima vez... — ele respondeu, dando

¹⁴ Aqui a conversa usa termos como jerk para idiota e dig, que pode ser traduzido tanto como escavar quanto para pênis. Lembrando também que jerk off traduz-se como masturbar.

um passo mais perto. Ela engoliu em seco. — Isso é suficientemente claro para você entender?

— Você é... você é...

Ele se inclinou para frente e, por uma vez, não se curvou.

— Eu sou o *quê*?

— Você é um bastardo. — Suas narinas dilataram.

Ele gemeu, virando-se para voltar pelo caminho que eles vieram.

— Vamos terminar a noite. — Ele não queria dormir com ela, não a qualquer momento em breve, não quando ela sequer o queria ou gostava dele. *Ela brincou comigo e eu caí nessa.*

— Espere! — Ela correu para cortá-lo, suas mãos pairando sobre seu peito.

Querido Deus, deixe-me em paz mulher!

— O que?

Ela mordeu o lábio com força, e uma vez que sua boca se abriu e fechou três vezes seguidas, ele perdeu a paciência.

— Desembucha. Vai me chamar de “idiota” novamente? Porque eu já sei disso, querida.

— Estou com medo, ok, —ela sussurrou.

Suas sobrancelhas levantaram.

Ele não esperava que ela confessasse isso. Ele endureceu quando seus olhos vermelhos e inchados encontraram os dele. Ele não lidava bem com suas próprias emoções; certamente não queria tentar lidar com as dela.

— Toda esta situação... Me assusta. — Ela esfregou os braços e percebeu que tinha esquecido seu casaco no clube. — *Você me assusta.*

Finalmente, ela admite isso.

— Apenas pare de falar. — ele resmungou, amaldiçoando sob sua respiração. Ele não queria se importar, porque se ele se importasse, ela teria o poder. — Se não voltarmos logo, você ficará doente, está tipo dez graus aqui fora. — Uma tempestade se formava com fortes ventos; Ele pensou em lhe dar sua jaqueta de couro, mas não queria parecer legal, fraco. Constantemente, o rosto do irmão mais velho surgia diante dele como um lembrete sempre que pensava em fazer algo de cavalheiresco.

Não se aproxime muito, ou você acabará como ele.

— Você não sente nada? — Ela murmurou.

Ele parou, voltando a endurecer.

— Eu não tenho um coração, lembra? Você não pode me prender às suas regras. Sou um demônio. Nós não sentimos; nós tomamos. — *Parcialmente verdadeiro.* No entanto, ela não precisava saber disso.

— Como a minha liberdade?

Ele apertou o maxilar.

— Ainda não tirei a sua liberdade.

— E você não vai, — ela murmurou, cruzando os braços novamente. Ela, obviamente, não percebeu que isso atraía mais atenção para o peito dela.

Revirando os olhos, ele girou e continuou a caminhada até sua casa. Quando olhou para frente, no entanto, ele congelou. Dois lobos estavam no final da rua, ofegantes.

Porra! Porra—porra—porra!

Seus olhos examinaram a área e logo encontraram vários mais, juntamente com a silhueta alta de um homem.

Ele tinha que escondê-la, protegê-la. Rápido.

Sem pensar, Tensley agarrou Molly pela parte de trás do pescoço e empurrou a cabeça dela para o seu peito firme.

— Tensley! — Ela se contorceu, suas unhas raspando seu peito. — Deixe-me ir...

— Apenas confie em mim!

— Tensley... — ela gemeu.

— Não olhe para ele, não fale... *por favor*, confie em mim, — disse ele.

Ela se acalmou, notando seu tom, e então, um momento depois, acariciou sua estrutura enquanto ele apertava o braço em torno de sua cintura.

— Apenas confie em mim, — ele repetiu no topo da sua cabeça.

— Sr. Knight? Eu achei que era você, — disse Abaddon, se aproximando. Com um gesto e um assobio, os lobos desapareceram.

— Sim, — respondeu Tensley secamente.

— Ouvi rumores sobre você, — disse Abaddon. — Noivo de uma garota humana? Eu pensei que sua família tinha mais classe.

A mandíbula de Tensley ficou tensa.

Os olhos de Abaddon deixaram os dele e seguiram o corpo de Molly, onde estava preso a Tensley.

— Bem, você não vai nos apresentar? — Abaddon cruzou os braços grossos em seu pesado robusto.

Ela apertou ainda mais contra ele no comentário, suas mãos agarrando o tecido de sua camisa social.

— Ela não está se sentindo bem. — Ele acariciou suas costas. — Eu realmente deveria levá-la para a cama. Prazer em vê-lo, Abaddon.

Quando Tensley recuou, Abaddon agarrou seu ombro com rapidez surpreendente.

— Espere, — ele disse, toda sensação de simpatia desapareceu. — Deixe-me vê-la.

Tensley emudeceu, sem saber o que dizer. *Você deve estar me gozando.* Abaddon era séculos mais velho e mais forte do

que ele, seu poder era tão profundo e forte quanto sua linhagem. Fallen, se alguma coisa, ficaria do lado de Abaddon se soubesse que os Knights estavam escondendo um daemon dele.

— Ela está doente, — ele insistiu, mais severamente do que antes.

— Você está mentindo. — Os dedos grandes e gordurosos de Abaddon agarraram os cachos de Molly, arrancando-a de Tensley. Os óculos de sol caíram do seu rosto com o puxão e bateram na calçada.

Porra!

As mãos fechadas de Tensley tremiam ao lado dele. Ele queria transformá-lo em uma bagunça feia de ossos e pele. Seu lado demoníaco *adorou* o pensamento.

Um grito estrangulado deixou sua garganta, mas seus olhos estavam fechados. O dedo de Abaddon rastreou seus lábios e ela se contorceu. Quando o dedo tentou entrar em sua boca, ela mordeu e ele riu profundamente em sua garganta. *Ela estava pedindo para morrer.*

— Deixe-a ir, — ordenou Tensley, seu peito tremendo violentamente enquanto suas mãos ficavam úmidas.

Abaddon puxou os cabelos dela novamente.

— Abra seus olhos.

Molly recusou, tentando empurrá-lo para longe, mas seu aperto aumentou.

— Abra-os! — Ele a sacudiu com violência, sua cabeça foi jofada para trás com tanta força que poderia deslocar algo.

Um medo frio caiu sobre Tensley conforme as amantes de Abaddon, as muitas familiares que ele comprou de Scorpios ao longo dos anos cintilou pela sua memória. Todas as meninas que haviam sido espancadas quase até a morte, ou pior, não haviam sobrevivido. Se ela não lhe obedecesse, ele acabaria batendo-a contra o concreto até que o fizesse.

— Abra os malditos olhos! — Tensley rugiu, sua voz rasgando o silêncio morto. A última coisa que ele queria era que ela morresse.

Seus olhos brilhantes se abriram e o aperto de Abaddon afrouxou imensamente.

— Você... seus olhos. — Tensley nunca o viu vulnerável. O efeito de *olhos daemon*. — Você é um daemon.

Molly saiu de seu domínio e o empurrou.

Ela tropeçou, começando a cair, mas Tensley a pegou, segurando seu cotovelo e se colocando entre eles.

— Ela é minha noiva, Abaddon, então nem pense nisso.

Abaddon piscou e ergueu os ombros, lutando para recuperar sua força e confiança. A atração que Molly exercia sobre ele era evidente.

Abaddon não conseguia afastar os olhos dela, mesmo quando ela se agarrou às costas de Tensley.

— Então, ela é, — murmurou Abaddon, olhos treinados no dedo anelar.

— E não conte a mais ninguém sobre ela. Vou avisá-los há seu tempo, — ele advertiu, retrocedendo. Abaddon rapidamente assentiu com a cabeça, mas Tensley não acreditou nele. Abaddon tinha uma boca grande, e era apenas uma questão de tempo antes de Fallen descobrir.

Ótimo.

Tensley foi se virar, mas Abaddon avançou.

— Espere, qual o nome dela? — As mãos de Abaddon tremiam violentamente, e ele estava claramente perdido no olhar de Molly.

Tensley hesitou, olhando para onde Molly tremia em seus braços.

— Emily, — ele respondeu suavemente, agarrando o cotovelo e deixando Abaddon na calçada.

Quando chegaram à sua casa, Tensley parou aos pés da escada. Ela se virou, uma mistura de surpresa e outra coisa em seus olhos cristalinos. *Alívio? Confusão?*

Ele afrouxou o colarinho, o nervosismo aninhado dolorosamente em seu estômago contra a nova ameaça.

— Quem era ele? — Mechas de seu cabelo brilhante sopraram através de suas características coradas e ela não se incomodou em removê-los, em vez disso, concentrando no olhar fixo de Tensley.

— Um demônio da classe alta, Abaddon, o Duque de Tormento. Ele reina na Babilônia, onde a classe superior vive em segredo a partir deste mundo. — Ele rangeu os dentes no pensamento de Abaddon levando Molly para si mesmo. Para Abaddon, ela seria o derradeiro entalhe na cabeceira deformada de sua cama.

— E o que aqueles lobos estavam fazendo? — Ela disse enquanto molhava seu lábio inferior tremulo. Por um momento ele pensou em aquecer seu rosto com a ponta dos dedos, depois com as palmas das mãos e depois com a boca faminta. Por um momento, ele esqueceu sobre quem estavam discutindo.

— Eles não são realmente lobos. Eles são chamados de familiares, e são como animais de estimação para demônios. Eles mudam de forma entre animais e humanos, — explicou. Quando olhou para ela novamente, viu o medo em seus olhos escuros e brilhantes, e não gostou do olhar suave que ela estava lhe dando, era o mesmo de quando ele lhe falou sobre Illya.

Aborrecido, ele tornou seus olhos escuros e seu corpo rígido, enviando feromônios agressivos.

— E quando eu lhe disser para confiar em mim, porra, faça isso. Não hesite, não resista, faça como lhe mandar ou um dia ele vai bater sua cabeça contra a calçada.

— Com licença? — Ela olhou. — Você não é meu mestre. Você não pode me dizer o que fazer. — Ela bufou e

olhou para longe. — Eu não preciso de sua ajuda. Só me deixe em paz.

Tensley sacudiu a cabeça.

— Tudo bem. Lide com demônios e familiares e Duque Abaddon por si mesma, então, se você é tão esperta! Prove que estou errado, *ciccia*.

Ele não queria mais ficar nessa maldita casa; ele enviaria seus homens para vigiá-la. Ele não queria estar ao seu redor, e com o anel de noivado, esperava que ela permanecesse intocada por outros demônios. Com exceção da linhagem nobre que sentiriam a reivindicação, o resto assumiria que ela tinha sido marcada e estava fora dos limites.

Os olhos de Molly estavam injetados de sangue e ele começou a esticar sua mão para pegar a dela, puxando imediatamente para trás. *Não seja gentil. Não seja mole.*

— Tudo bem, — ela respondeu. Ela olhou para ele, os olhos molhados, e fez coisas terríveis para o coração dele. Ele lamentou seu tom quando Molly assentiu sem palavras e subiu as escadas, fechando a porta atrás dela sem olhar para trás.

CAPÍTULO 15

MOLLY envolveu os braços ao redor de seu corpo e sentou-se no metro, observando a paisagem. Ela olhou para o relógio de pulso. Ela não queria se atrasar para a reunião com Cree, e ansiedade encheu seu corpo pelo que ele diria sobre a noite anterior. Se Tensley não ia ajudar ou protegê-la contra outros demônios, incluindo Abaddon, então ela precisava que Cree a treinasse para proteger a si mesma e a sua família.

Ela olhou para o texto que sua mãe lhe enviou, dizendo que eles voltariam para casa no dia seguinte.

Ela enviou várias mensagens para seus pais ficarem onde estavam, mas eles não responderam.

Quando o trem parou, ela se levantou e pisou na plataforma. Poucas pessoas desceram, marchando pelas escadas de concretos para o nível da rua. Grafites infestavam os pilares e grandes letras vivazes soletravam algo que Molly não conseguia decifrar na iluminação fluorescente acima.

Ela virou e congelou ao ver Cree com uma jaqueta escura e botas de combate gastas, caminhando na sua direção. Ela tentou ler sua expressão.

Ele estava com raiva? Irritado?

— Hey, — ela disse e desajeitadamente acenou, mas se conteve quando ele não acenou de volta.

— Fico feliz que você me ligou. Eu fiquei preocupado quando as coisas não deram certo ontem à noite, — ele disse, sua caminhada brusca a pegou desprevenida quando ele passou por ela.

Ela alcançou-o sem fôlego. — Sim, Tensley parecia suspeito. Arrancou-me do clube antes que eu pudesse fazer alguma coisa.

Cree girou tão rápido que ela cambaleou para trás e ficou boquiaberta com suas feições duras.

— Apenas diga isso. Você não pôde continuar com isso. Você não pôde matá-lo.

Ela engoliu e levantou os ombros.

— Você pode não gostar do que eu faço, porra, eu não me importo, mas saiba disso: eu estou do seu lado. Quando ele estiver rasgando sua vida em pedaços, estarei bem aqui para você. Entendeu?

Ela prendeu a respiração com as palavras dele, com o seu apoio. Ela assentiu, muito atordoada para falar.

Cree suspirou e se virou, voltando a andar.

— Você disse que ele precisa de você para ter um filho, certo? Bem, o que você acha que vai acontecer depois de dar-lhe isso? Ou ele vai manter você por perto para ter mais, ou vai se livrar de você.

Ele estava certo.

— Vamos, só um pouco mais adiante.

Mais adiante havia um portão de cemitério e Molly olhou as lápides pela cerca.

Ela voltou sua atenção para as lojas do outro lado da rua - uma lavanderia e um Restaurante chinês - mas nada gritava onde Cree a estava levando.

Para sua surpresa, ele abriu o portão do Cemitério Greenwood e gesticulou para ela entrar.

Sério? O cemitério?

Na frente deles, além do aglomerado de túmulos, estavam homens e mulheres se preparando para a noite, alguns com facas, enquanto outros simplesmente estalavam os nós dos dedos ameaçadoramente.

Molly se sentiu deslocada em sua capa de chuva amarela, blusa e sapatilhas Tory Burch.

— Ei!! — Cree gritou, imediatamente cortando as conversas do grupo. — Nós temos um novo membro entre nós esta noite. Não peguem leve com ela. — Algumas risadas escaparam, enquanto outros continuaram franzindo a testa. Cree deu um passo em direção a uma garota com cabelo rosa tingido e sussurrou algo em seu ouvido carregado de joias.

— Siga-me, — a menina exigiu enquanto marchava, movendo-se quase tão rápido quanto Cree tinha feito mais cedo.

Molly olhou para Cree, que acenou com a cabeça para tranquilizá-la. Molly seguiu, tropeçando atrás da garota de cabelos cor-de-rosa subindo a colina até a mata.

— Meu nome é Freya. Você sabe como lutar? — A garota gorjeou, ainda olhando para frente.

Molly olhou para ela, estudando a tatuagem de um olho que se estendia à largura do pescoço de Freya. Era complexo, com linhas pretas delicadamente torcidas ao redor do olho. Molly não conseguia desviar o olhar.

— Uhh... não?

Freya sacudiu a cabeça e o modo como o pescoço dela se retorceu, o olho pareceu seguir Molly.

— Cree confia que você mantenha sua boca fechada, mas eu não. Como ele administra esse lugar, não posso dizer nada. — Freya parou de andar e se virou para encará-la. — Tire os óculos.

A mão de Molly automaticamente alcançou seus óculos escuros.

— Eu realmente aconselho a não usá-lo. Para seu próprio bem.

Freya fez uma careta, mas depois de um momento de silêncio, ela suspirou. — Entre em uma posição de luta.

Molly recusou.

— Uma o quê?

— Uma posição de lu... ugh, deixe-me mostrar-lhe. Abra bem as pernas e dobre-as nos joelhos. — Molly fez isso. — Bom. Agora erga suas mãos na frente, separe-as, em um ângulo, sim, assim.

— Por que eu estou fazendo isso? — Molly sentia estar parecendo uma ridícula estudante de caratê descoordenada.

— Assim? — Freya olhou-a de alto a baixo.

— Sim. — Um segundo depois, ela deu um chute, batendo na canela de Molly.

Molly engasgou, quase desabando na terra úmida e coberta de folhas.

— Oh!Merda, isso doeu! Por que você fez isso...

— Demônios não esperam que você esteja pronta. Nós vamos treiná-la para se proteger.

Freya interrompeu, chutando a outra perna de Molly e derrubando-a completamente no chão. Molly gemeu quando seu pequeno pulso se conectou com o chão duro.

— Primeiro, nunca deixe sua guarda baixa. Você apenas dará a eles a oportunidade perfeita para atacar. Em segundo lugar, mãos para cima, com os punhos, assim. — Freya mostrou a Molly, elevando-se sobre ela enquanto Molly segurava seu braço dolorido. — E terceiro, nunca mais use essa coisa horrível de cor amarelo. É ofuscante pra caralho.

Molly olhou para a capa de chuva. Quando ela se levantou, Freya avançou nela novamente e empurrou Molly para trás, tropeçando. Ela se manteve firme naquele momento,

no entanto. Molly sorriu, triunfante, até que Freya acertá-la no estômago.

— Isso é tudo o que você tem? — Freya perguntou quando Molly cambaleou para o chão novamente, ofegante.

Molly olhou para ela através do cabelo despenteado e se pôs de pé. — Não.

Freya se lançou novamente. Molly saltou do caminho e pegou Freya pelo bíceps, torcendo nas costas dela.

Freya assobiou agudamente através dos dentes cerrados e não conseguiu se libertar.

— Porra!

Molly largou-a. Ela não queria quebrar o seu braço; não precisava de uma repetição da aula de ginástica no ensino médio.

— Puta merda, — Freya murmurou, esfregando o braço onde as impressões das mãos ficaram marcadas em vermelho.

— Maldito aperto da morte. Você é realmente um daemon.

Molly franziu a testa.

— Sim, e isso está arruinando toda a minha vida.

O sol se instalou sob os grandes carvalhos enquanto praticavam movimentos defensivos, transformando a floresta verde vibrante em um deserto escuro e ameaçador.

Freya apontou suas fraquezas - que havia muitas - e ensinou-lhe alguns chutes e técnicas de evasão.

Cree estava no alto da pequena colina, olhando para elas.

— Isso é o suficiente por esta noite, — disse ele finalmente, descendo de seu poleiro rochoso. — Ela precisa ver os Diviners.

Molly limpou o suor da testa. — Os Diviners?

— O termo mais comum para descrevê-los hoje em dia é bruxas.

Molly arregalou os olhos.

— Bruxas?

— E eu preciso vê-las, por quê?

Ele se virou e começou a descer pelo caminho.

— Você tem que fazer um juramento, para sua própria proteção e proteção da Ordem.

Molly olhou de volta para Freya, que revirou os olhos para o céu.

— Você estaria vivendo o clichê se não fizer o juramento para o seu próprio bem, garota.

Molly mordeu a língua; ela queria muito retrucar, mas achava que Freya estava certa.

Molly seguiu Cree através dos pinheiros, os ecos dos pássaros como sinos em cima, até uma pequena capela escondida entre a folhagem. Seu telhado era inclinado, com buracos em vários pontos.

O próprio tijolo estava coberto por videiras silvestres que tomavam suas paredes com vigor *incontrolável*.

Ele pegou a grande fechadura de metal da porta e facilmente a abriu. Cree abriu a porta e gesticulou para ela entrar. Ela entrou na ponta dos pés, os olhos se ajustando ao quarto escuro.

Uma luz cintilou no pequeno quarto, vindo de vários castiçais brancos altos iluminando o quarto em tons amarelados.

Duas figuras estavam ajoelhadas diante do altar sujo e os sapatos de Molly batiam contra o piso de pedra enquanto ela seguia Cree mais adiante. As figuras se levantaram e removeram seus capuzes escuros para revelar um homem e Albert. Quando eles se viraram para encará-la, Albert sorriu.

— É bom ver você, — disse Albert e seu sorriso cresceu.

— Este é Oliver.

— Yo, — o homem mais baixo disse em um sussurro. Oliver tinha dois piercings picada de cobra abaixo do fino lábio inferior.

— Todo caçador deve prestar o juramento ao se juntar, — disse Albert, seus olhos escuros brilhantes.

— Você deseja fazer o juramento?

Molly olhou para Cree em busca de orientação.

— Então isso significa que serei protegida dos demônios?

Albert assentiu.

— É um elo de comunidade, de força em números.

Molly hesitou, mordendo o lábio.

Cree segurou-a pelo braço e guiou-a a alguns passos para longe, inclinando-se e sussurrando baixinho.

— Qual é o problema, Molly?

— Eu já estou em uma situação realmente difícil. Eu gostaria de evitar fazer isso novamente, — ela disse, apontando para o quarto.

— É um juramento de parceria e proteção, Molly. Não é algo maligno. Nós, caçadores protegemos uns aos outros. Isso vai te proteger, — Cree disse gentilmente. — Se eu pudesse ter dado a minha irmã a mesma proteção que este juramento proporciona, eu teria. — Ela olhou para os olhos dele. Ele estava dando-lhe proteção. Claro que ela deveria aceitar.

— Nós também podemos ajudá-la a desenvolver totalmente suas habilidades, — disse Albert. — Seus olhos tem o poder de controlar os outros, especialmente demônios. Para fazer isso, seu corpo deve estar relaxado em um estado de retirar a energia de seus olhos para expandir em

todo o seu corpo. Acredita-se que os daemons sejam guerreiros para defender a humanidade do caos que os demônios gostam.

Molly piscou. — Uau.

Molly torceu as mãos e suspirou.

— Não posso ser protegida sem o juramento?

A expressão de Albert suavizou.

— Se você estiver em perigo, podemos sentir - literalmente, sentir o medo na sua pulsação, e podemos encontrá-la. É um antigo ritual de acordo entre você e a Ordem. Os diviners lidam com poderes herdados de suas famílias e podem usar feitiços nos outros - bons ou maus. Só nos últimos cem anos os caçadores e diviners começaram a trabalhar lado a lado. O ódio contra os demônios é a única coisa que todos parecemos ter em comum.

Molly pesou suas opções. Se ela estivesse em perigo e precisasse de ajuda, eles sentiriam isso.

Eles a encontrariam e a ajudariam. Ela engoliu em seco. Ela não estaria sozinha neste aterrorizante mundo.

Molly se aproximou dos diviners e pegou a mão estendida de Albert.

— Para ligá-la a Ordem, vamos ter que extrair sangue para o juramento. — Albert tirou uma faca de prata do seu manto, cortando profundamente o dedo anelar esquerdo de Molly.

Ela franziu o nariz, recuando com a picada da faca.

— Auch!

O sangue se acumulou na palma da mão de Albert quando Molly apertou.

Albert se aproximou do altar onde havia um pedaço fino de papel amassado. Albert abriu um pouco a mão para que o sangue de Molly pingasse no papel.

— Repita depois de mim, — disse Albert, palavras estranhas de repente saindo de sua boca.

Molly ficou hipnotizada, atraída pelas palavras e o poder. Seus próprios lábios começaram a dizer as palavras em uma névoa profunda. Latim? Os três entoaram, crescendo alto e cruel.

Então parou. Albert soltou a mão dela e ela embalou-a contra o peito.

Isso foi rápido...

Molly trocou olhares com todos os três.

— Isso é tudo? Funcionou?

Oliver piscou.

— Bem-vinda ao clube.

Molly olhou para sua mão ensanguentada e estremeceu quando Cree a agarrou, colocando uma bandagem branca.

— Nós vamos mantê-la segura, — Albert prometeu. — Agora eu posso te contar o segredo da receita de caçarolas da minha avó.

Molly franziu a testa, mas não conseguiu parar de sorrir com sua pobre piada.

Cree soltou a mão dela e marchou em direção à porta, Molly seguiu atrás.

— Isso é suficiente por uma noite, — ele disse uma vez que atravessaram o cemitério e chegaram a uma rua bem iluminada na direção da estação de metro.

Molly mordeu o lábio inferior e segurou a mão, olhando para as manchas vermelhas que vazavam através das bandagens.

— Obrigada, Cree. Por me ajudar, mesmo depois da noite passada.

As feições de Cree caíram e ele balançou a cabeça.

— Estamos do mesmo lado aqui. Eu quero te ajudar a fugir daquela fera. Isso vai ajudar você. Vamos descobrir uma maneira de garantir que os demônios não possam detecta-la, ok?

Ela assentiu e os dois continuaram se movendo.

Ele parou antes da entrada do metro.

— Você acha que consegue chegar em casa sozinha?

— Sim.

— Espere, — ele disse quando ela se virou.

Ela fez uma pausa, a testa enrugada.

Ele enfiou a mão no bolso e tirou um grampo dourado com videiras e lírios tecendo seu caminho ao redor da peça. Ele colocou na mão dela.

— Você pode precisar disso. Está contaminado com Velo de ouro, ativado apenas quando a pele se rompe. Proteja-se.

Ela levantou a cabeça e observou os olhos de Cree se suavizarem.

— Obrigada. Por tudo.

Ele assentiu bruscamente sem outra palavra, e ela o viu se afastar.

Quando Molly entrou na casa dos pais dela, trinta minutos depois, tudo estava quieto e ela sentiu-se sozinha, sentia falta das conversas sem parar de sua mãe e a calma silenciosa de seu pai enquanto ele lia documentos da prefeitura.

— Molly. — A voz profunda a surpreendeu. Ela se virou para a escada e viu Tensley no topo, seu rosto estava meio escondido pelas sombras.

Seu estômago caiu. Porque ele está aqui? Ela não sabia como responder a ele, não depois de como eles deixaram as coisas na noite anterior. Ela limpou as mãos nas calças, aterrorizada que ele notaria as manchas de sujeira e grama e de alguma forma perceberia o que ela estava fazendo. Tentando conseguir se livrar dele.

— Posso falar com você em particular no seu quarto?

Molly assentiu, subindo a escadaria elegante.

Ele sabe. Ele sabe totalmente o que estou fazendo.

— Eu queria me desculpar pelo meu comportamento em relação a você e sua família, — ele disse suavemente uma vez que ela chegou na porta.

Molly beliscou a palma da mão em descrença.

— O que?

Ele a observou com olhos negros.

— Fui inadequado e imprudente com seus sentimentos.

Molly piscou rapidamente.

Tensley se moveu para frente, hesitante, mas determinado, e enfiou a mão no bolso.

— Aqui. — Ele entregou-lhe um colar, um com um pequeno rubi. Seus dedos se moveram antes dela poder detê-los e segurou a corrente fria.

— Era da minha avó.

— Obrigada, — ela murmurou. A frieza fez cócegas em sua pele quente, e ela correu o dedo através da corrente de ouro, o corpo pulsando.

— Eu quero conhecê-la, — ele pronunciou em um tom vulnerável. Mais uma vez, o corpo dela pulsou.

— E eu quero que você me conheça. — A mão dele roçou seu ombro, e um estranho arrepio a atravessou, espalhando-se nas pontas dos dedos.

— Eu quero... — Sua respiração ficou presa na garganta.

— Eu quero beijá-la, — continuou ele, aproximando-se, seu perfume almiscarado atacando seus sentidos.

A mão dela se contraiu para agarrar a camisa dele e puxá-lo para mais perto, mas ela não podia soltar o colar.

Por que - eu acabei de concordar em me livrar dele - o que estou fazendo?

Ela engasgou no ar. Ele era com um canto de sereia perigoso, todo o seu corpo cantando para ela - e ela não resistiu à chamada.

Um leve sorriso apareceu em seus lábios cheios e ele lentamente... muito devagar ... os abaixou para os dela.

Um beijo doce.

Ela gemeu avidamente em sua boca. — Sim.

Desta vez, ele apertou os lábios com força, agressivamente. Suas mãos deslizaram para a parte inferior das costas, ambas percorreram seu corpo, provocando.

A língua dele vagou em sua boca.

Isso é uma loucura. Eu não deveria estar fazendo isso.

Ele grunhiu contra seus lábios.

Seus dedos lutavam para abrir o botão da camisa, expondo um peito esculpido.

Ele segurou a parte de trás de suas coxas e levantou seus pés do chão para que ela se agarrasse a ele. Ele a levou até a cama e eles caíram nos lençóis de seda. Ele distribuiu beijos em seu pescoço. Ela doía por ele, completamente.

Todos os outros caras com quem ela tinha ficado eram como penas ao vento, levados para longe pelo furacão que era a boca de Tensley Knight. Seus beijos queimavam e Molly se perdeu enquanto ele a despia, abrindo cada botão de sua blusa e arrancando seus jeans.

— Tensley. — Os dedos dela enterraram em seus cabelos, enquanto as mãos dele se moviam entre suas coxas. — Tensley.

— Que porra é esta? — Disse uma voz severa atrás deles. Tensley parou de beijá-la e olhou por cima do ombro.

Molly sentou-se e uma sensação horrível tomou conta dela, derrubando cada pingo de desejo de todo o seu ser. *Como? Como era possível?*

CAPÍTULO 16

Tensley Knight estava parado na porta, os olhos sombrios se estreitando, o peito arfando. Ele parecia furioso, com o nariz dilatado e as sobrancelhas unidas. Dois Tensleys?

— Saia de cima dela! Agora! —Disse o Tensley na porta enquanto mostrava os dentes.

O Tensley em cima dela disparou para fora da cama e o outro Tensley o pegou, empurrando-o contra a parede com uma faca pressionada contra sua garganta. Livros caíram das prateleiras quando ela ficou de pé.

Dois Tensleys estavam no quarto. O que ela estava beijando estava sem camisa, enquanto o outro usava um terno de três peças. Fora isso, eles pareciam idênticos.

— A quem você pertence? — Tensley de terno assobiou. Quando foi recebido com o silêncio, bateu o calcanhar da mão para cima em seu nariz e ele gritou. — Responda a pergunta.

O sem camisa riu. — Huh. — Seu nariz sangrou, pingando sobre os lábios. — Não é engraçado que levei menos de cinco minutos para quase fazer sua noiva abrir as pernas para mim? E você nem chegou perto.

Tensley fez uma careta, os olhos escuros, e bateu a cabeça do cara na parede novamente.

— Responda a maldita pergunta.

As feições do impostor derreteram em pequenos olhos e um nariz aquilino, e ele sorriu.

— Quem você acha?

Tensley franziu a testa e enfiou a faca na têmpora do sujeito. O homem ofegou quando Tensley a torceu, deu um passo para trás e puxou para fora. O homem caiu no chão, morto.

— Imbecil, — ele cuspiu.

Molly apertou as mãos contra o peito para esconder sua agitação violenta e agarrou o colar. — Por que... quem era ele? — O verdadeiro Tensley marchou e agarrou seu braço, a levantando da cama, e ela se encolheu.

— Ele era um familiar. Lembra? Eu expliquei isso a você algumas noites atrás. Abaddon o mandou aqui. Por que você fez isso com ele? — Molly ia abrir a boca, mas não tinha um motivo. Ela baixou os cílios e ele bufou. — O que diabos ele disse para fazer você transar com ele?

Ela balançou a cabeça. — Mas nós não, nós nem sequer...

Ele grunhiu e procurou através de suas gavetas.

— Eu pensei que ele fosse você.

Ela percebeu tarde demais o que escapou, mas ela não estava pensando direito. Ela está tremendo, lutando para absorver os soluços antes de se despedaçar.

— Então você transaria comigo? — Ele disse, espiando por cima do ombro.

— Não, — ela disse rapidamente. Seus olhos permaneceram nela por alguns momentos antes de viajar para seu peito. Sem uma palavra, ele se aproximou, arrancou o colar de suas mãos e jogou no chão. Ele pisou com força nas joias até que elas quebraram.

De repente toda a confusão desapareceu e foi substituída por pânico — pânico por ela ter deixado um estranho tocá-la, pânico que ele quase a levou, e ela nem piscou.

A mão dela pairou sobre a clavícula e ela mordeu o interior da boca.

Seus olhos encontraram os dela. — Ele encantou você. Ele te seduziu com seu próprio sangue neste colar e maldita magia bruxo, enfraqueceu seus poderes para tirar vantagem de você, não para dormir com você, não, para levá-la a alguém mais perigoso.

Molly enrolou a mão contra o pescoço enquanto olhava para os pedaços quebrados. — Eu quase fui, — ela murmurou, visão borrada. — Ele estava quase... eu não deveria tê-lo deixado...

Ela não conseguia pensar direito. Seus joelhos dobraram sob ela e os braços dele dispararam, a pegando desajeitadamente contra o peito dele.

— Eu sinto muito. — Ela agarrou sua camiseta branca.

— Não é sua culpa, Molly. — A voz sedosa de Tensley cortou seus pensamentos e suas mãos estavam em concha nas suas bochechas molhadas. — Ele se foi, ok?

— Mas o corpo... — Sua voz falhou. A cabeça de Molly levantou do seu peito e seus olhos traçaram o corpo esguio do morto. Sua pele tinha virado um tom cinzento, como pó. Aquele pó cinzento a tocou. Um calor inchava em seus olhos.

— Ele é um familiar. Seu corpo vai se deteriorar na próxima hora, — disse Tensley, segurando-a pelo queixo para forçá-la a olhá-lo nos olhos. — Ele mereceu. Eles não são nada além de escória.

Ela engasgou com um soluço.

Fui enganada. Outro demônio estava na minha casa. E se minha família estivesse aqui?

— Eu não posso ficar aqui. — Ela aumentou seu aperto em seu antebraço e ele se encolheu no contacto, colocando distância entre eles para olhar para ela. Sua testa enrugou, como se ele estivesse se esforçando para não gritar com ela ou estivesse confuso com o toque dela.

— Nós vamos sair então. — Ela levantou as sobrancelhas e o observou ficar de pé, pegar uma mochila, e começar a encher com algumas roupas, incluído suas roupas íntimas. Ele assobiou quando o zíper ficou preso e desistiu, jogando a bolsa por cima do ombro.

Seu rosto estava duro, os músculos dos braços tensos. Seus olhos encontraram os dela e depois deslizaram por seu corpo, e ele engoliu audivelmente quando seu olhar pousou em seu peito. — Você pode querer se vestir.

Ela não precisava olhar; Molly lembrou que a blusa dela estava desfeita, seu sutiã rendado a mostra. Calor se espalhou pelo pescoço até a linha do cabelo.

Oh Deus!

Ela rapidamente mexeu nos botões, dando um grito frustrado quando seus dedos recusaram-se a trabalhar. Ele se moveu na frente dela e fechou cada um sem esforço. — Vamos lá.

Molly olhou para o corpo dissolvido do familiar, batendo distraidamente em seu short limpando-o e deixando a sujeira de suas excursões com Cree em uma pilha no chão.

Tensley olhou para longe o tempo todo, jogando coisas na bolsa.

— Molly. — Sua mão trancou em torno de seu pulso e ela o deixou guiá-la para fora. — Eu vou conseguir um quarto de hotel— anunciou Tensley com uma voz rouca, empurrando Molly para a porta da frente.

Uma vez dentro do táxi que ele parou, Molly refletiu sobre o fato de ter sido atacada, enfeitiçada e quase ter transado com um completo estranho, e um que pretendia lhe fazer mal.

Ela puxou sua blusa, incapaz de respirar corretamente, enquanto sentia os olhos de Tensley aquecerem a lateral do seu rosto. Ela correu os dedos trêmulos sobre as bochechas manchadas de lágrimas, ainda sentindo as mãos do falso Tensley

sobre ela. A visão de Molly se estreitou, seus pensamentos dispararam. — Eu não posso... — ela gaguejou. — Eu acho que...

Tensley pegou as mãos dela e as colocou entre as suas. — Acalme-se, tudo bem? — Sua voz era composta e suave, e isso fez coisas loucas em sua mente, como confiar nele. Ela se jogou através do táxi e ele ficou tenso, os braços congelados desajeitadamente enquanto ela agarrava sua camisa.

— Porra, Darling. Ele se foi. Ele não vai voltar.

Ela se deleitou com a respiração áspera que fez cócegas em sua testa, porque acalmou seus sentidos, o fez real, quase humano.

O que eu estou fazendo?

Ela sentiu o quão duro ele estava contra ela e se afastou de volta para o lado dela.

Ela enxugou os olhos, incapaz de olhar ou admitir o quanto a presença dele a confortava.

— E se meus pais chegarem em casa e eu não estiver lá — ela murmurou, pairando a mão sobre os lábios em movimento.

— Eu vou mandar meus homens vigiar a casa. — Seu tom indiferente saiu oco.

Molly olhou para ele. *Ele faria isso?* — Você mandará?

Ele assentiu bruscamente e ela suspirou, colidindo contra o assento de couro.

— Por que você estava no Brooklyn?

O coração de Molly congelou. — Uh, o pai de September mora lá.

— Huh huh. — Ele olhou pela janela e impacientemente bateu com o dedo na coxa.

— Como você sabia disso?

— Eu segui você. Por proteção.

Sua boca se abriu. — Me seguiu?

— Por proteção — disse ele com os dentes cerrados.

Ela se afastou mais. — Eu não pude... eu não pude me conter. — O corpo de Tensley não se moveu, mas os olhos dele mudaram e queimaram no lado de sua cabeça. — Assim que vi o colar...

— Você não resistiu. — A voz sombria de Tensley a interrompeu e ela se virou para ele.

— A magia deles é diferente. Tirou toda a sua escolha, todo o processo de decisão e controlou você. Você não pôde impedi-lo porque ele se certificou disso.

Um silêncio tenso encheu o carro.

Molly plantou sua testa na janela fria e assistiu o tráfego passar por ela enquanto os edifícios embaralhavam.

Quando o carro parou e ela saiu, olhou para o Hotel Plaza. Tensley liderou o caminho e Molly só conseguia se concentrar em seguir seus sapatos, seus passos.

Eu deveria saber que ele não era o verdadeiro Tensley. Droga. Eu deveria saber que algo não estava certo.

— Molly. — Seu tom seco a tirou de seus pensamentos e ela o seguiu até o elevador. Sem falar, simplesmente parados em lados opostos do elevador com paredes de espelhos.

Assim que entraram no quarto do hotel, ela olhou para os lençóis brancos imaculados e a cabeceira adornada em ouro, equilibrada por tapetes floral bege e cadeiras de veludo dourada e bege.

— Sinta-se em casa — ele disse enquanto tirava o paletó, jogando-o na parte de trás da poltrona. — Eu preciso fazer algumas chamadas.

Ela o observou entrar na sala ao lado, um pequeno escritório e fechar a porta. Emocionalmente exausta, ela caiu de costas na cama e subiu sob as cobertas.

Respire.

Dentro, fora. Dentro, fora.

Molly acordou ao som da voz profunda de Tensley ressoando em seus ouvidos. Ela apertou os olhos no quarto mal iluminado e viu Tensley sentado na beira da cama, cutucando sua mão flácida.

— Eu pedi comida — disse ele, apontando para a mesa de café com uma caixa de pizza.

Ela não se incomodou em escovar os cabelos selvagens e arrastou-se para fora da cama, sentando-se no chão ao lado da mesa de café. Fechando os olhos, ela inalou o delicioso perfume de queijo derretido e massa crocante. Quando ela abriu a caixa, olhou para a grande pizza com as coberturas que ela amava.

— Como você sabia?

Tensley sentou-se à sua frente, um copo de cristal do que parecia ser uísque na mão.

Embora ele estivesse reclinado na cadeira, seu corpo ainda parecia rígido. — Você mencionou isso no restaurante.

Seu coração se alojou em sua garganta e ela não conseguia tirar os olhos dele.

Ele lembrou.

Ela pegou um pedaço da pizza de queijo de cabra e gemeu depois da primeira mordida. — Você não esqueceu nem um ingrediente.

Ao som de sua ingestão aguda de ar, seus olhos se abriram para encontrar Tensley a olhando fixamente, sua mandíbula apertada.

— Você não vai comer?

— Eu odeio cogumelos — disse ele bruscamente.

— Oh, vamos lá, apenas prove. Só uma tentativa?

Ele olhou entre a pizza e ela, finalmente cedendo, pegando uma fatia.

Ela sorriu para ele. — Bom?

Ele cantarolou e engoliu um pouco. A mastigação deles foi o único som por um tempo, e depois de uma longa e dolorosa pausa, ela limpou a garganta.

— Então, — ela sussurrou. — O que você gosta de fazer?

Sua boca torceu. — Fazer?

— Como... Hobbies.

Tensley pareceu surpreso. — Eu gosto de ler. Mas você já sabia disso, não sabia? Já que bisbilhotou nas minhas coisas antes.

O rosto de Molly queimou e ela deu outra mordida na pizza.

— Então, que tipo de livros?

— Guerra, militar, história. Melhor entender os erros da história na guerra, então não cometerei os mesmos — disse ele, um canto de seus lábios curvando. — E você? Você gosta ler sobre conquistadores antigos?

Ela engoliu a pizza e chupou o lábio inferior; seus olhos dispararam para o movimento, escurecendo visivelmente. — Eu gosto — ela respondeu timidamente. — Eu amo história, amo qualquer coisa sobre isso. Eu amo... Bem, de qualquer maneira.

Ele olhou para ela e gesticulou com a bebida para continuar.
—Continue.

— Bem... — Ela respirou fundo. — Eu sempre amei a história, ler em geral, na verdade, mas quando meus pais me levavam a biblioteca, aparentemente eu costumava olhar os livros de história em vez de Franklin ou Goosebumps. Com meus pais sempre ocupados e o amor do meu pai pela história, eu queria a sua atenção. Então desenvolvi essa obsessão em saber tudo o que é possível sobre histórias de diferentes culturas. Minha mãe não entendia porque eu não conseguia ler um simples conto de fadas. Ela me pressionou por anos a ser como ela, uma vibrante, pessoa extrovertida, mas essa

não era eu. Eu queria muito ser o que ela desejava, mas não consegui. Ambos queriam que eu fosse a garota perfeita. Eles tinham boas intenções, mas me senti sufocada. Levei um tempo para perceber que nunca seria o que eles queriam que eu fosse e ser feliz ao mesmo tempo. Então eu lhes disse que estava saindo e fazendo o meu próprio caminho. Meu pai entendeu, mas minha mãe ainda está chateada... — Ela fez uma pausa, dando uma olhada de suas mãos unidas para o rosto focado de Tensley. *Falei demais.* — Mas, hum, minha vovó me deu uma tonelada de livros de história antes de morrer.

A expressão de Tensley se transformou em preocupação. — Sinto muito por ouvir isso.

Seu coração apertou com força por sua voz sincera e calma e a suavidade em seus olhos. Ela só conseguiu segurar seu olhar carinhoso por um tempo antes que tivesse que olhar ao redor do quarto de hotel. — E seus avós? Eles ainda estão vivos?

Tensley agitou sua bebida. — A maioria deles ainda está viva, mas não vivem por aqui, no entanto. Os pais da minha mãe vivem na Inglaterra e a mãe do meu pai na Itália.

— Uau — ela disse, arregalando os olhos. — Você os vê com frequência?

— Todo ano ou algo assim — ele respondeu antes de tomar um grande gole da bebida.

— E você tem irmãos?

Ele soltou uma risada dura. — Quatro deles.

Ela riu. — Sempre desejei ter irmãos, alguém com quem sair.

— Nosso relacionamento não foi assim. — Ele falou.

Ela se ajoelhou e deu uma mordida na crosta. — Por causa da maneira como sua sociedade é?

Seus olhos se estreitaram. — Exatamente. Quando o afeto é a emoção menos tolerável na sociedade de alguém, você não se concentra em criar boas lembranças.

Ela franziu a testa profundamente. — Então sua família não demonstra nenhum tipo de afeição? Nem mesmo um abraço?

Tensley bufou. — Eu tive sorte de ganhar um tapinha nas costas. Algumas famílias dão afeto moderado até a puberdade, é quando nossos corações correm risco de se desenvolver. Meu pai era alguém que acreditava que simples afetos eram demais para um demônio em qualquer idade.

Como um pai poderia fazer isso? Ela olhou para ele, se perguntando se sua atitude rígida foi algo desenvolvido ao longo do tempo devido à falta de amor e carinho.

— Severo — ela murmurou.

Sua boca torceu com tristeza e ele olhou para o chão.

— Necessário.

O que mais era real? Ele precisava comer comida? O que eram fatos e informações falsas contadas por filmes e livros? — Então demônios...

Sua testa enrugou depois que ela arrastou suas palavras. — Demônios...

— Você é imortal?

Ele bufou. — Não, eu não sou. Mas alguns dos demônios superiores, sim, eles são dotados por beber da taça de ambrósia¹⁵, o que os torna imortais. Eu fui concebido como você, juntamente com o resto da minha espécie.

Ok, então eu estava um pouco errada sobre isso...

Ela se ajoelhou. — E você dorme?

Ele olhou — O que há com todas as perguntas?

— Eu só quero saber mais... — Ela encolheu os ombros e olhou para os dedos dos pés pintados de nude, nervosa sob seu olhar frio.

¹⁵ Nos antigos mitos gregos, ambrosia, "imortalidade" é, por vezes, a comida ou bebida dos deuses gregos, muitas vezes representado como conferindo longevidade ou a imortalidade a quem consumiu. Foi trazido aos deuses no Olimpo por pombas.

Ele suspirou alto, balançando a cabeça. — Dormimos, comemos, tudo o que os humanos fazem, mas somos superiores em força e mente. Para o meu tipo de demônio, nossa necessidade mais importante é intimidade.

— Oh. — *Oh merda que é.* Ela baixou os cílios, mexendo com as mãos na menção de intimidade. — Então a intimidade lhe dá energia?

Ele assentiu e apertou o lábio inferior. — Quando os incubos se envolvem intimamente, nós absorvemos a energia do outro. Podemos nos curar através da energia de outra pessoa também.

— Incubos tiram energia da intimidade, então... essa é a sua principal, hum, fonte? — Ela se encolheu.

Mais uma vez, ele assentiu.

Ela torceu o cabelo ao redor do dedo. *Então ele tiraria energia dela se fossem íntimos...*

Ela o observou examinar sua bebida como se fosse a coisa mais interessante na sala e lentamente, seus olhos se alinharam com os dela por baixo de seus cílios longos e escuros.

O olhar arrancou o ar dela e ela se virou. — Eu vou... vou tomar um banho, ok? — Ela não esperou, correu para o banheiro e fechou a porta atrás dela. Uma vez que ligou o chuveiro, ela soltou um suspiro enorme. — Controle-se, Molly.

Ela prendeu o cabelo em um rabo de cavalo, tirou as roupas e entrou no grande chuveiro. A água estava quente em sua pele fria, caindo em cascata sobre o corpo machucado. Freya realmente foi com tudo. Depois de uns bons quinze minutos de imersão no calor, ela ouviu vozes, duas vozes: Tensley e outra profunda. Ela desligou a água, se secou, então se agitou em suas roupas e abriu uma fresta da porta.

Tensley estava de costas para ela, enquanto o outro homem estava de pé ao lado.

— Você não pode andar por aí como um idiota mimado. Você tem sorte que foi Abaddon; ele também é muito estúpido

para raciocinar rápido. O problema é ele contar a Fallen. Ele virá; ele vai querer ver por si mesmo. Apenas a mantenha fora de vista, — o homem disse, sua voz inegavelmente calejada e cruel. — Você já deu a ela o anel?

Tensley ajustou a postura, as mãos ao lado do corpo e a cabeça erguida. — Sim, já, pai.

Molly ajustou seu ângulo para poder ver o Sr. Knight. Sua pele era bronzeada, uma sombra de bronze, e seus olhos eram afiados. Ele machucou o pai dela. Ela rangeu os dentes.

— Você já a marcou?

Tensley ficou em silêncio.

Molly franziu a testa. *O que? Me marcar?*

— Me responda.

— Não — cuspiu Tensley, as mãos se fechando em punhos. — Não, eu não a marquei.

— Mas você deu a ela o anel? Você deve ser muito estúpido, garoto. Não é de admirar que Abaddon a encontrou. Todos os demônios podem sentir sua existência agora. Demônios poderosos vão agarrá-la!

O Sr. Knight chutou uma cadeira, derrubando-a. Tensley ficou parado. — Eu sei, pai.

— Algum outro demônio sabe sobre ela?

— Não. — Sua voz mantinha uma firmeza que não deixou espaço para dúvida. — Nenhum outro demônio a viu ainda.

O Sr. Knight ajustou seu casaco de grife. — Bom. — Ele observou seu filho, a boca em linha reta e narinas alargadas. — Mas você deve marcá-la agora.

— Ela não está interessada.

Knight segurou os ombros de Tensley com tanta força que o vi estremecer. — Não importa quais sejam seus interesses. Marque-a. Cuide dela, proteja. Convença-a.

Ele soltou Tensley e checkou seu reflexo no espelho ao lado da TV.

— Faça sexo com ela logo, ou algum outro incubo fará. Talvez Abaddon.

Ela segurou a respiração.

Diga não. Diga não, Tensley!

Tensley não se mexeu, as mãos ainda cerradas. — Eu farei isso. Esta noite.

vein of love
R. Scarlett

CAPÍTULO 17

Molly recuou e olhou para a porta fechada.

Ele concordou.

Ele concordou com isso.

Eu sou um peão no jogo dele.

Ela precisava partir imediatamente - para onde ela não sabia, mas não podia ficar lá com ele. O peso da traição à fez cambalear e segurar a pia. Os dedos dela abriram as gavetas, procurando por uma arma. *Droga! Escreverei uma crítica horrível sobre esse lugar.* Na gaveta mais distante do canto, sob uma fina caixa de lenços, encontrou um pequeno par de tesouras. Molly testou suas bordas com a ponta do dedo e ficou tensa.

Bingo.

O vapor embaçou os espelhos e caiu sobre ela quando Molly a pegou. Ela respirou fundo ao som da porta do quarto do hotel fechando. Eu preciso correr.

Ela sacudiu a ansiedade, abriu a porta do banheiro e examinou o quarto procurando sua bolsa. Ela não encontrou.

Pegadas ecoaram no corredor e Molly escondeu a tesoura atrás das costas. Tensley abriu a porta da frente, parando em sua posição. Ele estreitou os olhos e gentilmente fechou.

— O que você está fazendo? — Seu terno escuro, clássico estava liso, passado à perfeição, e se alguém tivesse lhe dito que ele era um demônio, ela teria rido. Ele parecia muito bom em um terno.

— Uh, eu estava apenas esperando por você — ela gaguejou.

Ele levantou uma sobrancelha. — Esperando por mim?

Ela murmurou uma resposta, nervosa demais para falar. — Você está, uhh, partindo? — Ela olhou seu terno de três peças.

Sua postura relaxada se transformou em aço. — Um assunto de trabalho. — Olhos cinzentos examinaram seu cabelo úmido e ela respirou fundo pelo calor incrível que invadia do seu peito. *Pare com isso.* — Eu não preciso sair imediatamente. As pessoas lá... — ele engoliu visivelmente — não são tão divertidas quanto você.

Seu coração disparou e rapidamente despencou. *Não permita que ele te sugue — ugh, não use a palavra “sugar”.* A ponta da lâmina da tesoura cavou a palma da mão dela.

Com um sorriso, Tensley se aproximou até que se elevar sobre sua pequena figura. Ele a olhou com curiosidade. — O que você está escondendo?

O coração de Molly acelerou, a tesoura escorregou de sua mão da transpiração.

Um canto de seus lábios se curvou. — O que está escondendo atrás de você, Molly?

Ele estendeu a mão para agarrar seu pulso.

Ela entrou em pânico e sem pensar, cortou sua camisa.

Molly soltou um suspiro e os olhos brincalhões de Tensley ficaram escuros enquanto ele olhava para baixo examinando a camisa branca, já pontilhada de sangue. Ela largou a tesoura.

— Por que diabos você fez isso? — Ele olhou e colocou uma mão grande sobre sua ferida.

— Eu, eu... — a outra mão de Tensley agarrou seu braço com força e ela estremeceu. Ela gritou, se agitando contra ele quando todo seu corpo a prendeu na parede. — Não, não me toque! Pare!

Ele apertou ainda mais. — Acalme-se!

Ela o empurrou com força o suficiente, ele tropeçou para trás. — Por favor, não, por favor, não...

Tensley rosnou e bateu com o punho na parede. — Por favor, não o quê?

— Por favor, não me obrigue!

A expressão de Tensley ficou dolorosamente vazia. Se alguma coisa, foi a primeira vez que ela o viu parecer tão chocada, ainda mais do que o dia em que ela bateu nele. — Quem disse que eu te obrigaria?

— Eu ouvi o que seu pai disse — ela sussurrou entre respirações pesadas contra o seu peito ofegante. — Você concordou com isso.

Tensley assobiou e fechou os olhos, passando a mão pelo rosto. — Eu não ia forçar você. Eu não vou forçá-la.

— O que? — Ela olhou boquiaberta para ele, examinando seus olhos fechados, a maneira como ele massageava sua têmpora com a mão livre. Seus olhos se abriram, uma brasa agora queimando dentro deles, mas ela não desviou o olhar do calor intenso.

— Eu não vou forçá-la a fazer sexo — ele esclareceu, seus olhos suavizados, mas numa voz dura.

— Você não vai?

Ele a soltou e puxou seu cabelo. — Ao contrário de suas suposições, eu só faço e quero sexo com pessoas que querem fazer sexo comigo. — Ele gemeu. — Você acha que eu quero isso? Você acha que é a única presa neste arranjo?

Molly endureceu. — O que? — Ela não tinha pensado sobre ele, ela não tinha pensado que isso era nada além de bom para ele.

— Você não acha que eu tinha uma vida antes disso? — Ele retrucou.

— Eu, eu simplesmente não percebi. — Ela abraçou seu corpo.

— Claro que você não fez — ele respondeu.

Tensley tirou sua jaqueta azul e camisa branca, expondo as partes de seu torso que estavam levemente tatuados com palavras; Molly assumiu que eram italianas, já que ela não as compreendia. Seus olhos dispararam para o meio, onde ela o cortou. A ferida era superficial, mas o sangue continuava vazando e descendo por seu abdômen esculpido.

— Você precisa limpar isso. — Molly se adiantou.

— Não. — A raiva soou em sua voz. Ela congelou, deixando a mão cair. Tensley caminhou até o frigobar e tirou uma pequena garrafa de álcool. Ele rosnou baixinho quando derramou um pouco sobre a ferida exposta. — Por que diabos você fez isso?

Molly olhou para ele, o sangue subindo a sua cabeça. — Eu estava me protegendo! Se eu não te machucar primeiro, você vai me machucar.

— Machucá-la? — Tensley latiu, mandíbula quadrada e veias saltadas no pescoço. — Os seres humanos são tão perversos quanto nós, demônios. Eles matam, roubam, mentem. Eles são maus, não é? Todas aquelas crianças que te intimidaram. — Uma risada rouca escapou dele. — Por que eu deveria confiar em você? — Ele pressionou a mão contra a ferida, encostado na parede.

Molly engoliu o medo. Seu silêncio estava a matando agora.

— Você me ameaçou — disse ela com veneno. As narinas de Tensley se alargaram. — Você tirou minha vida! — A sensação fria queimou seus olhos, e ela olhou para ele através de seus cílios. — Como posso confiar em você?

Seu corpo visivelmente ficou tenso a seus olhos nus. Ele engoliu em seco e olhou para o lado. — Nunca confie em um

demônio, Molly. Regra número um. — Ele soou como seu pai calejado e cruel. Ela tinha o suficiente.

— Eu quero sair agora — disse Molly, raiva queimando toda a umidade de seus olhos.

— Você não pode — ele respondeu rapidamente, erguendo a mão para impedir qualquer movimento repentino. Ela congelou em seu tom firme. — Não essa noite. Há vinte demônios poderosos lá embaixo esperando por mim no saguão, e se eles te virem, se te pegarem, Molly, não vai ser bom.

Ele suspirou profundamente quando sua postura poderosa enfraqueceu com a potencial ameaça no andar de baixo.

Ela não conseguia controlar seus poderes, e não podia depender de seus olhos para parar cada um deles.

— Você sabe que está abusando de mim — ela afirmou sem rodeios.

— Eu não estava fazendo isso de propósito. — Sua voz era baixa e, por uma vez, ele não fugiu do olhar dela, em vez disso, estudou suas íris. — É apenas a minha natureza.

Ela engasgou com um nó, talvez o coração dela em sua garganta e bateu os cílios para empurrar as lágrimas de volta. — Então, eu sou apenas um peão no seu jogo? — Ela disse, sentindo um calor esmagador irradiando de sua pele. Ele estava tão perto, e ela imaginou tocar sua pele, descendo a mão...

— Não, — ele argumentou, balançando a cabeça suavemente. Ele estava lutando consigo mesmo; ela podia ver claramente nas suas características expostas.

Ele estava lidando com uma batalha interna contínua o tempo todo? Como ela?

Sua expressão era tão crua, tão nua. Ele não estava usando uma máscara e ela deixou a dela cair também para mostrar-lhe que estava vulnerável, que poderia ser gentil, aberta e doce. — É minha natureza ser... Cruel... De coração frio. Em nossa cultura, demonstrações de afeto são indecentes;

fomos criados para ser independentes disso. Qualquer afeição é um sinal de fraqueza, em nós e na nossa família. Eu não posso, eu não fui criado para ser como você... — Ele fez uma pausa. — Eu sou incapaz disso...

A máscara retornou, mas estava quebrada, falsa. Molly mordeu o lábio inferior, com medo de fazer um som, caso isso fizesse com que o verdadeiro Tensley desaparecesse mais uma vez. — Oh.

Seus olhos deixaram os dele e percorreram seu torso nu, em direção ao corte sensível.

Ela engoliu em seco e olhou para ele novamente, gesticulando para a ferida.

— Posso ajudar a curar isso? Eu não tenho certeza de como essa troca de poder funciona...

Ele visivelmente ficou tenso e seu olhar vacilou, olhando para onde a mão dela estava se aproximando do seu estômago.

Ela esperou por um sinal, um aceno de consentimento, mas ele simplesmente olhou para ela. Uma necessidade estranha e obsessiva embaçou sua mente, e ela não conseguiu parar de escovar os dedos ao longo de sua pele.

Ele se afastou, passando uma mão tremula pelo cabelo. O nevoeiro clareou e ela olhou para os seus dedos ainda no ar.

— Você não me quer.

Sua testa franziu em sua voz baixa, apenas um murmúrio de palavras agrupadas. Ela assistiu seu peito arfar, o corte ondulado por seu estômago e subiu para suas feições contorcidas.

— Tensley, — ela respirou e o jeito que o corpo inteiro dele enrijeceu com a sua voz enviou arrepios através dela. — Eu só quero ajudar.

Ele não se mexeu nem recusou quando ela se aproximou novamente.

Com cuidado, a mão dela deslizou acima do corte. Os músculos quentes de sua barriga ondularam ao toque dela. Ela olhou para cima e encontrou a testa franzida, um vinco visível nela. Seus olhos escuros queimavam sua pele. O mesmo calor se reuniu entre as pernas dela. Desenhando em uma respiração instável, rápida, ela tentou esconder sua repentina inquietação do escrutínio dele.

— Está... está funcionando? — Ela nervosamente molhou os lábios. Quando tudo o que ela podia ouvir era sua respiração pesada, ela tentou mover a mão, mas ele a puxou para mais perto.

Seus olhos alinhados com os dele e todo o ar preso em seus pulmões saíram. Foi o que bastou. Um olhar, um suspiro, e ele puxou-a para ele, a força de seus braços segurando ela no lugar. Ela não tinha escapatória, e não poderia ter ficado mais satisfeita.

Os lábios dele devoraram sua garganta, beliscando o caminho até a clavícula.

Desesperadamente, suas mãos frenéticas percorreram seus duros músculos flexionados. *Oh Deus, sim!*

Ela deve ter gemido porque ele rosnou em resposta e com uma mão nas costas e outras nas suas coxas a levantou.

Ela gritou com a repentina perda do chão, mas não durou muito tempo. Ele sentou na beira da cama, as mãos subindo por suas pernas nuas e empurrando seus calções para fora do caminho.

— Porra, Molly. — Ele respirou contra o pescoço estendido. Ela beijou sua mandíbula, seu polegar pressionando firmemente em cada ponto antes de chupar. Um calor queimou seu estômago.

O comprimento duro dele cutucou sua coxa, exigindo sua atenção. Ela balançou os quadris contra ele, seus núcleos se encontrando e empurrando um contra o outro em um ritmo brutal, ganhando um gemido satisfatório daqueles lábios cheios.

Eu estou fazendo a coisa certa? Deus, e se eu for horrível?

Tensley a notou vacilante, suas mãos tremendo contra o corpo dele. — Você está bem; É só você e eu.

Ela não esperava isso ou o quão suave e sereno seu tom era. Tão calmo, tão gentil, ela confiava nele a segurando. Ela olhou em seus olhos e lentamente se inclinou para frente, nunca quebrando o contato visual.

Ele torceu as mãos no cabelo dela e sufocou beijos quentes de boca aberta entre seus seios. Seus dedos cravaram em suas coxas quando ela mordeu o pescoço dele, e ela gostou do rosnado que cresceu em sua garganta. O cheiro de sua pele era esmagador – reconfortante, familiar e masculino.

Suas mãos agarraram seus quadris, controlando o ritmo de seus impulsos com os dele.

— Tensley — ela ofegou contra sua carne quente.

— Até onde você foi com um homem, Molly?

Ela olhou em seus olhos quentes, soltando lentamente o lábio inferior do aperto de morte onde seus dentes tinham cavado neles. — Nada sério, segunda base, eu estava com muito medo de machucá-los.

Suas mãos cavaram em seus quadris, deixando-a completamente nivelada contra ele. — Você não precisa se preocupar em me machucar; você não pode me quebrar.

Com seu gemido, ele a virou de costas e ficou entre as pernas dela, prendendo-a com o corpo dele. Sua mão encontrou sua virilha e sentiu sua ânsia. Ela engasgou alto quando ele passou dois dedos ao longo do short que o separava de suas dobras sensíveis.

— Tão molhada, *ciccia*.

Sua mão deslizou pela barriga dele e sentiu sobre seu abdômen. Quando seu olhar cintilou onde o corte estava, ela congelou. Tinha desaparecido — a pele estava impecável. A

mão de Tensley afastou alguns fios de cabelo molhado da sua testa.

— Curou, — ela sussurrou, sentindo o sangue seco.

Tensley gemeu em resposta. Ela olhou de volta para ele, e seus olhos estavam suaves e abertos. Seu polegar traçou sua mandíbula e parou ao lado de sua boca, onde uma minúscula cicatriz branca era visível. Ela roçou nela e ele a observou de perto. Ela se inclinou para frente e beijou o lado de sua boca, pressionando os lábios inchados na cicatriz branca. As mãos dele apertaram sua cintura. Ela recuou devagar, seus olhos se encontrando timidamente com os dele. Sua expressão era ilegível.

Seu polegar roçou suavemente a cicatriz novamente. — Como você conseguiu isso?

O comportamento de Tensley mudou, como uma avalanche horrível. Suas mãos agarraram os dedos dela e os arrancou do seu rosto, fazendo-a estremecer. Suas sobrancelhas baixaram enquanto sua boca se torceu em uma carranca, e ele se afastou dela pairando sobre a cama.

Tensley selecionou uma camisa nova do armário, vestiu e foi para a porta. Ele a abriu e saiu, hesitante e pálido na porta.

Ele olhou por cima do ombro para ela, seus olhos não mais macios, mas cheios de raiva, cheio de determinação e uma sugestão de aviso. — Tenha cuidado ao declarar guerra contra mim, Srta. Darling. Eu não acho que saiba quanto controle eu tenho sobre você. Eu poderia ter você mais do que se esfregando sobre mim.

Ela se sentou imóvel na cama, a mão pairando sobre os lábios trêmulos. O calor deixado por ele. Ela não gostou do jeito que seu coração ainda batia, mas não doeu.

Ela agarrou os cobertores e se enrolou, esperando escapar da sombra do calor que permaneceu atrás dele.

O que diabos aconteceu?

CAPÍTULO 18

Os dedos de Tensley batiam contra sua coxa, e ele desejou desesperadamente por um cigarro de Beladona pura. Os outros incubos em torno dele na neblina da propriedade na Quinta Avenida, conversavam ruidosamente em voz alta, bêbados e drogados por beladona. O pai dele achou que era o momento perfeito para apresentar Tensley a alguns de seus parceiros de negócios “leais”, as mesmas pessoas que há anos transferiram seus fundos e laços para a organização de Boston, seu rival, após o escândalo de seu irmão.

Depois de anos reconstruindo seu poder em Manhattan, Scorpios era tão poderoso quanto tinha sido na década de 1940. Com a Segunda Guerra Mundial e a Grande Depressão, muitos demônios e humanos fizeram grandes acordos para expandir seu próprio poder.

Agora em pé no meio de uma multidão de ratos e covardes famintos por poder, Tensley queria aquela maldita nicotina. Ele estava no limite, seus pensamentos continuamente voltando para a loira sozinha naquele quarto de hotel, guardada por dois de seus melhores homens. Ele não gostou de como o seu coração tinha se apertado ao vê-la de ombros caídos e a cabeça inclinada quando ele saiu uma hora antes, mas a lembrança de sua crescente ternura bastara para fazê-lo sair.

— Tensley, onde está seu irmão mais velho? — Perguntou um homem rechonchudo, com o bigode encerado escondendo o lábio superior fino.

Tensley apontou os olhos para o copo de cristal vazio. — Ele está fora da cidade.

— Enfraquecendo por outro ser humano, não é? — Pudgy curucou as costelas de Tensley e ele ficou tenso, pronto para quebrar os dedos do homem, um por um.

Quando ele se virou para o idiota, seus olhos captaram o olhar aguçado de seu pai. Ele parou.

Sem comentários.

— Ele está negociando por nós. Isso é tudo que eu sei. — Tensley escondeu as mãos cerradas sob a mesa.

Os olhos de Pudgy estavam vermelhos. — Tenha cuidado, filho. Seus genes são atraídos para coisas fracas. É uma característica da sua família, estou certo, rapazes?

Alguns outros demônios mais próximos riram. Tensley rangeu os dentes, resistindo ao impulso de disparar de volta para ele. — Com licença, rapazes. Eu preciso de outra bebida. — Ele se levantou e marchou em direção ao corredor. Ele queria destruir aquele bastardo — muito — mas se quisesse administrar os negócios da família, teria que jogar pelas regras.

Uma mão agarrou seu ombro e ele se virou para ver o Sr. Rose, pai de Evelyn. Sua pele bronzeada estava muito enrugada e seus cabelos brancos estavam arrepiados. — Tensley — disse ele. — Como está o décimo nono batalhão? — Rose trabalhava ao lado do pai de Tensley como seu braço direito; foi como Tensley e Evelyn se conheceram e se aproximaram ao longo dos anos. Agora ele não sabia como os relacionamentos das duas famílias evoluiriam.

Porra, Evelyn. Seu peito doeu ao pensar nela. Ele tentou mantê-la no fundo de sua mente, mas ela sempre voltava rastejando e invadia seus pensamentos. Ele mandava mensagens; somente para verificá-la.

— Ótimo. — Tensley revirou os ombros, escapando do aperto do homem mais velho e deixando seu terno se assentar ordenadamente — foi o mesmo aperto que ele tinha visto um demônio de nível inferior ser estrangulado até a morte por falar fora de hora em uma reunião de Scorprios.

Mr. Rose assentiu e se aproximou, olhando para o corredor vazio. — Eu ouvi rumores, Tensley.

Tensley permaneceu distante. — Sobre?

— Que você está noivo de outro demônio. — As veias do pescoço de Rose incharam. — Agora, me diga esse boato está incorreto, certo?

Tensley trabalhou sua mandíbula, observando os traços do homem mais velho escurecer. — Sim. É mentira.

Os ombros rígidos de Rose relaxaram. Eu não estou noivo de outro demônio.

Ela é um daemon, na verdade. Idiota.

— Fico feliz em ouvir isso, Sr. Knight. Uma tensão na nossa parceria quando você assumir os negócios não seria muito bom para você, — ele disse com um sorriso.

Tensley coçava para retrucar, mas segurou à língua, seu pai o aconselhara a refrear seu temperamento, e era algo que Tensley realmente concordava.

— Não, não seria — Tensley disse, passando pelo demônio e entrando no banheiro mais próximo.

Ele puxou a gravata e agarrou os botões da parte superior da camisa, planejando. Se o Sr. Rose soubesse que Tensley estava, de fato, noivo de Molly antes de acessar seus poderes de daemon, ele arriscava se tornar um alvo. O Sr. Rose tinha muitos laços e alianças poderosos dentro Scorprios e Tensley não tinham tanta certeza de que todos na organização eram totalmente leais à família Knight.

Tensley olhou furioso para o reflexo dele e jogou o sabão na pia, fazendo a água espirrar sobre a superfície de mármore.

Ele não deveria tê-la tocado. Ele não deveria ter cedido aos seus malditos desejos. Ele ansiava sua suavidade, seu afeto. Assustou o quanto ele queria isso. Tinha sido removido de sua vida e agora voltar àquele quarto de hotel, brincando com a chance de ter esse afeto, o assombrou.

Ela estava cavando as garras em seu coração, começando a desvendá-lo; ele não conseguiu manter sua fachada desligada quando ela invocava tal desejo de mostrar-lhe, mostrar a si mesmo, que talvez debaixo de toda aquela casca dura houvesse um homem. Não uma fera. Ele esticou o lábio superior observando a cicatriz vinda do seu irmão.

Ele desviou o olhar.

Tudo o que ele conseguia pensar era no calor dela, seus traços suaves enquanto olhava para ele... Seus dedos delicados traçando seu rosto... Aqueles lábios quentes e doces. Seu peito doía enquanto lembrava nos olhos de corça dela.

Ela olhou para ele como se fosse um bom homem, um homem que não tinha acabado de imaginar várias maneiras diferente de tê-la para si mesmo. Ele sentiu o calor entre as pernas dela, latejando contra ele. Ele não era bom. Ele nem chegava perto.

Ugh. Se o pai dele descobrisse, ele estaria em apuros. Ser apunhalado por sua noiva?

Não. Não é uma coisa boa.

No final, o gesto agressivo e aleatório de Molly foi uma chamada de despertar muito necessária. Ele não poderia ser amigo dela. *Não se esqueça de quem você é, Tensley fodido Knight: um demônio cruel e impiedoso.*

Ele olhou para o espelho e franziu a testa. Seus olhos estavam pesados, encapuzados e escuros. A grande quantidade de energia que ele havia trocado com Molly estava desaparecendo rapidamente, e ele percebeu que tinha a ver com

suas emoções intensas, que eram uma mistura de ansiedade, raiva e frustração sexual.

Respirando fundo, ele se recompôs e saiu, determinado a voltar para o hotel.

Assim que saiu do banheiro, o nome de Tensley foi chamado.

Ele se virou para encontrar seu pai olhando para ele. — Você já fez? — Sr. Knight questionou, aproximando-se, olhos nublados e contínuos. — Você a marcou?

Tensley endireitou o queixo. Ele não queria se envolver em nenhum ato sexual com ela. Ele não iria se incomodar em persegui-la agora, e não queria machucá-la.

Apenas demônios de classe alta poderiam dizer se um ser humano não estava marcado, então Tensley só precisaria manter Molly longe deles. Seu pai, como Tensley, era de classe média alta e ele não saberia se Tensley mentiu.

— Sim, eu a marquei.

— Bom. — Sr. Knight, pela primeira vez, parecia à beira de um sorriso que ele não tinha que fingir.

— Agora Abaddon não vai incomodar.

Aquele bastardo.

Um vazio expandiu dolorosamente lento no peito de Tensley. Ele lutou contra isso, mas continuava voltando; faltava alguma coisa naquele espaço e ele desejava preenchê-lo.

— Tensley? — Ele olhou para cima para ver a sobancelha arqueada do pai.

— Você tem algo mais a dizer?

Ele engoliu um pouco assustado. Ele não sabia o que dizer, mas algo estava o comendo vivo por dentro. Ele desejava algo de seu pai: aceitação, aprovação... Algo muito mais perigoso.

— Não, senhor. — Ele se virou para sair, puxando o colarinho e mexendo em seu anel de família.

— Você sempre foi mais forte que seu irmão, — a voz fria de seu pai o deteve.

Tensley soltou uma respiração áspera que disfarçou como uma risada. Ele podia ouvir ao longe a memória da menina humana gritando quando Fallen arrancou o coração de seu irmão.

Ele nunca esqueceu o aviso de Fallen.

— Esta é sua lição, garoto. Demônios não amam, eles destroem.

Então Fallen cortou a garganta da garota.

Tensley abriu a porta e marchou para o ar espesso do verão enchendo seus pulmões. Ele agarrou a clareza em sua mente, ansiando pela lembrança de que o amor era uma doença, a maior fraqueza e falha de um demônio.

— Não. — Ele respirou, puxando os punhos de sua manga. — Eu nunca vou cometer o mesmo erro que ele.

— Saiam.

Os dois guardas abruptamente se endireitaram e ficaram pálidos, mexendo-se como ratos de campo assustados.

Eles se afastaram da porta do quarto do hotel e sumiram no elevador.

Tensley ficou em frente à porta, preparando-se. Sem bondade, sem suavidade. Com um rolar de seus ombros, ele destrancou a porta e entrou.

Molly não estava dormindo; ela estava sentada com as pernas dobradas no peito, braços cruzados ao redor delas na cama de lençóis emaranhados. A cabeça dela se ergueu, os olhos azuis se estreitando quando ela o reconheceu.

Ela não se moveu, mas ele viu seu peito começar a subir e descer rapidamente.

— O que nós comemos hoje?

Ele franziu a testa. — O que?

— Só responda a pergunta! — Seu rosto ficou vermelho brilhante enquanto ela segurava os lençóis.

Ele olhou, empurrando a mão para a mesa de café vazia. — Pizza.

Seus músculos relaxaram e ela respirou com dificuldade. — Eu estava me certificando de que era você.

O som estrangulado de sua voz cortou profundamente seu peito. *Não, não faça.* — Estou indo embora. Já paguei para você ficar aqui o tempo que for necessário até que as coisas se suavizem. — *Até que eu marque você.*

Ela saiu da cama e o enfrentou.

— Deixe-me no meu apartamento — afirmou Molly.

Ele franziu a testa. — Eu não acho que é uma decisão sábia.

Ela encheu as bochechas com ar, diminuindo a velocidade com um assobio. — Não é sua decisão.

Tensley olhou para ela, mas depois suavizou imediatamente, e ele a odiou por isso. — É tanto minha decisão como sua.

— Você não pode tomar nenhuma decisão por mim. Entendeu?

— Seu tom severo até o assustou e ele fez uma careta. — Vou pedir a September para ficar com o pai dela.

Seus olhos alinharam com os dele, já não o aterrorizavam. Eles detinham força e uma vulnerabilidade encantadora. Vulnerabilidade? Ele nunca tinha visto isso como cativante antes. Era o jeito que os olhos dela o seguravam, no entanto. O prateado e o azul se misturavam criando um tom de brilho sedutor, com suas grandes pupilas negras no centro.

O que realmente o assustou foi o sentimento se enfiando entre seus pulmões e atingindo o coração. O sentimento era uma necessidade de conforto, de carinho que ele nunca experimentou.

Ele se forçou a virar as costas para ela, olhando pela janela que dava para o parque.

Ele esperava que ela não visse seu peito caindo rapidamente e a garganta apertando enquanto ele engolia em seco.

Ela estava tendo muita influência sobre ele.

Deixarei meus guardas vigiando. Distância. Distância é bom.

Seu coração bateu violentamente. Uma dor começou, um desejo, uma ânsia por algo onde seu coração deveria estar. Quando ele pressionou a mão no peito, inalou e lutou contra uma plenitude se reunindo em sua garganta.

Não, não, ele não poderia ser como Beau.

Quando Molly tocou seu braço, todos os seus sentimentos se expandiram.

— Tensley?

Ele engoliu em seco. Sua presença física era demais. Se ele quisesse salvá-la, tinha que se afastar e obrigar Molly a manter distância. Ele se virou para enfrentá-la, olhando para ele daquele jeito inocente e questionador.

— Eu te desprezo. — Ele endireitou o queixo. — Se você não fosse um trunfo para mim, eu te tiraria do meu caminho, — ele continuou, embora não tivesse certeza de quem estava tentando convencer, Molly ou a si mesmo. — Tenha cuidado, Darling, ou posso deixar a besta prová-la.

Seus cílios tremeram, e o tom único de seus olhos desapareceu sob eles. Lá estavam àqueles malditos olhos de novo, puxando-o em direção a ela. Ele virou a cabeça para o lado evitando olhar diretamente para ela.

Molly levantou o queixo. — O sentimento é mútuo.

Ele enfiou as mãos nos bolsos e endireitou os ombros.

Decepção inundou seu peito.

Onde estava o alívio? Em vez disso, seus ombros ficaram tensos, doendo para retrucar, para ficar quites.

Ela passou por ele até o banheiro e Tensley saiu imediatamente, irritado que os sentimentos ainda estavam lá — mais fortes do que nunca.

vein of love
R. Scarlett

CAPÍTULO 19

Molly sentiu o vento mudar enquanto entrava no cemitério, obrigando-a a apertar os olhos para ver as figuras à sua frente. Cree caminhava ao lado dela e, ao contrário da primeira vez que ela veio, usava casaco escuro com capuz escondendo a cabeça loira. Três semanas atrás, ele havia lhe dado uma adaga curva e afiada. Ela a segurava com a mão direita tremula.

Quando ela disse a Cree que Tensley tinha pessoas a vigiando, ele ignorou e disse a ela que o cemitério e a área ao redor estavam encantados pelos diviners para que os demônios não conseguissem rastreá-los. Lá ela estaria segura.

Após semanas treinando com eles, ela se sentia mais forte e mais resistente. Ela não perdia a respiração instantaneamente quando corria, e descobriu que tinha uma maior tolerância à dor do que humanos. No lado negativo, ela estava ficando para trás no museu, chegando atrasada depois de extensas sessões de treinamento à meia-noite, atrapalhando a pesquisa dos monitores.

O medo do fracasso fez seu estômago revirar em dolorosos nós, mas uma voz lhe disse que ela estava focando na coisa certa: tentando proteger a vida de sua família.

Ela relutou sobre dizer a Cree sobre sua mudança de sentimentos em relação à Tensley. Ele não merecia a morte, mas

ambos precisavam terminar o contrato. Esta noite ela diria a Cree. Ela não mataria Tensley.

Alguns caçadores de demônios acenaram ou cumprimentaram quando eles se aproximaram, seu exterior frio mudando para aprovação e aceitação. Alguns até a convidaram para sua casa para a ceia desde que ela estava participando. Era melhor do que ficar sentada sozinha naquele quarto de hotel do Plaza.

— Está pronta? — Cree perguntou a Freya.

Seu cabelo rosa estava amarrado em um rabo de cavalo abaixo na nuca.
— Ele está inquieto.

Quem?

— Você quer ver um demônio enfraquecido? — Um cara chamado Ryan, mais baixo que o resto, gritou diretamente para Molly. — Quão asquerosos eles realmente são? Seus verdadeiros desejos básicos?

Um demônio? Ela afastou o medo arranhando o fundo de sua mente.

— Traga o copo — Cree disse para ninguém em particular. Alguém se moveu e apresentou um copo cinzento grande. Cada um deles se revezou em beber antes de passá-lo adiante. Quando chegou às mãos fortes de Cree, ele tomou um grande gole, limpando a boca na manga do casaco de couro, quando acabou. Ele passou para Molly e ela examinou o líquido escuro balançando dentro.

— O que é isso?

— A única maneira de acompanhá-los, sua força, velocidade. Sangue de demônio — disse ele calmamente. — Isso contribui para uma luta justa. Agora beba.

Seus olhos se arregalaram. — Sangue de demônio?
— Ela olhou para o líquido, engasgando com a vista.

— Você não precisa beber — disse Cree.

Ela olhou para ele, então viu o resto dos caçadores a observando. — Tudo bem. — Ela devolveu a Cree, que franziu a

testa, mas não disse mais nada. Ela não conseguia aceitar a ideia de beber sangue de demônio e seus pensamentos permaneceram no que ela vinha debatendo ultimamente.

Tensley

— Solte-o, — disse Cree a dois dos caçadores, e eles marcharam em direção a uma tumba feita de pedra cinzenta lascada, castigada pelos anos de invernos e transgressores. Eles brincaram com a fechadura e um rosnado irrompeu de dentro do túmulo. Molly se preparou.

— Nós o deixamos faminto: sem comida, água ou qualquer toque físico — disse outro caçador de demônios, de pé atrás dela.

— Isso é necessário? — Molly fechou a boca rapidamente. Os caçadores que a ouviram olharam friamente de volta. Seu estômago torceu e deu um nó, um pavor horrível afundando.

— É necessário quando ele abate três dos nossos membros na frente de suas famílias. Então porra, é necessário. — As palavras cuspidas de Ryan perfuraram profundamente o peito de Molly e ela afastou o olhar, só para pegar Cree observando-a.

A porta enferrujada se abriu e ela prendeu a respiração. No túmulo escuro, meio curvado, estava uma figura masculina magricela. Ele hesitou, a luz exterior muito brilhante para ele quando baixou sua cabeça, torcendo seu corpo em uma forma minúscula. Seus pés se moveram pesadamente sobre a grama úmida.

Ele ergueu o queixo, olhos brilhando como ônix polido. Um silvo escoou de sua boca com um rosnado enquanto ele avaliava o grupo.

—E então nós os caçamos, — Cree terminou em um tom perigoso, sedento de sangue.

Molly se encolheu quando o grupo gritou ruidosamente, empunhando suas armas, facas, correntes, machados no ar.

O demônio disparou para longe e a multidão seguiu atrás, os pés batendo no chão oco do cemitério, sobre as colinas e através da densa floresta. Molly correu atrás deles, seus sentidos intensificados pela perseguição. Tropeçando em galhos e pedras encravadas nas encostas, ela colidiu com uma árvore e raspou suas palmas ao longo dela.

— Auch — ela engasgou, examinando as palmas das mãos ardendo pelos arranhões. Ela olhou na direção de vozes distantes muito á frente. Seu coração batia rápido demais, muito forte contra suas costelas.

Seus sentidos foram elevados ao extremo — cada ruído, cada movimento a assustou. Um estridente barulho irrompeu em seus tímpanos e ela recuou, cobrindo-os contra os sons cruéis.

Algo se moveu ao lado dela, e ela se virou para ver uma figura alta e magra, a poucos metros do local onde ela estava. Sua respiração pesada e rápida.

Oh merda.

Ela disparou na direção oposta e seus pés trotavam atrás dela. Seus pulmões queimavam enquanto ela esticava as pernas ao máximo, querendo colocar mais espaço entre ela e o demônio faminto.

Estúpida, estúpida, estúpida — sou uma daemon e, de acordo com Tensley, eles podem me sentir a quilômetros! Por que não pensei nisso?

A mão dela apertou a faca enquanto os dedos dele pegaram seu cabelo, puxando-a. Ela gritou quando eles caíram e rolaram, fazendo seus óculos de sol voar. As mãos dele arranharam a sua jaqueta, e ele chiou como um animal agonizante. Assim que ele tocou sua carne, no entanto, a aderência ficou mais forte. Suas unhas cravaram em sua carne, o sangue escorrendo dos cortes.

— Ugh! — Molly gritou: — Cree! Cree!

Use seus olhos!

Ela se virou, seus olhos encontrando seu olhar vidrado. Ela se obrigou a manter a calma, relaxou cada membro, e enviou

a sensação para ele, invocando o controle completo sobre ele. Seus olhos estavam selvagens, mas assim que encontraram os dela, se acalmaram. Suas mãos afrouxaram o aperto.

Seu cabelo loiro avermelhado a perturbou. Era tão suave, tão infantil que ela não podia acreditar que ele era um demônio — algo tão feio, mas com a cor do cabelo de uma criança. Alguém inocente. Sua respiração rouca encheu seus tímpanos. Uma tatuagem escura atravessava seu antebraço – um escorpião, arqueado para a batalha, ferrão a postos.

Ela olhou para a tatuagem por um momento, um único segundo, e foi um momento longo demais.

Suas unhas afiadas e sujas cortaram seus quadris, e sua boca travou em sua garganta. Ela gritou quando seus dentes morderam sua clavícula.

Em puro desespero, ela cravou o grampo de cabelo com Velo Dourado em seu peito, profundamente, uma, duas, três vezes. Seus dedos arranharam sua carne e ela empurrou seus braços para fora, mantendo-o a um pé de distância. Logo ele tossiu, sangue saindo de sua boca e pingando por todo seu rosto, até que a escuridão em seus olhos desapareceu deixando apenas uma bela cor verde-musgo.

Ele está morto.

A culpa a esfaqueou no peito. Ela assassinou alguém. Os traços de Tensley embaçaram sua visão e ela agarrou sua camisa.

— Molly. — Ela desajeitadamente inclinou a cabeça para ver Cree e Freya, os outros surgindo atrás deles. O rosto de Freya estava duro, mas a boca de Cree estava aberta. Ele deu um passo à frente e tirou o demônio morto de Molly, jogando-o em alguns arbustos próximos. Cree retornou e a ajudou a levantar, segurando a mão dela mesmo depois de estar de pé.

Ela cambaleou, só para vomitar.

— Aqui, — disse Cree. Ele envolveu um braço embaixo de suas axilas e a guiou pela floresta. Ela teve que lutar para não

olhar para o corpo morto, que alguns deles estavam removendo. Suas mãos tremiam e ela tentou firmá-las, mas não pararam.

Ele era um demônio. Ele não era bom.

A dor aguda não deixaria seu peito.

Cree a acompanhou até a estação de metro, limpando o sangue restante de suas bochechas com um lenço. — Você foi bem esta noite, Molly — disse ele, parando na plataforma.

Ela se virou para encará-lo, perplexa com o comportamento relaxado dele. — Eu o matei. — Ela limpou as mãos sujas em suas calças cargo e conteve um soluço. — Eu matei...

Cree agarrou seu pulso, empurrou sua manga e sacudiu seu braço. — Isto... foi por isto que você o matou, legítima defesa. — Ela olhou para as marcas vermelhas e cortes superficiais abrangendo seu braço do ataque do demônio. — Se você não o tivesse parado, ele teria feito pior. Ele teria assassinado você e gostado.

Ela não conseguia desviar o olhar das feridas, e vê-las só fazia com que doessem mais.

Ela olhou para a estação, ofuscante em comparação com o céu escuro, e fechou os olhos. — O que farão com o corpo dele?

— É aí que conseguimos o sangue — explicou ele. — Nós os levamos para a capela e drenamos seu sangue antes que o corpo se desintegre.

— E você nunca acha que é errado? Fazendo isso? — Ela gesticulou para o asfalto, mas não conseguia parar de ver o corpo amassado do homem.

Cree balançou a cabeça, sem olhar para ela. — Eu entendo que você tem esse conto de fadas como fantasia que até os demônios valem a pena salvar, mas não no meu mundo. Eu te disse quando apareceu pela primeira vez no bar que você não ia gostar de algumas das coisas que fazemos, mas

nós fazemos isso como um meio para um fim. Você não precisa concordar com meus métodos, mas, acredite, vamos nos livrar de Tensley.

Ela assentiu distraidamente e mordeu o lábio. O pensamento persistente que ela estava carregando em sua cabeça doendo para sair. Ela precisava contar a ele. Agora. — Cree, quero deixar claro, no entanto... — Ela fez uma pausa, querendo formular isto corretamente. — Eu não quero matar Tensley. Ele não merece morrer. Eu só quero que ele termine o contrato.

A aparência cálida de Cree desvaneceu em uma carranca profunda. — Molly, os caçadores são uma família, uma unidade. Nós nos protegemos, lutamos e morremos uns pelos outros. — Ele mudou de um pé para o outro, uma brisa suave de verão agitando seus cabelos compridos. — Depois da morte da minha irmã, minha própria família lidou com a situação de maneira diferente, e nós nos afastamos. Os caçadores se tornaram minha segunda chance de ter uma família, uma frente unida querendo o mesmo objetivo final: impedi-los de ferir pessoas inocentes.

Molly viu a umidade encher os olhos castanhos dele e estendeu a mão, enfiando seus dedos nos dele em um aperto firme.

Ela lambeu os lábios antes de falar baixinho. — Mas Tensley é inocente também, sabe? Ele está preso neste contrato como eu e quer sair dele tanto quanto eu. Eu acho que se nós conversamos, ele pode estar disposto a nos ajudar.

A mandíbula de Cree apertou, mas ele não explodiu, não como ela esperava. Ele soltou uma longa e tremula respiração, ainda se concentrando em suas feições.

— Nós vamos falar sobre isso, ok? Não consigo decidir sem falar com os outros. Não acho que eles ficariam muito felizes em trabalhar com um demônio.

Ela sorriu. — Obrigada.

Ele riu. — Não por isso. — Ele acenou com a cabeça atrás dela. — Seu transporte chegou.

Ela se virou para ver o trem do metrô chegando e algumas pessoas embarcando.

Ela sorriu para ele, ainda abalada com a morte do demônio, mas sentindo um pouco mais de paz.

Foi pelo bem de todos eles; aquele demônio nunca machucará outra pessoa.

Molly embarcou no metrô e acenou para Cree enquanto se movia.

Ela quebraria o contrato e manteria Tensley vivo.

Perfeito.

Contanto que ele concorde, é claro.

CAPÍTULO 20

Tensley acendeu um cigarro e olhou para o décimo nono batalhão. Seu pai o encarregou de liderar as patrulhas para qualquer ameaça, e no momento eles estavam caçando alguns demônios renegados que roubaram a beladona de Scorpions.

Eles os encontraram em um armazém nojento nos arredores do Queens, e agora se manteve distante dos demônios criminosos enquanto eles falavam merda sobre ele ou o admiravam.

Desde o escândalo de seu irmão, o nome da família Knight definitivamente não tinha a mesma influência, mas ele não era um gatinho inofensivo. *Oh, ele mostraria a eles o maldito inofensivo.*

Ele inalou profundamente e soltou a fumaça da beladona, observando-a se enredar com a brisa do verão.

O ar estava denso e rançoso, e ele enrugou o nariz, franzindo o cenho para o batalhão escoltando os demônios para fora do armazém decadente e passando pela cerca de arame farpado que circulava a propriedade. Era assim que ele se sentia: engaiolado, uma fera se debatendo dentro de uma gaiola de metal.

— Senhor? — O tímido jovem soldado, um demônio de classe média aproximou-se cautelosamente de Tensley. — Todos eles foram detidos.

Tensley olhou para os sete demônios, as mãos amarradas atrás das costas enquanto eram empurrados para dentro de uma van. Um dos olhos machucados e inchados cintilou nos seus, a boca se formando em um grunhido medonho. O corpo do ladrão estremeceu, proveniente do lado demoníaco dele ansiando por um ataque ou apenas pela necessidade de mais beladona. Tensley atirou seu cigarro, enviando o toco queimando para o concreto.

— Mantenha-os confinados na casa. Quincy pode lidar com eles esta noite. Quebre alguns ossos. Vou interrogá-los amanhã.

— Sim, senhor — gaguejou o menino, e Tensley partiu. Ele subiu em seu Jaguar e acelerou de volta para Manhattan, querendo esquecer suas responsabilidades por uma noite. Suas mãos tremiam e ele segurou o volante com mais força. Ele sabia que estava ficando mais fraco sem intimidade completa de outro.

Tensley não deveria ter ficado surpreso com a presença de Illya quando passou pelo foyer da propriedade Scorpions, seu amigo aninhado em uma poltrona chique perto da lareira, esperando por ele. Daniella, a secretária de Scorpions, estava sentada atrás da mesa, observando o comportamento desequilibrado de Tensley.

Sem uma palavra, Illya o seguiu pelo corredor e entrou em seu escritório. Tensley se olhou no espelho da parede. Círculos escuros emolduravam seus olhos cinzentos e sua pele parecia doentiamente pálida. Ele precisava de uísque e precisava dormir.

Todas as noites, durante as últimas três semanas, foram gastas com pensamentos obsessivos pipocando entre Molly e Evelyn. *Molly. Evelyn. O sorriso inocente de Molly. A ousadia sensual de Evelyn.* Ele estava perto de enlouquecer.

Os dois entraram mais em seu escritório e Tensley tirou o paletó, o jogando no encosto do sofá.

— Tivemos uma reunião com seu pai hoje à noite. Por que você faltou? — Illya perguntou.

Tensley não se preocupou em olhar para cima, em vez disso retirou outro cigarro do maço no bolso. Ele abriu as portas francesas duplas para a sacada, olhando para o gigantesco jardim atrás da propriedade.

Tensley bufou. — Para evitar os bastardos.

Illya se inclinou sobre uma cadeira ao lado dele. — Ainda a evitando?

Tensley esmagou o cigarro no corrimão da varanda antes de voltar para o escritório, preto, elegante e arrumado.

Decorado com pisos de madeira escura e antiguidades do passado de sua família, pinturas de seus ancestrais, de sua família. O dinheiro nunca seria um problema para sua família, não com seus clientes, a beladona e os príncipes.

— Vou tomar isso como um sim, — Illya murmurou, entrando na sala.

Tensley sacudiu a cabeça com raiva. — Não fale dela.

— Já faz quase três semanas, cara. Você está fraco. — Illya suspirou.

— Eu não estou fraco, Illya — ele argumentou, se inclinando para reatar seus cadarços. Seus dedos tremiam e ele lutou para apertar os cadarços com força suficiente. — No entanto, sinto falta do tempo antes de chegar à puberdade quando a intimidade não importava. Maldita puberdade.

— Você parece doente e não consegue nem amarrar seus próprios sapatos — disse Illya. — Apenas saia desça do seu cavalo e...

Tensley olhou para o seu amigo. — Eu não vou chegar perto dela. Estou protegendo a ambos.

Illya olhou inexpressiva de volta. — Você sabe que isso não é verdade.

Tensley mostrou os dentes, narinas dilatando. — Eu a quero para uma coisa, um herdeiro. Depois disso, ela já era. — Ele se levantou, a cabeça erguida, ombros para trás, olhos afiados.

— Eu não estou preocupado com o meu apego; Estou preocupado com o seu — disse Illya, cruzando os braços.

— Se ela partisse ou desaparecesse, eu ficaria radiante. — Tensley pegou um copo limpo, encheu de uísque e bebeu em um gole. — Você não precisa casar com ela; você não tem que lidar com ela pelas próximas décadas. — Ele bateu o copo em sua mesa.

Illya manteve sua postura. — Eu achei que você se livraria dela depois que lhe desse um herdeiro?

— Saia se você só vai me chatear.

Illya se deslocou, mas não se aproximou. — Tensley, eu conheço você... — Começou ele. — O verdadeiro você. Por que você não pode mostrar a ela essa pessoa?

Ele suspirou pesadamente. — Você sabe que há motivos reais que eu não posso.

— Você quer dizer por causa do passado do seu irmão? — Illya disse, voz baixa.

— Isso arruinou a minha família; Seu egoísmo e desejos descontrolados destruíram a pessoa que ele era. — A mandíbula de Tensley se apertou. — Ele se tornou aquele demônio sem coração uma vez que Fallen o arrancou e todos souberam, cada demônio, cada idiota real soube que minha carne e sangue, um nobre, cometeu o pecado supremo. — Tensley olhou para suas mãos trêmulas e achatou-as na mesa. — Ele desenvolveu um coração cheio por uma chica¹⁶ espanhola. — Ele soltou um suspiro duro. — Eu poderia me controlar com Evelyn porque ela entendia meus limites, mas Molly, Molly é praticamente humana. Ela não entende nada sobre nós.

— Então do que você tem medo?

— Nada, ela não me assusta porra, — ele insistiu, franzindo as sobrancelhas.

— Pare de negar! — O rosto de Illya ficou vermelho e ele jogou os braços para fora. — Você está com medo que ela o faça sentir mais do que quer, que você não será capaz de

¹⁶ Menina em Espanhol.

controlar a si mesmo e vai acabar como seu irmão. Se você se controlar e deixar de ser um idiota o tempo todo, eu aposto que você conseguiria administrar isto. — Quando Tensley não respondeu, simplesmente olhando para as mãos em punhos, Illya bateu a mão na mesa. — Diga-me, porque você se recusa a beijar alguém, incluindo Evelyn na boca? Hum?

Tensley endireitou o queixo.

— Porque é mais íntimo do que sexo, certo? Você tem muito medo de se aproximar de qualquer um.

— O que você tem com isso?

— Eu quero que você seja feliz. Você é a coisa mais próxima que eu tenho de um irmão e não quero vê-lo sofrendo, e posso dizer que você está sofrendo... Muito.

O corpo de Tensley tremeu quando ele tentou controlar seu temperamento, as ondas de raiva rolando como a maré do mar.

— Eu não quero ser como ele. Eu ainda tenho cicatrizes de quando ele quase quebrou meu rosto ao meio, seu próprio fodido irmão. — A cicatriz em seu lábio superior queimou com a menção, o fantasma de um relacionamento destruído.

O silêncio encheu a sala, o ar crepitando de tensão a cada respiração pesada que Tensley tomava.

— Fallen não fez um movimento para se aproximar de Molly ou sua família. Se Abaddon tivesse lhe contado, ele já teria feito isso. — disse Illya cuidadosamente, mudando de assunto.

— Ou Fallen está planejando algo maior. — Tensley bateu as mãos sobre a mesa e rosnou. — Merda.

— Se Fallen soubesse sobre ela, ele teria deixado claro. Teria vindo até aqui para ver se era verdade. — As feições de Illya enrugaram enquanto ele falava, contrariando sua certeza.

Fallen iria querê-la; iria querer marcá-la, e então ele seria ainda mais poderoso do que antes.

Tensley esfregou a testa e sentou-se em sua poltrona de couro.

— Fique atento a qualquer coisa. Não deixe nenhum demônio se aproximar dela ou do Plaza. Tenho alguns dos meus homens a vigiando, mas eu confio mais em você.

— Só porque é suposto odiarmos coisas que não são demônios, não significa que temos que, — Illya murmurou, sentando também.

Tensley estreitou os olhos quando olhou para Illya através de sua mesa.

— Eu não tenho tempo para essa merda. Você teve notícias de Lex?

— Nada. Ninguém a viu, mas ela já fez isso antes. Você sabe como ela é — disse Illya.

Tensley assentiu; Já fazia quase um mês desde que ele havia falado com a pequena e engraçada comedora de almas.

— Eu ainda me preocupo com aquela menina magricela.

— Eu também. — Illya suspirou, se levantou e caminhou em direção à porta. — Ligue para mim se precisar de alguma coisa. Observarei a qualquer coisa fora do normal. — Ele fez uma pausa no meio do caminho. — Ela tem ido muito ao Brooklyn.

Tensley franziu a testa. — Com quem?

— Sozinha — disse Illya. — Então eles perdem seu rastro.

Alarmes dispararam na cabeça de Tensley.

— Ela está tramando algo. Mantenha os homens sobre ela. — Uma dor inflamou em seu peito e ele tentou afastá-la sem Illya perceber.

Ela está agindo pelas minhas costas!

— E só esperamos que ela faça algo?

Tensley agitou os punhos fechados em bolas apertadas.

— Faça-a pensar que está em vantagem. Apenas diga aos meus homens para observá-la de perto.

Depois que Illya saiu, Tensley afundou mais em sua cadeira, abrindo os botões da camisa. Ele suava profusamente, e o tremor estava pior do que quando ele sobreviveu à retirada de beladona dois anos atrás. Ele desejava que a comida, a água e o sono lhe dessem a energia de que precisava, mas era a intimidade que realmente o nutria.

— Sr. Knight?

Seus olhos dispararam para encontrar Daniella, alta, cheia de curvas e sorrindo para ele, de pé na porta aberta.

Sua garganta secou com seu peito generoso em seu corpete e na saia lápis que ela usava.

— Você não parece muito bem, senhor. — Seus lábios se curvaram em um sorriso malicioso, e ela se moveu graciosamente através de seu escritório para descansar sua bunda empinada na borda de sua mesa. Seus olhos vagaram por seu torso e pararam quando ela subiu a saia e abriu as pernas, revelando que não usava nada por baixo. — Você precisa de ajuda?

Sua excitação endureceu e ele apertou os joelhos.

— Alguns dos homens estavam falando sobre o quão fraco você parece. Nós não queremos isso, não é? — Ela riu, acariciando suas mãos cerradas e se movendo em direção a sua virilha. Ele levantou o queixo. Ele estava cansado de estar fraco.

Eu posso fazer isso. Apenas uma vez e voltarei ao normal.

— Não, nós não queremos, não é?

Ele precisava de algo para consumir, algo diferente de Molly Darling.

CAPÍTULO 21

Molly olhou suas mensagens de texto.

MICHAEL 12:06 P.M. Ei! Como você está?

MICHAEL 12:07 P.M. Não tenho notícias suas há algum tempo. Está tudo bem?

MICHAEL 3:54 P.M. Molly?

Seu coração estava em sua garganta, batendo. Ela agarrou o copo e bebeu, saboreando a queimadura.

— Só retorne as mensagens. — September comeu um amendoim do bar.

Molly queria descansar a cabeça no balcão, mas estava coberto de álcool seco pegajoso e migalhas de amendoim.

Ela recorreu jogando a cabeça para trás.

—Eu não posso. Ele acha que estou em um relacionamento, e ouvi de Tina que ele está saindo com Bonnie. Eu simplesmente não posso estar perto dele agora.

September mastigou outro amendoim, batendo em seus lábios, um hábito que ela nunca tinha se livrado, não importa quantas vezes Molly apontou.

— Bem, como minha avó italiana sempre diz, você nunca pode comer muita massa. Então mande uma mensagem para ele.

Molly levantou as sobrancelhas. — Porque isso definitivamente faz sentido e se aplica à minha situação agora. — Ela balançou a cabeça e olhou ao redor do bar. — Tudo que eu preciso é mais massa na minha vida.

— Vovó G sabe onde está.

— Então você tem falado com Illya?

September engasgou com seu amendoim. — O que?

Molly encolheu os ombros. — Vocês pareceram ter se dado bem. Ele não conseguia parar de olhar para você.

— Opa. — September respirou fundo e olhou firmemente para Molly. — Opa, não. Ele é um demônio e eu não transo com híbridos. Eu amo D & D¹⁷, mas não... Nenhum romance proibido para nós dois.

Molly tamborilava os dedos na superfície do bar de madeira.

September estendeu a mão e a acalmou. — Só não pense nisso. Divirta-se hoje à noite.

— Eu não posso. Posso perder meu emprego. Eles me chamaram para conversar e disseram que se eu não me organizar, estou fora.

Sem emprego, sem dinheiro, sem apartamento.

— Vamos encontrar um novo emprego para você.

Ela também precisava contar a September o novo plano.

¹⁷ Dungeons & Dragons (abreviado como D & D) é um jogo de RPG de mesa de fantasia (RPG) originalmente desenhado por Gary Gygax e Dave Arneson. Foi publicado pela primeira vez em 1974 pela Tactical Studies Rules, Inc. (TSR).

— E eu tive uma ideia... — Molly fez uma pausa, pensando antes de dizer em voz alta. — Falar com Tensley e ver se ele estaria disposto a quebrar o contrato. — Agora ela só precisava da confiança para se aproximar dele.

— Uh, o que?

— Eu conversei com Cree, e ele disse que falaria com os outros, mas acho que poderia funcionar se Tensley e eu estivéssemos do mesmo lado tentando sair dessa.

— Ok, bem, talvez? Eu não sei. Eu acho que você só tem que perguntar e ver?

Molly queria que September pulasse de alegria com a ideia dela, mas sua hesitação a fez duvidar de si mesma. Molly suspirou e saiu do banco alto. — Eu preciso ir ao banheiro.

Depois que ela lutou para fazer xixi sem sentar no assento, Molly encontrou uma mulher limpando um canto quando foi lavar as mãos.

— Uh, oi, — ela murmurou, esfregando o sabonete entre os dedos. Ela só respondeu com um aceno de cabeça.

Enquanto Molly secava as mãos com uma toalha de papel, a água da mulher da limpeza espirrou nos seus sapatos.

Ela ofegou, assustada, e a mulher de macacão azul encolheu os ombros.

— Desculpe, eu me empolgo quando estou limpando — explicou ela, uma pitada de riso em sua voz.

Ela sorriu, desajeitadamente balançando o pé encharcado.

— Está tudo bem.

A mulher a estudou, o fantasma de um sorriso exibindo seus dentes amarelados e irregulares. — Aqui. — Seus pés se moveram rápido e ela se abaixou na sua frente, limpando a água dos sapatos com um pano do bolso de trás.

— Não, tudo bem, tudo bem — ela disse. Seu cabelo era oleoso e despenteado.

— Você é alérgica à luz ou algo assim? — Ela gesticulou para os óculos de sol.

Ela assentiu. — Sou muito sensível à luz.

Os olhos grandes e esbugalhados da mulher examinaram suas pernas antes voltar para o rosto dela.

— Eu tenho que encontrar minha amiga. Ela provavelmente está procurando por mim. — Molly a contornou, se afastando o mais calmamente possível.

Ela acenou com as mãos. — Espere, espere.

Ela se virou e viu as mãos trêmulas.

Ela lambeu os lábios. — Ela partiu.

Molly franziu as sobrancelhas. — Ela partiu?

— Eu disse a ela que você partiu, que estava cansada e foi embora. — A testa dela se contraiu e uma sensação horrível de torção começou no peito de Molly. — Todo mundo partiu. — Ela ainda podia ouvir a música tocando alto do outro lado da porta.

— O-o quê? — A gagueira de Molly voltou com força total quando ela jogou a toalha de papel úmida no lixo. — Estou indo embora.

A mulher sorriu. — Não, isso não é uma opção, daemon.

Merda vezes um milhão.

— Abaddon enviou você, não é? Você é um dos seus familiares. — Molly se afastou e ela seguiu cada passo.

Porcaria! Isso não é bom, não é bom de jeito nenhum!

— Correto. — Ela estendeu a mão. — Agora, terei que usar a força ou você virá de bom grado?

Ela a atacou, mas foi agarrada pelo pulso e jogada contra o espelho, quebrando o vidro no impacto.

A mulher colocou a mão sobre sua boca, prendendo o grito dentro de sua garganta seca. Seu aperto aumentou, espremendo todo o seu ar. Os dentes de Molly arranharam a mão dela e ela apenas riu. — Mal feriu.

— Ei, idiota! — Uma voz rugiu do lado. Um punho colidiu com força na bochecha da familiar e Molly a empurrou para longe. Na frente dela, estava September o lábio curvado em uma careta, os olhos afiados enquanto observava à familiar. Molly tossiu duramente quando September socou a mulher novamente, desta vez gritando em agonia. — Oh, merda, isso dói!

O familiar voltou-se totalmente para enfrentar September, os olhos examinando suas feições contorcidas. — Você me bateu.

— De que diabos é feito o seu rosto? Concreto? Jesus fodido Cristo. — Ela gemeu enquanto sacudia a mão.

— Humanos não atacam demônios — ela sussurrou.

September congelou. — Um demônio? Oh, foda-se não.

Os ombros arqueados do familiar se transformaram e cresceram, distorcendo suas feições em maçãs do rosto definidas e negros cabelos oleosos como o de um corvo. O familiar atacou, agarrando o pescoço de September e a prendendo na parede.

— Saia dela! — Molly bateu seus punhos na lateral dela, desejando que sua força sobre-humana surgisse. Não aconteceu. Com um movimento de seu pulso, ela empurrou Molly com tanta força que ela tropeçou e caiu no reservado mais próximo, batendo no dispensador de papel higiênico.

September começou a engasgar e seus olhos reviraram enquanto a familiar a sufocava, repetidamente batendo sua cabeça contra a parede de azulejos. Molly se levantou tropeçando, tirou os óculos escuros e voltou correndo para o familiar, jogando o corpo inteiro sobre suas costas enquanto envolvia os dedos em volta da sua garganta.

O familiar sufocou e deu uma cotovelada no lado dela, mas ela não soltou.

— Sua puta! — Ela soltou uma mão do pescoço de September e cravou as unhas na coxa de Molly, tirando sangue.

Ela gritou quando o familiar a virou contra a parede, agora prendendo as duas garotas pelo pescoço.

Seus olhos encontraram os dela e ela congelou.

Sim!

Seu domínio enfraqueceu, e ela fez questão de piscar o mínimo possível.

Molly abriu mais os olhos.

— Saia. Deixe-nos. Sozinhas. — O familiar as soltou e recuou.

September caiu no chão como um saco de pedras.

— Agora saia... — Molly foi repentinamente jogada no chão, uma mão forte pressionando seu rosto no chão imundo. Molly lutou, tentando torcer a cabeça para que seus olhos capturassem quem quer que estivesse prendendo-a no momento.

— Pare de se mexer! — Exigiu a voz de outra mulher, erguendo a cabeça de Molly apenas para colidi-la com o chão novamente.

A dor atravessou sua têmpora enquanto manchas brancas percorriam sua visão, e tudo o que Molly podia ouvir era sua própria respiração superficial, os gritos abafados de September e o zumbido em seus ouvidos.

— Mate a humana. Vou levar o daemon para Abaddon.

Não!

— Foda-se não. Eu a peguei — o primeiro familiar chiou.

— Fui eu quem distraiu todo mundo! — Retrucou à segunda, aumentando seu aperto no cabelo de Molly.

Molly fechou os olhos e deixou seu corpo relaxar. *Foco. Foco.* Ela podia sentir os batimentos cardíacos rápidos da fêmea através da palma da mão pressionada contra a têmpora, e ela deixou seu corpo relaxar.

Um choque de força correu por suas veias. *Sim!* Molly arqueou as costas, acotovelando a mulher no estômago e torcendo para olhá-la. A mulher ficou imóvel, hipnotizada, e Molly a puxou pelo pescoço, um estalo alto ecoando no minúsculo banheiro.

Molly olhou para os olhos desfocados da mulher, seu rosto frouxo o rosto e tirou a mão dela.

A mulher caiu no chão com a cabeça em um ângulo não natural.

Os gritos de dor de September tiraram Molly de seus devaneios e ela tropeçou, estendendo a mão para o familiar atualmente arranhando a garganta de September.

— Pare! — Uma sombra surgiu na porta do banheiro, rápida e bruxuleante. Jogou o familiar contra a parede mais próxima.

Illya olhou por cima do ombro para Molly.

Graças a Deus!

— Illya? — Molly resmungou, alívio irradiando imediatamente através dela. Illya permaneceu em pé firme e olhou sombriamente através da sala enquanto o familiar se recompunha, em seguida, avançou com velocidade descomunal para o demônio.

Eles lutaram indo e vindo, prendendo um ao outro e estourando um reservado de suas dobradiças quando colidiram com ele. Grunhidos e assobios irrompiam de Illya como nada que ela já ouviu, e Molly não podia acreditar que ele possuía um lado demoníaco e agressivo, como Tensley.

— Illya — Molly repetiu enquanto se aproximava para tentar ajudar. Seus olhos cintilaram nos dela por um momento.

— Fique para trás — Illya estalou. Ele soltou um grito feroz e usou seu peso corporal para arremessar o familiar para cima e ao lado, lançando-a de costas no chão. Illya empurrou o pé para baixo sobre o pescoço grosso e venoso do familiar.

— Eu não vou matar você, — Illya falou, o rosto ensanguentado e olhos o mais escuros que Molly já tinha visto. — Leve uma mensagem para Abaddon. — O rosto do familiar ficou azul, e ela arranhou debilmente o tornozelo de Illya. — Diga a ele para esquecer o daemon ou nós iremos a Corte e deixaremos os Príncipes julgá-lo por quebrar uma das Seis Leis da Babilônia. Tenho certeza de que eles não serão muito gentis. — O familiar assentiu e Illya a soltou. Tão rapidamente quanto surgiu, ela partiu, desaparecendo pela porta em um instante.

Molly se inclinou contra a parede, suas mãos se abrindo. *Estamos a salvo.*

Illya tentou recuperar o fôlego. — Vocês estão bem meninas?

Molly puxou seu vestido para baixo escondendo os cortes em sua coxa direita.

— Além do pescoço quase quebrado, eu estou ótima — gemeu September, sua voz quase desaparecida e os olhos vermelhos.

Illya riu e se inclinou, descansando alguns dedos na clavícula dela.

— Deixe-me ver — ele sussurrou. — Eu posso ajudar. — September mordeu com força o lábio inferior, lutando para segurar a dor. — Só se você quiser minha ajuda, é claro. — Seus olhos nunca se afastaram.

September acenou com a cabeça uma vez e engoliu em seco. Inclinando-se, seus dedos deslizaram por seu pescoço, e seus olhos dançaram através de suas feições. September, pela primeira vez, ficou em silêncio. Seus lábios pairavam sobre seus hematomas e sua boca encontrou a pele beijada pelo sol.

Calor veio em ondas sobre as bochechas de Molly, e ela cruzou os braços e debatendo se deveria desviar o olhar.

Os lábios de Illya reivindicaram a pele danificada, um ruído suave de beijos enchendo a sala vazia toda vez que ele tirava a boca. September agarrou seu ombro, mas não o impediu. Ela gemeu de prazer absoluto.

Estranho.

Illya parou e sentou, os lábios enrugados, as orelhas vermelhas. As contusões já estavam desaparecendo do pescoço e da clavícula de September.

— Uh, obrigada. — A mão de September caiu das costas dele e ela desviou o olhar.

Illya se levantou, se virando para Molly. — Você está bem?

— Só um pouco atordoada, — ela murmurou, olhando para o familiar feminino rapidamente em decomposição. — E-eu, não queria matá-la. Minha força...

— Molly, você estava se protegendo e a September — disse Illya com um suspiro. — Vou levar vocês para casa. — Ele ajudou-as a levantar e os três caminharam em silêncio até o apartamento das meninas, uma pergunta comendo Molly o tempo todo. Assim que chegaram, September se desculpou com um adeus desajeitado e desapareceu no prédio.

Molly hesitou, virando-se para encarar Illya. — Como você sabia onde estávamos?

A mão de Illya agarrou seu lado e uma careta surgia vez ou outra.

— Ele me pediu para cuidar de você.

Ela franziu as sobrancelhas. — Tensley?

Ele assentiu.

Cuidar de mim? Suas bochechas aqueceram e ela esperou que ele não notasse.

Molly olhou para a calçada e desejou afastar o ataque de borboletas que florescia em seu peito. — Duvido disso. Ele me odeia.

— Ele não te odeia; Ele odeia a ideia de você.

Ela olhou para suas botas de camurça de cinco anos, Dolce e Gabbana, agora cobertas pelo sangue do familiar e água do banheiro... Totalmente arruinada, como sua vida. — Por favor, não minta.

— Os demônios estão acostumados a estar no controle de tudo. — Illya falou com uma carranca estranha e continuou esfregando abaixo de sua caixa torácica.

Molly tocou o braço dele. — Você está bem?

Ele balançou a cabeça. — Estou bem, só um pouco dolorido. Ficando velho demais para isso. — Ele riu fracamente e endireitou sua postura. — Como eu estava dizendo, demônios querem controle, mas nem todo demônio consegue controlar a si mesmo. É um mito. Nossa sociedade criou limites, vemos bondade e afeto como fraquezas.

Ela abaixou os cílios grossos e segurou seu corpo trêmulo. — Então o afeto é uma fraqueza?

— Apenas confie em mim, ok? — Ele colocou a mão em seu braço. — Eu o conheço. Ele coloca uma máscara e finge ser o mito que somos.

Ele simplesmente não consegue mostrar isso tão facilmente quanto eu. Ele é paranoico de perder o controle, especialmente na frente dos humanos. Especialmente mulheres humanas.

— Por quê?

— A família dele tem uma história ruim com a perda de controle, uma história recente.

Ela franziu a testa. — Eu não posso. Eu não posso confiar nele... eu não posso confiar em você. — Ela esfregou sua bochecha, a que estava em carne viva por ter sido batida repetidamente contra o chão do bar. — E por que você é mesmo amigo de alguém como ele?

Ele riu para o ar, olhando para a noite estrelada. — Minha mãe trabalhou para a família dele desde que éramos crianças e somos amigos desde então. Nós nos entendemos. — Illya forçou seus lábios em um sorriso, mas não foi um que alcançou seus olhos. — Ele é um bom homem. Você vai ver um dia.

Ela gemeu. — Por que ele não me mostra isso, então?

Illya ficou em silêncio, observando seu olhar irritado.

— Ele está com medo, assim como você. Ele está com medo de sentir algo que não pode controlar. — Ele exalou no ar noturno. — Algo aconteceu que o mudou.

Ela mordeu o lábio. — O que?

— Você vai ter que perguntar a ele mesmo. — Illya esfregou seu torso novamente, seu sorriso se transformando em mais uma carranca confusa.

— Como se ele fosse me dizer qualquer coisa. — Molly fez uma careta, chutando uma pedra e cruzando os braços.

Uma linha de suor rolou pela testa de Illya e ele tossiu. — Se você está se perguntando, Tensley não é sem coração. Ele pode agir assim, mas ele tem parte de um.

Ela piscou rapidamente. — Mas como?

— Eu não tenho certeza. Eu tenho uma teoria que a mãe de Tensley lhe deu algum carinho. Seu pai, porém... Ele acreditava que nenhum amor deveria ser exibido, independente de sua idade. Sem o cuidado adequado após a puberdade, o coração murcha, tornando-se inexistente ao longo do tempo. Tensley se importa, penso eu, muito mais do que a maioria dos demônios. É por isso que ele consegue manter alguma aparência de consciência, de como ser gentil e justo, mesmo com um pai e um irmão como os Knights. — Illya parou de falar por um momento, parecendo sem fôlego.

— Então ele se importa — ela sussurrou.

— Sim. Eu acho que sim. — Illya inclinou-se sobre a pequena árvore plantada na calçada. — Ele está ficando doente.

Sua cabeça chicoteou tão rápido que seu pescoço estalou. — O que?

— Ele não está recebendo intimidade suficiente, — ele continuou suavemente. — Eu acho que se você ajudá-lo, ele ficaria melhor.

Ela mexeu com seu anel de noivado. — Eu não sei, Illya.

— Basta segurar a mão dele e ver, ok? — Ela esfregou a parte de trás do pescoço e assentiu.

Illya gemeu e se curvou segurando sua lateral.

— Você tem certeza de que está bem? O que há de errado? — Ela tocou as costas dele.

A respiração de Illya estava difícil e rasa, e ele puxou a camisa para revelar um corte sangrento ao longo de sua pele, já inchado e infectado.

— O que é... Um familiar fez isso?

Um barulho estranho deixou os lábios de Illya antes que ele pudesse falar. — Eu... não... achei... que... fosse... tão... grave — Seu corpo começou a tremer violentamente a cada segundo que passava.

Ela colocou o braço dele em volta do seu pescoço e o segurou pela cintura, tomando cuidado com sua lesão.

— Leve-me para a casa de Tensley.

A última pessoa que ela queria ver.

Perfeito.

CAPÍTULO 22

— É aqui — Illya disse, seus tremores se transformando em espasmos e seus suspiros em gemidos de dor.

— Pare! — Molly agarrou a parte de trás do banco do motorista de táxi, resolvendo terminar seu texto para September dizendo que não voltaria tão cedo. O táxi derrapou parando em frente a um edifício de apartamentos art déco.

Ela empurrou dinheiro na mão do motorista e ajudou Illya a sair do táxi. Ao entrar no opulento saguão do prédio de Tensley, na Quinta Avenida, seu estômago revirou. E se Tensley não estivesse lá? Então o que? Como ela poderia ajudar Illya? Ela poderia levá-lo ao hospital?

Ela apertou o botão do elevador e, assim que as portas se abriram, eles se esquivaram do tráfego de casais chiques que avaliavam sua aparência desgrenhada com nojo. Molly lutou para segurar Illya enquanto o elevador subia. Seus olhos vidrados e corpo trêmulo. Ele conseguiu lhe dizer o número do andar e do apartamento, e ela o arrastou para a porta certa, batendo descontroladamente.

—Tensley, por favor. — A voz dela ecoou pelo corredor vazio, com carpete vermelho. — Tensley!

A porta se abriu e Molly quase acertou Tensley no peito. Ele se esquivou e lhe lançou um olhar.

Suas sobrancelhas franziram em Illya. — O que diabos aconteceu? — Ele perguntou, agarrando o outro braço de Illya.

Eles entraram no grande apartamento e colocaram Illya no elegante sofá de couro mais perto do corredor.

— Você vai ficar bem, Illya. Não se preocupe. — Molly balbuciou, penteando o cabelo encharcado com dedos instáveis. *Eu não deveria tê-lo escutado. Ele não estava bem. Se ele morrer...* Ele resmungou fracamente de volta.

Molly se virou para enfrentar Tensley, vendo o rosto do seu noivo mudar de impaciência para preocupação. — Diga-me. Agora. — Sua voz era mais suave desta vez.

Molly se dissolveu em soluços. — Illya, ele... — Ela passou as mãos trêmulas sobre o rosto suado e através de seus cachos bagunçados. — Você tem que ajudá-lo! — Molly se levantou para encontrar a cozinha e algumas toalhas, mas Tensley agarrou seu antebraço.

— Diga-me agora, Molly. Minha paciência está se esgotando, então fale.

— Uh, fomos atacados e... — Molly olhou para o sofá, na esperança de tirar forças de Illya, mas ele não estava lá. Ela olhou para as almofadas vazias. — Illya?

Seus olhos se voltaram para Tensley, que estava congelado, forte e severo, olhando além dela.

Uma risada sinistra a fez pular, e ela se virou para ver Illya, os ombros curvados e os membros torcidos, de pé atrás deles. Pequenos espasmos o percorreram enquanto seu rosto se transformava, características acentuando.

Ele se lançou em Molly e ela ergueu suas mãos para proteger o rosto. Tensley o pegou pelo meio e o prendeu contra a parede.

Fotos caíram, quebrando, e Molly ficou sobre elas, paralisada.

— Filho da puta! — Tensley fervia, agarrando o longo pescoço de Illya. Illya prendeu um dos dedos de Tensley em sua boca e mordeu com força. Tensley rosnou, mandíbula cerrada e rosto vermelho, mas não gritou. — Molly, pegue uma faca.

Molly não perdeu tempo e correu até a cozinha, mãos dispersas por uma das caras facas em qualquer uma de suas gavetas. Depois que pegou uma, ela correu de volta e entregou a Tensley.

Ele a pegou, olhou para Illya e arrancou sua camisa. Um silvo deixou os lábios rachados de Illya enquanto ele se debatia contra o corpo de Tensley, seus olhos selvagens e escuros se fixando em Molly.

— O áureo, o abençoado — a voz de Illya era baixa e sombria. — Ela não é sua para manter. Ela deveria ser compartilhada. Ela deve ser usada até que não seja nada além de um cadáver feio e murcho.

Tensley fez uma careta. — É mesmo?

— Dê-a para mim, para o meu mestre, o duque Abaddon, e a você será concedido um único desejo. — O sorriso de Illya vacilou enquanto Tensley permanecia em silêncio. — Aquela que você visa, a garota, ela pode ser sua novamente, e você não precisa desperdiçar sua semente nesta.

Molly franziu a testa. *A garota?* Ele não estava falando dela.

— Poupe-se disso, seu bastardo. — Tensley agarrou o pouco de gordura no estômago de Illya e Molly podia ver algo rastejando sob a pele, tecendo rapidamente. Os olhos de Illya reviraram e ele começou a tossir violentamente, a língua para fora e preta como breu. Todas as veias do corpo de Illya pulsando e dilatando, prestes a explodir. Tensley deslizou a ponta afiada da faca por baixo da forma em movimento e cortou fundo, arremessando-o das entranhas de Illya para o chão em um só golpe. Illya ficou mole e caiu contra Tensley, inconsciente.

Molly olhou mais de perto e viu que era um inseto, um besouro roxo com uma casca dura guinchando. Ele deslizou na

direção dela e Molly gritou, pegando um grande livro do lado de Tensley na mesa e bateu no besouro repetidamente até que estava achatado. Ela olhou sem fôlego para o inseto morto, uma de suas pequenas pernas se contorcendo no ar.

Molly se encolheu quando Tensley pisou nele, torcendo o pé para espalhar suas entranhas pelo assoalho.

— Por garantia, — explicou ele, arrastando Illya para o sofá mais uma vez. — Malditos escaravelhos.

— Ele está bem? — Ela torceu as mãos, se aproximando dos dois.

— Illya. — Tensley bateu na bochecha de Illya e sua cabeça pendeu, os olhos abrindo devagar.

Illya levou a mão ao rosto, apertando as têmporas. — O que aconteceu?

— Escaravelho. Embaixo da sua pele — resmungou Tensley, pegando um cobertor próximo e o segurando contra o corte sangrento de Illya.

Illya suspirou, as feições desgastadas, as sobrancelhas franzidas.

— Foi aquele maldito familiar. Ele deve ter colocado na minha manga. — Illya amaldiçoou em voz alta em russo. — Droga.

Tensley deu de ombros e um leve sorriso apareceu. — Isso acontece. Molly não podia acreditar no que estava vendo: um agradável e calmo Tensley.

Os olhos de Illya piscaram. — Eu machuquei alguém? — Ele inclinou a cabeça para vê-la, alarmado. — Eu machuquei Molly?

Tensley olhou por cima do ombro para seu corpo rígido. — Ela está bem, só um pouco chocada. Eu vou cuidar dela.

Cuidar de mim?

— Ele disse alguma coisa? — Illya engoliu em seco.

Tensley ficou em silêncio, hesitante em responder. — Ele disse que eu deveria compartilhá-la. — Ele respirou

uniformemente e esfregou os dedos contra a palma da mão. — Ele me ofereceu um acordo, por ela.

Lá estava novamente. *Ela*. Não Molly. *Quem então?*

— Ela — Illya repetiu. Um tremor doloroso atacou seu corpo encharcado. Foi então que Molly olhou em volta do espaço.

O apartamento era sombreado por uma mescla casual de móveis clássicos e modernos; a dicotomia lembrou Molly da personalidade de Tensley. A sala era um espaço contínuo, um degrau para baixo em uma sala de estar com piso de madeira, sofás de couro preto e uma enorme lareira de pedra escura. O espaço seguinte era a cozinha, que tinha uma grande ilha de mármore no meio com eletrodomésticos prateados, definitivamente um apartamento de solteiro.

— Pegue um pouco de água — disse Tensley. Ela estremeceu a princípio, assustada, e correu até a cozinha para servir um pouco de água em um copo. — E um pano molhado. — Ela fez o que foi dito e correu de volta, quase tropeçando onde o tapete encontrava a madeira. Illya tossia e estremezia incessantemente, o sangue pingando de sua ferida no sofá de couro.

— O corte dele — Molly disse, apontando enquanto entregava a toalha úmida para Tensley.

— Illya, descanse agora. — Tensley colocou o cobertor de lã sobre ele e segurou a água, que Illya bebeu. Ele fechou os olhos e se inclinou para trás, parecendo adormecer rapidamente.

Molly ficou congelada, mais em choque com o comportamento de Tensley do que com a condição de Illya. Ele estava sendo tão gentil, tão calmo. Tensley pegou o pano, brilhante com o sangue de Illya, e o esfregou levemente contra a testa de Illya. Ele se endireitou e desapareceu no que Molly imaginou ser o banheiro, retornando com alguns pacotes brancos finos.

Tensley rasgou-os com os dentes e Molly viu que eram ataduras. Ele as colocou sobre a ferida irregular e feia.

— Ele vai se curar?

Ele balançou a cabeça, e Molly examinou de perto o quão drenado ele parecia.

— Ele está muito fraco e sua posição não cura tão rápido quanto a minha. Eu terei que trocar energia para curá-lo.

Ela não tinha certeza do que fazer; ela simplesmente não conseguia parar de olhar boquiaberta para ele enquanto um calor aquecia suas bochechas. Ele só estava cuidando de seu amigo ferido, mas Molly achava que ele parecia ao mesmo tempo piedoso e a coisa mais próxima de um ser humano preocupado que ela já tinha visto. Talvez ele concordasse em trabalhar juntos para quebrar o contrato...

Putá merda.

As borboletas em seu estômago deram piruetas e saltos, e Molly ansiava por uma bebida forte ou uma ducha fria.

— Diga-me o que aconteceu hoje à noite, — disse Tensley, franzindo a testa para a ferida de Illya.

Ela olhou para a parte de trás da cabeça de Tensley. — Uh, bem, September e eu estávamos bebendo. Fui ao banheiro e aquele familiar apareceu. Eu tentei lutar contra ele, mas outro surgiu. — Ela correu os dedos pelo cabelo e suspirou. — Então Illya chegou e nos salvou. — Ela fez uma pausa, prendendo o lábio inferior entre os dentes. — Ele disse que você lhe pediu para cuidar de mim.

As mãos de Tensley fecharam. — Você pode dormir na minha cama hoje à noite, Molly. Eu vou cuidar dele, — ele disse calmamente. Seus olhos voltando para o seu amigo.

Molly não se mexeu. *No quarto dele? Sozinha?* — A noite inteira? Quero dizer, podemos fazer turnos.

— Sim, a noite inteira. Agora vá para a cama.

Molly ficou de pé, incapaz de afastar os olhos. Ela estava com medo de nunca mais ver esse lado dele novamente, um lado que ela queria ver, um lado que ela entendia.

Tensley girou a cabeça para ela com uma leve carranca. — Vá.

— Ok, tudo bem, — ela murmurou, dando passos hesitantes enquanto navegava pelo apartamento, procurando por seu quarto.

Só para ter certeza de que não estava alucinando, Molly se virou mais uma vez para estudar Tensley antes de ir para a cama, e ele ainda estava tão preocupado e pensativo como antes... Um irmão vigilante, um amigo amoroso.

Ela não tinha mais certeza de quem era Tensley Knight, a besta demoníaca que se recusou a libertá-la de um casamento terrível ou o homem incompreendido preso em uma cultura confusa onde sobreviver significava ser o mais cruel.

Agora, ela se questionava quão cruel, quão insensível ele realmente era.

Ele não parecia em nada sem coração.

vein of love
R. Scarlett

CAPÍTULO 23

Passos pesados no corredor de Tensley o acordou, e ele lentamente levantou a cabeça para ver uma pequena figura se aproximando.

Uma garota?

Illya resmungou ao lado dele, e as memórias das últimas horas voltaram correndo, rompendo sua neblina exausta. Molly tinha ficado, dormindo em sua cama e ele decidira descansar em sua cadeira de couro. Ele não pretendia adormecer, mas foi difícil quando estava quase tão fraco quanto Illya, especialmente depois de trocar energia. Tensley realmente precisava transar — inferno, até um beijo seria grandioso nesse momento.

Ainda estava escuro lá fora, as grandes janelas atrás do sofá exibindo os edifícios sombreados do horizonte de Manhattan.

A sala de estar estava em uma escuridão semelhante, além do abajur ao lado dos pés de Illya, que iluminava o assoalho de carvalho. Ele observou a figura curvilínea de Molly, parando no final do corredor.

Quando os passos se aproximaram, ele decidiu fingir estar dormindo e evitar o constrangimento.

Ele rolou a cabeça para trás e fechou os olhos.

Como alguém tão delicada caminhava tão ruidosamente quanto um fisiculturista estava além dele.

Logo os passos pararam, em seguida, começaram novamente em sua direção. Tensley respirou pelo nariz, seu coração acelerando. *O que diabos ela está fazendo?*

Um momento depois, um material macio cobriu seu corpo congelado. Suas mãos tiveram o cuidado de não tocá-lo, mas ela tomou um tempo para se certificar de seu corpo estar coberto do pescoço até os pés. Ele tentou respirar normalmente, sabendo que ela o observava. Se ela suspeitasse que ele fingia estar dormindo, não tinha certeza de como ela reagiria.

Seus passos recomeçaram e pararam pouco depois. Ele abriu um olho para vê-la sentada no chão ao lado do sofá, enxugando a pele de Illya com o pano. Seu outro olho se abriu, encarando-a com interesse.

Ela fungou suavemente e usou o calcanhar da mão para enxugar as lágrimas. — Eu sinto muito, Illya.

O peito de Tensley ficou mais pesado com o som de sua voz se quebrando. — Ele não está morrendo, — ele murmurou, na esperança de aliviar qualquer culpa que ela pudesse sentir. Sua cabeça virou para ele, a boca aberta.

A umidade em suas bochechas brilhava à luz da lâmpada, contornando o rosto em forma de coração e deixando as maçãs do rosto mais definidas. — Ele está bem?

Tensley assentiu lentamente.

Ele viu quando seu corpo estremeceu, relaxando com a notícia. — Eu mal dormi, pensando que ele foi ferido por minha causa.

Tensley abaixou as sobrancelhas, surpreso por ela se importar tanto com Illya.

— Bem, ele está bem. Volte para a cama, — ele ordenou, furiosamente agitado por seus cílios molhados e olhos arregalados.

Ele tinha ficado um pouco imune aos olhos dela durante as semanas que passaram, mas eles ainda tinham um bom

controle sobre ele. Ele se perguntou se estaria completamente imune se a marcasse.

Ela o observava. — Você está bem?

Ele endureceu com a preocupação suave atada em sua voz, o tom afetuosos. — Estou bem.

— Ok. — Ela não se moveu, voltando-se para encarar Illya.

Ele suspirou. — Vá. Para. Cama. Molly.

— Tensley, shhhh...

Ele rosnou com sua desobediência e se levantou, preparando-se para colocá-la sobre o ombro e jogá-la no quarto.

Ela se virou enquanto ele marchava até ela.

— Você está ferido — ela engasgou, levantando em um salto. Ele parou quando o seu corpo roçou o dele, a mão dela pressionando o lado latejante onde a camisa dele tinha subido. Ele assobiou e agarrou seu pulso firmemente.

— Porra — ele murmurou, olhando para baixo enquanto as pontas dos dedos dela roçavam as marcas de garras marcando sua carne. — Deve ser de afastá-lo. — Ele empurrou a mão dela. — Sim, vamos tocar as marcas. É uma ótima ideia.

— Você tem um kit de primeiros socorros?

Ele piscou, assustado com a veemência dela.

— Sim. Na cozinha, acima da máquina de café. — Ela entrou em ação, correndo para a cozinha. Ele entrou atrás dela, examinando-a de perto. Sua necessidade de cuidar dele, para ter certeza de que ele estava bem, aqueceu seu peito e, ao mesmo tempo, desconfiado.

Isso é um truque?

Ela usou uma cadeira próxima para subir na bancada, em seguida, abriu o armário para pegar a minúscula caixa vermelha.

Ele observou sua saia subir, a parte de trás de suas coxas expostas, lhe dando uma breve visão da parte inferior de suas bochechas. Suas mãos se fecharam em punhos quando ele se recusou a alcançá-la e tocá-la.

Ele se lembrou da secretária, Daniella, em como ela simplesmente tocou o peito dele, em seguida, ele grunhiu e a jogou para fora do escritório. Ele odiou como seu peito doeu no pensamento de tocar em outra pessoa.

Evelyn.

O cabelo geralmente liso e brilhante de Molly estava uma bagunça caótica e selvagem, com frisos e nós. Ele gostou desta revelação; ela não era uma boneca perfeita do Upper East Side.

Ele não precisava de um kit de primeiros socorros. Ele se curaria nas próximas horas, uma vantagem de ser um demônio. Nesse caso, seria um pouco mais lento do que o normal devido à falta de intimidade, mas ainda assim se curaria. — Você sabe, estou bem. Nós...

— Tire sua camisa. — Ela pulou da cadeira.

Droga.

Ele observou boquiaberto as feições dela, tentando ver a fachada, mas tudo o que viu foi o esgotamento da falta de sono e estresse. Ela procurou através do kit de primeiros socorros enquanto ele tirava a camiseta sobre a cabeça e a jogava no chão. Os olhos dela fixos em seu torso tonificado enquanto ele se aproximava, e ele percebeu que ela estava lendo as palavras italianas ao longo de sua lateral.

Molly desenrolou algumas bandagens e as colocou nas linhas feias de sua pele, os dedos frios enviando um arrepio por sua espinha.

— Levante seu braço — ela ordenou, e ele fez isso, músculos ondulado e esticando. Os pequenos toques de Molly já despertavam energia em seus ossos e sangue, e era inebriante.

Ele baixou os olhos para o abdômen e ergueu as sobrancelhas.

Não parecia bom – o curativo, no caso. Estava irregular e mal feito. — Você está fazendo um trabalho horrível — ele murmurou, em seguida, enrijecendo enquanto esperava que seu momento de ternura explodisse em insultos e ironia odiosa.

Em vez disso, ela caiu na risada.

Ele assistiu seu nariz enrugar quando um sorriso doce se formou em seus lábios carnudos, covinhas aparecendo em ambos os lados de sua boca. Ela não conseguia parar a risada doce e aguda enquanto continuava seu trabalho horrível enfaixando-o. — Eu queria ser enfermeira quando mais nova — ela disse, tentando endireitar seu trabalho. — Eu queria ajudar as pessoas.

Ele ainda não tinha certeza de como responder a isso. Então ela começou a rir descontroladamente de novo. — Eu era horrível, também, naquele tempo.

Ele não conseguiu lutar contra o sorriso em seus próprios lábios. Ela estava com sono, ele percebeu; ambos estavam, e isso os tornava vulneráveis.

— Lembre-me de nunca deixar você fazer isso de novo, enfermeira. — Ele sorriu para sua cabeça baixa. Ela simplesmente respondeu com outro adorável riso, o som aquecendo seu peito. Ele não queria que esse lado dela desaparecesse. — E o que você quer fazer agora?

Suas risadas pararam, mas ele ainda podia ver seu corpo tremendo do riso. — Eu quero ser professora de história, ou talvez trabalhar em um museu, o Met se eu tiver sorte — ela disse, inclinando a cabeça para cima.

Ele colecionou toneladas de livros de história sobre guerras, sobre mundos antigos. Evelyn não poderia ter se importado menos com o assunto.

— Eu vou voltar para Columbia no outono, — ela continuou. Ele não esperava isso. *Ela é definitivamente muito inteligente.* Ela certamente sabia como surpreendê-lo.

A mão dela escorregou entre os dedos dele. O gesto o abalou - junto com o poder. Seu toque afetuoso lhe trouxe uma

onda de energia, e ele apertou a mão dela de volta. Ele não podia acreditar que estava aguentando.

Ele limpou a garganta. — Qual é a sua disciplina favorita?

— Civilizações antigas, particularmente a Índia. A história, a cultura, os costumes — disse ela, e continuou endireitando seu trabalho com uma das mãos. — É tão único, tão complexo, mas simples ao mesmo tempo. Eu não consigo explicar direito.

Ele não pôde deixar de sorrir para o riso dela e apreciar sua figura despreocupada. — Você já esteve na Índia?

Ela assentiu. — Sim, nós fomos quando eu era mais jovem, em torno do meu aniversário. — Ela moveu um pouco de cabelo dos olhos e mordeu o lábio inferior antes de falar novamente. — Por que seus pais nunca nos disseram quando você viria? Esperamos todos os anos.

Ele deu de ombros. — Meus pais queriam assustar seus pais, encurralando-os para que eles não tentassem nada. Seus pais tentaram de tudo para te esconder, para remover o anel, mas meu pai impediu isto. Foi realmente cômico assisti-los te esconder, sumir para outro país achando que nos enganaria, uma família de demônios. — Ele riu.

Seus dedos desapareceram de sua mão de repente, e ele olhou para ela. A pele de Molly estava pálida e ela olhava para ele, sem piscar.

—Você achou que era cômico? — Sua voz estava tensa e ela se afastou mais, olhando para baixo. — Foi apenas uma piada engraçada para você eu ter passado anos esperando que algo horrível viesse?

Foda-se.

— Eu sendo a coisa horrível, estou assumindo? — Ele arqueou uma sobrancelha e ela zombou.

Não era o que ele pretendia dizer; ela não percebia quão difícil isso era para ele? Ser sensível?

— Eu quero quebrar o contrato — ela deixou escapar, os olhos arregalados.

— O quê?

Ela acenou com as mãos ao redor. — Você não quer isso! Você disse que tinha uma vida antes e eu também! Por que não trabalhamos juntos? Quebrá-lo e...

— Porra, não! — Não havia como quebrar um contrato de sangue único e complexo de trezentos anos atrás. Primeiro não foi de qualquer um dos seus sangues diretamente, e segundo, eles não tinham um bruxo de linhagem direta para quebrá-lo.

Ela franziu a testa, suas mãos pararam no ar. — Mas...?

— Fim da porra da discussão. — Em um segundo exaltado, ele arrancou as bandagens bagunçadas de seu abdômen e deixou-as amontoadas no chão. — Isso vai se curar. Lembre-se, eu sou um demônio.

Molly olhou para ele friamente, seu calor desaparecido. — Como se eu pudesse esquecer — disse ela, saindo da cozinha cavernosa. — Eu estou indo para casa. Você pode parar seus malditos pagamentos no hotel; não é necessário. Eu não preciso que você me proteja.

Ele não a viu partir. Ele se inclinou, imóvel contra a bancada.

Ele estava chateado com ele mesmo.

Chateado que se encontrou gostando de alguma coisa.

Sua bondade

Seu afeto dado livremente.

Porra.

CAPÍTULO 24

Shoot the freak estava barulhento quando Molly entrou pela porta da frente do bar decadente.

Seus tímpanos imediatamente doeram com a música. Ela não tinha visto este lugar tão cheio antes, corpos por toda parte, risos e gritos permeando o espaço. Enquanto empurrava através da multidão, Molly reconheceu alguns dos caçadores com quem ela praticava. Cree tinha dito a ela no telefone naquela manhã que era uma noite especial: uma lua cheia.

O olhar de Molly passou pelos caçadores reunidos em um canto do bar, e ela notou alguns garotos e garotas de pé em uma plataforma próxima, balançando.

Suas expressões eram débeis e cansadas. Uma mão pousou em seu ombro, fazendo Molly saltar no ar. — Puta merda!

Cree estava atrás dela, sorrindo maliciosamente.

Ele riu com vontade de sua expressão, seu rosto ficando sombrio enquanto observava sua roupa colada.

— Não quis assustá-la — ele murmurou, os olhos ainda agarrados ao corpo dela, mais importante, no topo dos seus seios inchados.

— Está tudo bem, — disse Molly, ajustando o top preto rendado. Sua legging de couro falso se agarrava à sua pele

desconfortavelmente. Estava muito abafado lá dentro. *Você queria que eu parecesse durona; Bem aqui você tem durona. Apenas tente não sufocar.*

Seus olhos brilharam nos dela e um sorriso enigmático assumiu. — Vamos, sente-se comigo — disse ele, pegando sua mão esbelta em sua calejada e guiando-os através dos corpos suados e seminus.

Alguns outros caçadores, incluindo Freya, estavam sentados em torno de uma mesa de madeira oval.

— Não acho que seja uma má ideia — disse Albert. — Quebrar o maldito contrato, livrá-la disto e evitar aborrecer alguns demônios poderosos. Uma palavra e nós seríamos caçados - nós seríamos destruídos e o que você acha que aconteceria com ela, huh? Eles a torturariam, a esfolariam, eles... — Os olhos de Albert cintilaram sobre a cabeça de Ryan e pousaram no corpo congelado de Molly.

O contrato.

A quebra dele.

Isso é o que eles estavam discutindo. E Albert estava do lado dela... Albert baixou os olhos para o seu uísque e mexeu na barba.

Molly olhou para os caçadores em volta da mesa. *Não posso confiar neles.* Assimilando profundamente e rápido e ela engoliu em seco. Freya olhou a roupa de Molly. — Tentando algo novo?

Molly fingiu sorrir.

— Eu acho que parece quente — Ryan anunciou, o cabelo amarrado em um coque gorduroso. Ele deslizou cartas na mesa suavemente e zombou. — Você deveria estar lá em cima. — Ele acenou a cabeça para a plataforma, a mais próxima a poucos metros de distância. Uma garota com cabelo castanho turvo balançava cansada sobre ela, a cabeça para o lado, os olhos encapuzados.

— Cale a boca, Ryan — Cree disse bruscamente. — Ela não é um deles.

Molly franziu a testa. — Quem são eles?

— Eles são demônios — ele respondeu, sentando-se rudemente. — Capturados, debilitados e usados para nosso entretenimento. Esta noite é uma celebração de nossas origens na cidade. Nosso povo chegou aqui há quase duzentos anos, dando início a batalha contra aqueles malditos selvagens. Caçadores de toda Nova York estão aqui.

Molly olhou boquiaberta para a garota. Ela parecia humana, todos eles pareciam, e ela se sentiu enjoada pensando em Tensley e na mudança que tinha visto nele, a capacidade para a humanidade lá. Mas então ele foi e disse algo que ela esperaria de um demônio: que o tormento de sua família tinha sido uma comédia para ele.

— Não pareça tão enojada por nós, Molly — disse Cree, a voz repleta de irritação. Molly ficou assustada com seu tom e trabalhou para afastar a aparência do seu rosto. — Demônios agarrariam a chance de fazer o mesmo com qualquer um, especialmente você.

Molly limpou a garganta. — Eu vou ao banheiro.

Eles acenaram e ela empurrou através da multidão, tentando ignorar a garota demônio de cabelos castanhos a sua direita, mas um caçador arrastou a garota da plataforma e a jogou em um sofá próximo.

Contusões revestiam os braços magros da menina e profundas cicatrizes brancas corriam por suas bochechas.

Os olhos da menina estavam vidrados, vagos - *espere*.

Molly reconheceu aqueles olhos verdes, pequenos, mas não mais brilhando.

Lex. A garota amável que ajudou a resgatá-la da górgona.

O estômago de Molly revirou.

Dois caçadores esparramavam as mãos sobre seu estômago exposto quando se sentaram em ambos os lados dela, e os olhos de Lex encontraram os de Molly. Um deles, um cara

com uma sobrancelha perfurada e cabelo azul escuro, mordeu o lóbulo da orelha de Lex. Ela nem sequer estremeceu. Suas mãos subiram pelas pernas nuas até a virilha.

Bastardos doentes.

Molly parou na frente deles, incapaz de se mover, incapaz de quebrar o contato visual com Lex.

Ela cerrou as mãos para esconder o tremor e respirou pelo nariz, com medo de vomitar do quão desconfortável estava seu estômago.

— Hey, — Molly retrucou, e um lampejo de compreensão cresceu no rosto de Lex, seus olhos cansados e desconfiados. Os caras continuaram tateando sua pele seca. — Hey.

Um levantou a cabeça, sua boca uma linha de raiva. — O que?

— Ela precisa de uma pausa. Agora. — Molly gesticulou para Lex.

— Demônios não precisam de pausas — disse ele, voltando-se para Lex. O outro cara não olhou para cima.

Molly olhou para a mesa onde Cree estava sentado. Nenhum deles estava assistindo, então ela tentou outra tática.

— Cree a quer — ela disse severamente. — Você quer deixá-lo irritado?

O cara deixou a mão cair e suspirou, derrotado. — Merda, não.

— Bom — disse ela, pegando a mão flácida de Lex e levantando-a do sofá laranja desbotado.

Alguns olhos alinharam com os dela enquanto se moviam pela multidão, as bocas se abrindo ou apertando com força em uma careta de desgosto, mas isso não a parou. O peito de Molly se encheu de medo e nervosismo.

— Oooh, parece que a Blondie vai se divertir hoje à noite!
— Um cara aplaudiu. — Posso me juntar?

— Cala a boca! — Outro assobiou quando Molly e Lex passaram por eles.
— Elas estão sob a proteção de Cree. Não o irrite.

Uma mão pousou no ombro de Molly e ela estremeceu, girando para ver Albert. Seus olhos brilharam para Lex grogue, apoiando seu peso contra Molly. Seu estômago caiu.

— Isso não está certo, Albert e você sabe disso, — disse Molly, ganhando toda a sua atenção. Sua boca parcialmente escondida por sua barba desgrenhada torceu para baixo e seus olhos mudaram novamente para Lex. — Por favor. Ela precisa de ajuda.

Ele não percebia isto? Como essa cena toda estava errada? Seu sangue ferveu e suas mãos cerradas tremeram. Isso estava errado, tão errado...

Ele não olhou para nenhuma delas e quando apertou seu ombro, deu-lhe um longo olhar. — Vou distraí-lo; tire-a daqui.

Molly soltou a respiração que estava segurando e acenou com a cabeça. Ela empurrou o resto da multidão, abriu a porta dos fundos e soltou a mão de Lex. — Você está bem?

— O que você está fazendo? — Lex recuou, pernas oscilando quando encontrou a parede de tijolos e se inclinou contra ela. Essa não era a mesma garota que Molly conhecera semanas antes; ela estava danificada, fraca.

Ela respirou fundo e passou a mão sobre o rosto. — Eu só... eu não suportei vê-los fazer isso.

Lex olhou, boca aberta. — Isso é algum tipo de jogo distorcido? — Ela mal conseguia formar palavras, e Molly percebeu que não estava recebendo nenhuma energia.

Isto é o que aconteceria a Tensley sem intimidade?

— Você vai me machucar?

As sobrancelhas de Molly ergueram. — Você não se lembra de mim?

Os olhos de Lex tomaram seu tempo observando sua aparência. Talvez Molly tivesse mudado nessas semanas, no entanto. Muita coisa aconteceu, e ela se sentia uma pessoa completamente diferente às vezes.

A compreensão ficou clara nos traços vazios de Lex. — A noiva de Tensley.

Molly suspirou, estudando o anel de noivado em seu dedo. — Eu não podia deixá-los se aproveitar de você.

— Então por que você está com eles?

Quando Molly olhou para cima, os olhos de Lex estavam enevoados. Lágrimas rolaram por suas bochechas sujas de terra.

Demônios choram? Lex fungou e esfregou alguns dedos sob o nariz.

Molly tirou o casaco e envolveu no demônio desnutrido.

— Vamos — ela disse, — Vamos pegar algo para você comer.

Lex hesitou em segui-la, mas o fez.

CAPÍTULO 25

O restaurante estava vazio, exceto por um casal que estava mais interessado em sufocar um ao outro com beijos do que comer suas panquecas na madrugada. Era um lugar de aparência barata que servia salsichas fritas como aperitivo e tinha cabines amarelas estilo anos noventa de vinil que grudavam nas coxas de Molly. Ela também tinha certeza de que havia chiclete preso na borda do seu assento.

Lex devorou suas batatas fritas em grandes bocadas, enchendo sua pequena boca. — Isto é tão bom — ela gemeu, revirando a cabeça em êxtase. — Eu não comi esse tipo de comida em um mês.

Os olhos de Molly arregalaram. — Este é o tempo que eles estão com você?

Lex demorou a responder. — Sim. Saindo de uma festa de faculdade no Queens.

— E então eles exibiram você como um brinquedo sexual?

Ela assentiu. — Eles costumam fazer isso por um tempo antes de nos matar. — Ela lambeu a gordura de seus dedos. — Então, o que fez você querer me ajudar se é um deles? — Os olhos de Lex se tornaram escuros. Molly podia ver que ela ainda suspeitava dela. — Você e Tensley não estão em boas condições?

Molly olhou para a janela, observando seu reflexo. O cabelo dela havia perdido os cachos e agora estava caído em seus ombros em ondas. — Tensley e eu não nos damos bem. Em absoluto.

— Eu posso ver o porquê, — Lex murmurou. — Você é o completo oposto dele. — Ela rolou os ombros, um osso estalando. — Ele é um incubos, um sedutor. — Ela sorriu com a comida ainda na boca.

Molly não tinha pensado em outros demônios. — O que você é então?

Lex se recostou e alisou as mechas emaranhadas de seus cabelos castanhos. — Eu sou uma comedora de almas.

Oh merda

Lex sacudiu a cabeça. — Pela sua cara, presumo que Tensley não a educou completamente. — Ela comeu outra batata frita, e Molly viu quão pontudos os dentes de Lex eram, afiados e irregulares, como os de um tubarão. — Ao contrário dos incubos, eu não recebo energia da intimidade. Eu consigo energia sugando as emoções e os pensamentos.

— Você pode tomar os pensamentos das pessoas? — Molly se inclinou para frente, fascinada e um pouco assustada.

— Sim, — ela disse baixinho. — Você quer esquecer alguma coisa? Eu levo isso embora. Você quer parar de sentir alguma coisa? Eu levo isso embora.

Molly franziu a testa e notou a tristeza na voz de Lex. — Isso não parece ser muito útil.

Lex gentilmente balançou a cabeça, os olhos baixando para as mãos machucadas. — Isso me dá força. Eu posso usá-lo para minha vantagem, se quiser que alguém esqueça alguma coisa. Manipular as emoções das pessoas. Scorpions me acha útil.

Scorpions?

Lex olhou para Molly e seus olhos estavam negros, famintos. Ela levantou as mãos, embaraçada, e os cobriu. — Desculpa, desculpa. Estou tão fraca agora.

Molly piscou e percebeu que Lex quase fez algo para ela. Ela viu a frustração de Lex, a vergonha de seus desejos. As meninas sentaram em silêncio depois disso, mas Lex não continuou comendo. Em vez disso, olhou para as batatas fritas com lágrimas nos olhos.

— Tensley sabe onde você esteve? — Perguntou Molly.

— Ele não tem a menor ideia, — respondeu Lex, seu sotaque do Queens aparecendo. — Ele me encontrou quando eu tinha quatorze anos, escondida em um armário depois de roubar sua beladona. — Molly arqueou uma sobrancelha. — É uma droga que os demônios usam por prazer. Ele me encontrou e em vez de cortar minha garganta, cuidou de mim. Havia um preço a pagar: seu pai queria que eu procurasse informações infiltrada. Ninguém esperaria que uma garotinha fraca trabalhasse para a organização mais poderosa e temida na América. Tensley me protegeu, no entanto. Ele era como um irmão para mim. — Lex beliscou a ponte do seu nariz, suas bochechas esqueléticas por falta de nutrientes. Ela parecia estar morrendo e sua pele estava horivelmente pálida. — Infelizmente ele não poderia me proteger dos caçadores. Quando eles nos levam, geralmente desaparecemos para sempre. Mas você me ajudou por alguma razão... Eu acho que preciso agradecer.

Molly tomou um gole de sua água, envergonhada. — Não tem de quê.

— Então, Tensley e você não estão se dando bem?

Molly ajustou os óculos de sol. — Não, não realmente. — Ela lembrou as bandagens, do seu comportamento protetor com Illya.

— Nossa. Quero dizer, ele definitivamente está a fim em você. — Lex riu.

— O que?

— Ele estava te olhando muito, quando estávamos levando você para casa. Você estava muito ocupada

hiperventilado para notar, — Lex cruzou seus braços. — Se ele não estivesse tão estressado em levar você em segurança para casa, provavelmente teria flertado com você.

Molly corou. *Flertado comigo?* — Eu nem imaginei que ele me achasse atraente. — Ela odiou como seu coração inchou sabendo que ele a achava bonita.

— Shh, você está de brincadeira comigo? Metade do tempo ele evitou olhar para você, porque se fizesse, pareceria um maldito idiota. O pobre homem ficou impressionado por você, e você nem sequer percebeu.

— Bem... Eu estava um pouco distraída pelo modo que ele estava me tratando — Molly respondeu bruscamente, brilhando quando pensou nas mãos de Tensley em seus quadris naquela primeira noite, vigorosamente empurrando-a pela rua. Molly não queria esses sentimentos quentes em seu peito por Tensley, não quando ele ameaçou sua família tantas vezes.

Alguém se aproximou da janela do restaurante e bateu no vidro. *Cree*. Ele bateu três vezes e Lex recuou, se recostando contra as almofadas da cabine.

— Fique aqui — Molly disse a ela, colocando uma mão sobre a de Lex. — Eu vou falar com ele.

A mão de Lex disparou assim que Molly passou, seu aperto forte como ferro. — Não! Ele vai me matar!

Molly olhou para o queixo trêmulo de Lex. — Eu vou falar...

— Você não pode mudar sua opinião sobre o que eu sou! Ele é a razão pela qual me pagaram. Ele é a razão de eu estar lá. — Suas palavras saíram enquanto ela puxava freneticamente o pulso de Molly. — Por favor, por favor, Molly. Ajude-me. Não deixe que eles me levem.

O coração de Molly se alojou dolorosamente em sua garganta. Ela se viu em Lex: o desespero para alguém ajudá-la, salvá-la de uma ameaça potencialmente fatal. O mundo em preto e branco de Molly desmoronou; Nem todos os demônios

eram ruins. Molly olhou Cree por cima da cabeça de Lex, sua expressão inabalável.

Não haverá misericórdia dele.

— Corra — Molly murmurou, seus lábios quase não se movendo.

— O que?

— Corra e não pare. Ache algum lugar seguro, ok? Algum lugar que eles não possam encontrá-la.

Lex deu-lhe um sorriso agudo e assim que Molly recuou, Lex atravessou a lanchonete para a entrada dos fundos. Molly correu para a porta da frente, bloqueando o caminho enquanto Cree tentava entrar.

— Mova-se, agora! — Cree gritou, mas Molly se manteve firme e o empurrou com tanta força que ele tropeçou de volta para a rua.

— Não! Você vai deixá-la em paz. — Ela se aproximou dele. — Deixe-me explicar, ok...

— O que diabos você estava pensando? Você a deixou fugir! — Ele bateu um dedo na sua têmpora e arregalou os olhos para ela. Sua voz aumentando. — Ela é um demônio que cometeu um crime, Molly! O inimigo.

— Foi desprezível! Eles estavam atacando-a, Cree! Foi insuportável pra caralho assistir! — Ela rugiu, sua própria voz rivalizando com a dele.

— Ela é um demônio, eles não sentem, não têm emoções, eles não se importam com nada além de conseguir o que querem! — Ele deu um passo à frente, elevando-se sobre sua pequena estrutura.

— Ela estava chorando!

— Eles imitam nossas emoções, Molly! Porra! — Ele andava de um lado para o outro no asfalto. *Imitar emoções?*

Ela viu as lágrimas de Lex, ouviu sua voz quebrar; Não foi falso. *Ele está mentindo para mim?* Lex era inocente, doce e Cree queria machucá-la.

— Eu quero acabar com isso. Eu quero quebrar o contrato e nada mais. Ele não se machuca.

As costas de Cree ficaram tensas e ele olhou para ela. — O que?

Suas mãos tremiam enquanto ela as torcia. — Eu não quero ser noiva dele, mas não posso machucá-lo, só quero que o acordo termine, ou que ele mude de ideia. Ele é inocente. Ele realmente...

— Ele é um demônio! Como você não está registrando isso? Eles querem nos devorar, sugar nossas forças, nos manipular, e se não os pararmos primeiro, eles farão isso. Ele é insensível. — Suas narinas dilataram e ele avançou, apontando o dedo indicador no ar. — Assim que você baixar sua guarda, Molly, ele vai devorá-la em mais de uma maneira e não serei capaz de impedi-lo nesse momento. Não seja ingênua, achando que ele é seu amigo. Ele está te usando, e se você acha que ele merece respirar, então ele está ganhando. Ele não se importa. Se ele agiu assim, foi porque quis torná-la vulnerável a ele. Para manipulá-la.

— Ele é diferente...

Cree procurou freneticamente no bolso do casaco e tirou uma fotografia desgastada. Ele empurrou-a em seu rosto. — Vê essa garota? Esta era minha irmãzinha Nina. Você sabe o que eles fizeram com Nina? Eles a estupraram e a mataram como se não fosse nada. Você quer ser usada por eles? Ele vai machucar você e sua família. Ele os ameaçou antes; você acha que ele não vai arrancar o braço do seu pai se necessário?

Ela olhou boquiaberta a foto da menina morena em torno de sua idade, seu sorriso tão largo que fez seus olhos enrugarem. O coração de Molly apertou quando Cree enfiou a foto no bolso novamente.

Ela jogou as mãos para baixo. — Não, claro que não! Eu só quero terminar o noivado. Isso é tudo. Eu não quero fazer parte deste mundo, com demônios, caçadores e monstros! Eu quero ser normal e livre. Não quero me preocupar se ele vai machucar minha mãe ou September, e quero ir ao museu

e a escola sem constantemente pensar nele e em seu mundo. — Ela passou os dedos trêmulos pelos cabelos emaranhados, sem fôlego. — Eu ainda quero quebrar o contrato, mas não vou fazer nada se isso significar que outra pessoa se machuque. — Ela tentou esconder a oscilação em sua voz, lutando para parecer feroz e determinada. — Entendido?

Cree franziu o cenho. Finalmente, ele suspirou. — Sem mais violência. Traga-o para nós e certifique-se de que ele seja submisso e nós vamos ajudá-la a quebrar o contrato. A melhor opção é drogá-lo para que possamos convencê-lo a cooperar.

Molly hesitou; por que as coisas ainda parecem fora do lugar com ele?

Eles matam demônios para viver. Eles não podem se livrar desse instinto. Não era mais o que ela queria. Antes, ela simplesmente queria que Tensley sumisse, morto ou não, mas agora ela sabia mais. Ela conhecia Tensley melhor, não como um demônio, mas como um homem. Ela sabia qual era o objetivo final de Cree e não correspondia ao dela: salvar ambas as vidas sem a morte.

Cree estava tão longe do homem que ela conheceu no bar, e seu instinto lhe dizia para não confiar nele. Ela não podia confiar nele.

Eu vou quebrar o contrato sozinha. Seus olhos focaram além dele vendo Ryan e Albert alguns metros atrás. *Albert*

— Tudo bem — disse ela com um leve tom em sua voz. *Faça-o acreditar.* — Eu o trarei até você amanhã à noite.

O olhar penetrante de Cree perdeu sua rigidez. — Você está tomando a decisão certa, Molly — disse ele em voz baixa. — Deixe-me levá-la para casa, ok?

Ela fechou a jaqueta em torno de sua cintura. — Eu estou bem. Acho que preciso de algum espaço.

Cree a observou e depois de um longo momento, deu um tapinha no ombro dela. — Descanse um pouco; você vai precisar.

Molly assentiu apaticamente, a garganta seca, cautelosa para não dizer muito. Ela desceu a rua tranquila, esperando que seu plano funcionasse.

vein of love
R. Scarlett

CAPÍTULO 26

Tensley soprou a fumaça de seus lábios e encarou as tulipas florescendo na frente do prédio de seu apartamento. O verão definitivamente chegara e com força total.

Illya estava ocupado vigiando Molly, junto com alguns homens de Tensley. Não havia nada de novo, mas ainda assim monitoravam. Ela estava tramando algo.

— Droga, — ele murmurou, um cigarro pressionado entre os lábios enquanto o calor sufocante o oprimia em seu terno de grife. Ele se inclinou contra um prédio de tijolos e suspirou, dedos tremendo quando pegou seu isqueiro. Ele fumava às vezes, geralmente depois do sexo, mas agora, fumava a maior parte do tempo... Algo para distraí-lo de outro desejo.

Ele tinha ouvido falar de demônios que passavam meses sem intimidade, e no final todos eles acabaram como cadáveres. Ele não podia continuar vivendo assim.

— Sr. Knight. — Uma voz sensual zumbiu em seus ouvidos. Tensley olhou através de seus cílios escuros, surpreso ao ver a figura familiar e esbelta diante dele. Seu corpo pulsou. Ele pressionou as costas firmemente contra a parede e levantou a cabeça.

Um sorriso torto nos lábios dela e ele deu outra longa tragada. Ele se afastou da parede e, com tanta força e confiança

quanto poderia reunir, conseguiu parar de tremer. Ele tirou o cigarro da boca e o apagou.

— Senhorita Rose. — Seus olhos examinaram suas longas pernas e seu minivestido vermelho. Seu cabelo escuro estava enrolado e os olhos aguçados e infinitamente pretos. Seu peito doeu; Ele se importava com ela como nenhuma outra pessoa antes. Ainda era tão doloroso olhá-la, mas ele estava desesperado por energia. Mesmo um rápido olhar lhe deu um delicioso impulso de força.

— Oh, então agora que você não me vê há um mês, eu sou a Srta. Rose?
— Ele esperou que uma risada saísse de seus lábios franzidos, mas ela era boa em mantê-lo alerta. Ela se aproximou, balançando os quadris e olhou para ele.
— Você não parece muito bem, Tensley.

Ele segurou um grunhido e endureceu suas feições. Ele não conseguia tirar os olhos dela. — Eu estou bem.

Ela deu uma risadinha e fingiu um beicinho. — Sua noiva não está cuidando bem de você? — Tensley ergueu o queixo, estreitando os olhos enquanto ela levava a mão flácida contra o seu peito. Ele tentou se afastar, mas ela era mais forte. — Oh, Tensley.

— Senhorita Rose.

Ela levou a outra mão dele aos lábios e lambeu seu dedo mindinho. — Me chame de Evie. Você não lembra como costumava sussurrar no meu ouvido quando estava dentro de mim? — Ela se inclinou para perto, encontrando seu ouvido perfeitamente devido à sua altura ao contrário da sua pequena noiva loira. — Não me diga que se esqueceu de mim.

Ele não podia esquecê-la, mas não ia usá-la. Ele não faria isso com Evelyn. Ela não era uma amante. Ele virou a cabeça, respirando com dificuldade na concha de seu ouvido quando agarrou sua cintura. Ela estremeceu contra o corpo dele. — Eu me lembro. — Ele passou por ela, mas ela atravessou seu caminho e atirou-lhe um olhar astuto.

— Essa menina não te satisfaz, não como eu — ela sibilou, enrugando o nariz e seu peito subindo a cada respiração. — Deixe-me ajudá-lo. — Ela deu um passo à frente, pressionando os dedos longos em seu peito.

Tensley considerou levá-la ao beco mais próximo, levantar seu vestido e satisfazer-se novamente. *Isso seria tão fácil.*

— Eu sinto sua falta — Evelyn arrulhou. Sua voz era tão suave, talvez o mais suave que ele já tinha escutado. — Você não sente minha falta?

Ele endireitou o queixo. Ele sentia falta dela. Era realmente uma coisa repugnante que ele sentiu por Evelyn. Demônios não deveriam sentir tanto por um ser. — Estou noivo, Srta. Rose.

— Desde quando isso importa? — Ela agarrou sua camisa brincando, levantando-a para tocar os músculos tensos do seu estômago. — Você costumava brincar comigo de qualquer maneira, a qualquer hora, em qualquer lugar, lembra? — Ela olhou ao redor e depois de verificar que a rua estava vazia, o empurrou com força contra o tijolo. Ele esticou o pescoço, os olhos semicerrados. Sua língua lambeu sua clavícula, dedos habilmente desabotoando sua camisa. Agora ele estava semiduro.

Deus, isso era bom. O corpo dele se contraiu com a pequena quantidade de novo poder. Evelyn o beijou bruscamente, deixando um rastro de mordidas.

Foda-se isso. — Venha. — Tensley a puxou para o lado do prédio, se esquivando das caixas de papelão e poças de água da última chuva de verão.

Tensley puxou Evelyn para ele, apalpando seus seios e a fazendo ofegar. Quando ele foi empurrá-la contra a parede, ela o empurrou de volta com firmeza. Ele endureceu, e seus olhos arregalaram quando ele olhou para a mulher beijando seu peito.

Ela era forte; Não havia sombras escuras sob seus olhos, nenhuma fadiga. Se qualquer coisa, seu toque era firme demais

e apertado. Seus dedos abriram o botão e o zíper das calças dele, mas ele agarrou seus pulsos antes que ela pudesse ir mais longe.

Uma mão envolveu a garganta dela. — Quem você fodeu? — Ele mostrou os dentes, narinas dilatadas.

Ela enrijeceu com seu tom áspero e sua expressão surpresa se transformou em uma imagem espelhada de sua raiva. — Oh, como você não estivesse fodendo sua noiva?

Seu aperto aumentou por um momento. — Eu não transei com ela. Eu não transei com ninguém! — A expressão de Evelyn vacilou e sua boca se abriu. Ele olhou — Mas talvez eu deva.

Ele a soltou e recuou, tentando reunir sua raiva com respirações profundas.

Dentro, fora.

Dentro, fora.

Todas as mulheres que ele havia recusado por causa da maldita megera na frente dele. Ele rosnou, fechou as calças e começou a arrumar os botões da camisa.

Evelyn olhou para ele antes de socar a lixeira mais próxima. Deixando uma grande rachadura, evidência de sua força sexualmente aumentada. — Eu deveria ser sua noiva! Eu deveria ter seus filhos, não uma idiota feia e estúpida. Você acabou de ficar noivo de outra pessoa porque seu maldito pai mandou. Você me deixou! O que eu deveria fazer? Esperar por você?

— Eu disse que não falharia com você. — Os olhos dele fixos em Evelyn, e a ira dela vacilou, restando apenas medo e arrependimento. — Você está livre para foder quem você quiser, Srta. Rose. Acabou.

Seus olhos ficaram vermelhos e molhados. — Não, não acabou. — Ela bateu o pé uma vez. — Mesmo antes de ir ver sua noiva, você ficou comigo até o último segundo.

— Então você deveria ter acreditado em mim, mas não o fez, então agora está acabado. — Ele arrumou seu cabelo e esfregou o batom da clavícula. — Adeus, Srta. Rose.

Ela marchou em direção a ele. — Tensley, se você voltar para aquela vad...

Ele se virou e ela parou bruscamente.

— Estou indo para casa encontrar minha noiva, Srta. Rose — disse ele friamente. Ele não ia realmente para o apartamento da Molly; simplesmente queria que Evelyn sentisse tanta dor quanto ele naquele momento.

Ela dormiu com outra pessoa... Depois de cinco malditos anos juntos. — Adeus.

Tensley observou os lábios de Evelyn tremarem e se virou, andando pela rua.

Ele entrou no seu prédio, o vidro mostrando o saguão elegante adornado com ouro e piso de mármore branco puro.

Evelyn o queria. Ela o achava bonito, inteligente e desejável, mas Molly não parecia nem mesmo interessada.

Sua testa enrugou.

Ele não era bom o suficiente para ela? Evelyn era tranquila e garantida, enquanto Molly era muito doce, gentil e ao mesmo tempo o desafiava a questionar suas ações, palavras e pensamentos.

Alguém falou, mas seu foco estava apenas nas portas do elevador. Ele não queria falar com seus vizinhos intrometidos ou Sebastian, o porteiro; ele precisava se recompor. Então alguém tocou seu antebraço e ele se contorceu, pronto para encarar a criatura inferior que se atreveu a falar com ele em seu estado irritado. Molly estava diante dele, bochechas rosa claro.

Ele franziu a testa. Ele não teria descanso das mulheres hoje. — O que você está fazendo aqui? — Ele não escondeu muito bem a surpresa em sua voz.

Ela foi falar, mas seus olhos dispararam para o peito dele.

Seus dedos pairaram sobre a clavícula, onde a boca de Evelyn tinha sugado, a marca de mordida vermelha se formando rapidamente. — O que você...

Ele os pegou e ela estremeceu. — Não desperdice meu tempo — ele respondeu; Ele teve o suficiente de mulheres por um dia. — Boa noite.

Ele se virou, passando os dedos pelo cabelo quando o elevador anunciou sua chegada.

— Espere! — Ela saltou novamente no braço dele. *O que há com essa garota?*
— Eu preciso falar com você.

Ele parou, olhando para o teto para evitar gritar com ela.

— Fale.

Suas sobrancelhas curvaram em preocupação. — Em particular.

A urgência em sua voz fez seus ombros enrijecerem. *Ela precisa de algo...*

Ele revirou os olhos e gesticulou para ela segui-lo no elevador. Todas as paredes eram espelhadas, refletindo os dois repetidamente de diferentes ângulos. Ela mexia em tudo, sua jaqueta, seu grampo de cabelo dourado, até no anel de noivado, que também não poderia ser removido a menos que ele decidisse fazê-lo.

A ansiedade dela agitou sua impaciência e seu coração doeu. Seus dedos massagearam a área, e ele suspirou. Ele olhou para o espelho só para seus olhos se concentrarem no rosto de Molly, o lábio inferior preso entre os dentes, e naquele exato momento, ela o pegou olhando. Ela não desviou o olhar e deixou os dentes liberar seu lábio inferior dolorosamente lento.

Ele precisava esquecer Evelyn de uma vez por todas, e estar ao lado de Molly nesse pequeno espaço estava tornando mais fácil do que nunca. Nada o detinha agora. Ela era completamente dele.

CAPÍTULO 27

Os dois entraram no vestíbulo de sua cobertura cara. Ela caminhou em direção à área de jantar, pegando a manga de renda e de olho na cozinha com suas facas de aço inoxidável corretamente colocada ao longo da parede. Molly mordeu o interior da boca.

Seus olhos pousaram no sofá. — Como está Illya?

— Ele está bem — disse Tensley um pouco agressivo. — Então, sobre o que você queria falar em particular?

Ela se virou para encará-lo. Ele ficou ao lado da porta, uma mão no bolso da calça escura, seus olhos pesados e exaustos.

— Não desperdice meu tempo, Sra. Darling. — Seus lábios tremeram quando ele falou, e ela pensou no grampo infectado com velo dourado que Cree lhe dera, que atualmente estava preso no seu cabelo.

Não, não, não.

— Tudo bem se eu usar seu banheiro? — Ela mentalmente deu um tapa em si mesma por quão fraca sua voz soou.

— Você veio aqui para usar o meu banheiro? — Suas juntas ficavam mais brancas a cada segundo.

Ela piscou, evitando contato visual. — Eu explicarei tudo depois — ela mentiu. — Eu só preciso de um momento, ok?

Ele desviou o olhar após um longo silêncio, exalando. — É no final do corredor, primeira porta à esquerda.

Ela assentiu e caminhou pelo corredor. O banheiro era elegante, com azulejo branco brilhante nas paredes e uma grande banheira de sauna que definitivamente caberia mais de duas pessoas. Ela andou de um lado para o outro, passou os dedos pelos cabelos e mandou uma mensagem para Lance estar lá em vinte minutos.

Ela podia fazer isso. Ela tinha que fazer isso. Se não o fizesse, ela estaria presa em seu mundo, em sua sociedade, e quanto sua família e September? Eles estavam em perigo, seu mundo era perigoso para eles. Ele poderia não machucá-la, mas definitivamente usaria aqueles que ela amava como ferramenta para conseguir o que queria. Ele já tinha feito isso antes. Ele era impulsivo. Dê-lhe um sedativo, faça-o quebrar o contrato com a ajuda de Albert e seja livre.

— Você pode fazer isso — ela sussurrou. — Você tem que fazer. — Ela desfez os primeiros botões de sua blusa, mostrando os topos dos seios e deixou seu cabelo cair sobre os ombros em cachos grandes e joviais. Ela respirou profundamente, saiu do banheiro e seguiu pelo corredor, até onde Tensley estava apoiado no encosto de um de seus sofás de couro preto.

— Por que você demorou tanto? — Ele murmurou com raiva, tirando o cigarro de seus lábios. Uma suave e ondulante cauda de fumaça expelida deles. Sua testa enrugou quando ele a olhou novamente, reparando sua pele exposta e o cabelo bagunçado.

Ela engoliu em seco. — Você fuma?

Ele levantou uma sobrancelha escura. — Quando você começou a se importar?

Ela o fitou; algo parecia estranho nele. Agitado, chateado mesmo...

Ele segurou o cigarro entre indicador e o médio e a observou. — O que você quer, Molly? — Sua voz era baixa, e uma pitada de irritação a permeava.

Faça agora. Ela alcançou seus óculos de sol e o removeu, deixando cair no chão. Quando seus olhos se encontraram, ele congelou. — Eu quero você — disse ela.

Ele inclinou a cabeça para o lado. — Você me quer? — Ele parecia arrogante, mas também um pouco suspeito.

Ela se moveu lentamente, cada clique de seus saltos altos ecoando no apartamento silencioso. Ela ficou na frente dele, correndo um dedo pelo seu braço nu, e saltou com o inesperado impulso de energia do toque. Sua expressão fria vacilou, calor percorrendo seu peito, deixando sua pele manchada, mas ela se recompôs e continuou deslizando o dedo ao longo seu braço musculoso. Ela usou as pernas para afastar as dele. Ela colocou as mãos trêmulas em seu peito firme, pressionando todo seu corpo contra o dele.

Só dê a ele um gostinho, depois ataque.

— Você não me quer? — Ela agitou seus cílios para ele.

Ele olhou para ela.

Ela temia que não estivesse funcionando; ele não a tocou de volta. Era como apalpar uma maldita estátua. Por mais estúpido que fosse, o constrangimento a consumiu. Quando ela se endireitou, humilhada, Tensley tocou seu pulso.

Seu toque enviou energia através de suas veias.

Oh meu Deus.

Os lábios dele roçaram suas bochechas, em seguida, sua garganta. Quando ele a puxou completamente contra ele, ela pode sentir sua necessidade rígida sob ela. Um intenso calor espiralou entre as pernas dela.

As mãos dele vagaram por suas costas, subindo até a linha dos cabelos, e ela começou a entrar em pânico. *O grampo.*

Ela empurrou o peito dele e ele inspirou bruscamente, os lábios inchados e franzidos. Ele ficou de pé em toda a sua altura

e se elevou sobre ela, avançando enquanto ela se apoiava na parede mais próxima.

Ela bateu e rezou para que ele não pudesse ver a rapidez com que seu peito subia e descia.

Ele sorriu sombriamente e se inclinou para beijar seu pescoço estendido, parando para olhar através de seus cílios para ela. Todo o ar saiu de seus pulmões quando ela sentiu a atração familiar por ele, como um canto de sereia, chamando-a para pressionar seu corpo contra o dele e deixá-lo devorá-la.

Só um gostinho...

Seus lábios encontraram a mesma pele febril de antes. Ela soltou um gemido, assustada com a forma hábil que sua boca mordiscou seu pescoço. Seu corpo não podia deixar de se curvar para o dele.

Ela podia sentir seu comprimento endurecendo quando ele baixou a boca para o topo de seus seios, então desceu suas mãos acariciando cada centímetro de seus lados. Seu núcleo apertou quando a cabeça dele nivelou com sua virilha, ajoelhando, suas mãos segurando as coxas dela com força.

— Não se mova — ele avisou quando suas pernas oscilaram enquanto levantava sua saia, revelando a calcinha branca.

Ela sabia que ele podia ouvir seu coração martelando contra suas costelas. Ela prendeu o lábio inferior em sua boca quando ele separou suas pernas e pressionou a boca contra seu centro. Sua respiração quente contra seu ponto mais sensível foi o suficiente para fazê-la gemer sofregamente.

A língua dele girou sobre a calcinha úmida suavemente a princípio. —Tão, molhada... — ele murmurou contra ela, e até mesmo sua voz causou uma onda de prazer de enrijecer as pernas. Suas mãos agarraram seus ombros largos. A energia pulsava em suas veias. Ele beijou a parte interna da sua coxa, e os dedos dele empurraram sua calcinha para o lado. Ela o assistiu olhar seu

sexo exposto, molhado, sua língua emergindo para lambar o canto de seus lábios.

— Eu vou adorar te comer, querida.

Ela gemeu baixinho, a necessidade de seu sexo latejando para ele continuar.

Ele parecia querer devorá-la.

E voltar para a segunda rodada.

Inferno, ela não se importaria com uma terceira.

Ele olhou para ela por um momento, um lento sorriso sedutor surgindo, e antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, ele enterrou a cabeça em seu sexo e mergulhou sua língua mais e mais.

Oh deus, ninguém nunca fez isso.

— Tensley, oh, Tensley, — ela gemeu. Suas mãos encontraram o cabelo dele e puxaram.

Ele beijou seu monte, se movendo de volta aos seus pés para começar a atacar seu pescoço estendido.

Não, não, ela tinha que pará-lo.

Ela tinha que fazer isso agora.

Ela deslizou a mão no cabelo e soltou o grampo de cabelo. O braço dela envolveu o ombro direito dele empurrando-o profundamente em sua omoplata exposta. Ele ofegou em seu ouvido, cambaleando para trás.

— O que é... — Ele alcançou o grampo, arrancando-o de suas costas. O grampo manchado de vermelho deslizou de seu aperto fraco, batendo contra o chão. — O que... o que você fez?

As narinas dele alargaram.

Ela respirou de maneira desigual. — Eu precisei — ela disse, seu corpo inteiro encostado na parede, tentando arrumar a saia e aumentar sua distância dele.

Por que o veneno não estava funcionando?

Sua raiva começou em ondas, escoando dele conforme aumentava. — Você só precisava me seduzir e depois me apunhalar pelas costas? — Ele gesticulou para suas pernas, em seguida para o rosto dela.

Ele andou na frente dela, segurando o encosto do sofá mais próximo.

Tensley zombou. — Tudo que você faz é me irritar. Ou essa é a sua habilidade? Hora de irritar Tensley de novo! Testar seus malditos limites. Estou chegando tão perto — ele mostrou a ela o polegar e o dedo indicador quase pressionado, enfatizando sua frustração — de perder minha paciência com você, e eu não sou bonzinho. Eu me vingo.

Ele balançou a cabeça, como se ela fosse uma garotinha estúpida.

Oh, eu tinha novidades para ele.

Ela endireitou sua postura na frente dele. — Foi contaminado com velo dourado.

O rangido de seus dedos agarrando o sofá de couro fez seu coração bater mais rápido. Ele sabia exatamente o que era velo dourado.

— Tensley, não quero brigar com você. Eu quero que você coopere.

Isso não pareceu ajudar. Ele chutou o sofá com tanta força que deslizou através da sala, fazendo pinturas e vasos espatifar no chão quando colidiu com a parede oposta. Ela olhou para a bagunça quebrada em seu piso de madeira e ele avançou em direção a ela, um grunhido deixando seus lábios.

Ela saltou do seu caminho, tropeçando e se endireitando contra um armário no corredor. Seus passos ecoaram atrás dela

e ela se virou, conectando o punho com tanta força no queixo dele que o estalo soou como uma chicotada. Um grunhido deixou seus lábios franzidos e ele atacou, batendo-a contra a parede. Mais obras de arte caíram.

O veneno não está funcionando!

— Tensley, não, não...

As mãos dele agarraram seus antebraços e a sacudiram. — O que diabos há de errado com você?

Lute com ele!

Ela tentou se soltar, mas isso só o irritou mais e ele a pressionou contra a parede, prendendo-a com seu corpo forte.

— Tensley — disse ela, tentando acotovelá-lo no lado. — Não! Eu não quero machucar você!

— Não? — Seus gritos não combinavam com suas ações enquanto seu aperto enfraquecia imensamente. Ela podia ver as emoções batalhando em suas características glaciais, querendo machucá-la, mas se controlando. Ele a soltou e suas mãos pousaram em ambos os lados de sua cabeça, o corpo inclinado para frente. Ela engasgou com a proximidade do seu peito pressionando o dela; Seus braços tremiam incontrolavelmente.

Estava funcionando, o veneno estava enfraquecendo-o.

— Você vai se arrepender disso, Molly. — Ele lutou para dizer as palavras.

— Eu acho que você está errado, Tensley — disse ela, congelando-o com os olhos nus.

Os joelhos de Tensley cederam, mãos fracamente segurando suas mangas, nas pontas dos dedos, até que ele desmoronou na frente dela. Ele tossiu violentamente, os olhos lutando para permanecer abertos enquanto lutava contra o velo dourado até o fim.

Ela viu quando ele ficou inconsciente e seus dedos se esparramam, soltos.

Ele não se mexia. Nem ela.
Ela havia derrubado o monstro.

vein of love
R. Scarlett

CAPÍTULO 28

Molly andava em frente ao corpo inconsciente de Tensley, checando seu telefone por um texto ou telefonema, qualquer coisa de Albert dizendo que não conseguiria ir, ou tinha voltado atrás, ou que já estava lá.

Qualquer coisa.

Ela puxou o cabelo, de olho no corpo dele.

Devo amarrá-lo? Ou deixá-lo aí? Oh Deus.

Ela pegou uma almofada do sofá e colocou debaixo da cabeça dele, alisando o cabelo encharcado.

— Eu sinto muito, Tensley — ela sussurrou. — É para o nos...

A batida na porta fez Molly saltar. *Albert.*

Molly se levantou do chão e correu para a porta.

Esta é a minha chance, nossa chance de nos livrar do contrato sem que ninguém morra.

Ela abriu a porta e todos os seus nervos agitaram ao ver Cree. Sua mão disparou para fechá-la, mas quando estava prestes a fechar, Cree a empurrou. Ele a agarrou pelo ombro e, quando ela foi empurrá-lo para fora, ele apontou uma arma para o corpo imóvel de Tensley.

Merda.

— Bem, você completou o primeiro passo: sedá-lo, — disse Cree, olhando para Tensley. Molly sacudiu o ombro, mas os dedos de Cree apertaram com tanta força que ela recuou e gritou. Ele a puxou para mais perto. — Se você tentar qualquer coisa, levantar um de seus dedos, vou atirar por toda a extensão da espinha dele.

Molly estremeceu. Ela queria gritar, queria empurrar Cree, mas ele tinha o poder. — Como você soube?

Cree arqueou uma sobrancelha. — Você foi pouco convincente ontem à noite. Eu sabia que você recuaria, só não achei que seria estúpida o suficiente para tentar por conta própria.

Molly olhou para o seu rosto e se perguntou como este poderia ser o mesmo cara do bar.

— Nós pegamos o bastardo — disse Freya se movendo por trás de Molly, atingindo-a no processo. Ryan a seguiu.

Cree segurou o bíceps de Molly e saiu pela porta. — Bom. Você apagou a vigilância pelos próximos cinco minutos?

Ryan assentiu, muito ocupado, encarando o inconsciente Tensley.

— Então você é o grande mal...

— Vamos. — Cree empurrou Molly para frente, a arma agora apontada para o lado dela. — Vamos fazer do meu jeito. Tenho um demônio para quebrar.

Molly fechou os olhos com força.

O que eu fiz?

Molly caiu de costas contra o sofá empoeirado no apartamento de Cree acima do bar e olhou para o corpo flácido

vein of love
R. Scarlett

de Tensley. Suas mãos estavam amarradas no encosto da cadeira de madeira, seus pés nas duas pernas dianteiras.

O estômago de Molly torceu dolorosamente quando ela olhou para o fogo próximo tremeluzindo em brasas.

Freya apertou o ombro de Molly e recarregou a pistola apontada para ele.
— Bom trabalho em sedá-lo; ele não será capaz de se proteger agora.

Molly não conseguia tirar os olhos da boca aberta de Tensley, os longos cílios escuros e a mandíbula relaxada. Ele parecia tão completamente sem vida.

Seus pés tocando o chão.

— Então o famoso Tensley Knight não é tão poderoso, afinal — Ryan cuspiu.

Alguns outros caçadores sentaram-se ao redor da sala, observando Tensley em seu estado envenenado, inconsciente e fraco. Molly engoliu em seco, pensando em sua última expressão, no fogo irrompendo naqueles olhos escuros enquanto o veneno fazia efeito. Um buraco negro tinha crescido na boca do seu estômago e continuou a expandir quanto mais ela olhava para suas feições vulneráveis.

Acabei de enterrá-lo vivo.

— Ainda não acordou?

Molly saltou ao ver Cree na porta. Ele nem sequer olhou para ela; os olhos dele estavam colados ao corpo inerte de Tensley preso a cadeira. Cree marchou e segurou o queixo de Tensley, erguendo sua cabeça caída por um segundo antes de deixá-la cair novamente.

— Não faça isso, Cree — disse Molly.

— Cale a boca.

Relâmpagos brilharam através das cortinas finas nas grandes janelas, e Molly encontrou-se, olhando para sua mão, o dedo fino que usava o anel de noivado de Tensley.

Molly pegou o pulso de Cree e ele olhou para ela. — Só me ouça, ok? Isto não tem que ser assim.

Seus olhos brilharam com o gemido repentino que emanou do meio da sala; era Tensley. Ele levantou a cabeça com dificuldade audível. Seus olhos escuros varreram a sala, pousando nela. Ele separou seus lábios secos, escamosos, mas parecia sem palavras.

Molly se aproximou de Tensley, querendo explicar, querendo consolá-lo, mas Cree agarrou seu pulso e lhe deu um olhar de aviso. — Não faça nada precipitado, Molly.

Os caçadores avançaram e Tensley se flexionou, tentando se libertar, mas o velo dourado tinha drenado qualquer força por enquanto. Ele respirou irregularmente, rapidamente.

— Que porra é essa? — As narinas de Tensley dilataram e ele olhou para Molly.

— Nós somos os Caçadores de Orion — disse Cree, aproximando-se mais que os outros e se elevando sobre Tensley. — Tenho certeza que você já ouviu falar de nós.

— Não. Nunca foi um pontinho no radar da família. — A expressão de Tensley permaneceu vaga, mas Molly conhecia bem essa expressão, ele era uma bomba-relógio, prestes a explodir. Um caçador que Molly não conhecia muito bem chutou o tornozelo de Tensley e ele sibilou de volta para ele.

— Não. — Molly apontou para o caçador e ele simplesmente sorriu e fez novamente.

Tensley amaldiçoou em italiano.

— Nós caçamos para proteger a humanidade — Cree respondeu friamente, se agachando na frente de Tensley. — Nós caçamos sua espécie, para ser exato, seu tipo repugnante, monstruoso. — Cree alcançou atrás dele uma bainha ao seu lado. Ele retirou uma longa adaga prata e a

segurou com uma das mãos. — E matamos cada um que cruza nosso caminho. Como você, senhor Knight.

Molly franziu a testa. — Não se atreva, Cree. — Olhos se voltaram para ela, todos, exceto por Tensley e Cree.

O som da arma engatilhada ecoou como um lembrete. *Eles vão atirar nele.*

— Seu bastardo imundo, — Cree rosnou quando bateu a soqueira de metal que ele usava na bochecha de Tensley. Foi um ruído que causou arrepios e Molly estremeceu.

— Cree. — Molly se levantou. — Pare com isso. O que você está fazendo? Eu lhe disse para não machucá-lo! — Ela esticou a mão para tocar Cree e ele recuou.

— Sente-se! — Ele gritou, mas ela não parou. Ela agarrou seu antebraço e o girou para ela. Cree ergueu a mão e lhe deu uma bofetada na bochecha, fazendo o tímpano esquerdo de Molly zumbir como um chocalho. — Estou te avisando.

Seus dedos se espalharam sobre a sensação de queimação, a outra mão ainda procurando pela arma. — Só nos deixe ir e acabou, ok? Você não precisa machucá-lo.

Cree examinou Molly com a mandíbula apertada. — Ele não vai embora.

— O quê? — Seus olhos arregalaram e seu coração acelerou.

— Sente-se.

— Não. — Ela agarrou sua camisa, puxando. Quando ele foi bater nela novamente, ela pegou seu pulso e empurrou para trás. Seus olhos implorando alinhados com os dele firme e, em seguida, sua a testa balançou para frente, batendo em sua cabeça e fazendo-a voar para trás. Ele avançou para empurrá-la para baixo, mas ela se esquivou, levantando os punhos em desafio.

As sobrancelhas espessas de Cree franziram e ele olhou furioso para ela.
— Cadela ingênua.

Freya chutou a parte de trás das pernas de Molly e Molly se esquivou, se aproximando de Cree. Ele segurou seu antebraço com força e torceu, e um golpe quente perfurou seu abdômen. Ela engasgou e focou sua visão para baixo, percebendo que uma adaga estava agora alojada em seu estômago.

Cree se dividiu em dois, depois obscureceu. — Velo dourado também enfraquece daemons.

— O que? — Sua língua estava muito grossa, muito pesada para controlar.

— Ao contrário dos demônios, paralisa daemons por algumas horas — Cree arrancou a arma e a soltou.

Molly prontamente caiu de quatro, a adaga batendo ao lado dela enquanto gotículas de sangue se acumulavam em uma poça no chão. Ela olhou através dos cílios para os caçadores, aqueles que a traíram e depois para Tensley. Ele ainda parecia glacial, mas um músculo saltando em seu queixo lhe dizia que estava tentando se controlar.

O que eu fiz?

Suas narinas arderam, reprimindo um soluço e seu coração martelou em seu peito trêmulo.

— Este é o único modo, — a voz pesada de Cree ecoou em sua cabeça latejante. — Quebre-o.

Tensley cuspiu sangue e mostrou os dentes vermelhos manchados. — Você acha que eu não fui torturado? É uma segunda natureza para mim.

Cree permaneceu em silêncio e Molly se perguntou o que ele estava pensando enquanto tentava se arrastar em direção à adaga caída no chão perto dos pés de Tensley, coberta de sangue.

Quando ela chegou, a bota de combate de Cree apareceu de repente e pisou na mão dela. Ela gritou, mas não de dor, ela sabia que deveria doer, mas não sentiu nada. A paralisia estava funcionando.

— E quanto a ela? Você não se importa se ela for torturada no seu lugar, certo? — Cree continuou, levantando a bota para pisar na mão de Molly novamente.

A boca de Tensley se contraiu, mas ele segurou a máscara com firmeza. — Você não vai machucá-la. Você acha que eu não sabia que ela estava indo ao Brooklyn? Eu planejei isso. Da última vez que ouvi, o seu tipo desaprova ferir pessoas inocentes.

— Danos colaterais. — A risada rouca de Cree vibrou acima da cabeça de Molly, e ele decidiu chutá-la no rosto desta vez. Sangue jorrou de seu nariz e correu em córregos por seu rosto, batendo nas mãos e nas tábuas do assoalho. — Se você não estivesse interessado nele, Molly, teria me deixado destruí-lo há muito tempo. Você só queria fodê-lo, sua puta imunda.

Tensley sibilou, como se sentisse sua dor. Molly engoliu sangue e tossiu.

— Se você tocá-la novamente, eu vou rasgar sua medula espinhal através da sua boca — disse Tensley numa voz baixa e estrangulada.

— Eu atingi um ponto sensível? — Cree riu sem rodeios e a agarrou pelos cabelos, arrastando-a para frente. — Será que te incomoda que ela tenha procurado por mim, querendo se livrar de você? — Tensley não fez contato visual com Molly, em vez disso se concentrou em Cree.

Tensley estreitou os olhos. — Quem é você?

Cree apertou ainda mais os cachos de Molly. — Alejandro Cree.

Tensley ficou tão rígido quanto uma tábua, suas narinas dilataram quando ele se torceu contra as cordas com vigor renovado.

Cree soltou uma risada amarga. — Você sabe quem eu sou. Você sabe o que sua família fez. Seu irmão matou minha irmã. Nina.

— Não, ele não fez, — Tensley aterrou. — Fallen a matou. Você sabe por quê? Porque ela queria controlar meu irmão, ela queria que ele a amasse, e ele queria tanto ser como vocês bastardos, que ele a deixou controlá-lo.

Cree sacudiu a cabeça de Molly como se ela fosse uma boneca de pano, e ela só podia ficar ali deitada. O olhar de Tensley cintilou nela por um breve momento, e pareceu dizer aguenta firme. Apenas aguenta.

— Ela fez meu irmão cultivar um coração, o maior pecado de um demônio — argumentou Tensley, se movendo na cadeira. — E então ela ficou grávida, fora do casamento. Ela sabia o que estava fazendo com ele, quais eram os riscos, o que ela estava fazendo para si mesma. Meu irmão tentou protegê-la de Fallen.

— Você está mentindo! Você está mentindo! — A calma que geralmente pairava nos olhos de Cree se fora, eles estavam selvagens e desequilibrados.

— Fallen a matou e ao feto por quebrar nossa lei, impedindo qualquer chance de criar uma prole fraca, e então ele assassinou meu irmão arrancando seu coração e o deixando como a verdadeira definição do que vocês filhos da puta chamam de demônio.

Cree soltou Molly e ela caiu ao lado dos pés de Tensley. Ela mal conseguia manter os olhos abertos. Justo quando ela pensou que tinha acabado, a bota de combate de Cree bateu em suas costelas e ela ofegou, a dor pulsando em seus ossos.

— Seu filho da puta! — Tensley se esforçou contra as cordas. — Você vai matá-la!

Cree riu. — Esse é o ponto. — Cree deu um chute final, desta vez no peito de Molly. Seus pulmões explodiram, sangue saindo de seu nariz e boca e escorrendo por seu couro cabeludo.

— Sem daemon, sem casamento, sem mistura de raças. Nenhuma ameaça contra a humanidade.

— Você também queria matá-la — murmurou Tensley no mesmo momento em que Molly pensou nisso. — Esse era o seu plano desde o momento em que ela lhe contou o que era.

— Não. No começo eu queria ajudá-la, mas ela continuou mudando de ideia e recuando. Ela tinha sentimentos por você, o pecado supremo — Cree zombou. — Eu estou fazendo um favor à humanidade, destruindo vocês dois esta noite.

vein of love
R. Scarlett

CAPÍTULO 29

As palavras de Cree enviaram um arrepio frio através de Molly. *Ele vai nos matar.*

Cree fez uma pausa. — Eu não posso decidir quem matar primeiro, no entanto. Faça-a assistir, ou faça você assistir? — Cree parou diante de Tensley, e ela se encolheu quando ouviu o soco inglês bater em Tensley. Ele batia nele, repetidamente, sem sentido.

Molly descansou a mão na barriga, imaginando quanto tempo levaria até que ela sangrasse até a morte. Ela queria chutá-lo, derrotá-lo, mas seus membros eram quase inúteis agora. Ela piscou e o viu de pé sobre ela, examinando sua obra violenta.

— Você não é como minha irmã — disparou Cree. — A criação de seus dois tipos precisa parar e com o único daemon na terra destruído, os caçadores de demônios terão uma grande vitória hoje. *O- o que?*

A visão de Molly desvaneceu e seus membros ficaram pesados como madeira molhada.

Tensley estava certo, ela se arrependeu do que havia feito.

Molly tentou mover a mão mais próxima do tornozelo exposto de Tensley e descobriu que um dedo respondeu. O contato com sua carne a sacudiu por um momento, revigorando seus membros.

A paralisia retrocedeu.

Sim!

Molly descansou a bochecha molhada contra o chão de madeira e exalou. Ela precisava sair de lá e rapidamente. Ela apertou os olhos, rezando por uma ideia, um plano. Se ela pudesse libertar Tensley de alguma forma ou distrair Cree, ambos teriam mais chances de escapar vivos.

Suor escorria pela ponte do seu nariz e por sua bochecha...

Um pensamento lhe ocorreu.

Ela empurrou-se para frente, rastejando fracamente pelas tábuas irregulares do assoalho do apartamento de merda de Cree.

Só um pouco mais longe. Se ela pudesse apenas chegar ao fogo...

Ele riu, a provocando. — Tentando escapar?

Molly atingiu o fogo morrendo à sua esquerda e pegou um punhado de brasas, depois as jogou no rosto de Cree enquanto ele mergulhava para detê-la. Sua pele chiou e rasgou quando o cheiro de carne queimada encheu o ar. Molly não sentiu nada, mas Cree recuou, gemendo profundamente em agonia.

Os caçadores vieram correndo, mas ele os conteve, arranhando suas bochechas chamuscadas e se juntando a Molly no chão, agachado.

O som da porta sendo arrombada se elevou acima dos gritos de Cree. Figuras desconhecidas dispararam ao redor dela. Molly olhou para cima por um momento, e jurou ter visto Illya com seu cabelo amarelo inconfundível.

O bom e velho Illya.

A fumaça encheu seu nariz e ela engasgou. Ela estava perdendo a consciência e percebeu que a cadeira de Tensley estava vazia, a corda enrolada em sua base.

Ela tossiu violentamente enquanto chamas ardentes lambiam ao seu redor, muito perto de sua pele. Todo mundo tinha ido embora, incluindo Tensley, substituído por um incêndio que se espalhava rapidamente.

É isso.

Todas as suas decisões estúpidas a trouxeram aqui.

O suor escorria pela testa dela, se misturando ao sangue seco.

Uma forma escura se moveu na frente dela, aparecendo na escadaria. Uma sombra. Quão apropriado que era a última coisa que ela veria antes do fim.

A sombra se aproximou e, quando ela se concentrou, viu uma boca se movendo, falando com ela.

Tensley?

Ele a pegou em seus braços poderosos e desceu as escadas correndo, abrindo a porta dos fundos enquanto ela descansava a bochecha contra o ombro dele. Prédios escuros iluminados pelo brilho do fogo zuniram por eles até que Tensley entrou em um beco.

Névoa os cercou do Oceano Atlântico nas proximidades quando ele a colocou contra a parede de tijolos. Seus joelhos cederam, mas ele a pegou e usou seu corpo para segurá-la. Todo o corpo dela já estava encharcado de suor do veneno, e ela se apoiou no peito esculpido de Tensley enquanto ele trabalhava para remover seu top.

— Molly — disse ele, os lábios franzidos, os olhos duas piscinas cinza escuro cheio de pânico puro. — Não lute contra mim. — Ele baixou a cabeça e ela balançou; a dormência foi sumindo e dor imensa estava fazendo formigar toda a sua pele quando o velo dourado perdia o efeito.

— Ow! — Ela se mexeu sob o toque dele. — Ow! Estou morrendo!

Tensley agarrou seus ombros para impedi-la de se mover. A paralisia foi substituída por uma avalanche de tormento.

Ele se inclinou para perto até que seus peitos manchados de vermelho estavam se tocando. — Você vai ficar quieta e me

deixar ajudar. — Ela engasgou com a sensação, com o alívio rápido que começou no momento em que ele levou os lábios e as mãos a sua barriga, selando a ferida com uma nova pele. Quando ele terminou seu abdômen, ele se moveu para sua clavícula, arrastando beijos ao longo de cada centímetro, cicatrizando ferimentos que não tinham sequer começado a aparecer ainda, remendando sua clavícula quebrada. Seus lábios se moveram até sua garganta, sua mandíbula, seu nariz quebrado, cada beijo removendo um pouco da dor enquanto curava.

O poder substituiu a dor, junto com uma energia extrema que ela nunca havia experimentado antes. Ele levantou o braço dela e apertou os lábios ásperos na palma da mão queimada, e ela viu a pele se transformar em um rosa claro enquanto curava diante de seus olhos.

Quando ele se afastou, a energia desvaneceu-se um pouco dentro dela, mas Tensley também estava se curado. Os cortes em seu rosto sumiram, deixando apenas linhas de sangue seco em seu rastro.

Ela tremia. — Onde ele foi?

Ele não se incomodou em olhar para ela. — Eu não sei; Ele e os outros fugiram.

Suas pálpebras vibraram, forradas com grandes lágrimas peroladas quando ela soltou um pequeno gemido. — Eu achei que ele fosse uma boa pessoa.

— A escuridão não é só uma sombra, querida. — Ele levantou-se, erguendo-se sobre ela. Ele correu seus dedos através de sua juba escura encharcada e olhou pelo beco, no limite.

— Ele parecia ser o mocinho. Ele agiu como o mocinho. — Arrepios percorreram seus braços nus quando a brisa do mar soprou.

— Mas ele não era o mocinho, era, Molly? — Tensley atirou de volta, e ela recuou.

— Nem você! Você ameaçou minha família uma e outra vez.

As narinas dele dilataram. — Para mantê-los na linha - e com base em nossa situação atual, eu deveria ter feito mais. Mesmo que todos vocês tivessem conseguido me matar, o contrato teria continuado com um dos meus irmãos. Você planeja matar toda a minha família? Porque essa é a única opção que você tem.

Molly lutou para ficar de pé, membros ainda fracos e doloridos. — Eu não queria matá-lo! — Ela gritou depois que ele se afastou. — Eu queria sair disso. O que eu deveria fazer?

Ele girava ao redor, seu rosto contorcido e demoníaco. Ele não estava tão fraco quanto antes, nem mesmo perto, e ela percebeu que tinha a ver com seus momentos de intimidade anteriores. — Você acha que eu queria isso? Queria passar o meu tempo com uma mimada e ingênua criança? Eu tinha uma vida – eu tinha... — Ele fez uma pausa, seu peito tremendo de raiva e incapaz de terminar a sentença. — Esta decisão não foi minha. Este foi um contrato feito por nossos antepassados 300 anos atrás. Estou na mesma posição que você, Molly. — Ele jogou as mãos para baixo. — Porra! Eu sabia que você estava tramando algo no Brooklyn, mas não achei que você faria isso de fato!

A boca de Molly caiu aberta e seu estômago amarrou em nós. *Ele está na mesma posição que eu...*

— Eu estava desesperada. Eu estava tentando um rompimento amigável para nós dois e eu lhe perguntei antes e você disse que não! Eu me recusei a trabalhar com eles depois que vi o que eles faziam. Eles me emboscaram e ameaçaram matá-lo se eu desse um passo em falso.

— Eu deveria quebrá-la ao meio, — ele sibilou, mãos fechando em punhos. — Você sabe o que esses caçadores fazem? — Ele jogou a mão para trás na direção do bar, onde nuvens de fumaça estavam subindo para o céu em redemoinhos pretos. Sirenes soaram quando um caminhão de bombeiros passou por eles, seguido por uma ambulância. — Eles nos caçam, nos aprisionam, nos matam de fome, e depois nos matam como se fosse um jogo de merda.

Ela engoliu, abaixando os cílios para os pés. Um gosto terrível surgiu em sua boca quando ela pensou sobre o demônio que ela tinha assassinado com os caçadores; Ela se sentia enojada. Ela tinha ido a uma festa onde demônios como Lex foram usados como objetos sexuais.

Tensley deu passos agitados para frente e para trás no beco, rondando como uma besta. — Eu não confio em você. Eles me alertaram sobre você de raça baixa. — Suas palavras apunhalaram duramente seu peito, e ela lutou contra o desejo de tocá-lo, com medo de parecer frágil. Ódio negro espesso vertia dos olhos dele em ondas ameaçadoras, palpáveis. — Mas você é minha responsabilidade.

Ela ficou boquiaberta com o olhar fixo dele, tão frio, tão frio que enviou um arrepio por sua espinha, sufocante.

— Meu fardo.

— Tensley. — Uma voz eccou por trás deles.

Molly olhou sobre o ombro de Tensley. Apareceram três figuras: Illya e outros dois machos. Quando ela estudou os outros, ela notou a mesma escuridão e características como Tensley. *Irmãos dele?*

— Temos que ir andando.

— Você foi buscar a cadela? — Um dos homens resmungou, gesticulando furiosamente em direção a Molly. Seus ombros se curvaram e ela baixou a cabeça.

A única resposta de Tensley foi se virar e encará-la com seus olhos quentes de carvão. — Eu não vou deixá-la fora da minha vista. Ela vem comigo. Mexa-se.

Ela mancou atrás deles, sangue seco em suas bochechas e mãos, imaginando o tempo todo, se talvez ela tivesse sido o monstro.

CAPÍTULO 30

Molly olhou a sombra do prédio de Tensley à sua frente e abraçou seu meio. Tensley, seus irmãos e Illya andavam alguns passos à frente dela, apenas poupando-lhe um olhar. Tensley não olhou para trás, nem uma vez. Ela notou as mãos dele abrindo e fechando continuamente, como se ele estivesse tentando liberar sua raiva.

O que você esperava? Braços abertos? Um sorriso?

Ela jurou que ouviu alguém dizer seu nome e parou, olhando por cima do ombro. Todos ao redor dela continuaram se movendo, ela limpou o sangue debaixo do nariz e avançou.

— Sua puta imunda — uma voz murmurou por trás.

Molly girou, novamente encontrando todos cuidando de suas próprias coisas. Seu coração apertou. *Estou enlouquecendo.*

Alguém bateu no ombro dela e ela se virou, automaticamente se desculpando. Sua boca ficou seca. Era Cree e ele tinha uma adaga na mão e apontada para ela. Ela gritou, afastando as mãos dele e caiu deitada de costas.

Ela se encolheu e olhou para o homem de negócios horrorizado onde Cree tinha acabado de estar. Algumas outras pessoas pararam, a ajudando a levantar, e ela olhou freneticamente ao redor.

O caçador de demônios assassino não estava em nenhum lugar.

— Molly. — Tensley marchou em sua direção e segurou seu braço. Sua testa franzida enquanto ela procurava em torno deles. — Vamos lá.

Ela o puxou pelo braço, impedindo-o de se mover e rangeu os dentes. — Eu o vi. Acabei de ver Cree!

Tensley enrijeceu e observou a movimentada Quinta Avenida. Depois de um momento, ele puxou o braço dela novamente. — Você está bem.

Molly se aproximou de Tensley, seus nervos no limite. *Eu juro que vi... O que está acontecendo?*

— É claro que você conseguiu uma vadia louca como noiva, — disse um de seus irmãos, incapaz de conter o riso.

— Cale a boca Cassius — resmungou Tensley. — Vocês dois vão para casa.

Os irmãos, sombreados pela escuridão, não protestaram. — Não há necessidade de nos agradecer por salvar a bunda da sua boceta.

— Isso não faz sentido — disse o segundo e deu um tapa na cabeça do irmão. Tensley não esperou para ver seus irmãos partirem e caminhou em direção às portas giratórias de seu prédio.

— Noite — Illya falou da calçada, sua boca torcida em uma carranca.

Tensley acenou para ele.

O homem de olhos pesados na mesa da recepção avaliou sua aparência desalinhada com ceticismo. — Noite difícil novamente, Sr. Knight?

Tensley resmungou em resposta e espetou o dedo no botão do elevador. O homem — Sebastian, de acordo com seu crachá dourado franziu as sobrancelhas grossas e cinzas, mas seus olhos eram gentis e ele assentiu.

Molly se remexeu em sua camisa, rasgada e grudada no estômago, coberta de vermelho vivo. Ela amordaçou. *Eu sangrei tanto assim?*

Uma dor latejante atingiu a parte de trás de sua cabeça e ela fechou os olhos com força. *Droga.*

Quando as portas se abriram, Tensley entrou rapidamente. Ele deslocou-se para o lado oposto, o mais longe possível, e cruzou os braços.

Ela se inclinou contra a parede de espelho.

— Você não merece viver — uma voz citou.

Os olhos de Molly vasculharam o pequeno espaço.

Seus lábios tremeram. — Você ouviu isso?

Tensley franziu a testa. — Eu não ouvi nada.

Molly engoliu em seco e virou a cabeça quando outra pontada começou.

— Sua vadia de duas caras.

— Molly — a voz de Tensley a chamou e ela virou a cabeça em sua direção.

Ela apertou as unhas nas palmas das mãos. *Respire, respire, você está bem.*

As portas se abriram e ela seguiu atrás dele, olhando para as portas em torno deles. Ele procurou em seus bolsos e puxou sua chave. Seus olhos passaram por cima dele, e ela viu uma figura estranha no final do corredor, corpo torcido, membros inclinados para dentro. Ela podia ouvir seus ossos estalando enquanto andava, aproximando-se, cada vez mais. Ela o empurrou quando ele abriu a porta.

— O que...

— Feche a porta! — Molly exigiu, desesperada.

Ele fez, dando-lhe uma longa olhada depois.

Seus ombros se curvaram, mas as vozes não desapareceram. Em vez disso, aumentaram em sua cabeça e ela pressionou dois dedos em sua têmpora.

— O que está acontecendo, Molly?

— Havia um homem lá fora, seus membros... — Ela se calou com a expressão de Tensley. Ele não tinha visto. Ele não tinha ouvido nada disto.

Ela não sabia como começar. Ela não sabia como ele reagiria.

— Eu não tenho tempo para brincadeiras, então cuspa ou saia.

— Eu não sei! — Seus olhos ardiam.

— Faça um favor à humanidade e acabe com sua existência —, disse a mesma voz sinistra em torno dela, e ela jurou que sentiu uma respiração no lóbulo de sua orelha.

— Pare com isso! — Ela estremeceu. — Cale a boca! Deixe-me em paz!

— Molly? — Tensley se aproximou e estendeu a mão.

— Faça. *Faça isso!*

Molly bateu no sofá rasgado enquanto a voz gritava dentro de sua cabeça. Uma gargalhada enfurecida rugia ao redor dela e seus olhos ardiam, literalmente picavam, e ela passou os dedos sobre as pálpebras, esfregando agressivamente. Seus hematomas voltaram, escuros, roxos e azuis, e seu estômago retorceu dolorosamente. Ela estava sangrando, vermelhidão vazando de suas narinas e sobre sua camisa branca. — Pare com isso!

— Destrua-se!

Uma mão segurou seu ombro e ela girou.

— Molly, o que está acontecendo? Diga-me! — Tensley sacudiu seus ombros e se elevou sobre ela.

Ela choramingou em sua mão, e o olhar irritado em seu rosto mudou para preocupação. — Eu continuo ouvindo vozes e elas estão me dizendo para me matar. — Seus dedos correram através de seu cabelo e seu couro cabeludo, como se ela pudesse aliviar o sussurro constante.

Ele a estudou com cuidado e sua mandíbula desalinhada se contraiu.

— Tensley, eu não sei o que fazer. Faça-o parar, por favor, apenas faça-o parar! — Ela gritou, limpando com raiva a umidade de seus olhos.

Quando ela olhou para cima, não era Tensley, mas Cree sorrindo com desprezo para ela, a fazendo recuar e gritar. Não podia ser falso — seus olhos eram ricos e escuros como café, e ela estava se perdendo neles.

— Você confia em cada homem que conhece? — Ele provocou, suas botas de combate batendo alto no chão a cada passo enquanto ele a seguia.

— Deixe-me em paz, Cree! — Ela fechou as mãos. — Deixe-me... — Ela engasgou com o sangue que escorria de seu nariz em fluxo intenso, a dor de sua facada fazendo com que ela se curvasse e colocasse os braços ao seu redor. Cree envolveu o ombro dela e ela jogou o braço para cima, o empurrando para trás. Ele não parou. Ele continuou avançando, com força desta vez, e agarrou seus antebraços com tanta força que ela gritou. Ela livrou um braço e cravou as unhas na lateral do rosto dele, acertando sua virilha com tal força que ele voou vários metros para trás.

Ela correu para a cozinha, pegando uma faca no balcão de mármore preto e bateu em um copo vazio que se espatifou no chão. Quando mãos agarraram seus lados, ela se debateu, chutando contra o balcão e tentando arrancar as mãos de seu corpo. Ela usou seu peso corporal e se jogou para trás, então ele bateu no balcão e afrouxou o aperto.

— Molly! — Ele girou-a e não a soltou, seus braços envolvendo sua estrutura. — Você está *comigo*! É só *você* e *eu*! — Uma mão segurou seu rosto, forçando-a a olhar para as íris cinzentas na frente dela. *Cinza, não marrom.*

Ela soltou um suspiro de dor e se curvou. — Tensley?

— Ele não estava aqui. — Ele esfregou o polegar ao longo de sua bochecha para acalmá-la. — Estava na sua cabeça.

Ela descansou a cabeça no peito dele. — Eu... Eu sinto muito.

— Não é sua culpa. — Ele passou o braço por baixo de suas pernas e a levantou do chão. — Há vidro por todo o chão, e por alguma razão você achou que seria uma decisão inteligente vir aqui com os pés descalços. — Ele passou por cima deles com seus sapatos, quebrando-os em pedaços ainda menores enquanto a levava para o quarto. Quando ele a colocou no colchão, ela segurou sua manga, o forçando a pairar sobre ela.

— Não me deixe — ela sussurrou. — Por favor.

Ele se endireitou, mas não se afastou. Ele endureceu seu maxilar.

— Há apenas uma explicação na qual posso pensar e realmente espero que não seja isso.

Molly engoliu em seco. — E isso é?

Ele endireitou os ombros e olhou para ela. — Você fez um juramento de sangue com eles.

Molly congelou, pânico confiscando seus movimentos.

— E... e se eu tiver feito?

— É um antigo juramento de sangue, comprometendo-se a permanecer fiel aos caçadores e feiticeiros. Se você deixar o grupo, será julgado por traição e condenada à morte.

— Oh Deus. — Molly pegou sua cabeça com as mãos. — Eu... eu não estava pensando. Só fiz isso porque confiei em Cree. Eu confiei nele e ele... — Ela se encolheu mais. *Tão ingênua, Molly.*

Molly espalmou suas têmporas, ela não queria mais isso.
— Como faço para parar?

—Depende. Você espera até que eles desistam, ou contamina seu sangue, — ele ofereceu.

—Contaminar meu sangue?

— Isso enfraquece o controle e a conexão que eles têm sobre você, e a única coisa mais poderosa do que o sangue deles e o seu sangue é... — Ele hesitou, erguendo a mandíbula.

— O sangue de um demônio de classe superior.

Ele.

— Eles tentarão qualquer coisa para que você se destrua. Eles vão entrar na sua cabeça, atormentá-la em seus sonhos até você se matar — alertou Tensley.

— Não, não, eu não vou deixar isso acontecer. Eu preciso... — Seu olhar procurou o dele. — Eu preciso do seu sangue?

Os lábios de Tensley se separaram. Ele se abaixou e pegou suas mãos para estudar as palmas, sentando na beira da cama.

— O contrato está em sua corrente sanguínea. — Seus músculos tencionaram. — Por que você os deixou ter seu sangue?

— Eu não sabia — ela respondeu suavemente.

— Trocar sangue é um ato sagrado — ele explicou.

— Bem, ninguém me disse isso — ela retrucou, e seu rosto endureceu.

Merda, Molly. Você está tentando fazer com que ele te ajude. Não o irrite.

— Eu só quero que isso pare. — O calor se reuniu atrás de seus olhos. — *Por favor, Tensley.*

— Há efeitos colaterais, Molly. — Sua voz era baixa. — Meu sangue pode não se misturar bem com o seu sangue daemon, pode ser demais para o seu corpo lidar. É muito mais forte que qualquer sangue que aqueles selvagens te deram.

Ela se inclinou para frente, movendo as mãos para os seus antebraços, ele endureceu. — Por favor, Tensley. — O sussurro aumentou e ela inclinou a cabeça. — Pare, *apenas pare*. Eu dou conta disso. Eu não posso lidar com isso — ela implorou, apontando para sua têmpora.

— Você poderia desmaiar... Convulsionar. — Ele olhou para ela, seus olhos pesarosos. — Eu poderia matá-la.

Ela sugou o ar rapidamente. — Eu não quero machucar ninguém, Tensley. Eu não posso distinguir o que é real e o que

não é. — Lágrimas peroladas escorriam por suas bochechas e ela enxugou-as.

— Por que eu deveria ajudá-la? — Seu rosto era severo, mas seus olhos, por uma vez, estavam gentis.

Ela olhou de volta para ele. — Como um favor, por favor. Eu nunca quis te machucar. Eu *ainda* não quero.

Ele riu, e seu corpo se afastou dela. — Você já fez, Darling. *Literalmente* me esfaqueou na porra das costas. — Seus olhos dançaram sobre os ombros largos, a camisa esticada sobre eles. — Eu deveria te punir por me desrespeitar, por me trair. Eu deveria te esfaquear pelas costas para que veja como é.

— Então faça isso, — ela disse, os lábios tremendo quando as palavras saíram.

Ele olhou de lado para ela, lábios carnudos pressionados.

— Castigue-me porque eu mereço, e então não vou machucar ninguém. Você disse que se vingaria, lembra? Faça isso. Vingue-se. — As vozes se agitaram em sua cabeça, cantando.

Faça isso, faça agora. Acabe com você mesma.

A expressão de Tensley não mudou, era muito neutra, muito controlada e ela não. Ela estava arfando, mal conseguia respirar. — Eu sou uma mentirosa, uma covarde...

Acabe com isso.

Ela recuou com a voz alta em sua cabeça. — Você está esperando pena? — Suas sobrancelhas se uniram.

Ela recuou com a voz alta em sua cabeça.

— Você está esperando piedade? — Suas sobrancelhas se uniram.

Ela escondeu o rosto nas mãos. — O que eu deveria fazer? — A umidade pintou suas bochechas e escorreu por seu queixo. — Você entrou na minha vida e não foi gentil. Você continuou ameaçando minha família e não importa o que eu sentia - o que *você* me fez sentir por você, eu os escolheria. *Todas*

às vezes. — Ela balançou firmemente enquanto mais lágrimas deslizavam para o seu colo. — Você esperava que eu simplesmente me apaixonasse por você? Ficasse excitada? Feliz em casar com um demônio?

O sorriso de Tensley vacilou e ele engoliu em seco. — Você está andando em uma linha tênue, Molly.

Ela podia ver a escuridão se infiltrando em seus olhos. Ela podia ver a barreira que ele estava criando entre eles, as ondas agressivas que ele atirava nela, um sinal para recuar, mas naquele momento, no limite, recuar era seu último pensamento.

— Oh, você é sensível sobre esse assunto? — Ela olhou para ele.

— Você deve enfrentar seus próprios *demônios*, — disse ele amargamente, sua boca em uma carranca dura.

O calor voltou atrás dos olhos de Molly. — Cree disse que ia ajudar.

— Ele não o fez, não é? — Ele rosnou e passou os dedos pelos cabelos grossos. — Eu deveria ter te deixado naquele prédio em chamas.

Ela olhou para ele. — Mas você não deixou.

Ele andou de um lado para o outro. — Eu deveria ter deixado. Você acha que me conhece, pelo que? Algumas reuniões, alguns amassos? Você não me conhece. Claro, eu posso ser melhor do que alguns da minha espécie, mas isso não anula o que sou.

Ela congelou, aterrorizada com suas feições escuras, suas palavras.

— Você me salvou, no entanto. Certamente isso significa... Alguma coisa... — ela murmurou, estupefata.

— Sim, para meus propósitos! Não há nenhum herói aqui, apenas um vilão. Não espere cavalheirismo de mim, porque ele está morto. — Parecia que ele estava tentando convencer a ambos, e suas mãos fechadas se soltaram ao lado dele.

Ela queria rir em voz alta. Suas emoções estavam mortas, todas esgotadas pelo último mês de terror, raiva e luxúria, em ordem rotativa. Agora todos os três estavam estupidamente combinados nela; junto com as vozes dos bruxos e diviners, ela mal conseguia manter a calma.

— Eu tentei matar você. No bar, eu envenenei sua bebida, mas então você estava agindo diferente e... Eu disse a mim mesma que não era como você. Eu não sou sem coração. Então eu derrubei.

Por que estou dizendo isso? Para provar que também não sou um anjo?

Sua mente girou, instigada pelas vozes.

— Eu estava apenas tentando seduzi-la — ele respondeu, endireitando sua postura. — Mas você provou ser muito mais difícil de convencer.

— Então você agiu como se estivesse interessado, esperando que eu achasse que gostava de mim. — Sua garganta ficou dolorosamente seca.

Ele olhou para ela, a cabeça ligeiramente inclinada. — Esse era o plano, para marcá-la, mas agora eu nem quero perder meu tempo com você. Eu não estou interessado.

O coração dela trovejou em sua garganta. — Eu não sei o que dizer para tornar isso melhor, mas sinto muito. Eu-eu achei que se quebrasse o contrato sem Cree, funcionaria, mas ele descobriu e veio atrás de nós. Eu sinto muito. — Ela se levantou, tonta, mas determinada a sair, para encontrar seu próprio jeito de se livrar das vozes.

Tensley pegou seu pulso a meio caminho da porta.

— Aonde você vai?

— Para longe de você — ela retrucou. Calor consumiu sua visão. — Você não vai me ajudar, então vou encontrar o meu próprio modo.

As feições dele estavam distorcidas através de sua visão aquosa. Ela notou sua mandíbula cerrada, um músculo pulsando lá. — Você vai morrer.

Ela encolheu os ombros e riu baixinho, esperando que isso mascarasse seu medo, sua tristeza, sua fragilidade em suas garras.

— Não é esse o meu destino? Morte. Através de você, ou por alguma górgona, ou um dos caçadores de demônios que está me perseguindo...

— Não tem que ser — ele murmurou.

Ela olhou, lutando contra o desejo de soluçar. — Oh, você não se importa com a minha segurança. Sou apenas uma fonte de energia para você. Alguém com quem procriar.

— Eu me importo mais do que deveria, — ele começou, sua voz enervantemente calma.

As sobrancelhas de Molly baixaram. — Primeiro, você não me quer aqui, e então me diz que se importa comigo?

Seus olhos suavizaram e ele suspirou. — Estou puto, tudo bem? Minhas emoções são intensificadas, nós experimentamos as coisas ao extremo.

Molly não conseguia tirar os olhos dele e ficou quieta enquanto ele respirava fundo.

— Eu deveria agradecer, foi você quem nos tirou de lá. Você nos salvou. — A mão dele se apertou ao redor do pulso dela. — Sente-se. — Ele a guiou de volta para a cama e ela fez isso, sentando-se enquanto o observava andar. — A confiança é importante nos meus relacionamentos. Se eu não sentir isso, bem, considere-se ferrada.

Ela queria dizer alguma coisa, mas suas orelhas doíam, em seguida, seu nariz e quando ela pressionou a ponta do dedo no lóbulo da orelha, sentiu uma umidade quente ali. Vermelho pintou seu dedo indicador. — Estou sangrando.

Tensley parou de se mover, dando grandes passos em direção a ela para examinar seu rosto. — Molly, — ele suspirou, e ela notou que sua raiva tinha acalmado. — Não há sangue.

As ilusões eram demais, e sua voz falhou quando ela chorou abertamente na frente dele. Ele não disse nada, apenas olhou de volta com as mãos nos ombros dela. — Tensley, por favor. Por favor, me perdoe. Eu só quero que isso vá embora.

— Você não está arrependida, — ele murmurou. — Você está com medo.

As vozes gritaram em sua cabeça, e ela se sacudiu dolorosamente. — Eu não lamento por tentar proteger minha família, mas lamento por machucar você. — Ela queria que ele envolvesse seus braços musculosos e fortes em volta dela, para confortá-la. Ela não queria ser persistente. — Confie em mim.

Por um momento, eles compartilharam um olhar profundo e terno que fez sua respiração travar no fundo de sua garganta. Ele se levantou e foi para o banheiro, voltando com uma pequena lâmina de barbear. Ele pressionou a ponta afiada no polegar, um ponto de sangue vermelho escuro veio à tona. — Você pode se sentir tonta por algumas horas — disse ele, com cautela. — Pode também me desejar.

— Desejá-lo? — Molly perguntou chorando.

— Me desejar completamente — ele respondeu humildemente. — Mentalmente, fisicamente, sem a minha influência. — Seus olhos caíram em seu torso, depois sua virilha, e desceram pelo comprimento de suas pernas.

— Ok, tudo bem — disse ela, assentindo e se ajeitando na cama.

Ele foi com ela, deitando à sua esquerda e levando o dedo a sua boca. Seus olhos se alinharam com os dele e ela cuidadosamente girou a língua sobre a ponta de seu polegar, tremendo quando suas gengivas absorveu o sangue acobreado. Ela exalou pesadamente quando se afastou.

O desejo ainda existia nos olhos dele, em seu toque. Quando os dedos dele roçaram sua coxa, ela ficou em brasa, agitada e soltou um pequeno suspiro.

— Você está corando — ele sussurrou, um canto da boca se curvando.

— Você faz isso comigo a maior parte do tempo — ela disse, a voz aveludada. Pontos pretos e brancos filtraram através de sua visão.

Um sorriso sombrio apareceu. — Não posso dizer que sinto muito por isso.

— Mas, não é real.

Uma profunda carranca desfigurou seu rosto. — O que?

— Meus sentimentos por você...

Ele engoliu em seco, como se estivesse nervoso para falar. — Depois daquela vez no seu quarto, eu prometi a mim mesmo que não faria isso com você novamente.

Ela se sentia tonta, solta, fora de controle. Imagens do quarto rodando. Sua mão agarrou a parte de trás do pescoço dela, colocando-a sobre os travesseiros de plumas confortáveis.

— Tensley. — Ela respirava pelos lábios fracos. Seu corpo sacudiu, tremendo incontrolavelmente quando ela agarrou seu bíceps grosso. — O que está acontecendo?

— Meu sangue está dominando o deles.

Ela tremeu violentamente, e seus olhos ficaram pesados.

— Tensley?

Ele afastou os fios loiros de seus olhos. — Sim?

— Seu irmão morreu?

Seu toque enrijeceu. — A pessoa que ele era antes sim. — Seus olhos ainda conseguiram registrar sua expressão de dor antes de fechar. — Fallen destruiu o homem que ele era. Ele arrancou seu coração e o deixou sem moral, sem valores. Um demônio sem coração.

Ela sussurrou em resposta. — Você não é sem coração, certo?

— Eu deveria ser.

vein of love
R. Scarlett

CAPÍTULO 31

Quando Molly acordou na cama de Tensley, ela imediatamente percebeu seu peito subindo e descendo ao lado dela. Ela estendeu a mão e hesitante deslizou pelas cicatrizes brancas no ombro inferior de Tensley, aproximando-se de seu calor. Depois de um minuto, ele se acalmou, e um ronco começou no fundo do peito.

Ela não parou, no entanto.

— Sinto muito, — ela murmurou contra sua pele.

Os músculos das costas dele flexionaram.

— Sinto muito pelo que fiz a você. Sinto por trair sua confiança.

— Sua voz era suave, e ela se perguntou se ele poderia ouvi-la. — Lamento pelo que aconteceu com o seu irmão.

Ela pousou sua palma contra as cicatrizes brancas e fechou os olhos. Ela se sentia leve e segura e não queria sair do lado dele. Quando ele se moveu, sua mão caiu, e ela abriu os cílios para encontrá-lo dando-lhe um olhar estoico, um olhar de incerteza.

— Como você conseguiu essas cicatrizes? — Seu polegar escovou o ombro, rastejando para sua lamina definida. Ela queria sorrir quando sentiu seu corpo tremer de seu simples toque.

— Meu irmão. — Sua voz rouca a assustou, e seu polegar parou de esfregar círculos calmantes contra sua pele.

— Seu irmão fez isso com você?

— Ele estava sem coração, literalmente, nesse momento. — Enquanto seu queixo balançava, ele permaneceu rígido. — Eu aprendi a não ficar no seu caminho. — Ele molhou o lábio inferior.

— Sinto muito que você teve que lidar com isso, Tensley, — ela disse calmamente.

Depois de um segundo de silêncio, ele resmungou. — Você está encarando.

Ela esfregou o dedo em torno do seu ombro novamente e mordeu o lábio inferior quando seu corpo respondeu com tremores. — Obrigada.

Seus olhos escuros se viraram para olhar para ela. — Por quê?

— Por ter voltado por mim. Por cuidar de mim. — Ela deitou a cabeça contra o seu ombro, olhando para ele. — Você quer que eu fale com seu irmão? Eu não quero que ele te machuque novamente. *Deus, é como se eu estivesse bêbada.*

— Não! — Ele disse, horrorizado. Um vinco se formou entre suas sobrancelhas. — Eu não quero você perto dele. Só se eu estiver junto, ok?

Ela ergueu a mão e gentilmente suavizou o vinco em sua testa com a ponta do dedo, sorrindo quando sua expressão dura deu lugar a uma satisfeita. — Você vai me proteger?

Ele olhou diretamente em seus olhos sem medo, e assentiu.

— E eu vou protegê-lo — disse ela.

Um sorriso suave e bonito se espalhou por seu rosto e ela não pôde deixar de rir de sua reação. Sua risada se acalmou quando seus olhos deslizaram pelo peito nu e o rastro que

desaparecia sob as cobertas baixas em seus quadris, exibindo seu cinto de Adonis¹⁸ definido.

— Eu realmente quero abraçar você agora.

Ela nem sequer ruborizou com as palavras. *Definitivamente bêbada de seu sangue.*

Tensley, no entanto, a acalmou, e seus olhos viajaram pelo corpo dela. Suas roupas agora estavam torcidas em torno de seu corpo, definindo suas curvas — seus seios, seus quadris e sua cintura pequena.

Ele suspirou. — Meu sangue ainda está lutando contra o deles, é por isso que você se sente assim.

— Oooh. — As risadas começaram de novo.

— Venha aqui ao meu lado, — ele disse suavemente. Ela colocou a cabeça em seu ombro e suspirou sonhadoramente, enganchando uma perna em torno dele. Quando ela olhou para baixo, viu uma tenda sob as cobertas e enterrou o rosto em seu ombro.

— Estou te excitando, Tensley Knight? — Ela ronronou.

Ele zombou, um sorriso lento deslizando sobre seus lábios comestíveis. — Você não quer me tentar, querida. Eu poderia encontrar um uso para essa sua boca inteligente. — Ele agarrou o queixo dela, inclinando seu rosto para encontrar seu olhar escuro e sedutor. — Um uso muito bom.

Ela engoliu em seco e corajosamente arrastou a mão pelo abdômen tonificado, sentindo-o flexionar sob seu suave toque. Sua mão deslizou por baixo do cós de sua calça e cutucou contra seu membro duro e quente. Ele era enorme, muito grosso para sua mão delicada segurá-lo completamente. Ela sabia o básico sobre como dar prazer

¹⁸ O cinto de Apolo, também conhecido como cinto de Adonis ou sulco ilíaco, é um termo para uma parte da anatomia humana. Refere-se a dois sulcos rasos da anatomia da superfície do abdômen humano que vai da crista ilíaca até o púbis.

pelas histórias das escapadas sexuais de Stella e Tina, mas ainda era enervante. Ele grunhiu quando sua mão agarrou o eixo rígido e bombeou suavemente.

Isto está certo?

Ela respirou contra o maxilar tenso e começou a pressionar beijos pelo seu peito arfante, abaixo do umbigo no cóis da calça a mão ainda acariciando. — Molly, — ele advertiu, sua mão a interrompeu. — Pare. Você não precisa.

Ela olhou para ele, envergonhada. — Você quer que eu pare?

Ele engoliu em seco, olhando para ela. — Não. Porra, não.

Ela gentilmente puxou seu membro da calça, e ele saltou ereto. Ele era enorme, venoso, bronzeado e rígido. — Não é de admirar que você seja tão arrogante, sem trocadilhos — ela murmurou, ouvindo sua risada falha, a primeira risada verdadeira e genuína que ela já ouviu dele.

— Eu sou arrogante em todos os sentidos da palavra. — Ele descansou nos cotovelos, observando sua pequena mão continuar acariciando seu comprimento quente, o polegar deslizando sobre sua cabeça inchada. Quando sua mão deslizou perto da ponta pulsante, ele gemeu e fechou os olhos. — Foda-se, você vai me matar, Darling, e não dou a mínima se eu morrer com suas mãos no meu pau.

Ela sorriu para o controle que ela tinha sobre ele. *O poder*. Com esse pensamento, ela se inclinou, varrendo seu cabelo para um lado, para que ele pudesse ver enquanto seus lábios pressionavam sua ponta. Ele sugou o ar rapidamente e enrijeceu suas coxas. Sua língua girou sobre a carne aquecida, e ele jogou a cabeça para trás, um braço esticado sobre o rosto.

— Eu nunca fiz isso — ela murmurou.

A cabeça dele disparou. — Então pare, Molly. Estou bem. Eu cuidarei disso.

A mão dela congelou. Ela queria cuidar dele.

Muito.

Sua boca engoliu a ponta, e a mão dele disparou, segurando os ombros dela. Ele murmurou, meio sibilou um aviso para parar, mas ela não o fez. As mãos dele enraizaram em seus fios e ela relaxou quando percebeu que não era para detê-la, mas orientá-la para cima e para baixo em seu membro inchado. Ela sentiu todas as linhas e nervuras enquanto movia seu comprimento pela garganta, cantarolando periodicamente.

— Molly. — As mãos dele agarraram com força os cabelos dela. — Olhe para mim.

Estou fazendo isso errado? Oh Deus!

Seus olhos cintilaram para cima quando ela tomou mais de seu comprimento em sua boca e amordaçou. Ele amaldiçoou quando seus olhos se alinharam com os dela, nadando em luxúria. Ela não interrompeu seu ataque, engolindo tanto quanto poderia em sua boca e girando sua língua. Ele gemeu, uma mão agarrando os lençóis ao lado dele. Seus quadris se levantaram, suas pernas enrijeceram, e seu membro latejou, pulsando em sua língua.

— Foda-se, pare, pare ou eu vou gozar na sua boca. Molly — disse ele, os quadris se movendo mais rápido. — Molly, foda-se, eu estou perto! — Ele tentou se afastar, mas ela agarrou suas coxas e cantarolou uma vez mais.

Seu calor encheu a garganta dela, jorro após jorro, seus quadris empurraram implacavelmente até afrouxar e ele desmoronar sobre a cama.

Ela lentamente sentou-se depois de engolir o fluido espesso e quente e pressionou a parte de trás de sua mão em seus lábios inchados. Seus olhos voaram para a expressão suave e fraca de Tensley. Suas bochechas esquentaram e seu coração acelerou. Ela não conseguia olhar para ele. *Oh Deus, eu fui horrível, não fui?*

— Você não precisava fazer isso — disse ele sem fôlego, mas ela viu como seu corpo já irradiava força, mesmo após o orgasmo.

Da intimidade?

Ele se sentou, segurou suas bochechas e afastou os cabelos do rosto. — Você está bem?

Seus olhos encontraram os dele suaves, e ela gentilmente acenou com a cabeça em suas mãos. — Estou só com sono agora.

Ele murmurou suavemente em italiano, balançando a cabeça enquanto examinava suas feições. — Droga. A culpa é minha. Eu absorvi sua energia muito rápido.

Ela não conseguiu nem ficar chocada e fechou os olhos. — Eu fui bem?

Ele riu, rouco e deixou suas mãos fortes vagar livremente pelo rosto dela. Ela se sentia segura, quente e completa de seu toque, como se ele estivesse derrubando todas as barreiras e permitindo-se conhecê-la. — Muito bem para uma virgem. Jesus fodido Cristo, Darling!

Ela sorriu e não conseguiu se impedir de inclinar sua cabeça nas mãos dele.

— Vamos lá; durma ao meu lado. — Ele pegou o corpo dela em seus braços e a deitou, acolhendo-a em seu peito suado.

— Você vai falar italiano para mim? Eu gosto de como sua voz soa... — ela murmurou, distraidamente passando os dedos ao longo de seu peitoral duro.

— Mm, mi sono infatuata di te¹⁹. — Sua voz rouca a acalmou e ela se aconchegou mais em seu corpo. Sua respiração quente atravessou sua bochecha. — Você quer mais?

Ela gemeu e acenou com a cabeça contra o seu peito.

¹⁹ Eu me apaixonei por você.

— Sei bellissima²⁰. — Sua mão calejada se espalhou por sua bochecha e passou por seus cabelos e ele a agarrou. — Só mais uma, ciccía, tudo bem? — Ele beijou sua pálpebra fechada. — Ho un debole per te.²¹

Ela refletiu sobre as palavras; nebulosa e sonolenta, mas reconheceu a familiaridade com o espanhol. — Fraco?

Ele dedilhou seu lábio pesado e a calou. — Durma, ciccía.

Ela quis discutir, mas, enquanto suas palavras suaves cantavam para ela, não conseguiu resistir. Ela não se sentia tão quente e segura há séculos e não queria desperdiçar. Nem por um segundo.

Na vez seguinte Molly acordou com o Sol. Ela ficou tensa, notando a proximidade de Tensley com uma carranca. Sentar-se foi a pior de suas ideias. Sua cabeça latejou e ela pressionou as têmporas. Então ela se lembrou do que tinha feito.

Ela olhou por cima de ombro para Tensley, ainda dormindo.

Eu lhe dei um boquete na noite passada.

Sua juba escura jogada de forma selvagem, e ela se viram examinando seus lábios grossos e carnudos.

Afastando a névoa, ela se arrastou para fora dos lençóis e ficou de pé no belo quarto escuro.

Ela notou o pano úmido na mesa de cabeceira e sondou sua própria testa úmida. *Ele cuidou de mim?* Ele se moveu na cama e ela se endireitou, prendendo o ar. Ela não podia negar que o calor enchia seu peito ao vê-lo.

Ela gostava dele. *Mas eu não deveria gostar dele, certo? Meus sentimentos são reais?*

²⁰ Você é linda.

²¹ Eu tenho um fraco por você.

Então ela percebeu que o sussurro aterrorizante, a provocação violenta, havia desaparecido.

Ela riu vertiginosamente e pressionou a parte de trás de sua mão em seus lábios sorridentes enquanto andava até o banheiro na ponta dos pés. Ela examinou seu reflexo no espelho enorme de Tensley; ela deveria ter parecido um completo desastre após Cree, mas as contusões e a dor haviam desaparecido completamente.

Uma coisa boa sobre estar noiva de um demônio.

Ela ligou o chuveiro e deixou a água quente chamuscar sua pele, ainda se sentindo suja após o tormento dos diviners.

Depois que seus dedos dos pés e das mãos estavam completamente enrugados, ela enrolou uma toalha em volta do corpo dela. Ela não se incomodou em refazer seu rabo de cavalo e espiou pela porta. Tensley não estava mais no quarto, então ela saiu, arrepios surgiram em sua pele da temperatura mais fria.

— Você está acordada.

Molly vacilou ao som da voz de Tensley e corou com o fraco sotaque italiano.

Pedi-lhe que falasse italiano comigo. Ugh.

Ele estava na porta de seu closet. — Você parece... — Ele hesitou, olhos persistentes sobre suas pernas expostas. — Molhada.

— Eu acabei de tomar um banho — disse ela o mais suave possível. Ela afastou o cabelo da bochecha e prendeu atrás da orelha, abaixando a cabeça.

Ele acenou com a cabeça e entrou no quarto, seus olhos nunca a deixando. — Você está se sentindo melhor?

— Sim. Obrigada. — Ela esfregou o anel de noivado, um hábito horrível.

Ele notou o movimento e se aproximou. — Vena amoris.

vein of love
R. Scarlett

— O que?

Um sorriso fraco se formou em seus lábios esculpidos, e ele agarrou sua mão. O dedo esfregou em seu anel de noivado. — É latim, veia de amor. Tradicionalmente, as pessoas pensavam que uma veia especial, poderosa corria do quarto dedo na mão esquerda, — seu dedo descendo por sua mão e até o braço — diretamente ao coração. — Continuou até a clavícula parando acima da toalha na parte superior do peito. Ela ficou desossada. — Está acelerado.

Ela pressionou ambas as mãos no peito, mas ele não parou de se inclinar para frente. Seu corpo inteiro sacudiu no seu abraço, estremecendo com a sensação dele tão perto.

Ele correu a almofada de seu dedo ao longo de sua pele. Seu polegar pressionou o lábio inferior e gentilmente, ele o abriu. Ela hesitou, olhando em seus olhos sexuais e escuros.

Talvez ela devesse ter parado, não incitar o demônio a mais, mas não conseguiu resistir a ele. Não mais.

Ela envolveu seus lábios em volta do dedo e sugou.

E isso foi o suficiente.

vein of love
R. Scarlett

CAPÍTULO 32

Os dentes de Tensley mordiscaram seu pescoço. Um gemido deixou seus lábios trêmulos, e seus dedos cravaram mais profundamente em sua pele macia.

Mas ela não queria isso. Ela não queria.

Mas eu quero. Todas as coisas que seus amigos diriam se soubessem — o que September pensaria, se ela lhe dissesse o quanto gostava dele, seus lábios, suas mãos, sua presença...

Sua língua deslizou sobre a veia pulsante em seu pescoço, e antes que ela soubesse, ele estava puxando a camisa sobre sua cabeça. Ela ansiava sua carne contra a dela. Era viciante. Parecia errado, mas seu corpo o exaltava.

É o sangue, Molly.

— Tensley— ela gemeu. Seus beijos se tornaram mais ásperos e suas mãos subiam e desciam por suas coxas molhadas, um calor se iniciando entre suas pernas.

— Diga novamente — disse ele, sem fôlego. — Diga meu nome.

— Tensley.

Seus olhos escureceram. — Você me quer?

A pergunta a surpreendeu, e ao invés de responder, ela o encarou.

— Você. Me. Quer? — Ele não estava brincando.

Sua mente gritou um silencioso “não”, seu corpo ansiava por cada centímetro dele, e ela não sabia o que ouvir.

Ele suspirou pesadamente e murmurou para si mesmo em italiano, se virando para a porta.

Seu desejo venceu. — Sim.

Tensley parou, suas costas endireitando o som de sua voz. Ele se virou para encará-la.

Com uma respiração longa e instável, ela deixou cair à toalha. O ar frio deveria tê-la feito arrepiar, mas os nervos de seu corpo estavam tão eletrificados que sua carne parecia quente.

Quando ela enfrentou o olhar de Tensley, sua mandíbula parecia dolorosamente tensa, e ela podia ver claramente a rigidez em sua calça. Ele se moveu rápido. Suas mãos agarraram os quadris dela e a puxaram para a cama de forma que eles caíram juntos sobre a superfície macia. Ele pairou sobre ela, com as mãos plantadas em ambos os lados da sua cabeça.

Os olhos dele atacaram seu corpo nu. Ela queria se esconder, mas a emoção de alguém - ele - vendo-a completamente exposta, vulnerável, a emocionou.

— Deus maldito. — Ele olhou cada centímetro dela, empurrando uma mão através de seus cabelos selvagens. — Você é linda.

Suas bochechas aqueceram em suas palavras. Quando ela prendeu o lábio entre os dentes, ele sorriu e se abaixou sobre ela. Ela agarrou suas costas, fazendo um gemido rouco escapar dos lábios dele. A boca de Tensley se fechou no pescoço dela, sua língua deslizando através de sua pele trêmula. Ele se moveu mais para baixo, pressionando beijos suaves entre seus seios, um a poucos centímetros do seu umbigo e dos ossos do seu quadril.

— Tensley — ela ofegou, agarrando os lençóis e contorcendo-se por baixo. — Por favor.

— Porra, Molly, — ele rastejou e se deslocou para cima. Beijou o lado de sua bochecha e deslizou sua mão pelo seu estomago tremulo até a virilha. Ela estremeceu de antecipação, uma mão segurando o braço de Tensley. A mão livre dele começou a amassar seu peito esquerdo, beliscando seu mamilo tenso, e ela queria mais. Ela precisava de mais.

— Você está molhada, Molly?

Ela gemeu com sua voz perversa. — Sim, sim. — Ela jogou a cabeça nos lençóis, arqueando suas costas até que seus seios roçaram seu torso nu. Seu dedo baixou para sua doçura exposta, girando círculos tortuosos na carne abaixo de seu centro. Quando a almofada de seu dedo atravessou suas dobras molhadas, ela quase perdeu o controle e quebrou sob ele.

— Você está encharcada — ele murmurou.

Seu centro doía, latejava. Cada golpe possessivo de seu dedo fez crescer o prazer e a tortura. Ela cantarolou em uma névoa cheia de luxúria, gemendo em sua mão, nos lençóis, no ar. Ela tentou acalmar seu coração, mas sua respiração estava descontrolada, pontuada por suspiros irregulares.

Seus quadris balançaram descaradamente contra seu toque.

— Isso é bom, Molly? — A voz de Tensley estava tão perto que a assustou, e ela virou a cabeça para vê-lo observando sua expressão com atenção. — Quero ver quão bem eu faço você se sentir.

Ela não escondeu suas bochechas coradas. Seu olhar carnal a incitou e sem outro pensamento, ela encontrou seu pau através da sua cueca. Seu comprimento grosso fez sua mão afrouxar, assustada por seu grande tamanho. *Era tão grande ontem à noite também?* Ele congelou, um gemido doloroso deixando os seus lábios flexíveis.

— Foda-se — ele sibilou através de seus dentes cerrados enquanto ela espalmava a cabeça de sua ereção. Ele rosnou violentamente, empurrando em sua mão e pressionando o dedo em seu sexo.

Ela ficou tensa.

Ok, ow.

— Tão apertada. — Ele mexeu suavemente o dedo, tentando ganhar mais acesso. — Tão molhada para mim. Só para mim.

Ele encontrou seu broto de nervos e o ponto certo assumiu o controle de cada músculo, cada membro, fazendo-a gritar. Ela abafou os gritos no topo da cabeça dele enquanto ele chupava seu peito, seu corpo balançando avidamente contra o dedo mergulhado nela, movendo-se lento e firme enquanto ela montou seu orgasmo.

A voz fraca de Tensley a persuadiu, a prolongar cada segundo, murmurando em seu ouvido o tempo todo.

Seu batimento cardíaco diminuiu quando ela se deitou encapsulada debaixo de seu corpo duro e musculoso. Lentamente, a neblina induzida pelo desejo desapareceu e os olhos dela subiram para encontrá-lo examinando seu rosto aquecido. Seus olhos estavam meio fechados, e lhe deram a aparência de um leão depois de uma refeição satisfatória.

—Podemos fazer isso novamente? — Ela riu na bochecha dele e não conseguiu parar.

O peito dele ribombou contra o dela, enquanto a abraçava. — Viciada em mim?

Ela sorriu, observando-o levantar a parte superior do corpo pairando sobre ela. Ela olhou para sua expressão suave. — Eu nunca esperei que você fosse assim.

As sobrancelhas dele franziram. — Assim como?

Os dedos dele rastrearam sua bochecha, a pele sedosa. — Doce. Você não é o demônio que finge ser...

Toda a ternura, suavidade esfriaram a um grau doloroso. Sua mandíbula enrijeceu sob os dedos dela. Ele se endireitou, limpou a garganta e se levantou.

Molly sentou-se na cama, observando enquanto ele pegava suas roupas, vestindo a camisa. — Aonde você vai?

— Eu preciso trabalhar — ele murmurou, simplesmente como uma resposta. — Tem comida na geladeira, fique à vontade.

Molly franziu a testa. O que aconteceu nos últimos segundos para mudar tanto o seu humor? Sua declaração de que ele não era o demônio que fingia ser? Ela amaldiçoou em voz baixa.

Ela puxou os lençóis da cama e levantou abruptamente. — Você está bem?

Ele fechou a calça e seguiu em direção a porta. — Tudo bem — ele resmungou.

— Tensley — ela ofegou, balançando a cabeça com desespero. *Eu simplesmente o deixei... E ele está saindo?* Sua pele ruborizou de raiva e constrangimento.

Sua boca se tornou uma linha sombria.

Seus olhos dispararam para o peito dela, e quando ela olhou para baixo, percebeu que os lençóis haviam se deslocado expondo seu seio esquerdo. Ela freneticamente o puxou de volta.

Seu coração batia alto em seus ouvidos e suas palmas suavam.

Ele voltou a olhar para ela, seu lábio superior arqueado em desgosto. "Apareça."

Tensley saiu do quarto, batendo a porta da frente tão forte que as fotos da parede tremeram.

Ela olhou para as mãos trêmulas, olhando o anel de noivado. — Veia do amor, minha bunda.

Tensley sentou no escritório sombrio em sua propriedade, sozinho. Ele massageou a cabeça, mas a pressão por trás de seus olhos, em seus ombros, e até mesmo se espalhando pelo peito não se dissolveu. Ninguém falou com ele do jeito que Molly fez, como se ela pudesse ver além de sua fachada.

Você não é o demônio que finge ser.

Seus músculos doíam, e ele se esticou para se livrar da sensação.

Ele não podia ser como seu irmão. Ele não podia se descuidar, enfraquecer por ela - por qualquer um. Sua família precisava dele. *Scorpios* precisava dele. Ele se lembrou de quando criança ouvir sua mãe chorar quando Beau foi devolvido a eles como uma concha vazia. Ele lembrou o medo de estar sozinho na mesma sala com seu irmão mais velho, como os hematomas permaneceram em sua mente muito depois que desapareceram de sua pele. Ele não arriscaria que a história se repetisse, não pela razão egoísta de ceder às emoções humanas.

Ele não esperava ficar tão físico com ela, mas ele não conseguiu parar. Assistir o orgasmo dela em *suas* mãos o satisfez de uma maneira que ele nunca experimentou.

Ele se pegou sentindo mais por ela do que deveria. Aquele sorriso terno...

Ele queria prová-la, consumi-la, possuí-la completamente como sua. Sua doçura, sua suavidade rachou seu exterior duro, e ele quis tanto ser como Illya nesse momento. Ela empunhava suas emoções tão perfeitamente, as expressava abertamente, e ele não podia sequer expressar algo parecido de quão profunda sua solidão realmente era. Só a raiva era apropriada.

Seu telefone apitou e ele o pegou a mesa de carvalho maciço.

ILLYA 12:34 PM: Você quer que eu envie alguns homens para vigiar Molly no Plaza esta noite?

Ele olhou e soltou o telefone. Quando se recostou em sua cadeira, ele percebeu algo: excitantes, jovens garotas estariam lá, perfeitas para ganhar energia. Molly estava fora de questão e Evelyn... *Porra*, ele nem queria pensar nela. Ele teria que conseguir energia em outro lugar. Ele não podia se aproximar dela.

As pessoas começariam a notar seu estado enfraquecido, e seu pai não ficaria satisfeito.

TENSLEY 12:35 pm

Não se preocupe; Tenho tudo sob controle.

vein of love
R. Scarlett

CAPÍTULO 33

Molly correu as mãos ao longo de suas coxas e olhou para as três pessoas que costumavam manter o controle de sua independência em suas mãos. Se ela não conseguisse o estágio, ficaria sem trabalho e experiência, em seguida, o apartamento, e seria forçada a viver em casa, onde seus pais implorariam que ela trabalhasse para seus amigos e gerisse eventos sociais.

Isso não podia acontecer. Ela respirou instável.

Ela era dolorosamente desajeitada em socializar e conversar fiado. Ela foi feita para estar nos bastidores, pesquisar e analisar, não fofocas de Manhattan e quão agradável o tempo estava lá fora.

— Srta. Crawford, quando você pretendia nos dizer que estava usando o nome de solteira da sua mãe? — Perguntou o Sr. Cho.

Molly se eriçou. — Uh... Bem.

— Eu encontrei sua mãe, e ela afirmou que você tem outras oportunidades de estágio — continuou ele.

O estômago de Molly caiu. *Como ela pôde fazer isso?* Sim, Fiona não gostava da ideia de Molly abrir seu próprio caminho e queria que sua filha seguisse seus passos de caridade, mas sabia que Molly odiava as pessoas falsas que participavam dessas coisas com todas as fibras de seu ser.

Ela abriu as mãos cerradas. *Fique calma.*

— Eu escolhi usar o nome de solteira da minha mãe para que você não fosse influenciado pelo status 'Darling'. Sonhei em trabalhar em um museu desde que eu era criança. Implorava a qualquer um que me escutasse para ir a um museu em vez de uma loja de brinquedos. Estudei para essa oportunidade por anos e *sei* que nos últimos meses estive lidado com questões pessoais. Mas prometo trabalhar duro e me comprometer. O que minha mãe diz é completamente diferente do que sinto — por favor, não a deixe influenciar você.

A Sra. Albinson limpou a garganta. — Molly, mesmo com as ausências e ocasionais atrasos, o trabalho que você entrega no final do dia é fenomenal. Estamos impressionados com o profissionalismo e a atenção aos detalhes que você mostrou, e nós a aplaudimos a esse respeito. Dito isto, a característica mais importante que é preciso — a respeito de perícia em layouts e colaboração artística — é a confiabilidade, e você não mostrou isso até agora.

Molly baixou a cabeça e piscou a dor atrás de seus olhos. Ela estragou tudo, tinha perdido sua oportunidade e agora ela seria uma mendiga. *Oh Deus.*

— Com base no seu portfólio como um todo, no entanto, vamos lhe dar mais uma chance. Então, Molly, estendemos nossos parabéns a você por se juntar ao nosso time durante o ano letivo.

A cabeça de Molly se ergueu e ela olhou para os três rostos sorridentes. — Oh! Muito obrigada! — Eles riram quando apertaram sua mão, e ela assinou o contrato com seu confuso rabisco. Ela não conseguia pensar direito quando saiu para se preparar para o baile de caridade.

Lábios tão vermelhos quanto sangue, pensou Molly enquanto olhava seu reflexo no banheiro do apartamento. Ela passou um pouco de blush nas maçãs de suas bochechas, forçando-se a mostrar o sorriso que sua mãe lhe ensinara anos atrás. Ela alisou o vestido de seda vermelha e fixou o grampo em suas ondas lisas e loiras.

Só por precaução.

— Caramba, Mol! — Disse September, tirando a cortina do caminho para admirá-la. September usava um vestido preto

curto e saltos tão altos que apenas uma modelo de passarela deveria ser capaz de andar neles. Completando seu visual com uma jaqueta de motoqueiro de couro surrada. — Bem, olhe para você, mostrando seu material. — September riu, apontando para o decote de Molly. — Agradeça as suas bênçãos, uma e duas - Oh, e três: você tem uma bela bunda.

Molly franziu o cenho para ela.

— Pare com isso. Precisamos sair agora ou vamos nos atrasar e Stella vai me matar com seus sapatos Gucci — disse Molly, colocando a tampa de volta no batom. Uma vez que pegou sua bolsa, ela e September desceram as escadas e saíram para a noite de verão úmida.

September olhou para Molly com um olhar afiado. — Você não está usando seus óculos?

Molly balançou a cabeça. — Não. Parei de me esconder.

September sorriu brilhantemente e acariciou-a no ombro. — Então, onde está o monstro esta noite? Arruinando a vida de outra pessoa para variar?

Molly endureceu, sua manhã prazerosa com Tensley enviando um rubor sobre seu rosto. — Ele não é um monstro, — Molly murmurou.

September parou. — O quê?

Molly encolheu os ombros; ela tinha sido tão má para Tensley, agindo pelas suas costas procurando Cree, se não pior. — Quero dizer... Eu também não fui uma santa quando se trata dele. Eu meio que contei a ele, — ela murmurou.

September, agarrou seu braço e parou. — Você contou?

Molly se encolheu. — Depois que ele me deu seu sangue. — *E um orgasmo.*

September olhou para ela. — Sangue dele? Por quê?
— Ela disse, uma expressão derrotada assumindo suas características afiadas.

— Os caçadores usaram um juramento de sangue comigo, então, se eu recuasse, eles ainda poderiam me controlar.

— E se o sangue dele fizer algo com você?

Como me fazer ansiar por ele?

— Eu estava enlouquecendo, ok?— Molly balançou a cabeça e tentou não quebrar. — Eu não podia arriscar machucar alguém; aqueles bruxos estavam me deixando louca. Eu não podia mais fazer isso sozinha. Eu estava desesperada, e ele era a única escolha que eu tinha.

September franziu a testa, enfiando as mãos nos bolsos de couro. — Eu entendo, ok, mas ainda sinto como se pudéssemos ter resolvido por nossa conta.

September *não* entendia. Ela não entendia a tortura psicológica que Molly experimentara por semanas nesse ponto. De Tensley, de demônios, de seus caçadores, e então, as vozes em sua cabeça que a empurraram ao limite.

Ela apertou as mãos. Cada escolha que ela tomou desde seu aniversário de um mês antes levou à infelicidade de alguém, seja dos seus pais, de Cree ou a sua própria. Por uma vez, ela queria ser feliz. Ela queria pensar apenas em seus próprios desejos.

As duas caminharam pelas ruas de Manhattan, e em pouco tempo chegaram ao Plaza Hotel. As pessoas em traje formal elegante lotavam os corredores e o salão de baile. Uma mulher perguntou seus nomes na recepção quando elas entraram.

— Bem, essa certamente não é uma festa de cena grunge²² — disse September, falando sobre as várias conversas ao redor delas e tomando uma bebida que pegou de uma bandeja.

— Molly! — Stella gritou, se apressando para beijar as duas faces dela como na Europa. Stella usava um vestido marinho justo, mostrando seus braços magros e pescoço sinuoso. Seu cabelo vermelho estava puxado para trás em um estilo elegante que não parecia estranho com seus traços felinos.

²² A definição de grunge é um estilo de moda que inclui roupas largas e rasgadas.

Ela olhou o vestido de Molly, observando sua ampla clivagem. — Graças a Deus! Sem óculos de sol! Você está linda! — Estreitando os olhos Stella olhou para a pessoa de pé atrás de Molly. — Oh. Ei, September.

— *Stella*. — September sorveu sua bebida.

Stella voltou sua atenção para Molly. — Por que você não veio com Tensley?

— Ele está doente — disse Molly, balançando a cabeça excessivamente.

Stella arqueou as sobrancelhas. — Mas ele está aqui.

O pânico a atingiu no estômago como um soco. — Oh? — A voz agradável de Molly rachou.

— Há pouco eu estava conversando com ele na entrada. — Stella apontou para a porta, mas Molly não podia vê-lo em qualquer lugar. — Bem, falo com você mais tarde. Tina estava em seu quarto copo de vinho a última vez que a vi; Preciso mantê-la afastada dos homens casados desta festa. — Stella desapareceu na multidão de vestidos e ternos.

Molly inclinou a cabeça para trás, esperando que o lustre de cristal eventualmente caísse sobre ela.

September colocou uma mão em seu ombro. — Como ele sabia sobre o baile?

Molly piscou várias vezes. — Eu não sei.

— Se ele aprontar alguma coisa, vou matá-lo — disse September, fechando a mão em um punho.

— Matar é um negócio sério, senhoras — uma voz sombria disse. Todas as três giraram para ver Tensley e Illya se aproximando. O coração de Molly bateu violentamente contra sua caixa torácica, lembrando como sua boca se movia contra a pele dela.

Ele parecia com o céu e inferno — cabelo despenteado ao ponto de pura sensualidade, a barba por fazer emoldurando seu

maxilar e um terno preto e branco de três peças cortado para definir seus braços e ombros.

Tensley inspecionou Molly, sem se incomodar com uma abordagem verbal; Seu olhar duro disse tudo: ele não estava feliz em vê-la.

Surpresa.

— Por que diabos você está aqui? — Perguntou September asperamente.

Tensley ficou tenso sob o olhar descoberto de Molly. *Droga*. Ela queria seus lábios nela.

Ela precisava falar com ele; dizer-lhe como realmente se sentia.

— Tensley — entrevistou Illya, tocando seu antebraço. — Vamos lá.

Tensley recuou, dando a Molly um longo e ilegível olhar. — Tenha uma boa noite, *Molly*. — Tudo o que saiu de sua boca soou como uma ameaça.

Illya murmurou um cordial sinto muito quando se viraram para ir.

— Com licença — disse Molly, irritada. — Eu preciso ajudar algumas pessoas - assentos, doações, você sabe — ela gaguejou, se movendo em direção as longas mesas do buffet.

— Tudo bem, eu vou estar no bar! — September falou a seguir.

Depois de socializar com alguns dos doadores, ela ficou de lado, assistindo a adorável valsa dos casais. Por que não poderia ser ela?

— *Definitivamente* Tensley.

Molly se virou para ver Tina e Stella ao lado dela, examinando o salão. — E que tem Tensley?

— Ele é o solteiro mais gostoso aqui. Claro que, ele é seu namorado - fora dos limites, mas ainda não está casado. — Tina mordeu o lábio e piscou. — Deus, ele é lindo. Então, o quão grande ele é? Tem alguma habilidade pervertida?

— Molly é uma virgem, Tina — Stella repreendeu.

— Bem, meu conselho é dormir com ele logo, ou ele vai chutar sua bunda virgem — disse Tina, tomando um gole de sua bebida assentindo um fato.

— Por que incomoda tanto que eu não ter feito sexo com alguém? — Perguntou Molly, dando um olhar duro às duas garotas. O sorriso de Stella vacilou e Tina franziu a testa. — É minha escolha, é meu corpo, eu não julgo *suas* escolhas, e apreciaria se você me mostrasse a mesma cortesia. Eu quero esperar por alguém com quem realmente *queira* fazer sexo.

Stella, por uma vez, não parecia ter um retorno sarcástico pronto, e Tina começou a chorar.

— Deus, ela está tão bêbada — sibilou Stella, embora seus olhos estivessem suaves.

Molly se virou desviando o olhar só para ver Tensley movendo-se através da multidão.

O salão abafado girou e inclinou, e sua garganta ficou apertada. Ela precisava falar com ele, descobrir por que ele agiu tão estranho naquela manhã, pelo menos para entender seus motivos de uma vez por todas. Ela usou seus ombros para manobrar através da multidão, observando-o. Ele estava indo embora, e seu coração pulou muitas batidas e inchou para o dobro do seu tamanho.

— Tensley! — Ela chamou, mas ele não pareceu ouvi-la. Ela desceu pelo corredor onde o viu virar, ouvindo sua voz abafada por trás de uma porta fechada. — Tensley?

Ela abriu a porta para descobrir que ele não estava sozinho; sua cabeça estava aninhada no pescoço de uma mulher, e ele plantava beijos pesados lá, enquanto a mulher ria e gemia.

A respiração de Molly ficou presa em um nó na garganta seca, e parecia que o chão de repente se tornara areia movediça.

Ela estava afundando.

Ela não podia *respirar*.

CAPÍTULO 34

Um calor incandescente se espalhou lenta e dolorosamente pelo corpo de Molly ao som dos beijos molhados dele ao longo da clavícula da menina.

— *Olá! Privacidade!* — A menina sibilou, acenando com a mão no rosto de Molly.

Os olhos escuros de Tensley olharam por cima do ombro da menina e o som de seus lábios em sua carne desapareceu. Seu domínio sobre os quadris da menina afrouxou, mas ele não a soltou. Os dois estavam entrelaçados contra uma mesa, iluminada por uma lâmpada próxima, de modo que Molly visse a pele reluzente da menina e o peito de Tensley.

O coração de Molly encolheu de volta em sua gaiola de ferro.

— Molly, — murmurou Tensley, mas seus traços sombreados não tinham respostas, nenhuma culpa ou remorso.

Nada.

Ela recuou, deixando a porta fechar novamente. Sua visão obscureceu enquanto ela atravessava o hotel, passando por foliões bêbados e, finalmente, chegou ao topo da escadaria dourada do Plaza.

Alguém agarrou seu pulso e ela gritou, puxando a mão. — Saia...

— Molly, ei!

Era Stella, não *o próprio diabo*. Molly caiu contra o ombro de sua amiga em um abraço desesperado.

— O que há de errado? — Stella a embalou como fez com Tina um pouco mais cedo.

— Eu tenho que ir. Diga September que eu parti, — disse Molly, afastando-se.

Stella parecia genuinamente preocupada. — Eu irei com você.

— Não. Fique aqui. Eu estou bem. — Molly forçou um sorriso através das lágrimas não desejadas.

— Eu irei até você assim que isso acabar, e podemos conversar — disse Stella enquanto afastava alguns cachos dourados dos cílios de Molly. Molly a abraçou rapidamente e depois partiu. Ela saltou pelas escadas e colidiu com os convidados mais distraídos do baile.

Uma vez lá fora, ela sacudiu as mãos, tomando longas respirações.

Molly tropeçou em seu vestido, e com raiva, tirou os sapatos e decidiu andar com descalça. A lua crescente pendia acima, meio escondida por nuvens escuras quando a umidade da noite de verão invadiu seus pulmões.

— Molly!

Molly se virou. Illya corria pela rua em direção a ela e desacelerou, com os olhos arregalados, soltando um suspiro pesado. — O que há de errado?

— Tensley estava beijando uma mulher. Isso é tudo. — A voz de Molly vacilou, mas ela disfarçou bem.

Illya franziu a testa. — Eu sinto muito.

— Eu o odeio — murmurou Molly quando se virou. Illya seguiu ao seu lado, suas mãos enfiadas nos bolsos. — Eu não sei por que estou assim. Por que me importo tanto com o que ele pensa de mim.

Mas ela não o odiava, não realmente. Ela odiava a situação, a cultura em sua sociedade onde não se podia amar,

demonstrar carinho ou mesmo decência. Ela arrastava os pés preguiçosamente, e se não estivesse tão desgastada por dentro, a superfície áspera da calçada teria machucado.

— É porque você se importa — ele disse, suavemente.

Ela soltou uma respiração profunda, esperando se estabilizar. — E ele não.

— Ele o faz, entretanto. — Illya agarrou seu braço. — Você sabe o que aconteceu com seu irmão mais velho, Beau. Você sabe as consequências. — Ele franziu a testa e fez um gesto para ela. — Ele tem medo de você. Ele tem medo de si mesmo com você. Ele é duro porque quer se proteger, ele é rude porque quer manter uma distância entre vocês dois.

— Ele estava com outra pessoa esta noite, Illya, e isso já diz muito. — Ela se afastou, seus dedos a libertando. Ele a magoou e ela não queria que ele tivesse esse controle sobre ela.

Um dos postes da rua piscou e morreu à frente. Mais dois apagaram, até que eles estavam envoltos na escuridão da noite. Molly ergueu a cabeça. *Que diabos?* A rua ficou assustadoramente tranquila e Molly tentou engolir, mas parecia que o interior de sua boca estava coberto de cola.

Um uivo ricocheteou entre os edifícios.

Illya aproximou-se dela.

Então Molly os viu. Os lobos andando de um lado para o outro, aparecendo e desaparecendo simultaneamente nas sombras no fim da rua. Uma matilha inteira de familiares rondava mais distante atrás. Eles estavam prestes a ser cercados.

— Illya. — Ela apertou seu pulso. — Merda. Isso não está acontecendo.

Illya se concentrou nas figuras em movimento e sibilou baixinho. — Corra agora!

Molly correu, pernas retumbando contra a estrada pavimentada longe da matilha de lobos.

Os lobos uivaram e todos os pelos na parte de trás do pescoço de arrepiaram. Ela os levou para o Central Park, esperando que alguns arbustos e árvores lhe comprassem tempo.

— Nós precisamos chegar a um lugar seguro! — Illya gritou, pulando sobre um banco do parque.

Molly balançou a cabeça; Tensley estava muito ocupado chupando o rosto de uma mulher no Plaza. Tudo o que eles podiam fazer era correr. — Venha. — Ela correu sob as pontes e em direção a um beco escuro fora do parque. Ela correu para o beco, ficando perto da parede para se esconder nas sombras.

O grito de Illya a paralisou, parando-a bruscamente. Ela girou para ver Illya caído no chão arenoso do beco a poucos metros de distância com uma flecha no ombro direito.

— Illya, oh Deus!

Ela deu um passo adiante e seus olhos alinharam com os dela, afiados e escuros — pela primeira vez desde que o conhecia, ele parecia um demônio.

Os lobos surgiram atrás dele, rosnando por sua refeição. Quando um disparou para frente, Molly balançou o braço e empurrou o familiar de volta. Ele derrapou na sujeira, poeira nublando o ar.

Cerca de cinco figuras estavam ao redor deles, irreconhecíveis nas sombras.

Os lobos passeavam nas proximidades, seus rosnados ecoando nos tímpanos de Molly. Todo o seu corpo ficou tenso e ela respirou fundo. *Não, oh Deus, não.*

— Molly — advertiu Illya quando ela se aproximou, voz rápida e dura. — Vá, corra. *Agora.*

Os olhos dela aguaram. Ela foi falar, protestar, mas viu as sombras se arrastando pelos edifícios de tijolos. Ela olhou fixamente para Illya. Seus próprios olhos estavam vermelhos e

ele tentou impedir que seu lábio inferior tremesse na frente dela. O peito dela doía.

Ela apertou suas mãos trêmulas. — Eu posso lutar contra eles.

Illya sacudiu a cabeça viciosamente e novamente, ele parecia um animal raivoso. — Não, *não*. Vá agora, Molly.

Ela caminhou em direção a ele, agarrando seu antebraço apenas para ele empurrá-la. Ela tropeçou, mordendo o lado de dentro da bochecha e provando o sangue. Ela observou as costas curvadas de Illya, sangue escorrendo por seus magros músculos - suas veias ficando roxas. — Illya, — ela gritou, sem fôlego. — Eu não posso deixá-lo.

— Não posso deixá-los te pegar, Tensley a quer segura e eu prometi a ele que manteria assim. Se eles nos pegarem, ninguém nos encontrará. — Ele lutou para mover as pernas, mas quase nenhum movimento foi feito. — *Vá!* — Sua voz estava rouca e seu sotaque ficou mais forte. Ela estremeceu ao som de seu rugido, seu corpo tremendo de dor, com raiva, com puro e absoluto medo. Ele sibilou em sua língua nativa. Seus olhos escuros sustentavam aquele medo incrivelmente firme.

Alguém riu. Molly girou para o beco escuro atrás dela e deu um passo para trás.

— Você deveria ter corrido, *Darling*.

Molly eegueu os ombros e olhou para onde veio à voz. Ela reconheceu o tom sádico do orador e com dificuldade conseguiu formar seu nome em seus lábios trêmulos. — Abaddon.

— Estou lisonjeado que lembre quem eu sou. — Ele emergiu, alto e robusto, o cabelo flamejante puxando tão firmemente para trás que a tensão em torno do seu couro cabeludo evidente. — Você está deslumbrante esta noite, Srta. Darling.

Ele tomou seu tempo em cada passo, passando a língua ao longo de seus dentes tortos, e seus olhos procuraram a mão

esquerda dela. Ele bufou suavemente. — Anéis não significam muito para mim.

Molly escondeu o anel de noivado atrás das costas e franziu a testa.

— Agora, uma marca o *faz* e pela sua aparência... — seus olhos dançaram sobre o corpo dela enquanto um sorriso feral deformava sua boca — ele não deixou uma.

Não, não.

Terror subiu de seu estômago para a garganta, e ela engasgou no ar.

Abaddon olhou de soslaio para seus ombros expostos e a parte superior de seus seios com uma expressão confusa, e Molly desejou mais do que qualquer coisa que Tensley a tivesse marcado.

Mas ela tinha mais um trunfo.

Molly se aproximou, prendendo Abaddon com seus olhos abençoados. Ele balançou e ficou tenso, caindo sob seu feitiço, mas Illya gritou. Ela se virou para encontrar Illya arrancando a flecha do ombro e cambaleando em pés instáveis. Ela olhou de volta para Abaddon que se recusou a encontrar seu olhar.

— Olhe para mim! — Ela gritou, mas o demônio apenas resmungou.

— Não vai acontecer. Agora venha aqui. *Olhos fechados.*

Ela olhou furiosa. — Não.

Sua expressão presunçosa permaneceu, embora seus grandes ombros enrijecessem por sua desobediência. Um estalar de seus dedos e caos surgiu. Um familiar agarrou Illya pela garganta, um grito arrepiante soou pelo beco.

— Não! Não faça isso com ele! — Molly disse, correndo para frente.

Abaddon colocou a mão na frente de si mesmo e ela parou. — Eu não chegaria perto deles. Eles não latem apenas, eles *mordem*.

Illya debateu seu corpo de um lado para o outro e o familiar rosnou, as unhas perfurando a pele frágil até que vários fluxos de vermelho escorreram pelo pescoço dele.

Molly passou a mão pelo cabelo em pânico. — Pare! Por favor! —

Illya engasgou com um grito.

— Você pode deixar seu amigo morrer, ou pode vir comigo — disse Abaddon, gesticulando para Illya.

— Molly, não vá com ele, — Illya disse em uma voz baixa. Molly olhou para ele, lutando consigo mesma.

Vá com ele, salve Illya. Lute, arrisque nossas vidas. Suas mãos tremiam. *Droga.* Ela não tinha escolha; ela não tinha tempo para descobrir como se salvar.

— Desperdiçou muito tempo. Arranquem seu coração. Estaremos fazendo um favor a lorde Fallen...

O familiar pressionou os dedos no peito de Illya e um grito de arrepiar o sangue deixou os pulmões de Illya.

— Pare! Tudo bem! Eu irei com você! — Ela não podia fazer isso, não podia vê-los destruir Illya.

O sorriso de Abaddon cresceu e ele estalou os dedos novamente. O homem soltou Illya e ele tropeçou para frente em pernas instáveis.

Illya esfregou o peito, os buracos da ferida sangrando através de sua camisa. — Molly, *não*.

Abaddon ofereceu sua mão, sorrindo. Molly avançou, mantendo seu olhar baixo até o último minuto, quando ela agarrou sua mão, olhou para ele e rapidamente torceu o seu pulso até que ela ouviu estalar.

Em vez de enfraquecer, no entanto, Abaddon rosnou e a agarrou pela cintura.

— Eu posso andar sozinha — disse ela bruscamente, empurrando-o. Ele tropeçou para trás, desequilibrando, mas seus traços distorceram em algo completamente infernal. Ela se posicionou, preparada para lutar da forma que os caçadores de demônios lhe ensinaram.

— Garota tola — disse ele. Sua voz se transformou e parecia separar-se de sua forma humana. — Você não é poderosa o suficiente para me enfrentar, não sem a marcação.

Seus punhos vacilaram, baixando, mas ela os ergueu novamente e vociferou. — Não... Eu não preciso dele!

Eu não preciso de ninguém.

— Molly! — Gritou Illya.

O sorriso de Abaddon foi cruel. — Infelizmente, você está enganada.

Ele balançou o braço longo e ela se esquivou, só para ele acertá-la com a outra mão e socá-la a desequilibrando.

Abaddon lançou-a sobre suas costas e ela gritou, amaldiçoando e batendo contra ele. Ela cravou as unhas nas costas dele e sentiu o sangue escorrer da carne rasgada.

Não está funcionando. Relaxe, apenas relaxe e absorva a força dele.

Mas ela não podia; seu coração batia violentamente. Abaddon avançou, gerenciando ambas as ações. No começo, ele riu, mas então sua raiva aumentou e ele estendeu a mão para golpeá-la na caixa torácica.

— Deixe-a ir! — Illya gritou, um fluxo de palavras seguindo no rastro de Molly. Os familiares o impediram de chegar até ela, e Molly ergueu a cabeça para olhar para trás, enquanto um portal misterioso e cintilante parecia se abrir no ar em frente a eles.

Mais um soco de Abaddon e a escuridão a dominou.

CAPÍTULO 35

Tensley se movia habilmente através do salão de baile, procurando a pequena loira. Mesmo que a encontrasse, ele não sabia o que diria – sinto muito não; ele não sentia. Demônios nunca lamentavam suas ações naturais.

Mas então por que seu peito parecia tão pesado? A banda ao vivo estava alta, junto com a tagarelice constante dos Upper East Siders, com conversas sem sentido e materialistas. Algumas mulheres riram e uma mulher peituda se aproximou dele, mas com um olhar e uma boa dose de feromônios agressivos, ela logo correu para longe.

Ele empurrou algum bastardo rico e barulhento para fora de seu caminho, e seus olhos pousaram em Stella e em outra garota, a de cabelos negros.

— Você viu Molly?

A boca de Stella caiu aberta no começo. Então ela franziu a testa e pareceu mais demoníaca do que aqueles com quem ele realmente cresceu. — Você não vai chegar nem perto da minha amiga, caralho. Eu não sei o que você fez para deixar Molly Darling — uma das pessoas mais legais e genuínas de Nova York, tão chateada, mas você não vai receber nenhuma ajuda minha.

Ele cerrou os dentes e se inclinou. — Onde ela está?

Stella se inclinou também, copiando sua postura e expressão. — Morra.

Ele queria jogá-la na parede, mas conseguiu segurar suas emoções um pouco mais. — Se você não me disser onde ela está, sua vida consistirá de talvez mais cinco respirações.

— Eu estou tremendo em meus Gucci.

— Oh, bem, olá homem gostoso, — a garota de cabelos negros interveio, tropeçando em Stella e depois estendendo a mão para tocar no estômago de Tensley.

— Merda, Tina. — Stella a puxou para longe e deixou Tina descansar seu corpo contra o dela. Stella olhou para ele novamente. — É melhor você sair.

— Ou o que? Você vai me esfaquear com seus saltos Gucci?

— Bem entre os olhos, ou talvez em sua parte inferior — ela retrucou, os olhos piscando até a sua virilha. — Agora foda-se. Se você ousar chegar perto de Molly novamente, eu vou rasgá-lo no jeito de Manhattan. — Ela mostrou seus dentes brancos e fechou o espaço entre eles.

Várias maneiras de matar a pequena ruiva naquele momento passaram pela mente dele. — Molly é minha.

O rosto de Stella ficou vermelho e ela apertou mais o copo. — Ela não pertence a ninguém, Alpha.

— Esse babaca está te incomodando, Stella? — September apareceu ao lado dela, braços cruzados.

— Oh não se preocupe. Eu tenho isso sob controle.

As duas garotas o encararam.

Tensley teve o suficiente. — Onde está Molly?

September encolheu os ombros. — Em nenhum lugar que você precise saber.

Tensley abriu a boca para falar, mas alguém gritou seu nome. Os olhos dele dispararam para um Illya desgrenhado correndo pela multidão.

Illya agarrou os ombros de Tensley e ele ficou chocado ao ver que seus olhos estavam injetados e enevoados. — Tensley.

Sua garganta se apertou. — O que?

— Familiares apareceram, — disse Illya. — Nós corremos para o parque e, e então eles nos pegaram.

— Você está sangrando! — Stella sussurrou, segurando seu próprio pescoço.

Illya deu de ombros. — Não é nada.

— Não é nada o caralho, — Tensley retrucou. Ele enrolou o casaco e rasgou um pedaço da manga de sua camisa. Ele segurou o tecido em volta do pescoço de Illya, pressionando a ferida. — Onde está Molly?

Illya engasgou com a respiração rápida, os olhos se movendo ao redor. — Ele a levou e eu não pude fazer porra nenhuma para detê-lo. Eu tentei dizer-lhe para correr, mas ela é teimosa.

— Você está falando sério? — September olhou para Illya.

Tensley rangeu os dentes. — Quem?

— Abaddon... ele a levou — disse ele. — Molly foi com ele porque ele ia arrancar meu maldito coração, e ela tentou lutar contra...

— O que você quer dizer com Abaddon a levou? Quem diabos é ele? — Gritou Stella. Tensley esqueceu que a garota humana estava em seu meio círculo, agarrando-se a cada palavra.

— Ela se foi? — September engasgou. — Oh Deus. Temos que buscá-la!

— Foda-se! — Tensley xingou, olhando para Illya. — Eu mandei dois homens vigiá-la hoje à noite. Que porra eles estavam fazendo?

Ele não a marcou.

E agora Abaddon faria isso; ele forçaria Molly, e uma vez que ela fosse do Duque, Tensley não poderia fazer nada sobre isso. Abaddon a estupraria até que ela morresse, assim como as dezenas de outras mulheres ao longo dos séculos.

— Eu vou com você para encontrá-la — disse Illya, dando um passo à frente.

— Eu também — disse September.

— Não, você não vai — respondeu Tensley, vibrando com raiva de si mesmo.

— Eu quero ajudar também — disse Stella com um beicinho.

Tensley rosnou e se virou para encará-las. — Illya e eu iremos. Vocês podem esperar em casa, se estão preocupadas.

— Sexista, — sussurrou September, cruzando os braços.

Tensley a avaliou e ela não era fraca. Ela o enfrentou e aquele familiar que a atacou e a Molly no bar, ou assim Illya tinha dito a ele. Além disso, ela amava Molly, o que significava mais do que qualquer outra coisa naquele momento. — Tudo bem, mas não fique no meu caminho.

September sorriu presunçosamente.

— O que? — Stella jogou as mãos para cima e Tina riu atrás dela. — Por que ela pode ir?

— Nós ainda precisamos de alguém que espere na casa para se certificar de que os Darlings fiquem bem — Illya explicou, tocando gentilmente o ombro de Stella. — Você acha que pode fazer isso?

Stella assentiu, suas frustrações contidas pela atratividade de Illya. — Eu posso fazer isso.

Tensley se virou sem falar, e os outros o seguiram. Quando ele descesse para Babilônia, traria Molly de volta para cima com ele, não importa o quê.

Ele iria resgatar sua noiva do Duque Abaddon, mesmo que os príncipes o condenassem a uma morte agonizante.

vein of love
R. Scarlett

CAPÍTULO 36

Molly abriu seus olhos doloridos e digitalizou a área mal iluminada. Suor escorria por seus membros escaldantemente quentes, e quando ela respirou avidamente, o ar espesso e acre a fez tossir. O cheiro de incenso esfumaçado irritou seu nariz e ela olhou para cima. Uma série de velas brancas, de haste longa estava perto dela.

Molly piscou, esforçando-se a distinguir o ambiente. Ela parecia estar em um quarto. Ela tentou se mover, mas seus membros estavam pesados; eles estavam tão pesados, e seu cérebro parecia ter sido anestesiado.

Molly olhou para baixo e viu que ela estava usando apenas um sutiã de renda branca e calcinha. Seu estômago despencou. Ela se esforçou para se sentar, encostando as costas na armação da cama. Os cantos do quarto estavam tomados pelas sombras, e ela agarrou os lençóis de seda enlaçados ao redor de suas pernas. Molly estudou o quarto, observando livros e documentos espalhados por uma mesa, peças descartadas de roupas empilhadas no chão. Ela esfregou o rosto desorientada; embora um calor devorasse suas entranhas, suas mãos estavam geladas.

— Fico feliz em ver que você está acordada — disse uma voz

Molly se encolheu e viu uma grande e sólida forma emoldurando a entrada. Não a surpreendeu, ver Abaddon,

cabelos ruivos em completa desordem e um copo de vinho na mão. Ele rodou e inalou sua taça sorrindo para ela.

Ela se agarrou aos lençóis brancos. — O que você vai fazer?

Abaddon sorriu, e seus dentes estavam manchados de vermelho, de forma que ele parecia verdadeiramente infernal. — Com você? — Ele inclinou a cabeça e se aproximou, botas de salto alto clicando no chão. — Vou marcá-la.

Seus lábios tremeram e ela tentou rolar para longe dele, para o outro lado da cama, finalmente levantando. Suas pernas tremeram sob seu peso e o quarto girou em círculos.

— Você não pode simplesmente fugir, daemon — Abaddon zombou.

Suas unhas se enterraram no colchão enquanto ela se sustentava, lhe lançando um olhar zangado. — O que... o que você fez comigo?

Ele colocou o copo de vinho em sua mesa e encolheu os ombros. — Apenas uma pequena dose de beladona; causa letargia. Nada permanente. Talvez sinta uma sensação fria no interior, mas parece que sua pele está queimando.

Ela ficou boquiaberta. *Ele me drogou.*

— Eu vou voltar pra casa.

— Para o Sr. Knight?

Ela endureceu.

— Você acha que ele não vai forçá-la? — Suas palavras roucas soaram distorcidas. — Nós somos demônios, Molly. Nós matamos humanos, matamos uns aos outros; nós até matamos aqueles que nos amam. Somos criaturas egoístas; nada é bom em nós. Nós perdemos isso há muitos séculos atrás.

Ela puxou as cobertas até o pescoço. — Quando você caiu?

Ele assentiu. — Tensley Knight é um de nós. Ele não é nada diferente. Se eu não possuí-la agora, ele vai muito em breve.

Seu coração trovejou em sua garganta. — Isso não é verdade.

— Não me diga que você se apaixonou por ele. Oh, que doçura. Quão estúpido, amar alguém que nunca poderia, verdadeiramente, retornar o afeto que você deseja. Seu irmão pode ter se desviado, mas seu doce Tensley não vai. Ele foi treinado como um soldado sem emoção — ele continuou, andando ao redor da enorme cama. — Ele é o monstro que você teme.

Seus olhos se alinharam então, e ela permitiu que seu corpo relaxasse. Seus movimentos agressivos pararam.

Seus olhos... Eles mantiveram o poder mesmo com a beladona.

Ela soltou um suspiro lento. — Você vai me deixar ir agora, ou vai se arrepender Abaddon.

Ele não franziu a testa ou protestou, apenas olhando estupidamente para ela de volta. Ela não piscou se esgueirando ao redor dele com o cobertor apertado contra o peito, os olhos dele ainda fixos nos seus. O ar estava tão quente, e lágrimas escorriam pelo rosto dela com a tensão. Suas pálpebras finalmente fecharam involuntariamente. Abaddon retomou o controle e rugiu, batendo sua mão pesada contra a orelha dela e a empurrando contra a parede.

Sua respiração acelerou, pesada e baixa na base do pescoço dela. Quando ela tentou virar a cabeça, ele pressionou mais forte na superfície dura, evitando os olhos dela.

— Eu gosto de um pequeno desafio. Seria muito fácil se eu cobrisse seu bem mais valioso Esses olhos raros. — Seus dedos espetaram sua bochecha e ela se debateu fracamente.

Ela mostrou os dentes. — Não me toque.

Ela não precisava ver a expressão dele para sentir o sorriso lá, para saber o que ele faria em seguida. Ele arrancou o cobertor, expondo-a. Ela empurrou contra ele, mas ele só a segurou, agarrando suas coxas e a levantando ao redor de sua cintura.

— Eu não posso marcá-la sem tocar. — Ele riu, atirando-a sobre a cama. Ela se afastou assim que aterrissou, mas Abaddon

sentou-se em cima dela, virando-a para olhar para ele. Ela bateu com força no lado direito da mandíbula dele com o punho e a bochecha dele inchou imediatamente.

Relaxe. Relaxe, Molly.

Seus poderes só pareciam funcionar quando ela estava relaxada, mas isso era diferente... Ela estava lenta e fraca. Ela queria que seus poderes funcionassem, ela queria força, mas não conseguia focar.

Quando ele reagiu com outra risadinha, ela bateu nele até que suas mãos estavam dormentes e vermelhas. Ele acenou com os dedos como pequenas moscas, rosnando e a segurando quando ele teve o suficiente.

— Deixe-me ir! — Ela gritou.

Ele procurou em algum lugar e puxou cordas para baixo da cabeceira da cama, amarrando-as em um nó intrincado em torno de seus pulsos e do estrado. Ele puxou seus braços para cima.

— Não. Não.

Abaddon se levantou da cama, tirando a camisa preta e as calças. Ela desesperadamente tentou pegar os olhos dele novamente, sufocando com suas lágrimas.

Deus. Deus. Oh Deus.

Abaddon pegou um lenço preto de sua mesa e o amarrou em volta do rosto dela. Ele pegou um punhado de seus cachos emaranhados e levantou sua cabeça, pressionando um objeto de metal frio em seus lábios.

— A dor é uma parte da vida, Molly.

Ele picou seu lábio inferior com a faca e ela sentiu gosto de sangue. Seus pulmões doíam, um grito estremecendo dentro deles. Enquanto ele se movia pela cama novamente, ela se debateu, tentando se libertar.

Com a dor no pulso, uma ideia terrível surgiu em sua cabeça.
Se eu apenas...

Ele ergueu todo o seu torso, parecendo envolvê-la em algum tipo de material sedoso. — Não, não, não! — Ela chutou descontroladamente, esperando bater em alguma parte do seu corpo que poderia incapacitá-lo.

Ele respirava pesadamente, se concentrando em amarrar o espartilho que ele tinha colocado em torno dela e apertando suas cordas. Ela ofegou e engasgou, sentindo suas costelas se deslocar e se curvar, quase ao ponto de quebrar na posição não natural.

— Quanto mais você se agita, mais apertado fica — ele avisou, lambendo o sangue de seus lábios.

— Bastardo — ela sussurrou, estremecendo com o seu toque vil.

A mão dele esfregou seu quadril, deslizando até a pélvis. — Eu não serei gentil. Não é da minha natureza.

Quando ela foi gritar com ele, o espartilho apertou e ela estremeceu, seu torso pulsando de dor. — Ele virá atrás de mim.

Até Molly sabia que era mentira.

— Ele não virá, — ele afirmou, riso em sua voz. — Você é todo latido e nenhuma mordida, não é, querida? — Ele deslizou a mão pelo pescoço dela, empurrando-a para baixo. — Eu acho que poderia cultivar algum afeto por você. — Sua outra mão separou as pernas dela, enquanto ela lutava para mantê-las fechadas. Ele arrastou beijos sobre sua pele exposta, mordendo com força até que ela gritou.

Molly empurrou a cabeça mais para dentro do travesseiro e sentiu algo pressionando com força seu couro cabeludo.

O grampo!

Ela torceu o pulso esquerdo, ignorando a agonia do ângulo não natural, e com uma torção final, ela libertou a mão esquerda.

— Ow! — Ela gritou e o espartilho a cortou. Abaddon não se incomodou em parar, instigado por seus gritos.

Um pensamento horrível penetrou em sua mente desvanecendo. Tensley não virá.

vein of love
R. Scarlett

CAPÍTULO 37

Tensey olhou ameaçadoramente pela quinta vez para September seguindo atrás dele. Ele pisou em algumas poças sujas e olhou para a mansão de Abaddon, que era parcialmente escondida por árvores verdes. Babilônia era um lugar sombrio. Somente demônios da classe mais alta moravam lá, e foi principalmente para que eles pudessem cumprir suas obrigações para Fallen com facilidade.

— Aquele portal seriamente não combina bem com vinho — murmurou September, massageando seu estômago.

Tensley lhe lançou um olhar sombrio. — Você não pode falar uma palavra sobre a sua localização para ninguém, entendeu?

— Eu não posso acreditar que está apenas escondido na prefeitura. Quer dizer, está abandonado, é um bom lugar para tê-lo, mas realmente? Apenas algumas palavras chiques em latim e bam, está lá! — September acenou com as mãos. — Deve ter muito tráfego.

— Demônios de alta classe têm a capacidade de produzir um portal em qualquer lugar, enquanto o resto de nós tem que usar esse em Manhattan — explicou Illya

— Existe um no Brooklyn?

— Cala a boca e se concentre — Tensley estalou. Como babá de um bando de crianças. — E fique aqui.

— Uh, não. — September vestiu sua jaqueta preta e eles desafiaram um ao outro com olhares — Nós vamos entrar com você.

Tensley passou a mão pelo rosto e balançou a cabeça. — De jeito nenhum. Se você entrar, eu vou ter que cuidar da sua bunda também.

— Eu posso cuidar da minha própria bunda — disse September.

— Ela tem razão, Tensley — disse Illya, o único que não estava prestes a explodir um vaso sanguíneo. — Abaddon pode ter toneladas de familiares vigiando lá dentro, e podemos não ser capazes de acabar com todos eles sozinhos.

Tensley olhou para ele. — Tudo bem. Illya, vem. Você fica aqui. — A pirralha irritante choramingou e reclamou quando os demônios partiram. September gritou algo ofensivo, mas ele não se incomodou em virar.

Os dois se aproximaram da mansão em velocidade suprema.

Tensley chutou a porta e já encontrou familiares parados e vigiando a entrada.

— Bem, boa noite — ele sussurrou, balançando uma perna para empurrar o primeiro para trás. Illya já havia quebrado o pescoço dos outros e estalou os nós dos dedos enquanto escaneou a entrada. O foyer era escuro e sombrio, com pisos de granito em redemoinhos preto e prata e retratos antigos nas paredes. Uma grande escadaria estava diante deles.

Sua adrenalina entrou em ação, algo que os demônios poderiam facilmente invocar, e ele procurou pela próxima rodada de familiares. Eles eram criaturas burras e não sabiam nada sobre discrição.

— Tensley — disse Illya, e Tensley notou o brilho demoníaco nos olhos de Illya. Illya raramente aproveitava suas habilidades sobrenaturais, porque ele não queria assustar os humanos próximos. Agora, em Babilônia, isso não importava. — Só estou dizendo isso como precaução, mas se Abaddon esteve com Molly, ele será mais forte do que nós dois. Temos que pensar em um plano melhor.

É melhor ele não ter colocado a porra da mão nela.

Tensley fez uma careta. — Eu sei, Illya. — Ele puxou uma espada de uma das mãos flácidas do familiar morto e sorriu. — Se eu posso chutar sua bunda, eu posso chutar a dele.

Illya ia contestar isso, mas as portas do outro lado do corredor se abriram e entraram mais quatro familiares. Tensley agarrou um pelo cabelo e enfiou a espada em linha reta através de seu peito. O homem se desintegrou em cinzas, e Tensley passou para o próximo.

Alguém agarrou seu ombro e rapidamente o jogou em uma mesa de vidro, que quebrou abaixo dele. Ele gemeu, rolando sobre os cacos. Tensley olhou para o rosto de um presunçoso familiar com cabelo castanho desgrenhado e um cavanhaque ridículo. O familiar sorriu quando ele se aproximou, e Tensley foi pegar sua espada, percebendo um segundo depois que estava do outro lado da sala.

Porra.

Sem problema. Ele usaria as próprias mãos se precisasse. Ele arrancaria a garganta do familiar...

O familiar parou, os olhos arregalados e a boca se afrouxando. Então ele caiu no chão.

September estava atrás dele com uma espada ensanguentada nas mãos. — Parece que você precisa da minha ajuda.

— Eu poderia ter matado ele com meu dedo mindinho. — Tensley revirou os olhos. — Illya, cuide dos familiares.

Illya assentiu, exalando profundamente.

Tensley correu e pegou a espada. — E observe-a.

September fez uma careta.

Tensley subiu a grande escadaria para os corredores mal iluminados, tentando ouvir algum som, de um dos quartos que poderia levá-lo na direção certa.

Então ele ouviu a voz dela. Sua voz suave e trêmula. Uma porta estava entre aberta e ele correu para ela, empurrando-a com as duas mãos. Havia uma cama. Uma cama enorme e dois corpos. Molly se mexia embaixo de Abaddon, jogando a cabeça para trás e para frente. Abaddon a beijava, no pescoço e clavícula e esfregava a mão por suas coxas e pélvis. As costas dele enfrentavam Tensley e ele havia aberto as pernas dela, deitando entre elas.

A pele de Tensley ferveu. Uma varanda dava para uma violenta tempestade noturna e bosques que continuavam por milhas. Abaddon riu quando Molly soltou um pequeno gemido.

Tensley ergueu sua mandíbula e levantou a espada. Ele estava tentando ao máximo ficar quieto e não agir por impulso para matar a besta repugnante.

— Você gosta, não é? — Abaddon murmurou, rindo depois. — Você quer que eu machuque você. Não minta agora. — Abaddon bateu com força na coxa dela e ela mordeu seus gritos de dor.

Velas brilhavam e tremiam, e o ar estava esfumado de incenso. Não nublou sua raiva, entretanto.

— Você quer que seja duro agora? — Os dedos gordos de Abaddon envolveram a garganta de Molly e apertou.

Molly chiou.

Tensley não se importava mais em ficar quieto. Ele avançou, empurrando a espada — só para Abaddon sair velozmente do caminho e ficar parado na varanda. As portas francesas sopravam ao vento e a chuva batia no quarto.

Abaddon amaldiçoou descontroladamente e limpou a boca.

— Você esquece as leis, Abaddon? — Tensley esperava dar-lhe uma chance de confessar. Mesmo assim, ele ainda o estriparia. — As sete leis de Fallen, com a número um sendo que se alguém está comprometida com outro demônio, ninguém mais deve tocá-la.

Abaddon zumbiu, como se começasse a cantar uma melodia. — Eu me lembro. — Seu queixo se levantou. — Eu só acho que a Srta. Darling merece um companheiro bem-educado para sua prole. Eu. Não algum jovem, idiota fraco de classe média.

As mãos de Tensley tremiam e ele as enrolou em punhos de ferro.

— Eu serei o marido dela.

— Você não a marcou ainda. Ficando um pouco mole? Você não deveria mostrar suas fraquezas tão abertamente, Tensley. Os pais não disciplinam mais os filhos nisto? Você tem que controlá-la ou ela será a única controlando você. Diga-me... Isso é de pai para filho? Ou de irmão para irmão? — Abaddon riu, olhando para Molly. Seu peito tremulava levemente e um pano escondia seus olhos. Uma sensação estranha começou a pulsar em seu peito. Um espartilho apertava seu torso com tanta força que ela parecia menor que o normal.

As narinas de Tensley se alargaram. *Esse maldito bastardo.*

Ele girou, marchando com força total para a fera ruiva. — Se você só pensar em...

Um cotovelo espetou o rosto de Tensley e ele foi jogado para trás, contra a parede. Comas emoções intensas nublando seu julgamento, ele não conseguia se concentrar.

— Eu sou mais forte do que você, e uma classe mais alta — disse Abaddon, dedos grossos embrulhados em torno da garganta trêmula de Tensley.

Tensley torceu seu corpo uma vez, tentando escapar. Sua espada caída no chão. Ele travou sua mandíbula.

Abaddon sorriu. — Você sabe o que é perfeito? Quando você morrer, ninguém realmente saberá o que aconteceu. Molly sempre foi minha.

Tensley fez uma pausa. Tudo fez sentido agora. — Você nunca contou a Fallen sobre ela.

Seus olhos brilhavam de orgulho. — Se tivesse lhe dito, ele teria ido atrás dela ou negado minha perseguição. Ela deveria ter sido minha noiva! Eu a mereço. Ele acha que sabe governar, mas se eu ganhasse o daemon, eu poderia derrubá-lo. Criando uma sociedade melhor para nós. — Abaddon inclinou-se tão perto, que ele pode distinguir os pelos em seu rosto.

O peito de Tensley estava cheio de fogo e suas mãos estavam abrindo e fechando.

Só um pensamento passou por sua mente.

Ele mataria por ela.

A testa de Tensley bateu contra a de Abaddon e ele tropeçou para trás. Tensley levantou a espada em sua mão e recuperou seu equilíbrio com a adrenalina. Abaddon deu um soco em Tensley primeiro na bochecha e depois em sua boca. Tensley provou o sangue cru e cuspiu, rosnando.

— Menino fraco, ela nem sequer te deu força — comentou Abaddon, passeando em torno dele como se ele fosse um rei e Tensley um servo. — Você não quer machucá-la ou só não está interessado?

— Cale-se.

— Por que você não a teve? — A voz de Abaddon era dura, quase irritada que Tensley não a teve. — É nosso direito, estamos além daqueles humanos, esses daemons. Nós somos a raça superior. Nós temos o direito a qualquer coisa que nos agrada.

— Eu pararia de falar. Pode querer manter a sua energia.

— Ele respirou devagar.

Abaddon estalou o pescoço e trabalhou seus ombros.

— Você tem que se controlar. Ou ela será a única controlando você.

Tensley jogou todo o seu corpo para frente, um rosnado saindo de seus lábios. Abaddon se esquivou de seu ataque e Tensley acabou deslizando pelo chão até a varanda. Sua espada ficou debaixo do pé de Abaddon, refletindo no teto.

Abaddon sorriu maliciosamente. — Desista; você está em desvantagem. Ela é...

E então Abaddon congelou, desligando. Tensley franziu a testa. Lentamente, Abaddon virou e revelou Molly, as pernas oscilando enquanto ela se levantava.

— Eu mordo — ela engasgou, embalando seu pulso em um ângulo anormal.

Pânico cru e puro infestou o peito de Tensley quanto ele se lançou para frente.

Abaddon girou e a segurou pelo antebraço. Ela se encolheu, mas Abaddon a puxou para frente e enfiou a espada profundamente em seu abdômen. — Você é uma puta.

Molly engasgou, balançando em seus pés e desmoronou na frente deles, suas mãos procurando freneticamente por algo para segurar.

O coração de Tensley apertou e tudo o que ele viu foi vermelho.

Ele correu, chutou a espada do chão, a segurou e dirigiu-a profundamente no peito de Abaddon. Um grito horripilante deixou os lábios de Abaddon.

— Ela é minha noiva — sussurrou Tensley, lutando para controlar sua respiração, Tensley intensificou o aperto na espada em sua mão e a afundou em Abaddon. Ele garantiu que o ângulo fosse logo abaixo da caixa torácica, usando tanta força para quebrar um osso na esperança de perfurar os órgãos. O bastardo merecia sofrer. Um grito horripilante deixou os lábios contorcidos de Abaddon.

Ele espetou mais fundo, e Abaddon ofegou. Ele deu uma torção final antes de puxar a espada e o deixou cair. O corpo inerte de Abaddon bateu no chão com um baque alto. — Imbecil. — Tensley respirou pesadamente, correndo seus dedos ensanguentados através de seu cabelo escuro e molhados.

Ele girou.

Molly era uma pilha imóvel no chão de mármore, o sangue se espalhando no meio dela e descendo pelas pernas.

Tensley correu e desmoronou ao lado dela. Ele sacudiu seu corpo flácido. Um espartilho abraçava seu torso com tanta força que ela parecia ainda menor do que o normal, e ela não respirava. Seu coração latejava violentamente em seu peito, quando o pânico se instalou.

— Molly. — Ele acariciou sua bochecha, aterrorizado por achar tão fria.
— Molly, não.

Não morra, porra!

Ele a virou e viu os fios habilmente tecidos para trás e para frente no espartilho.

Ele o rasgou, rendas e fios fluando no chão. Suas costelas se expandiram de volta para sua forma natural.

— Molly? — Ele cutucou sua bochecha machucada e salpicada de sangue, notando como suas mãos tremiam ao lado de seu corpo imóvel.

Muito imóvel.

Mergulhando a cabeça, ele pressionou os lábios no seu ombro nu. — Eu preciso de você.

Ela engasgou.

Ele sentou-se abruptamente.

Molly engasgou novamente, sugando o ar com avidez enquanto Tensley esfregava suas costas, aliviado. *E se ela morresse...*

Um soluço de cortar o coração o arrancou de seus pensamentos, e ele a levantou. Marcas vermelhas e contusões forravam seu corpo, o sangue pulsando de uma facada sob as costelas. Seu sutiã estava rasgado, expondo seus seios macios e cheios. Grandes lágrimas peroladas escorriam pelo seu rosto e sobre o corte sangrando no lábio.

— Está tudo bem. Tudo bem, Molly — disse Tensley, emitindo um influxo de bioquímicos para curar suas piores lacerações imediatamente e evitar mais perda de sangue. Ele beijou seu corpo todo e a silenciou com sussurros gentis.

— Eu não consigo respirar, não posso respirar — ela chorou, sua mão tateando seu estômago tenso enquanto ele continuou a curá-la. — Onde ele está, Tensley? Onde ele está?

Ele acariciou o cabelo dela. — Ele está morto, ele não pode mais machucar você, ok?

Isso não pareceu ajudá-la. Ela ofegou. — Eu não posso respirar!

— Sim você pode. Você está bem. — Guiando a palma da mão dela prendendo-a firmemente em seu peito, ele esfregou sua mão delicada, tentando acalmá-la. — Respire, Molly, me acompanhe.

Começando uma respiração lenta e firme, ela o copiou.

— Isso é bom, isso mesmo. — Ele acariciou suas costas nuas, pressionando seus corpos, depois de tê-la verificado, para garantir que ela não estava ferida em qualquer outro lugar.

A respiração deles era sincronizada e ele nunca havia se sentido tão próximo de alguém antes em sua vida. Isso o aterrorizou.

Tensley tirou a camisa e começou a envolvê-la em Molly. Ele colocou a camisa em torno de seu corpo exposto. — Ele... — Ele engoliu em seco e tentou se certificar de que sua voz fosse a mesma. — Ele fez alguma coisa para você?

Molly sacudiu a cabeça fracamente.

Ele respirou fundo, se preparando para controlar sua raiva. — O que aconteceu?

Molly enxugou as lágrimas, espalhando os pontos de sangue no rosto. — Ele me pegou; Eu tentei lutar, mas não consegui controlar a minha força. E então eu acordei e ele estava tentando... — Seus olhos se encheram novamente. — Ele

me amarrou, — ela ergueu seu pulso esquerdo desajeitadamente abaixo dos seios, o rosto dolorido.

Seus punhos se curvaram. — Ele quebrou seu pulso.

— Eu quebrei. Para sair das algemas.

Ele olhou para o rosto dela amassando e antes que ela pudesse deixar as lágrimas derramarem, ele gentilmente pegou o pulso dela e beijou. — Eu vou curá-lo, não se preocupe, eu estou com você.

Ele respirou pesadamente e acariciou o pulso, se inclinando e plantando beijos suaves na pele crua. Ele sentiu a pele fresca começar a se formar, os ossos voltando ao lugar e não se mexeu até que eles estivessem totalmente curados também.

— Pronto. Está tudo acabado agora, — ele sussurrou, colocando o seu cabelo atrás de uma orelha.

Ela deu um longo suspiro. — Eu quero vê-lo.

Os traços macios de Tensley congelaram, e ele olhou para ela. — Você tem certeza? — Ele não entendia porque ela queria vê-lo. Encerramento?

Ela piscou com força. — Sim.

Ele balançou a cabeça e a ajudou a se levantar, e ela se agarrou ao seu lado enquanto caminhavam de volta para o quarto de Abaddon.

O olhar de Molly demorou no corpo morto na frente deles, seus olhos abençoados segurando um fogo feroz e animalesco. Ela chutou o lado de Abaddon com força e Tensley observou sua expressão descontente. Seus olhos seguravam um fogo feroz. Quando ela olhou para Tensley suas bochechas estavam rosadas de exaustão, e ela sentiu seu lábio ensanguentado com a ponta da língua.

Ele queria muito consertar aquele lábio.

— Tensley?

Ele retornou o olhar. — O que?

— Me leve para casa.

Ele envolveu o braço debaixo das pernas de Molly e a levantou, embalando-a enquanto saía da casa infernal de Abaddon.

— Você veio, — ela murmurou em seu pescoço. — Você não me deixou.

Ele queria derrubar qualquer esperança para eles. Ele queria dizer a ela que ainda era um monstro. Mas não teve coragem de dizer nada. Em vez disso, ele andou em silêncio, escutando sua respiração, seu próprio batimento cardíaco alto.

Ele diria a ela mais tarde, mesmo que se odiasse depois.

Ele seria o demônio em pouco tempo.

Agora, ele era o noivo dela.

vein of love
R. Scarlett

CAPÍTULO 38

Tensley rosnou quando Illya pressionou mais ervas nos cortes que ele conseguiu na mansão de Abaddon. Seus dedos seguraram o balcão instável de sua cozinha.

Malditas ervas sagradas. Malditos familiares me jogando em mesas de vidro.

Ele estava inquieto sabendo que Molly estava no quarto no corredor.

— Apenas se apresse, — ele gemeu.

— Paciência, — Illya murmurou. — Você vai se curar mais rápido com isto.

— Minha paciência está prestes a chutar o seu traseiro. — Ele enrijeceu quando as ervas chamuscaram sua pele, sibilando através de seus dentes.

— Desde quando a paciência foi capaz de fazer isso?

Tensley rosnou em sua garganta. Quando Illya terminou, ele se levantou, inclinando a cabeça para ver as bandagens espalhadas nas costas dele. Nada mal.

— Você sabe que nós apenas os irritamos ainda mais, certo? — Illya disse, lavando as mãos na pia da cozinha.

Tensley lhe deu um olhar duro. — Você pode querer ser mais específico. Eu irrito muitos bastardos por aí, — Tensley resmungou.

— Os caçadores de Orion.

— Eles devem aprender o seu lugar — ele cuspiu. Ele pegou uma camiseta branca limpa e puxou sobre a sua cabeça.

— Eles vão colocá-la em sua lista negra — disse Illya, desligando a água.
— Eu tenho ouvido rumores sobre isso no submundo.

Tensley puxou a camisa sobre seu estômago. — Por que só ela? Eu causei muitos danos.

— Provavelmente porque ela é facilmente descartável, ela quebrou seu juramento sagrado.

Tensley rangeu os dentes. Ele fez tanto quanto Molly, mas agora ela estava sendo procurada.

— Eu vou checá-la — ele bufou, tentando substituir sua preocupação com aborrecimento.

Ele andou pelo corredor, respirando fundo. *Fique calmo.*

A porta estava entreaberta quando ele se aproximou e encontrou Molly novamente usando suas roupas: uma camiseta enorme e uma calça de moletom cinza folgada que a tornava menor. Ela estava parada na janela, observando o mundo exterior em silêncio.

Ela se virou em seus passos não tão silenciosos. — Tensley, hum, oi...

Ele enfiou as mãos nos bolsos e se inclinou, tentando parecer indiferente e casual, distante. — Eu queria checá-la. Você não deveria estar de pé e se mexendo ainda. — Ele acenou com a cabeça para a sua roupa. — Vejo que você encontrou as minhas roupas...

Ela bufou. — Bem, eu não me senti muito confortável em sua camisa ensanguentada e calcinha de renda branca.
— Molly estremeceu, provavelmente se lembrando da escolha de lingerie perturbadora de Abaddon.

— Ok, bem, você está limpa agora, então deite-se, — Tensley ordenou, pegando algumas almofadas da varanda e as colocou atrás da cabeça dela. — Você pode sentir tudo agora porque o seu corpo ainda está em choque, mas amanhã será um desafio totalmente diferente – um doloroso. — Ela suspirou alto, mas obedeceu, ajeitando seu corpo de baixo das cobertas.

Ele olhou para a cama por um segundo, e então decidiu que seria melhor manter limites esta noite. Ele olhou para uma cadeira ao lado da cama e marchou em direção a ela. Ele relaxou contra o seu estofamento de couro, mas ele não estava relaxado.

Seu coração queimava, o comia vivo, e tudo por causa dessa maldita garota linda na cama dele. Ela deitou de lado, o olhando suavemente. Ele correu um dedo machucado por seu lábio inferior. — Você provavelmente deveria dormir.

Ela não respondeu por alguns bons minutos. Quando ela fez, sua voz estava rouca e grossa. — A garota... A garota com quem você estava no Plaza, você...?

Ele congelou. — Não. Sai imediatamente depois que você fugiu. — Ele olhou para o chão.

Ela engoliu de forma audível. — Oh

Ele se mexeu na cadeira enquanto ela continuava olhando. — Durma.

Mais uma vez, o silêncio consumiu o quarto escuro. Ele se inclinou mais perto, olhando o grande anel no dedo dela.

— Tensley? — Seus olhos deixaram sua mão e se concentraram em seus lábios trêmulos. — Você nunca foi o monstro. Eu percebi depois que Abaddon me levou que você não é nada como ele. Demônios não são todos iguais. Você nunca foi o monstro, Tensley, — ela disse, sua voz ficando baixa. — Eu sou.

Seu peito ficou pesado.

— Não, você não é. Você é...

— Eu a vi, — sussurrou Molly, interrompendo.

Tensley estreitou os olhos. — Quem?

— Lex. Os caçadores estavam com ela.

— O que?

— Eu a tirei deles, mas Cree chegou e eu a mandei fugir... Você não a viu?

Ele apertou sua testa. *Porra.* — Não, eu não a vi.

— Eu tenho certeza que ela está bem. Ela é uma garota durona.

Ele assentiu; ele teria que investigar isso logo, mas, por enquanto, só ansiava por um tempo com Molly

Aprovação... Era algo que ele havia desejado de seu pai, de sua família, colegas, até mesmo Evelyn, e ele conseguiu de Molly. Sua mão agarrou a dele e ela pressionou suas mãos unidas sob a bochecha dela. Seus olhos se fecharam.

Ele se forçou a não recuar. Por mais que sua terna afeição o aterrorizasse, ele queria estar aberto às suas emoções, mas ele não podia, era muito arriscado. Seus dedos se abriram e se enrolaram em seu cabelo loiro e ela se curvou em seu toque.

Ele ficaria lá até que ela acordasse, por mais tempo que levasse.

Droga.

Eu estou fodido.

Quando Molly acordou, ela ouviu pássaros cantando. Com seus olhos sonolentos, ela os esfregou e bocejou. O quarto de hóspedes de Tensley era brilhante, fluxos de luz atravessavam as cortinas ondulando. Os ossos

vein of love
R. Scarlett

doloridos de seu corpo friccionaram dolorosamente quando ela se mexeu e se encolheu, fechando os olhos com força.

Ugh, isso dói.

Sua cabeça. Suas costelas. Seu peito.

Ela ergueu as cobertas para olhar suas pernas, mas seus braços doíam e ela desistiu com um suspiro pesado. A cura de Tensley tinha resolvido suas feridas superficiais, mas seria necessário semanas para se sentir normal novamente.

— Você dormiu a maior parte da noite. — Seus olhos se lançaram para ver Tensley ainda sentado confortavelmente na poltrona de couro desbotada. Seu rosto era difícil de ler.

— Estão todos bem?

Ele franziu a testa. — Eles estavam bem ontem à noite; nada mudou. Você, por outro lado, provavelmente ficará dolorida por alguns dias.

— Oh. — Molly não sabia mais o que dizer. Ela procurou por algo interessante, algo instigante, e chegou a nada.

Ela estava sentada coberta por mantas e cercada por travesseiros volumosos. Nenhuma dessas coisas estava lá antes; era como se ele tivesse comprado a toda a Bed Bath & Beyond para confortá-la. Tensley a encarou, a deixando desconfortável. Ela foi se sentar e gemeu.

Ele se levantou. — Não se mexa. Você vai se machucar ainda mais. — Ele a examinou através das cobertas como se tivesse visão de raios-X. — Se isso é possível.

— September e Illya ainda estão aqui?

Ele acenou com a mão. — Illya está, em algum lugar. September estava aqui, mas foi embora.

— Tensley — disse ela, mudando seu tronco. A dor disparou por suas pernas e ela choramingou.

— Droga, eu disse para não se mexer. — Tensley pressionou as mãos em seus ombros, enviando calor girando nas profundezas de seu estômago, e colocou outro travesseiro atrás dela para apoiá-la. Molly franziu o nariz e mordeu o lábio inferior, apenas para lembrar-se do corte nele.

Ow. Ainda muito dolorido.

— Por que tudo tem que doer? — Ela disse em um estranho meio choro, meio riso.

— Eu posso tentar ajudá-la a curar mais rápido. Lesões musculares e contusões são um pouco mais difícil do que feridas superficiais, mas com a quantidade certa de... Proximidade... Pode funcionar. — Sua voz era profunda e rouca.

Quando ela olhou para ele, seu queixo estava erguido, olhos encobertos e intensos.

Um leve rubor acariciou suas bochechas. Ela adoraria estar perto dele.

Molly assentiu e ele pegou sua mão mutilada na dele forte e grande. Ele acariciou e beijou cada junta, segurando os lábios lá ou arrastando a língua pelas contusões azuladas. Para sua surpresa, depois de alguns minutos a cor voltou ao normal e a dor sumiu.

— Funcionou — ela se maravilhou, examinando a pele impecável.

— Não pareça tão surpresa, ciccia. Você pode me dizer quão talentoso eu sou, — ele se gabou, sorrindo preguiçosamente enquanto puxava as cobertas para trás. Ela não tentou lutar contra seu próprio sorriso.

— Por que você continua me chamando de 'ciccia'? O que isso significa?

Lentamente, seus olhos alinharam com os dela, e eles estavam o mais suave que ela já tinha visto. Nenhuma barreira, nenhuma irritação, em vez disso, ternura que se apoderou do coração dela. — Querida.

— Querida? — Ela olhou boquiaberta para ele. — Você tem me chamando de querida esse tempo todo?

— No início, como um comentário sarcástico, mas agora... — Ele deu-lhe um olhar firme e quente que completou a frase enquanto continuava puxando a coberta.

Tensley empurrou o tecido da camiseta enorme até o peito e fez uma careta para a pele manchada. — Ele a machucou muito.

Molly prendeu a respiração, apertando um punhado da coberta. Ela ficou desconfortável quando seus olhos vagaram por sua pele exposta; ela o queria nela. — Sim.

— Aquele bastardo, — disse ele, olhando, a raiva evidente em seu lábio superior.

— Eu também lhe dei alguns hematomas — ela disse, suavemente, mas com urgência. Seus olhos piscaram para dela, um divertido sorriso se espalhando por seus lábios carnudos.

— Essa é minha garota.

Suas sobrancelhas levantaram. *Sua garota?*

Ele se inclinou, colocando os joelhos entre as pernas dela, e pressionou ternamente os lábios em alguns hematomas no abdômen. *Oh Deus, oh Deus.*

Seu corpo tremia, aquecendo rapidamente. Subindo, ele beijou cada ponto amarelado e seu estômago flexionou. Seus dedos dos pés enrolaram. Ela estava encantada, capturada por sua boca, por seus dedos suaves acariciando sua pele chamuscada. Seus lábios mordiscaram delicadamente o estômago dela e ela podia sentir suas costelas começarem a se curar. As ervas não se compararam a este tipo de cura — era rápida, forte e esmagadora.

Sua boca seguiu até o peito e beijou o topo de seus seios. Quando ele alcançou seu pescoço, ela não podia sentir os dedos dos pés.

Ele olhou sua boca. Ela quase podia sentir seu corte se expandindo e seus lábios desejando os dele, mas ele disse que não beijava na boca. Seu peito apertou com a perda de afeto dele.

Os olhos de Tensley pegaram os de Molly. Ela não tinha notado quão insana estava a respiração dele, os lábios dele estavam franzidos e cheios e inchados.

— Isso vai curar — concluiu ela, sem fôlego. Seus narizes deslizando um no outro.

Tensley olhou entre os lábios famintos e seus olhos. De mansinho, ele abaixou a cabeça olhos piscando para frente e para trás. — Eu quero ser a pessoa que tira a sua dor. — Ele respirou. Quando seus lábios roçaram os dela, eles eram tão macios quanto veludo.

Sim, por favor, sim.

Seu coração se acalmou e então, de repente, bateu com força contra as costelas. No início, sua boca só roçou o corte. Seu baixo ventre formigou ao toque. Ele parou, levantando levemente a cabeça, mas sem afastar o resto do corpo. Mais uma vez, seus lábios encontraram os dela e desta vez, ela beijou de volta sempre tão gentilmente.

Ele puxou seu lábio inferior e chupou, engolindo-a em outro esmagador beijo de tirar o fôlego. Ela envolveu seus braços trêmulos ao redor dele, os dedos penteando seu cabelo. Seus músculos abdominais esculpidos pressionados contra os dela, ele fez um pequeno ruído em sua garganta, um faminto, enquanto ela mordiscava seu lábio inferior. Sua dureza tocou sua coxa e ela engasgou quando seus lábios reclamaram os dela.

Uma batida veio na porta. Molly parou por um segundo, mas Tensley não parou.

Outra batida, mais urgente.

— Nós estamos ocupados! — Ele gritou antes de pressionar um beijo perverso na clavícula dela que a deixou

gemendo. Tensley sentou e se inclinou para beijar sua boca aberta.

A porta se abriu.

— Desculpe interromper um momento tão íntimo — disse uma voz sombria.

Tensley congelou, todo seu corpo enrijecendo. Seus olhos perfuraram os de Molly e ele tentou controlar sua respiração, recuperando a compostura.

— Feche os olhos — ele sussurrou.

— Tensley...

— Feche-os.

Ele esperou até que ela o fizesse e então ela sentiu o corpo dele sair de cima dela. Ele puxou a camisa dela para baixo e jogou as cobertas sobre sua metade inferior, passos decididos enquanto ele atravessava o quarto.

A voz de Tensley era fria e dura. — Teria sido bom saber que você viria.

Um silêncio misterioso encheu o quarto, e ela não tinha certeza do que estava acontecendo.

— Como você é o líder do décimo nono batalhão e herdeiro de Scorpions, eu preciso manter um olhar atento em você. Eu estava curioso para saber por que você esteve no Brooklyn, e bem, desde que você recentemente assassinou meu amigo, pensei em visitá-lo.

— Abaddon quebrou a lei, — afirmou Tensley duramente.

— Ele raptou a minha noiva.

Molly não queria se mexer, com medo de chamar a atenção para si mesma, e mesmo que ela não conseguisse ver nada, podia sentir os olhos pesados a observando.

— Hm. Bela coisa. Não é muito inteligente se casar com uma mulher humana, no entanto.

Silêncio frio novamente.

— Eu senti vontade de vê-la por mim mesmo, na verdade.

Ela podia sentir alguém se aproximando de seu corpo rígido. *Quem diabos é esse?*

— Seu pai não é insensato, Sr. Knight. Se alguma coisa, ele é um dos mais inteligentes demônios de classe média alta que conheço. Não consigo vê-lo aprovando que seu herdeiro ficasse noivo de uma humana frágil sem razão. — Uma mão fria tocou uma bochecha quente de Molly e ela vacilou. — Você está indo contra os desejos do seu pai? Você está apaixonado por ela?

— Não senhor. — A resposta doeu.

— Fico feliz em ouvir isso. Eu sabia que você era um dos espertos. Amar seres humanos é um desperdício, — o intruso disse, tão suavemente que não soou nem um pouco duro. — Mas alguns têm desejos por coisas frágeis como ela.

— Como Abaddon.

— Ele era um bom amigo meu. Eu achei que ele tinha potencial, mas sua fraqueza foi a gula. É melhor enfraquecer o exército do que tê-lo me servindo. — O dedo do homem deslizou até os lábios dela. — Da próxima vez que você quiser matar um dos meus homens, passe por mim. Eu não gosto que ajam pelas minhas costas, Sr. Knight.

— Claro.

— Ela está doente?

Molly definitivamente queria vomitar agora; ela estava com medo ao ponto de vomitar.

— Ela está apenas cansada.

— Você está ocupado com ela? Eles não conseguem acompanhar as necessidades da nossa espécie. — Ele riu. — Abra seus olhos. — Ele agarrou sua mandíbula e a apertou com força.

Ela congelou, sem saber o que fazer. O que ele queria com ela? Ela queria ir para baixo das cobertas e fingir estar dormindo ou morta.

— Eu disse, abra os olhos. — Uma unha afiada como uma faca perfurou por baixo do seu queixo e seus olhos se abriram para ver um homem de vinte e poucos anos com cabelos longos e exuberantes, presos em um coque. Seu cabelo castanho claro emoldurava feições ocas e afiadas, e ele parecia elegante e polido em seu terno. Ele puxou a mão e ela viu que cada dedo estava decorado com enormes anéis de ouro e joias. Ele não parava de olhar, olhos tão largos quanto pratos e boca fina aberta. — Ela é... Um daemon.

— E também minha noiva. Minha. — A postura de Tensley era reta e cheia de raiva.

Um sorriso perverso surgiu nos lábios do homem. — Finalmente, um daemon e com idade para gerar filhos. — Ele estava pensando em voz alta, e isso a assustou. — Basta pensar no poder que ela poderia trazer.

— Você pode partir agora — disse Molly. Sua voz baixa e forte fez os dois homens endurecerem.

As mãos de Tensley se fecharam em punhos e ele balançou a cabeça para ela. — Meu senhor, peço desculpas...

— E você ainda não a marcou — disse o homem, lambendo os lábios e estudando cada curva do corpo de Molly.

Ela queria que Tensley fizesse alguma coisa, mas ele ficou ali parado.

Molly olhou com raiva. — Como você sabe disso?

— Porque eu sou um nobre. Podemos dizer se um humano ou, neste caso, um daemon é marcado devido a um feromônio que me permite saber que você foi tomada. E você, minha querida... — O homem fez uma pausa, os olhos demorando nela, evitando seu olhar penetrante. — Você não foi marcada.

Tensley riu, narinas queimando. Ele estava chateado. — Você estaria quebrando suas próprias regras. Ela já é minha noiva desde os seis anos.

O homem se levantou, caminhando até a porta, mas fez uma pausa. — Eu não sei se devo chamá-lo de inteligente ou tolo. Você há escondeu esses anos todos. Então você não teve bolas para marcá-la. — Ele balançou a cabeça e olhou de volta para Tensley. — E você é o herdeiro. Você sabe, eu poderia simplesmente cortar esse adorável, delicado dedo anelar dela.

Molly arregalou os olhos e apertou a mão, tremendo.

— Há um contrato de trezentos anos nos cimentando juntos. Como eu me lembro, você é muito rigoroso com os contratos, não é? — Tensley disse, fúria mal mascarada em seu comportamento. O homem riu baixinho e deu uma olhada para Molly, seus olhos escuros passando por ela. Analisando. Ela recuou ao seu olhar. — Foi um prazer conhecê-la, Srta. Darling. Espero vir a conhecê-la melhor muito em breve. — Ele mostrou seus dentes tortos e ela atirou nele um olhar sombrio quando ele fechou a porta.

Ele sabe meu nome? O que?

Tensley andava de um lado para o outro, resmungando para si mesmo.

— Quem era ele? — Disse Molly, incapaz de controlar sua respiração.

— Foda-se. — Ele chutou a cadeira no canto, parando por um momento. Finalmente, ele pressionou a cabeça contra a parede e desmoronou contra ela. — Ele não pode fazer nada com você. Iria contra todas as suas regras. — Ele empurrou e esfregou a testa. — Porra.

Molly enrolou os lençóis até o peito, o coração batendo rápido.

— Você não deveria ter respondido a ele! Ele poderia decapitá-la antes que eu pudesse levantar um maldito dedo!

— O rosto de Tensley se contorceu em frustração, suas feições escurecendo. Seu lado demônio estava começando a assumir.

— O que? Tensley, quem era ele?

Ondas de raiva e aqueles feromônios agressivos tão familiares encheram a sala, substituindo qualquer pedaço de ternura que restava.

— Tensley — pressionou Molly.

Ele se virou, os músculos trabalhando sob a camisa. — Fallen.

Um arrepio de medo correu por sua espinha, e Tensley saiu, sem se incomodar em fechar a porta do quarto atrás dele.

Fallen? Como o próprio Príncipe Herdeiro?

Ah merda.

vein of love
R. Scarlett

CAPÍTULO 39

Molly amarrou o robe mais apertado em torno da cintura e se dirigiu para a porta do quarto. Depois de sua perda de controle, ele a deixou e ficou em seu quarto. Agora ela queria vê-lo. Seus pensamentos a atormentavam e ela precisava colocá-los para fora.

Ela entrou na sala silenciosa para encontrá-lo de pé, em frente a sua grande janela olhando para o parque. Ela não conseguiu se impedir de vagar por suas costas musculosas e como sua calça fazia sua bunda parecer tão...

Concentre-se, Molly. Foco.

Ela tinha certeza de que ele ouviu as tábuas do piso rangendo, mas ela ainda se aproximou e limpou a garganta. Ele não se mexeu, ele nem sequer a reconheceu. Ela apertou as mãos e alisou o robe branco.

— O que você quer, Molly?

A repentina voz sólida e rouca a fez pular.

— Você deveria me marcar.

Aquelas palavras o despertaram de seu humor rabugento e ele se virou para olhá-la. Ela mexeu na gola do robe, olhando através dos cílios para ele.

Sua mandíbula ficou tensa. — Não.

As mãos de Molly caíram e ela franziu a testa. — Por que não?

Ele balançou a cabeça e passou por ela para o seu quarto. — Não é a hora certa.

Ela olhou e correu atrás dele, sem se importar com o quão alto seus passos soaram. — O que quer dizer que não é a hora certa? Nós precisamos acabar com isso, ok?

— Esqueça isso, Molly. — Ele plantou as mãos na cômoda e se inclinou para frente.

Molly deixou cair às mãos e sentou na beira da cama. Ele a rejeitou. Era porque ele ainda não confiava nela? Que ele achava que ela trairia sua confiança?

Ele se aproximou e sentou-se ao lado dela.

Ela podia ver sua camisa branca pelo canto do olho. Os três botões superiores estavam desfeitos, expondo sua clavícula afiada.

Molly se virou para ele; ela ainda estava explodindo de desejo, mas tinha sido contaminada por confusão e um pouco de preocupação. Ele não olhava para ela, suas mãos largadas no espaço entre as pernas.

Seus olhos estavam fechados.

Ela não tinha notado como a inclinação do nariz dele era reta, polvilhada com mínimas sardas.

— Eu sinto muito, Tensley. Eu fiz tantas coisas horríveis. Eu estava errada... — Ela fez uma pausa, examinando a maneira como os lábios dele se separaram ligeiramente quando seus olhos se abriram. — Sobre nós. Sobre você me usando por energia. Eu sei que isso não é verdade.

Ela olhou para ele, para seus movimentos lentos para ficar de pé. Ele estendeu a mão e ela ofegou de choque, mesmo a partir do mais leve contato de sua pele.

— É o seu sangue — explicou ela, recuando. Se eles continuassem se tocando, ela poderia fazer algo estúpido, algo desesperado. — Eu não consigo... Parar de te desejar.

Essa frase só chamuscou sua pele, coloriu suas bochechas com vergonha.

Tensley sorriu. — Eu menti.

Ela piscou de volta para ele. — Você mentiu? Sobre o que?

— Meu sangue não faz nada do tipo. — Seus olhos correram sobre a pele avermelhada. — Mas agora que eu sei que você naturalmente me acha atraente, posso morrer feliz.

Ela o encarou, desnorteadada.

Todos os seus sentimentos, sua atração por ele, não eram um produto de seu sangue?

— Eu disse isso por interesse, mas foi egoísta. Eu devo ser o único a lamentar. — Tensley limpou a garganta e jogou a gravata na cama. — E, hum... Eu tenho que dizer... Você parece deslumbrante agora.

— Deslumbrante?

Ele moveu seu corpo para mais perto, os músculos flexionando deliciosamente sob sua camisa, não deixando espaço entre eles. — *Tentadora* — acrescentou ele, frustração em seu tom.

Ela queria tirar isso dele; ela queria que ele relaxasse com ela. — Obrigada, não apenas pelo elogio, mas por tudo.

— Não tem de quê — disse ele, os olhos escuros examinando sua pele corada. Ele estava tão diferente para ela agora, tão diferente da noite em que ele a resgatou na casa de Stella apenas algumas semanas antes. — Eu posso te levar para casa. Está ficando tarde.

— Posso ficar? — Ela se aproximou, invadindo seu espaço.

Ele lambeu os lábios. — Molly, eu...

— Só por esta noite. — Ela escolheu suas próximas palavras com cuidado. — Eu não quero dormir sozinha.

Ele examinou a expressão dela, permanecendo em silêncio. A pausa foi longa demais e desconfortável.

Ele não quer que eu fique.

Finalmente, ele balançou a cabeça e caminhou para o lado da cama, olhando para ela frequentemente. Ele parecia... Suspeito.

Ela subiu sob os lençóis, ainda em seu traje leve. Ela o assistiu tirar a sua camisa para se juntar a ela sob os lençóis, mantendo uma grande distância entre eles. Tensley suspirou e esticou o braço para desligar a lâmpada de cabeceira, sua hesitação silenciosa sufocante, como uma videira envolvendo o coração de Molly.

Talvez ele não me queira. Talvez ele queira outra pessoa.

— Eu posso dormir no quarto de hóspedes, se você quiser — ela murmurou, a voz muito suave.

Ele mudou de posição. — Você acabou de me pedir para ficar com você... Você não quer que eu fique?

— Não, não, eu quero, mas eu não quero forçá-lo.

Os olhos dele viajaram de seus olhos até seus lábios. — Por que me forçaria?

Ela escondeu o rosto no travesseiro. — Isso é, não foi isso que eu quis dizer. Eu só não quero que você sinta que tem que me deixar ficar aqui. Estou bem.

— Talvez eu queira que você me force, Srta. Darling — ele ronronou, fazendo com que seu coração batesse acelerado.

Seu rubor se intensificou quando se olharam e ela engoliu, instantaneamente congelada, em pânico.

Ele suspirou, levantou-se e pegou uma camiseta da cômoda.

Não, não, não, não!

Molly ficou de pé, desequilibrada. — Espera! Tensley, só... Espere, — ela pressionou as palmas firmemente contra o peito duro, jogando a camisa para longe. — Sente-se.

Ela o empurrou para baixo na cama e rastejou por cima, o escarranchando para que ficassem cara a cara. Ele parecia calmo, mas sua mandíbula estava tensa, seus olhos cinzentos observando cada característica com atenção. Molly colocou uma mão em cada uma de suas bochechas, sua barba fazendo cócegas em suas palmas, e o beijou.

Ela chupou seu lábio inferior e se sentiu poderosa quando o ouviu gemer em sua boca aberta. As mãos dele agarraram seus quadris enquanto suas línguas se tocavam, o material fino da sua roupa mal os separando. Energia atravessou as pontas de seus dedos para a pele dele, e ela cavou as unhas em seus peitorais. Ele gemeu alto quando seus movimentos se tornaram mais ásperos, e ela já notava como seu corpo parecia mais ágil, forte.

— Isso somos nós trocando poder — ele disse enquanto exalava e beijava sua covinha esquerda.

— Uau — ela engasgou. — Deveríamos ter feito isso antes. — Ela sorriu no pescoço dele e riu quando ele rosnou. As mãos dela agarraram o cinto dele, Tateando enquanto tentava desfazê-lo. Ela cantarolou em sua boca aberta. — Eu quero, Tensley. Marque-me. Por favor.

Ele parou em sua voz sem fôlego. — Molly — disse ele, quebrando o beijo. Um dedo traçou sua bochecha. — Não vamos nos antecipar.

Ela congelou, tão perto de suas feições, dos olhos cinzentos escuros observando seus grandes.

Ele não está interessado.

As pontas de seus dedos escovaram seu cabelo, o puxando para trás para que ele pudesse vê-la. — Você passou por muito nos últimos dias. Com Abaddon, com Cree, comigo, — seu dedo curvado ao longo de sua bochecha.

Abaddon. Cree. Ele.

Se ela pensasse em todos eles, se ela refletisse, ela não seria capaz de funcionar. El precisava funcionar, precisava continuar em movimento.

— Tensley... Eu...

— Shush. — Ele acariciou sua bochecha com dois dedos. — Eu não posso me aproveitar de você. Eu não vou me aproveitar de você, nunca mais.

Ela olhou sem piscar para ele. — Promete?

O pomo de Adão dele subiu e desceu e ele lambeu o lábio inferior, hesitando por um instante por muito tempo para ela. — Prometo.

Seu peito se apertou. Ele a rejeitou...

Ela rigidamente se ergueu e se arrastou para o local onde estava deitada antes, exalando lentamente e tentando esconder sua instabilidade de seu toque, de suas palavras.

— Prometa-me, porém, que você ficará longe de problemas até que eu a marque? — Ele perguntou, caindo ao lado dela no colchão. Seus dedos esfregaram contra o lado de sua mandíbula, e ela assentiu e sorriu timidamente.

— E quando o fizermos... — Ele fez uma pausa, concentrando-se em sua boca. — Poderemos fazer tanto quanto você quiser, sempre, onde quer que seja. — Ele beliscou seu nariz suavemente.

Ela bateu em seu peito brincando e se acomodou ao lado dele novamente, os olhos correndo as linhas escuras de suas tatuagens quando ele se esticou. Ela notou um escorpião em seu antebraço e seu coração apertou. O demônio que ela havia matado na floresta tinha a mesma; eles estavam conectados de alguma forma? — Essa tatuagem? O que isso significa?

Tensley ficou tenso e levou o braço para frente. — É o sinal de Scorpios, o negócio para o qual eu trabalho. Somente os membros que provaram seu valor a recebem; é um sinal de lealdade e juramento. Eu sou o herdeiro.

Seus olhos se arregalaram. — O herdeiro?

Ele assentiu com reverência.

As cobertas subiam e desciam com cada respiração que ele tomava, e os dedos dela se espalharam por seus lábios suaves. Ela sofria pelo beijo dele. — Tensley?

Ele cantarolou em resposta.

— Eu acho que ainda tenho um corte no meu lábio, — ela sussurrou.

Um lampejo de pura maldade cintilou em seus olhos. — É mesmo?

Ela escondeu seu sorriso infantil atrás das cobertas.

— Bem, eu acho que é minha responsabilidade cuidar de você.

Ele se inclinou para frente e tomou a sua boca uma vez, duas vezes, e então lentamente puxou o lábio inferior entre os seus. — Melhor? — Sua voz rouca criou um arrepio delicioso e ela se aconchegou no seu duro e maciço corpo protetor.

— Não muito — ela murmurou contra sua boca entreaberta.

Seus dedos frios tocaram os dela e acariciaram seu dedo anelar, o que segurava a veia do amor.

Tensley descansou suas mãos em punhos em suas coxas. Ele olhou a escuridão, ouvindo os doces murmúrios de Molly atrás dele na cama, o peito em movimento, evidencia de seu sono profundo. Mesmo com seu corpo ao lado dele, seus pensamentos correram selvagens. Ele a protegeria. Ele não a deixaria sair de sua vista.

Evelyn havia deixado várias mensagens de voz e ele debateu se deveria ligar de volta. Ela tinha ouvido boatos que Lex tinha sido capturado por caçadores, mas não tinha certeza se era Cree ou algum outro grupo; se isso fosse verdade, ele queria aqueles bastardos mortos.

Ele não conseguia pensar direito, muitos pensamentos fodidos, de Scorpios, sua família, de Evelyn e, mais importante, de Lex.

Ele ainda não tinha ouvido nada de Lex, e quando procurou por informações de possíveis viagens ou aparições, ele ficou de mãos vazias. Seu polegar esfregou ao longo da lateral de seu telefone antes de decidir ligar para a pessoa que ele mais temia falar no mundo.

Tocou três vezes antes de uma voz rouca responder. — Sim irmão?

— Eu preciso que você encontre alguém para mim — disse Tensley humilde, olhando por cima do ombro para se certificar de que Molly ainda estava dormindo. Seus lábios separados e cheios fez esquentar seu comprimento, e a mão estendida que alguns minutos antes deitou em seu peito fez seu coração pulsar.

— Algum negócio deu errado?

Tensley olhou para longe, de volta para as sombras. — Não. Uma garota chamada Lex Harvey que trabalha para nós. Está desaparecida há mais de um mês. Sem adeus, nada mudou no apartamento dela. Nenhum sinal de que ela sairia por tanto tempo. Quero que você rastreie qualquer pista. E se você não a encontrar... — Ele parou, sua garganta ficando seca. — Quero que todos os filhos da puta, cada um deles, sejam torturados até a morte.

Silêncio assumiu entre deles. — Cada um?

— Cada um, Beau.

Ele desligou o telefone.

Tensley tomou uma respiração instável, se recompôs e voltou para a amável ameaça em sua cama. Ele pegou sua mão delicada e colocou de volta em seu peito nu. Ele queria senti-la ao lado dele. Ele queria saber que ela estava lá.

Seu dedo acariciou o anel de diamante representando seu vínculo, sua ligação. O medo da sua crescente afeição por Molly o aterrorizou, mais do que Fallen, mais do que seu pai, e mais do que seu passado com Beau.

— Você vai me destruir, querida — Tensley murmurou. — A menos que eu a destrua primeiro.

vein of love
R. Scarlett